



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

LAÍZA DA COSTA SOARES ARAÚJO

**O DOMÍNIO LEXICAL NO DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA
COMUNICATIVA DO ALUNO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA:
UM ESTUDO DOS TEXTOS DE APOIO DA PROVA ESCRITA DO EXAME CELPE-
BRAS**

**JOÃO PESSOA
2021**

LAÍZA DA COSTA SOARES ARAÚJO

**O DOMÍNIO LEXICAL NO DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA
COMUNICATIVA DO ALUNO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA:
UM ESTUDO DOS TEXTOS DE APOIO DA PROVA ESCRITA DO EXAME CELPE-
BRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística - PROLING na Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de mestre em Linguística.

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística.

Linha de Pesquisa: Linguagem, Sentido e Cognição.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Mano Trindade Ferraz

**JOÃO PESSOA
2021**

S676d Soares, Laiza da Costa.

O domínio lexical no desenvolvimento da competência comunicativa do aluno de português como língua estrangeira : um estudo dos textos de apoio da prova escrita do exame Celpe- Bras / Laiza da Costa Soares. - João Pessoa, 2021.
206 f.

Orientação: Mônica Mano Trindade Ferraz.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/PROLING.

1. Lexicologia. 2. Ensino de PLE. 3. Semântica lexical.
4. Relações lexicais. I. Ferraz, Mônica Mano Trindade.
II. Título.

UFPB/BC

CDU 81'373(043)

Autora: ARAÚJO, Laíza Costa Soares da.

Título: O domínio lexical no desenvolvimento da competência comunicativa do aluno de português como língua estrangeira: um estudo dos textos de apoio da prova escrita do exame Celpe- Bras

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística - PROLING na Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de mestre em Linguística.

Dissertação apresentada em: 23 de julho de 2021

Profa. Dra. Mônica Mano Trindade Ferraz
(Presidente da Banca Examinadora)

Prof. Dr. Magdali Medeiros Aragão Neto
(Examinador)

Prof. Dr. José Wellisten Abreu de Souza
(Examinador)

Prof.º José Ferrari Neto
COORDENADOR
MAT. SIAPE Nº 1572304

JOÃO PESSOA
2021

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela resiliência que me concede todos os dias para continuar e enfrentar as dificuldades neste mundo. Por ter me dado capacidade de concluir este trabalho. Agradeço por ser a direção da minha vida e autor da minha fé, pelo cuidado, pela sabedoria para tomar decisões e pela paz que concede ao meu coração. Glória a Ele!

À minha mãe, Maria de Fátima, por todo o alicerce que me deu para que lutasse pelos meus objetivos e por me mostrar a importância da educação e da autorresponsabilidade.

Ao meu marido, Yuri Oliveira, pelo companheirismo e parceria em todos os momentos, por me inspirar todos os dias, por buscar ser um ser humano melhor a cada dia junto comigo, por me apoiar em todos os meus planos e por me ensinar tantas coisas, muitas vezes, sem precisar de palavras.

Aos meus amigos e às minhas amigas, que abrilhantam os meus dias e torcem pelo meu sucesso. Em especial, Camila Virgulino, Kaline Araújo, Júlia Caroline e Valter Correia, amigos que a UFPB me deu, com os quais tenho ricas discussões sobre Linguística, vida de professor e reflexões sobre a vida.

Ao grupo do G-SEL, que tive a honra de fazer parte e conhecer tantas mentes brilhantes, que muito contribuíram com este trabalho, com comentários e sugestões.

À banca de qualificação, professores José Wellisten e Oriana Fulaneti, pelas contribuições e olhar analítico neste trabalho, que me ajudaram no processo de robustez e solidificação das ideias.

Ao professor Magdiel Medeiros, pela orientação inicial deste trabalho. Também agradeço pela sua contribuição e a do professor José Wellisten na banca de defesa final desta dissertação.

À minha orientadora, professora Mônica Trindade, pela dedicação e por me dar os melhores direcionamentos na arquitetura deste trabalho. A forma como estabeleceu os prazos e organizou as entregas, neste período de pandemia, me ajudou a ter persistência e a acreditar na concretização deste trabalho. É realmente um exemplo e inspiração para mim, pela paciência, pela organização e pela clareza e brilhantismo nas discussões deste trabalho.

RESUMO

O léxico é um dos componentes básicos que distingue as línguas umas das outras, comportando as palavras, que, por sua vez, comportam a essência da comunicação, que é o significado, sem o qual é impossível construir os sentidos e compreender uma simples sentença. Nesse sentido, como contribuição nas pesquisas que enfatizam a importância do léxico em sala de aula e as práticas mais eficazes para uma comunicação efetiva na língua, este trabalho aborda a importância do domínio lexical no desenvolvimento da competência comunicativa dos falantes de PLE, a partir da análise de textos de apoio da prova escrita do exame Celpe-bras. O objetivo geral é investigar a forma como as relações lexicais são exploradas e as competências que o texto requer dos candidatos no que diz respeito à compreensão textual e à adequação dos sentidos à linguagem em uso. A partir disso, adotamos os seguintes objetivos específicos: a) observar a ocorrência das relações semântico-lexicais da língua nos textos de apoio do exame Celpe-bras desde o primeiro ano de aplicação até o ano de 2019; b) Analisar as relações lexicais utilizadas como recurso linguístico para garantir o sentido pretendido no texto e direcionar a compreensão do candidato; c) refletir sobre os diferentes efeitos de sentido gerados a partir das relações lexicais presentes no texto, destacando o que se espera do aprendiz de PLE diante das construções que influenciam na compreensão e produção de sentidos na língua por meio do texto. Quanto aos estudos que norteiam a análise, discutimos: a) as abordagens metodológicas no ensino e aquisição de línguas estrangeiras, amparadas principalmente em Corder (1967), Almeida Filho e Cunha (2007), Leffa (2002), destacando a abordagem comunicativa introduzida por Hymes (1970), Canale e Swain (1980) e seguida por outros autores; b) Aspectos semântico-lexicais, alinhados principalmente com os estudos de Lyons (1979), Cançado (2008), Abrahão (2018) e Ilari (2011). O *corpus* de análise é composto pelos textos de apoio das tarefas III e IV do exame Celpe-bras, das edições de 1998 até 2019, totalizando 83 textos, dos quais serão quantificadas as ocorrências de relações lexicais mais significativas no todo textual. Uma vez que o nosso objetivo não é apenas quantificar as ocorrências das relações lexicais, mas também propor uma análise qualitativa, foi feito um recorte de 8 textos, nos quais aprofundamos a análise. Na análise dos dados, verificamos que os textos das edições iniciais do exame apresentam um número maior de ocorrências de relações lexicais, destacando-se a ambiguidade, justificada na análise pela essência metafórica e polissêmica da língua. Quanto as demais relações, identificamos que se distribuem ao longo do texto e também desempenham um papel importante na construção de sentidos. As discussões levantadas e os resultados obtidos nesta pesquisa contribuem para a formação do professor de PLE, no sentido de direcionar o aluno na compreensão de que as palavras se moldam e se adequam conforme as relações que estabelecem com outras e as situações em que se apresentam, ultrapassando o significado contido nos dicionários.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de PLE; Semântica lexical; Relações lexicais; Celpe-bras.

ABSTRACT

The lexicon is one of the basic components that distinguish languages from one another, comprising words, which, in turn, comprise the essence of communication, which is meaning, without which it is impossible to construct meanings and understand a simple sentence. In this sense, as a contribution to research that emphasizes the importance of the lexicon in the classroom and the most effective practices for effective communication in the language, this work addresses the importance of lexical domain in the development of communicative competence of PFL speakers, from the analysis of support texts for the written test of the Celpe-bras exam. The general objective is to investigate the way in which lexical relations are explored and the competences that the text requires from the candidate with regard to textual comprehension and the adequacy of the senses to the language in use. From this, we adopted the following specific objectives: a) observe the occurrence of the semantic-lexical relations of the language in the supporting texts of the Celpe-bras exam, from the first year of application until the year 2019; b) Analyze the lexical relations used as a linguistic resource to ensure the intended meaning of the text and guide the speaker's understanding; c) reflect on the different meaning effects generated from the lexical relations present in the text, highlighting what is expected from the PFL learner in view of the constructions that influence the understanding and production of meanings in the language through the text. Concerning the studies that guide the analysis, we discuss: a) the methodological approaches in teaching and acquiring foreign languages, supported mainly by Corder (1967), Almeida Filho and Cunha (2007), Leffa (2002), highlighting the communicative approach introduced by Hymes (1970), Canale and Swain (1980) and followed by other authors; b) Semantic-lexical aspects, mainly aligned with the studies Lyons (1979), Cançado (2008), Abrahão (2018) and Illari (2011). The analysis corpus is composed of support texts for tasks III and IV of the Celpe-bras exam, from the 1998 to 2019 editions, totaling 83 texts, of which the occurrences of the most significant lexical relations in the textual whole will be quantified. Since our objective is not only to quantify the occurrences of lexical relations, but also to propose a qualitative analysis, a selection of 8 texts was made, in which we deepened the analysis. In the data analysis, we verified that the texts of the initial editions of the exam present a greater number of occurrences of lexical relations, highlighting the ambiguity, justified in the analysis by the metaphorical and polysemic essence of the language. Concerning the other relations, we identified that they are distributed throughout the text and also play an important role in the construction of meanings. The discussions raised and the results obtained in this research contribute to the formation of the PLE teacher, in the sense of directing the student to understand that words are molded and adapted according to the relationships they establish with others and the situations in which they present themselves, surpassing the meaning contained in the dictionaries.

KEY WORDS: Teaching PFL; Lexical semantics; Lexical relations; Celpebras.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Relação de hiponímia.....	48
Figura 2: Decomposição lexical da palavra cachorro.....	49
Figura 3: Construção de textos a partir das relações de hiperonímia e hiponímia	51
Figura 4: Enunciado da tarefa quatro. ano 2010, edição 1.	67
Figura 5: Texto de apoio da tarefa 4. ano 2010, edição 1.....	68
Figura 6: Quantidade de ocorrências por categoria	70
Figura 7: Texto de apoio da tarefa 3. ano 1998	75
Figura 8: Texto de apoio da tarefa 4. ano 1998.	75
Figura 9: Enunciados das tarefas iii e iv. ano 1998.	80
Figura 10: Texto de apoio da tarefa 3. ano 1999, edição 1.....	81
Figura 11: Categorização das palavras do texto de apoio da tarefa 4. fonte: elaboração própria	83
Figura 12: Texto de apoio da tarefa 3. ano 2007, edição 2.....	85
Figura 13: Texto de apoio da tarefa 3. ano 2010, edição 1.....	89
Figura 14: Texto de apoio da tarefa 3. ano 2014, edição 1.....	94
Figura 15: Campos semânticos de "biblioteca" e "viagem". fonte: elaboração própria	95
Figura 16: Texto de tarefa apoio da tarefa 4. ano 2017, edição 2.....	98
Figura 17: Escala gradativa da antonímia. fonte: elaboração própria	100
Figura 18: Texto de tarefa apoio da tarefa 4. ano 2019, edição 2.....	102
Figura 19: Escala gradativa da antonímia das palavras “pouco” e “muito”.	104

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Recorte dos dados.....	69
Quadro 2: Recorte dos dados.....	72
Quadro 3: Trechos com ocorrências	73
Quadro 4: Trechos analisados nos textos de apoio 3 e 4. ano 1998	77
Quadro 5: Trechos analisados no texto de apoio da tarefa 3. ano 2014, edição 1	96

LISTA DE ABREVIATURAS

Celpe-Bras – Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros

PLE – Português como Língua Estrangeira

L2 – Segunda Língua

IL – Interlíngua

LE – Língua Estrangeira

LM – Língua materna

SIPLE – Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira

QECRL – Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

GT – Gramática da Tradução

AL – Audiolingual

AC – Abordagem Comunicativa

MRE – Ministério das Relações Exteriores

MEC – Ministério da Educação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 ENSINO DE PLE E ABORDAGENS METODOLÓGICAS NO ENSINO E AQUISIÇÃO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA.....	14
2.1 Breve percurso histórico da Língua Portuguesa no Brasil.....	15
2.2 Abordagens metodológicas em aquisição de L2	17
2.1.2 Gramática-Tradução (GT)	17
2.1.3 Audiolingual (AL)	19
2.1.4 Análise Contrastiva e Interlíngua	21
2.1.5 Abordagem comunicativa (AC) na aquisição de L2.....	23
3 SEMÂNTICA E LÉXICO	31
3.1 Semântica e concepções de significado	31
3.2 Estudos lexicais em LE	36
3.2.1. Sinonímia e Antonímia.....	42
3.2.2 Hiperonímia e Hiponímia	48
3.2.3 Ambiguidade lexical.....	53
3.2.4 Ambiguidade gerada por metáfora	55
3.2.5 Ambiguidade lexical: polissemia e homonímia.....	58
4 OBJETO DE INVESTIGAÇÃO E CONFIGURAÇÃO DO CORPUS	63
4.1 O exame Celpe-Bras	63
4.2 Configuração do <i>Corpus</i>	66
5 ANÁLISE DOS DADOS.....	71
5.1 Ocorrências das relações lexicais por categoria.....	71
5.2 Análise dos textos de apoio	74
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	114
ANEXOS	121
ANEXO I . Textos de apoio do exame Celpe-Bras.....	121
ANEXO II. Ocorrências das relações lexicais destacadas nos textos de apoio	209

1 INTRODUÇÃO

O léxico é um elemento essencial na identificação e diferenciação das línguas, pois está presente em todas as tarefas que envolvem a comunicação em uma língua, de modo que esta pode ser definida pelo arcabouço lexical e pela estrutura organizacional que a compõem. É através do conhecimento lexical que o falante seleciona as palavras que mais se adequam às suas intenções e contextos comunicativos, revelando o seu nível de competências linguística e comunicativa.

Neste trabalho, focaremos no léxico como fator primordial para a construção e para o desenvolvimento do conhecimento linguístico e da competência comunicativa do falante de Português como Língua Estrangeira (PLE), já que é impossível usar a língua sem o conhecimento e domínio do seu léxico.

A palavra, unidade básica do léxico, tem sido objeto de estudos de gramáticos, filólogos, lexicógrafos e linguistas desde a antiguidade clássica até os dias atuais. Câmara (2011) explica que os primeiros trabalhos envolvendo o léxico reconheciam a palavra como primeira unidade a ser instituída, daí surgiram os primeiros trabalhos que envolviam listas de palavras. Na antiguidade clássica, as discussões filosóficas em torno da linguagem buscavam identificar se havia relação entre as palavras e as coisas no mundo. Nesse contexto, também se estabeleceram as primeiras distinções entre substantivos e verbos, com a contribuição de Platão e Aristóteles, e as primeiras classes de palavras divididas em substantivo, verbo, conjunção e artigo, com a contribuição dos estoicos, escola filosófica helênica responsável por muitas contribuições nos estudos da linguagem (CÂMARA, 2011)

Com o passar do tempo, o léxico deixou de ser apenas uma lista de palavras no repertório lexical de um falante para dialogar com outros campos de estudo na linguística, entre eles, a semântica, nos estudos do significado. Considerando o valor que o léxico ocupa nos estudos linguísticos, principalmente no que diz respeito a uma língua estrangeira, enfoque desta pesquisa, é importante que seja abordado em salas de aula de PLE, já que este se comporta como um dos pilares no desenvolvimento da competência comunicativa do falante de PLE.

Dessa forma, este trabalho apresenta os estudos lexicais aplicados ao ensino de PLE como instrumento essencial no processo de desenvolvimento da competência comunicativa do aluno. A análise não se restringe ao conhecimento que se espera dos candidatos sobre os

significados das palavras em si, mas chama a atenção para um olhar sobre as diversas possibilidades de uso desse conhecimento em um contexto de interação. Em outras palavras, não é nosso objetivo afirmar que o conhecimento do significado das palavras, por si só, garante a fluência de um falante em uma língua, pois somos cientes de que há diversos fatores e capacidades individuais que entram em jogo durante o processo de aprendizagem de uma língua. Mas sim buscamos apontar para a importância de um ensino que trabalhe o domínio lexical do aluno, considerando o uso autêntico da língua, explorando-a como instrumento de interação e prática discursiva por meio do texto. Este tipo de abordagem possibilita um estudo mais profundo do léxico, que vai além da superficialidade do significado e respeita os fatores contextuais e culturais que envolvem a construção de sentido na comunicação.

Nesta pesquisa, defendemos o pressuposto de que quanto maior o domínio lexical do aluno, melhor serão suas estratégias no momento de construir e produzir sentidos por meio da língua. Somos cientes de que fatores (linguísticos e/ou extralinguísticos) como vocabulário insuficiente, a relação entre cognatos não cognatos, nível de conhecimento da língua, palavras que possuem pouca relação com outras, influência da língua materna, entre outros também podem influenciar no processo de domínio de uma língua estrangeira, já que podem afetar a compreensão correta do significado e, conseqüentemente, o uso adequado da língua. Tais aspectos, embora importantes, não serão o foco deste trabalho, pois consideramos que a capacidade de o aluno se comunicar de forma efetiva na língua implica uma não recorrência na interferência desses fatores.

O objetivo geral deste trabalho, portanto, é investigar a forma como as relações lexicais são exploradas nos textos de apoio do exame Celpe-Bras e, conseqüentemente, o que se espera do candidato quanto à compreensão de texto e à construção de sentidos a partir destes.

Nossos objetivos específicos são: a) observar a ocorrência das relações semântico-lexicais da língua (sinonímia, homonímia, antonímia, hiperonímia e ambigüidade) nos textos de apoio do exame Celpe-Bras, b) analisar as relações pontuais, utilizadas como recurso linguístico para garantir o sentido pretendido do texto e c) refletir sobre os diferentes efeitos de sentido gerados a partir das relações lexicais presentes nos textos, destacando o que se espera do aprendiz de PLE, diante das construções que influenciam na compreensão e na produção de sentidos dos textos. A essência desses objetivos é a adequação do léxico conforme o contexto de uso e os fatores extralinguísticos que compõem a construção de sentidos na língua.

A importância deste estudo no campo de PLE se dá pela necessidade de se estabelecer, na posição de professor, um conhecimento mais profundo a respeito da aquisição de vocabulário e domínio lexical dos alunos aprendizes de português como língua estrangeira, o que provoca um redirecionamento no estudo da língua, partindo de abordagens que envolvem as

competências linguísticas e comunicativas do aluno. A respeito disso, os estudantes de PLE comumente se veem com perguntas sem respostas sobre questões da língua que não se justificam por regras apenas de ordem estrutural, como as diferenças de uso e sentido de *ser* e *estar*, os verbos no pretérito perfeito e imperfeito e o modo subjuntivo, por exemplo.

Há, ainda, situações em que o uso adequado de uma palavra não se restringe ao uso mais canônico de seu significado, mas também considera a adequação ao contexto comunicativo e os acordos linguísticos convencionados entre os falantes nativos. Esses aspectos nos ajudam a entender, por exemplo, porque os falantes nativos optam por utilizar determinada palavra em detrimento de outra, a depender do contexto comunicativo, mesmo que sejam sinônimas. Em outras palavras, uma vez que algumas questões da língua são determinadas por fatores que envolvem o domínio do léxico, mais do que conhecer o significado e regras de uso de uma determinada palavra, o falante não nativo precisa adequar-se ao contexto discursivo e situacional, caso deseje alcançar um elevado nível de fluência.

A posição do professor de PLE, nesse sentido, não se restringe a dominar os aspectos teóricos da linguagem e transmitir esse conhecimento de modo sistematizado, mas também ser um aprendiz real da língua, assumindo a tarefa de pesquisador e conhecedor dos problemas de aprendizagem de uma língua estrangeira (CORDER, 1967). Isso ressalta a importância dos subsídios disponibilizados em trabalhos sobre aprendizagem de L2 e domínio lexical.

O estudo também é favorável no que tange ao ensino de PLE pelo fato de a Língua Portuguesa vir crescendo vigorosamente nos últimos anos, expandindo-se em instituições de ensino superior nos diversos continentes. No Brasil, essa expansão ocorre devido à quantidade de estrangeiros que vêm ao país a trabalho ou a estudos. Essa demanda suscita à necessidade de ampliação do conhecimento por parte dos professores para um trabalho mais eficiente, que contribua com a expansão do conhecimento e ensino da língua portuguesa no Brasil e no mundo.

Outro fator que determina esta pesquisa como relevante é o fato de os estudos voltados para a semântica lexical, especialmente aplicada ao ensino de PLE, serem ainda muito escassos,

o que constitui esta análise como mais um material de apoio para as pesquisas futuras. Além disso, os resultados deste estudo podem ser aplicados ao ensino e sugerirem produções de materiais didáticos voltados para a aprendizagem do português como língua estrangeira, especialmente no que diz respeito à construção do conhecimento semântico-lexical.

Após essas discussões de caráter introdutório, as quais esclarecem os objetivos a serem alcançados e as razões que motivam a escrita desta dissertação, nos parágrafos seguintes, finalizamos nossa introdução apresentando os capítulos nos quais a pesquisa se organiza.

Para a abordagem dos objetivos propostos na pesquisa, no primeiro capítulo, refletimos sobre o ensino de PLE e as abordagens metodológicas no ensino e aquisição de língua estrangeira, discutindo sobre a trajetória dessas abordagens até se chegar ao que conhecemos hoje como abordagem comunicativa, a qual surge dos estudos interacionistas para apresentar o ensino sob uma visão autêntica da língua.

O segundo capítulo apresenta as discussões sobre semântica e léxico, as relações lexicais de sinonímia, antonímia, hiperonímia, hiponímia e ambiguidade, enfatizando as particularidades de tais estudos aplicados ao ensino de PLE, os quais ressaltam a possibilidade de ressignificação do léxico conforme o contexto de uso e os fatores extralinguísticos que compõem a natureza polissêmica da língua.

No terceiro capítulo, apresentamos algumas considerações sobre o exame Celpe-Bras, nosso objeto de estudo, enfatizando o caráter avaliativo do exame, sua configuração e visão de proficiência. Em seguida, apresentamos a configuração do nosso *corpus*, explicando o processo de obtenção dos dados e os procedimentos da análise.

No quarto capítulo, introduzimos a análise dos textos selecionados, com o intuito de atingir os objetivos previamente propostos. Primeiramente, apresentamos uma análise quantitativa dos textos, destacando as ocorrências de relações lexicais desde a primeira edição do exame (1998). Em seguida, destacamos os itens lexicais e as relações que estabelecem entre si, bem como suas funções na construção e efeitos de sentidos do texto.

O último capítulo traz as considerações finais da pesquisa, apresentando uma visão geral de tudo o que foi abordado, tais como objetivos, base teórica e análise dos dados. Por fim, apresentamos sugestões de trabalhos futuros e a utilidade dos resultados deste estudo nas aulas de PLE.

2 ENSINO DE PLE E ABORDAGENS METODOLÓGICAS NO ENSINO E AQUISIÇÃO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Antes de prosseguir com as bases teóricas da pesquisa, é válido esclarecer algumas terminologias aqui utilizadas para um direcionamento mais claro na compreensão dos estudos. Os termos língua estrangeira (LE) e segunda língua (L2), embora comumente utilizados como sinônimos, conduzem, conforme alguns autores, a compreensões distintas. Estudiosos como Moreira e Pimenta (1999) defendem que a segunda língua possui um peso sociopolítico dentro de uma comunidade linguística (língua oficial, língua de ensino, língua dos meios de comunicação etc.), enquanto o termo “língua estrangeira” não carrega esse peso. Leffa (1988) afirma que o termo “segunda língua” se refere a uma língua aprendida sob imersão, com relação à língua alvo, e um exemplo disso seria um norteamericano aprendendo português no Brasil. Já o termo “língua estrangeira” (LE) refere-se a uma língua aprendida dentro de uma comunidade que não utiliza essa língua estudada, seria o caso de um americano aprendendo português nos Estados Unidos.

Por outro lado, Brumfit e Roberts (1983) entendem por língua estrangeira a língua falada no âmbito externo ao lugar onde a pessoa vive (o lugar onde a pessoa nasceu e cresceu). São línguas usadas na comunicação com outros falantes que não fazem parte da comunidade linguística da pessoa. Conforme Almeida Filho e Cunha (2007), este é o termo utilizado pela Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira – SIPLE: “O uso é uma referência a partir do ‘Outro’, o não falante do português, para quem a língua é ‘estrangeira’” (ALMEIDA FILHO; CUNHA, 2007, p. 21). Tendo em vista a abrangência desses termos e a preferência do uso de “segunda língua” nas teorias de aquisição de linguagem, será utilizado, nesta pesquisa, o termo “língua estrangeira” para se referir à língua do ponto de vista dos falantes aprendizes, e “segunda língua” quando discutidas as teorias de aquisição de linguagem.

Outra distinção importante diz respeito aos termos “aprendizagem” e “aquisição”. Leffa (1988, p. 212) entende por aprendizagem o “desenvolvimento formal e consciente da língua, normalmente obtido através da explicitação de regras”, enquanto a aquisição “é o desenvolvimento informal e espontâneo da segunda língua, obtido normalmente através de situações reais, sem esforço consciente. Nesta pesquisa, utilizaremos o termo “aprendizagem” quando nos referirmos à língua em sala de aula, já que é um contexto formal de ensino, e o termo “aquisição” quando discutirmos de forma mais abrangente as teorias de aquisição de

linguagem. Após esclarecidas as terminologias aqui utilizadas, prosseguiremos com os estudos propostos, a partir da seção seguinte.

2.1 Breve percurso histórico da Língua Portuguesa no Brasil

O Português como Língua Estrangeira foi inicialmente ensinado no Brasil a partir da chegada dos portugueses, os quais trouxeram consigo os jesuítas com o intuito de catequizar os índios. O objetivo era ensinar a língua, a religião, a moral e os bons costumes, utilizando a língua portuguesa como ferramenta.

O ensino era baseado principalmente nos aspectos gramaticais, na retórica, utilizando recursos de tradução de textos, e nos conhecimentos humanísticos dos grandes autores gregos e latinos (ALMEIDA FILHO; CUNHA, 2007). Embora pareça que houve uma relação de troca nesse sentido, a educação se dava com base no medo e na desconfiança, impondo a língua e a cultura europeia aos povos indígenas, inibindo totalmente sua autonomia.

Nesse contexto, começaram a surgir as primeiras escolas brasileiras fundadas pelos jesuítas, onde ensinavam os habitantes não só a falar, mas também a ler e a escrever em português. Do mesmo modo, alguns padres foram trazidos, nessa mesma época, para aprender as estruturas da língua indígena com o intuito de facilitar a comunicação do ensino do português (ALMEIDA FILHO, 2012).

Até o português se consolidar como língua oficial, destacava-se o ensino da gramática e da literatura das línguas clássicas, e o latim era a principal língua utilizada no ensino geral. Com o passar do tempo, a língua portuguesa passou a disputar espaço com o latim, de modo que o ensino de gramática era principalmente voltado à língua portuguesa, e o latim era usado para manter as tradições. Isso perdurou até o início do século XX, quando o latim perdeu completamente o seu valor nas escolas. A partir da década de 50, do século XVIII, com as reformas pombalinas, o português se tornou língua obrigatória no Brasil, sendo proibido o uso de outras línguas (PIETRI, 2010).

Com a chegada da família real, em 1808, do século XIX, o ensino de línguas estrangeiras teve grande impulso e o universalismo contribuiu para a disseminação de novas línguas, culturas e ideologias, destacando-se no ensino as línguas inglesas, francesas e italianas. Nessa época, a própria língua portuguesa era vista como inferior às demais ensinadas no Brasil (SILVA; SOARES, 2011). Na década de 1940, do século XX, o sentimento nacionalista se afirmou na população, o que influenciou o ensino de língua. Assim, o português começou a ser instituído

como disciplina escolar e, a partir da década de 50, o ensino foi democratizado e pessoas de camadas mais baixas passaram a ter acesso às escolas.

Esse sentimento nacionalista também influenciou as produções de gramáticas e dicionários do português brasileiro, de modo a refletir não apenas as estruturas linguísticas especificamente brasileiras, com as misturas das línguas indígena, africana e portuguesa, mas também uma descolonização linguística (ORLANDI, 2001). Há uma relação direta entre a história da criação de dicionários e a colonização, de modo que os primeiros trabalhos lexicográficos produzidos pelos jesuítas eram compostos por listas de palavras em língua indígena, o tupi, e a língua portuguesa, dando origem aos primeiros dicionários. Conforme Ferreira (2010, p. 267),

Os primeiros dicionários brasileiros são bilíngues português-tupi, elaborados pelos jesuítas nos séculos XVI-XVII. Antes disso, porém, há uma produção de relatos de viajantes e missionários que pode ser considerada precursora das práticas lexicográficas. Nessa produção há palavras indígenas que são transcritas, comentadas, explicadas, dispostas em listas temáticas.

A partir de 1970, começaram a surgir no Brasil estudos direcionados ao ensino e aprendizagem de português como língua estrangeira e programas de pós-graduação com pesquisas sobre a leitura de PLE em sala de aula (DEL RÉ, 2013), bem como o oferecimento de cursos de PLE para estrangeiros na USP e na Unicamp (ALMEIDA FILHO, 2012). Também emergiram estudos sobre interlínguas, com base na análise do erro.

Em 1992, foi criada a Sociedade Internacional de Português como língua estrangeira – SIPLÉ, em uma reunião de Linguística Aplicada na Unicamp, o que contribuiu com a visibilidade do PLE em eventos internacionais e impulsionou as pesquisas na área em universidades brasileiras (ALMEIDA FILHO, 2012).

Em 1994, foi criado o exame de proficiência em Língua Portuguesa, o Celpe-Bras, através do qual é possível garantir a entrada de estrangeiros em universidades públicas e possibilitar a validação de diploma de profissionais estrangeiros. Mas foi a partir de 1998 que houve a primeira aplicação do exame. Atualmente, é aplicado em vários países e, além de nivelar a proficiência de falantes de PLE, funciona como um instrumento norteador do ensino e das práticas metodológicas nas salas de aula de PLE.

O objetivo desse breve percurso histórico foi destacar a consolidação do português como língua nacional brasileira e a expansão do PLE, que vem ganhando reconhecimento no Brasil e no mundo ao longo dos anos. Uma vez inserido na temática LE, o português também se apropria dos métodos e abordagens relacionadas a aquisição de L2. Por essa razão, discutiremos esses tópicos nas sessões seguintes.

2.2 Abordagens metodológicas em aquisição de L2

O processo de aquisição de linguagem teve influência de várias teorias ao longo dos anos, principalmente entre as décadas de quarenta e sessenta do século XX, as quais contribuíram com o desenvolvimento de diversos modelos teórico-metodológicos no que diz respeito à aquisição de uma segunda língua.

Nesta seção, discutiremos as abordagens teóricas sobre o processo de aquisição de uma segunda língua, bem como as abordagens metodológicas mais conhecidas e utilizadas quando falamos de aprendizagem de uma língua estrangeira. Apoiando-se nas palavras de Leffa (1988, p. 1), “o que se pretende com uma revisão histórica dos métodos é fazer com que o professor comece onde os outros pararam, sem necessidade de reinventar a roda ou repetir os erros do passado. Sem uma visão histórica a evolução se torna impossível”.

Nesse sentido, refletiremos em linhas gerais sobre a influência dessas teorias no ensino de L2, reconhecendo o papel e contribuições de cada uma. Dentre elas, destacam-se o método gramática-tradução, o método da memorização e repetição, denominado áudio-lingual, e abordagens que focam na interação, como o método da abordagem comunicativa, que surge das teorias interacionistas, com o objetivo de promover um ensino com base nas situações reais de uso da língua.

Enfatizamos que tanto os aspectos gramaticais da língua quanto as práticas de ouvir e repetir são válidos na abordagem comunicativa, porém com um direcionamento que explora além desses aspectos, favorecendo uma comunicação mais autêntica. Além disso, discutimos a importância dos estudos da análise contrastiva e interlíngua para que o erro cometido pelo falante ao tentar se comunicar em uma língua estrangeira não seja tratado apenas como barreiras do aprendizado. Tais perspectivas tratam o erro como um processo natural, psicológico e complexo que continua sendo investigado, até os dias atuais, como um instrumento que fornece dados sobre o processo de aprendizagem do falante e sobre como podemos explorá-lo nas aulas de línguas estrangeiras de modo a impulsionar a aprendizagem.

2.1.2 Gramática-Tradução (GT)

Nos anos 1940 a 1950, os métodos de abordagem da língua quanto à aquisição eram fortemente influenciados pelo estruturalismo de Saussure. Nesse período, predominou no ensino de línguas estrangeiras o método gramática-tradução, que, conforme Leffa (1988),

consiste em ensinar a língua com ênfase na escrita. O professor apresenta a estrutura da língua-alvo, utilizando-a como comparação com a língua materna, esclarecendo o sentido e, em seguida, traduzindo o texto. Consiste na memorização de palavras e no ensino de regras gramaticais para construções de frases e traduções. Além disso, o padrão de correto ou incorreto era estabelecido pela literatura em língua estrangeira, a qual também espelhava os valores intelectuais e culturais pertencentes à língua aprendida (NEUNER; HUNFELD, 1993). Segundo Leffa (1988), a língua-alvo tinha pouco espaço nas salas de aula, já que as explicações e informações eram dadas através da língua materna do aluno. Os passos importantes para a aprendizagem de uma língua eram: “a) memorização prévia de uma lista de palavras, (b) conhecimento das regras necessárias para juntar essas palavras em frases e (c) exercícios de tradução e versão (tema)” (LEFFA, 1988, p. 4). O autor ressalta que essas são abordagens dedutivas, em que primeiro se apresentam as regras para o aluno e, em seguida, são apresentados os exemplos.

A presença do vocabulário e do léxico no contexto da GT de ensino consistia em memorizar listas de palavras e suas respectivas traduções, organizando-as de acordo com o campo semântico. Uma vez que a visão de língua era um conjunto de estruturas (gramática), o vocabulário funcionava como uma peça a ser encaixada nessas estruturas (RICHARDS; RODGERS, 2001). A etimologia da palavra também ocupava um espaço primordial, pois acreditavam ser uma prática de preservação da língua (ZIMMERMAN, 1997).

Há pouco tempo, deixamos de considerar certificados de cursos de línguas e conhecimento gramatical como sinônimos de proficiência, e isso nos ajuda a entender o quão forte foram os princípios desse método e os rastros que deixou na trajetória do ensino e aprendizagem de línguas. É possível que essa prática seja um reflexo do próprio ensino de língua materna, que sempre se amparou na visão elitista das línguas clássicas. O desafio ainda é se distanciar do ensino com enfoque apenas na descrição gramatical e se apoiar nas abordagens de natureza interacionista, reflexiva e sócio-discursiva. Por outro lado, embora o método GT não fosse eficiente para desenvolver a fluência do aprendiz, ao considerarmos o contexto histórico da época, entendemos que o objetivo não era necessariamente fazer o aluno se comunicar oralmente na língua-alvo, mas desenvolver habilidades de leitura e escrita (LARSEN-FREEMAN, 2000). Conforme Leffa (1988, p. 1):

O objetivo final da GT é - ou era - levar o aluno a apreciar a cultura e a literatura da L2. Na consecução desse objetivo, acreditava-se que ele acabava adquirindo um conhecimento mais profundo de seu próprio idioma, desenvolvendo sua inteligência e capacidade de raciocínio

Após anos de estudos na área de aquisição da linguagem, é unânime entre os teóricos e pesquisadores a ideia de que os princípios da GT não são muito eficazes no desenvolvimento

da comunicação oral na língua-alvo. Embora as comparações com a língua-alvo, traduções e explicações gramaticais possam fazer parte do ensino de LE, desde que atenda aos objetivos do professor e do aluno, a ausência de recursos e estratégias que explorem outras habilidades de domínio da língua, tais como oralidade, gera uma aprendizagem deficiente. Tais deficiências foram alvo de preocupação por parte dos intelectuais da época, os quais defendiam que o aprendizado de uma língua estrangeira não deveria se dar por comparação com a língua materna. Pelo contrário, a comparação deveria ocupar o menor espaço possível no processo de aprendizagem. Discutia-se que o foco não deveria ser o estudo do sistema da língua em si, mas realmente saber utilizá-la em situações reais do dia-a-dia, o que direcionou o foco do aprendizado para as produções orais. Foi a partir daí que surgiu o método áudio-lingual.

2.1.3 Audiolingual (AL)

Fortemente influenciado pela teoria behaviorista/comportamentalista de Skinner, Bloomfield e Pavlov, esse método propunha uma definição de linguagem como comportamento adquirido, de modo que a aquisição de uma língua estrangeira se daria por associações estímulo/resposta reforçadas em situações sociais (VASSEUR, 2013). Nesse sentido:

O ensino/aprendizagem de uma língua é assim considerado como um processo mecânico de formação de hábitos com a ajuda de estímulos e de respostas visuais e sonoras (como, por exemplo, as frases de um diálogo e as imagens correspondentes em um manual ou tela). Aprender é adquirir uma conduta de reflexo como faz o cão de Pavlov que saliva ao ouvir a campainha ou o rato que aprende a abrir a armadilha do alimento. (VASSEUR, 2013, p. 86)

A base teórica do AL vem do estruturalismo americano, tendo como grande nome Leonard Bloomfield, que via como preocupação da linguística descrever as estruturas das línguas, destacando-se a língua falada como a mais importante. A participação de Skinner (1957), grande nome behaviorista, foi fundamental no estabelecimento das “regras” da fala, as quais se davam por meio da imitação e repetição de frases e expressões em situações específicas de comunicação. Conforme Leffa (1988, p. 11-13), as premissas que sustentavam o método eram as seguintes:

- a) *Língua é fala e não escrita*: a ênfase era dada à oralidade. O aluno deveria primeiro ouvir e falar, depois ler e escrever. Os diálogos eram o principal instrumento de ensino, já que representava a língua viva do cotidiano.
- b) *Língua é um conjunto de hábitos*: A língua era adquirida através de um processo mecânico de estímulo resposta. Nesse processo, as respostas certas deveriam ser reforçadas pelo professor. Havia uma forte preocupação em falar exatamente como os nativos, por isso, reproduções incompatíveis com as dos nativos deveriam ser corrigidas e evitadas. Quanto mais repetições, menos erros e mais aprendizado.

- c) *Ensine a língua e não sobre a língua*: uma língua deveria ser aprendida através da prática, e não de explicações de regras. A língua é o que os falantes dizem, e não o que alguém acha que eles deveriam dizer. O que a gramática diz é diferente do que os falantes nativos dizem.
- d) *As línguas são diferentes*: havia uma defesa forte da análise contrastiva. A tarefa primordial do planejador de cursos era detectar as diferenças entre a primeira e a segunda línguas e concentrar aí as atividades, evitando assim os erros que seriam causados pela interferência da língua materna.

As premissas defendidas pelo método AL eram de base estruturalista e fortemente influenciadas pelo behaviorismo, as quais repetiam mesmos padrões dos métodos anteriores, no que diz respeito à observação de certas regras para se aprender uma língua, porém com ênfase na oralidade.

O léxico e o vocabulário eram praticamente descartados, pois o método AL não considerava o vocabulário importante de ser trabalhado nas aulas de LE, pelo contrário, poderia funcionar como um entrave na formação de hábitos na língua-alvo, caso recebesse uma atenção demasiada (ZIMMERMAN, 1997). O aluno deveria apenas reproduzir as expressões já prontas utilizadas pelos falantes nativos e o significado das palavras era aprendido de forma intuitiva, por meio da repetição excessiva.

O método AL se distancia do anterior por valorizar as habilidades de escuta e fala, em detrimento da leitura e escrita. Da mesma forma, a utilização de textos literários já não se faz tão presente nesse método, cedendo espaço para textos com assuntos do cotidiano, os quais refletiriam, com maior clareza, a cultura de uma determinada língua (NEUNER; HUNFELD, 1993). Por outro lado, segundo Leffa (1988, p. 15), embora fosse um método aparentemente eficaz, já que faziam os alunos falarem em uma língua estrangeira, havia problemas sérios pois:

os alunos que aprenderam pela abordagem audiolingual pareciam apresentar as mesmas falhas de aprendizes de métodos anteriores: No momento em que se defrontavam com falantes nativos, em situações reais de comunicação, pareciam esquecer tudo o que tinham aprendido na sala de aula.

Embora tenha alcançado sucesso, o método AL não foi suficiente para solucionar as dificuldades do processo de aprendizagem de uma língua e desenvolver uma habilidade comunicativa por parte dos aprendizes. Dessa forma, assim como os métodos anteriores, ele considerava os alunos como uma “tábula rasa”, desconsiderando os aspectos socioculturais como parte do aprendizado, na qual a linguagem era inserida no aluno “sem passar pelo filtro da interpretação”, uma vez que, no discurso, “as regras dependem única e exclusivamente do momento histórico-social” (CORACINE; BERTOLDO, 2003, p. 216).

Nesse sentido, entendemos que, embora tenha sua parcela de contribuição, o método AL se mostra pouco eficiente no ensino de uma língua estrangeira, já que foca na memorização e repetição de palavras e expressões, desconsiderando o caráter interativo da língua, que é orientado para a comunicação e necessidades linguísticas específicas de um determinado público que se comunica com outro em uma situação específica.

2.1.4 Análise Contrastiva e Interlíngua

Uma outra proposta vinda do estruturalismo e que também se utilizou de ideias behavioristas foi a Linguística contrastiva, definida por Lado (1957) como resultado de “comportamentos verbais”. De acordo com esse pensamento, a aquisição de uma língua se dava a partir da construção de hábitos criados por meio de exaustivos exercícios de repetição, e tais hábitos eram gerados sob a influência da língua materna no aprendizado de uma nova (FIGUEIREDO, 1997).

A partir da noção de que o erro era uma interferência da língua materna na língua estrangeira, o professor, ao realizar a análise contrastiva (de caráter científico e descritivo dos sistemas das línguas), comparando as semelhanças e as diferenças entre a língua materna e a língua alvo, seria capaz não apenas de prever as dificuldades e problemas (leia-se ‘erros’), mas evitá-los (LADO, 1957). A intenção seria prever os erros dos falantes e, consequentemente, suas dificuldades, com base nas transferências que faziam da sua língua materna. Ao mesmo tempo, haveria o benefício das transferências positivas que facilitavam o aprendizado do aluno. Teóricos dessa linha de pesquisa afirmavam que a “aprendizagem de uma tarefa é tanto facilitada (transferência "positiva") quanto impedida (transferência "negativa") pela aprendizagem prévia de outra tarefa, dependendo, entre outras coisas, do grau de similaridade ou diferença entre elas” (SRIDHAR, 1981, p. 211).

Embora este seja um método útil e muito utilizado até os dias de hoje nas aulas de idiomas, não se pode usá-lo como método padrão para todas as situações, uma vez que nem sempre é possível prever todos os casos de erros a partir do contraste entre as línguas. Além disso, há outros fatores que podem interferir no aprendizado de uma língua, tais como idade, nível de escolaridade, interesses pessoais, entre outros.

Seguindo essa mesma perspectiva, Vasseur (2013) afirma que a análise contrastiva se apresenta um tanto falha e simplista, fundada em condutas descritivas e prescritivas, já que apenas compara e descreve o sistema linguístico de uma língua “fonte” com uma língua “alvo,

ao mesmo tempo em que tenta prevenir e evitar os erros por parte dos aprendizes, por meio de exercícios adaptados às suas línguas nativas. Além disso, segundo essa corrente, as interferências são fenômenos normais e naturais na aprendizagem de uma língua, e o erro é um fenômeno positivo que não deve ser impedido, pois “é vestígio de um processo cognitivo que nos orienta em direção às hipóteses do aprendiz e, portanto, para seu trabalho ativo de apropriação” Vasseur (2013, p. 92).

Para Corder (1967), o erro sugeria que o input era mentalmente processado, o que reforçava a tese racionalista de Chomsky do ser humano ser dotado de uma faculdade da linguagem que o capacita a gerar enunciados, e não a apenas repeti-los. Corder também recorreu a Chomsky ao considerar a oposição “performance-competência” como fator importante na aquisição da língua, de modo que a performance do aprendiz daria acesso à sua competência linguística. Essa associação entre o que o aprendiz já conhece e a situação na qual está inserido se dá porque “a gramática (em termos de sistema de regras) que o aprendiz constrói para si depende dos modelos com os quais este último está em contato, logo, depende das situações e modos de comunicação que ele encontra” (CORDER, 1981 *apud* VASSEUR, 2013, p. 88).

Os pesquisadores da teoria de Corder decidiram analisar não a ocorrência acidental do erro, mas o erro regular e sistemático. Entendia-se que o importante não era apenas identificar o erro de interferência linguística como a única justificativa para as dificuldades apresentadas, mas identificar as diferentes origens dos erros e encontrar justificativas para o caráter sistemático e variável das formas, uma vez que muitas dessas formas não estavam relacionadas nem com a língua materna nem com a língua alvo.

Selinker (1972) notou que a língua produzida pelos alunos diferia tanto da língua materna quanto da estrangeira, denominando-a, assim, de Interlíngua, que é a língua de transição criada pelo aprendiz, durante o processo de assimilação da língua alvo. Os artigos de Corder (1967) e Selinker (1972) intitulados ‘The significance of errors’ e ‘Interlanguage’, respectivamente, foram os marcos seminais desta nova área de investigação. Ao valorizar os erros e desvios cometidos, como pistas para a compreensão do processo cognitivo em andamento, Corder dá início à corrente chamada *Análise de erros* e corrobora com a tese de uma mente pensante que manipula informações, faz associações, gera enunciados e age sobre as informações fornecidas.

A interlíngua ultrapassa, então, a análise contrastiva, uma vez que estuda os processos psicolinguísticos que envolvem as produções do falante aprendiz. Tais processos se dão por meio de uma estrutura psicológica latente, determinada por fatores genéticos, na mente dos

falantes, os quais são ativados no momento em que o falante tenta compreender ou produzir as sentenças da língua estrangeira que está aprendendo (SELINKER, 1972). A análise de tais estruturas psicológicas se dá por meio da observação das produções dos falantes originadas a partir de produções do aluno pertencentes à sua língua materna, à interlíngua e à língua estrangeira que está aprendendo. Entretanto, não se pode afirmar que todos os apontamentos de Selinker sobre as estruturas psicológicas teriam validade empírica, de modo que seria necessário um trabalho muito rigoroso para identificar as reais fontes das produções dos falantes, por exemplo, se uma dada produção seria fruto de uma IL, LM ou LE, o que torna a teoria um tanto complexa (SRIDHAR, 1981)

2.1.5 Abordagem comunicativa (AC) na aquisição de L2

Para suprir as lacunas do método AL, que trazia um enfoque no código linguístico, surgiu a necessidade de um método que enfatizasse a semântica da língua e as noções de funções que se expressam a partir desta (LEFFA, 1988). Os estudiosos discutiam que na aprendizagem de uma LE, o mais importante é a comunicação, é o que podemos realizar por meio da língua, e não a memorização de regras gramaticais ou expressões prontas.

Assim, na década de 1970, criou-se uma nova perspectiva no tocante à aquisição de uma língua estrangeira chamada “abordagem comunicativa”, com o intuito de preencher as lacunas do método behaviorista e apresentar uma visão interacionista da linguagem. Em vez de enfatizar o código linguístico, como na linguística estruturalista, a ênfase era dada ao sentido, considerando o aspecto comunicativo e utilizando a situação comunicativa como referência para todas as atividades a serem desenvolvidas durante a aprendizagem da língua. A abordagem comunicativa considerava/considera a possibilidade de adequarmos os enunciados à cada situação. O objetivo é ensinar a língua partindo das situações reais de comunicação, ou seja, fazer com que o uso da língua se aproxime o máximo possível de uma situação real. Essa é a perspectiva que norteia as aulas de LE atualmente, e o exame Celpe-Bras segue a mesma linha na sua concepção de proficiência e métodos avaliativos (assunto que será discutido posteriormente, no nosso objeto de estudo e metodologias).

O conceito de abordagem comunicativa foi desenvolvido por Hymes (1970), o qual afirma que ter competência comunicativa não se restringe ao conhecimento linguístico adquirido pelo indivíduo, mas possuir habilidades de competências culturais, sociolinguísticas, discursivas e estratégicas. Dessa forma, o ensino baseia-se nas situações de uso e nos contextos

reais de comunicação. A AC foi fortemente influenciada pela teoria dos atos de fala de Austin (1965) e Searle (1979), o que induziu às afirmações de que a língua existe em virtude de suas funções comunicativas e que dizer é fazer. Mais tarde, a teoria recebeu grandes contribuições de estudiosos como Canale e Swain (1980) e Canale (1983).

Richards e Rodgers (2001) afirmam que a intenção de Hymes com o uso do termo *competência comunicativa* é contrastar a visão comunicativa da linguagem com a teoria da competência comunicativa de Chomsky, o qual explora a teoria da linguagem com enfoque na habilidade dos falantes em produzir sentenças gramaticalmente corretas. Os autores discorrem que, para Hymes (1972), essa seria uma visão estéril da teoria linguística, a qual deveria ser tratada como algo mais amplo, unindo comunicação e cultura. Nesse sentido, a teoria de Hymes viria ampliar a teoria linguística de Chomsky (1965), ao dizer que a língua não é só habilidade, mas também o uso dessas habilidades em uma dada situação. Richard e Rodgers (2001, p. 40) afirmam que para Hymes (1972), competência também é desempenho. Apoiando a perspectiva do autor, afirmam que:

A teoria da competência comunicativa de Hymes era uma definição do que um falante precisa saber para ser comunicativamente competente em uma comunidade de fala. Na opinião de Hymes, uma pessoa que adquire competência comunicativa adquire conhecimento e habilidade para uso da linguagem com respeito a: **I)** se (e em que grau) algo é formalmente possível; **II)** se (e em que grau) algo é viável em virtude dos meios de implementação disponíveis; **III)** se (e em que grau) algo é apropriado,; adequado, feliz, sucesso) em relação a um contexto em que é usado e avaliado; **IV)** se (e em que grau) algo é de fato feito, realmente executado, e o que isso acarreta.

Canale e Swain (1980) discorrem sobre a controvérsia que pode ser gerada pelo uso do termo *competência comunicativa*, quando este, na verdade, diz respeito ao desempenho (*performance*), já que foca no uso que o falante faz do seu conhecimento gramatical, sociolinguístico e das estratégias de comunicação. Por outro lado, os autores reconhecem que o termo criado por Hymes (1970) traz a noção de uso de um conhecimento em uma dada situação, ou seja, refere-se tanto ao conhecimento quanto ao uso que o falante faz dos aspectos comunicativos da língua. A título de esclarecimento para o leitor, Canale e Swain (1980, p. 7) citam a explicação dada por Hymes (1970, p. 283):

Certamente, pode ocorrer de indivíduos diferirem no que diz respeito a habilidade de usar o conhecimento para interpretar, diferenciar etc. A especificação da habilidade de uso como parte da competência permite a inclusão de fatores não-cognitivos, tais como motivação, como parcialmente determinantes na competência. Em se tratando de competência, é especialmente importante não separar fatores cognitivos de afetivos e volitivos, pelo menos no que refere a teoria da prática educacional.

Assim, Canale e Swain (1980, p. 7) sugerem que a competência comunicativa envolve três principais competências: competência gramatical, competência linguística e estratégias

comunicativas. Leffa (1988) sugere que “o desenvolvimento de uma competência estratégica - saber como usar a língua para se comunicar - pode ser tão ou mais importante de que a competência gramatical”, já que a estratégia utilizada revela o nível de conhecimento gramatical do falante. Entretanto, Canale e Swain (1980) afirmam que esses três aspectos não são organizados de modo hierárquico, ambos são igualmente importantes para uma comunicação bem sucedida, de modo que o objetivo principal abordagem comunicativa é favorecer esses três aspectos de modo integrado para o falante. Além disso, a abordagem comunicativa deve responder às necessidades comunicativas do aprendiz, as quais envolvem competência gramatical, competência sociolinguística e competência comunicativa. Nas palavras dos autores (tradução nossa):

essas necessidades devem abranger a competência gramatical (isto é, os níveis de acurácia gramatical que são exigidos em uma comunicação oral ou escrita), competência sociolinguística (isto é, necessidades relacionadas ao ambiente, tópico e funções comunicativas), e estratégias comunicativas (isto é, a compensação de estratégias comunicativas a serem usadas quando há uma irregularidade em um das outras competências) (CANALE; SWAIN, 1980, p. 27).

Segundo Venturi (2013, p. 121), a abordagem comunicativa apoia-se nas teorias interacionistas, pois parte de fatores inatos e ambientais para explicar a aquisição de uma língua, exercendo um poder explicativo maior, porém complementar, em relação ao “inatismo” de Chomsky, uma vez que incorporam uma quantidade maior de “fatores, variáveis, causas e processos”. Nesse sentido, a abordagem comunicativa possui os seguintes princípios, conforme Canale (1983):

- i. a centragem no aluno: o ensino aprendizagem deve ser orientado em função das necessidades comunicativas do aluno;
- ii. o uso dos atos de fala;
- iii. a gramática integrada: a explicação de itens gramaticais ocorre quando essa necessidade é sentida por parte do aprendiz;
- iv. o papel do Professor: o professor é um facilitador um orientador, um moderador intercultural;
- v. o uso de documentos autênticos: ao fazer uso de textos, esses devem ser autênticos;
- vi. ter as habilidades de compreensão oral, a compreensão escrita, a expressão oral e a expressão escrita; em outras palavras, as quatro habilidades (ouvir, falar, ler, escrever) são vistas de maneira integrada e fazendo parte das competências gramatical, sociolinguística, discursiva e estratégica

Nessa perspectiva comunicativa da língua, a aprendizagem não depende exclusivamente de fatores cognitivos, mas também fatores de ordem social, cultural e linguísticos e fazem parte da interação entre os interlocutores. Dessa forma, podemos fazer uma breve relação com a visão funcional e interativa da língua sustentada por Bakhtin (1981), que afirma que a língua é o próprio lugar de interação entre os interlocutores). Segundo Germain (1993), na AC, a língua é vista como um instrumento de interação e comunicação social. Consoante a isso, Savignon (1983) afirma que a competência comunicativa envolve fatores como:

- i) as variáveis do aprendiz, tais como: sexo, idade, nível de escolarização, competência em outras línguas, nível cognitivo, necessidades, atitudes e personalidade;
- ii) os contextos ou situações de aprendizado de L2, que compreende o nível de formalidade em que se dá o processo de instrução, a quantidade de tempo que o aprendiz realiza o estudo da língua, modelos e tipo de acesso à L2;
- iii) as estratégias e processos que permeiam o processo de aprendizagem.

A centralidade no aluno não se restringe ao campo do conteúdo, mas envolve também as técnicas de ensino e a relação entre professor e aluno. Na AC, a relação se torna mais efetiva, uma vez que os fatores internos do indivíduo também são levados em consideração, possibilitando a diminuição dos bloqueios de informações. O professor deixa de ser o único detentor de conhecimento e figura de autoridade para atuar como orientador, que se mostra mais sensível às necessidades de aprendizagem do aluno. Conforme Almeida Filho (1993, p. 52), o professor “levanta as expectativas do grupo, codifica seus tópicos e temas, prepara o momento e formas de contato com a nova língua, e acima de tudo, mantém ou imprime um ritmo justo de busca de aprendizagem por parte dos alunos”.

Nesse caso, o erro não é considerado como o principal problema, principalmente nos casos de interferência com a língua materna, mas como componente do processo de aprendizagem, proporcionando ao aluno a capacidade de elaborar hipóteses sobre a língua (CORACINE; BERTOLDO, 2003).

A concepção de aprendizagem na AC também parte de uma perspectiva voltada para a ação, em que o sujeito usa a língua para agir no mundo e ocupar seu papel de ator social. O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECRL), sustenta sua política educativa de línguas nos princípios da abordagem comunicativa:

A abordagem aqui adoptada é, também de um modo muito geral, orientada para a acção, na medida em que considera antes de tudo o utilizador e o aprendente de uma língua como actores sociais, que têm que cumprir tarefas (que não estão apenas relacionadas com a língua) em circunstâncias e ambientes determinados, num domínio de actuação específico. Se os atos de fala se realizam nas actividades linguísticas, estas, por seu lado, inscrevem-se no interior de acções em contexto social, as quais lhes atribuem uma significação plena. Falamos de 'tarefas' na medida em que as acções são realizadas por um ou mais indivíduos que usam estrategicamente as suas competências específicas para atingir um determinado resultado. Assim, a abordagem orientada para a acção leva também em linha de conta os 30 recursos cognitivos, afectivos, volitivos e o conjunto das capacidades que o indivíduo possui e põe em prática como actor social. (QECRL, 2001, p. 29)

Esse processo de natureza interna e externa ao indivíduo também se fragmenta em um contexto dialógico e ideológico, já que, ao usar a língua, o falante também exprime sua ideologia. A língua deixa de ser um sistema vazio de sentido e transforma-se em interação e discurso, “ela traz consigo, à revelia do aprendiz, uma carga ideológica que o coloca em conflito permanente com a ideologia da língua materna, o que é explicitado pela maneira

diferente de configurar as cores, os objetos, os fatos, o sistema dos tempos verbais” (CORACINI, 2003, p. 153).

Nesse sentido, comunicação passa a ser um produto social resultante dos sentidos e experiências que o falante exterioriza por meio da língua. Conforme Venturi (2013), a inscrição do sujeito na enunciação se torna um fator a ser considerado, para que a construção da imagem que o falante faz de si no momento do uso da língua possa ser notada. A respeito dessa construção que o sujeito faz da língua, de si mesmo e do outro a autora faz a seguinte colocação, citando Serrani-Infante (1997):

Para Serrani-Infante, “a relação dialógica é uma relação em si, ao mesmo tempo em que é uma relação com os dizeres do outro e com seus próprios dizeres”. Também, segundo o autor, a troca feita de práticas de linguagem implica em um trabalho interpretativo e, ao mesmo tempo, de defesa e reconstrução da imagem de si. Focaliza-se aqui o funcionamento de fatores não cognitivos que a rigor situam-se antes do processo de uma LE. (VENTURI, 2013, p. 122)

Esse dialogismo assume um papel fundamental na comunicação, uma vez que constitui o uso da língua como algo dinâmico, de modo que o sujeito não se coloca apenas como passivo no processo de aquisição da língua, recebendo e produzindo informações, mas age sobre ele e o transforma (BAKHTIN, 1981). É dessa forma que a AC funciona, respeitando todos os aspectos (internos e externos da pessoa) que podem influenciar na comunicação em uma LE. Essa concepção de aprendizagem funciona a partir de um processo ativo, partindo do interior de cada indivíduo e se propaga pelo meio externo.

Segundo Leffa (1988), no trabalho de escolher os termos que se adequam às situações, as características intelectuais do falante, a relação entre os participantes e o contexto de comunicação definem a escolha do expoente linguístico. Isso corrobora com o pensamento de que as palavras não possuem um significado imediato, fixo, como registrado nos dicionários, mas podem adquirir diferentes valores a depender do contexto em que são usadas.

Dessa forma, a gramática passa a ter um papel comunicativo, ou seja, não há mais espaço para aulas descontextualizadas de gramática sem apresentar um contexto e um propósito comunicativo, mas seu uso ganha espaço apenas diante da necessidade que surge no momento do uso da língua. Nas palavras de Germain (1993, p. 203), “o conhecimento das regras e estruturas gramaticais e do vocabulário é uma condição necessária, mas não suficiente para comunicar”. Uma vez que o foco das aulas seriam os atos de fala e as funções comunicativas, a recorrência à estrutura era/é feita quando necessário, mas nunca é colocado como principal objetivo da aula.

O vocabulário é aprendido de forma natural, por meio da exposição à língua, assim como ocorre na aprendizagem de língua materna. Tal perspectiva é compreensível e coerente com o que os princípios da AC, já que o objetivo é a comunicação em si, e não explicitação de regras. Entretanto, conforme Scherer (2002), essa abordagem incidental e global da aprendizagem subordina o vocabulário apenas às funções comunicativas, desconsiderando a aquisição lexical direcionada, estrutura gramatical e a instrução explícita que também faz parte do processo de aprendizagem. Isso porque, segundo o autor, nem sempre apenas a instrução implícita é suficiente para uma compreensão mais profunda.

Várias pesquisas mostraram que apenas a exposição intensiva ao léxico de uma língua não é suficiente para a compreensão de certos aspectos do vocabulário e a aquisição de um vocabulário ativo e que há um ganho considerável quando combinadas aprendizagem implícita e instrução explícita (SCHERER, 2002, p. 15)

O ideal é que haja uma combinação de ensino implícito e explícito do léxico, pois se o aluno apenas se detém em compreender os significados de uma palavra apenas pelo contexto, não conhecerá a forma, pois o foco está apenas no sentido comunicativo. As chances de o falante lembrar de uma palavra incidentalmente exposta novamente em um contexto diferente são menores. Segundo Huckin e Coady (1999, p. 183), embora alguns autores afirmem que a aquisição vocabular se dá pela atenção dada ao sentido, “muitos teóricos hoje argumentam que o aprendizado de vocabulário requer tanto atenção no sentido como na forma”. Scaramucci (1995, p. 60), ao discutir sobre os seguidores da abordagem indireta de vocabulário, os quais afirmam ser possível aprender muitas palavras, mesmo sem dedicar atenção direta, aponta que para que a aprendizagem no modo incidental ocorra, é preciso que algumas condições sejam atendidas:

[...]a quantidade de palavras desconhecidas deve ser baixa, o aprendiz precisa ter interesse no assunto. Este, por sua vez, precisa conter alguns itens que estão apenas levemente acima do nível atual de rendimento do aprendiz que, por sua vez, devem ser entendidos através do contexto em que ocorrem, incluindo o contexto lingüístico e não lingüístico.

A autora explica que as duas abordagens podem e devem ser consideradas, pois são modelos que se complementam, de modo que o propósito determina. Além disso, fatores como o nível de proficiência do falante também devem ser considerados, já que, nos níveis iniciais, o ensino direto pode ser mais eficiente, pois é quase impossível para o falante realizar inferências sem o mínimo de conhecimento lingüístico. Já nos níveis mais avançados, o enfoque ensino indireto, ou seja, por meio de inferências a partir do contexto, pode se apresentar mais significativo e eficiente (SCARAMUCCI, 1995). Por outro lado, o propósito da aula é um fator preponderante em relação ao nível de proficiência, já que em todos os níveis haverá situações

que requerem uma abordagem mais direta ou indireta da língua. Além disso, um ensino mais direto não implica um ensino descontextualizado, como listas de palavras isoladas, pois o contexto estará presente em ambos os tipos de abordagem. A respeito disso, Finger-Kratochvil (2010, p. 63) afirma que:

Embora a instrução explícita (ou direta) de vocabulário não deixe de ter sua valia e não deva ser excluída do trabalho de sala de aula – especialmente, para domínios de conteúdo específico – sua maior contribuição e ênfase devem estar no desenvolvimento do conhecimento procedimental (saber como) e condicional (saber quando e por quê) do que no declarativo (saber o quê).

As pesquisas sobre o assunto ainda não são suficientes para oferecer um veredito, porém é fato que a instrução vocabular incidental e contextualizada é mais efetiva do que uma instrução sistemática e descontextualizada, por outro lado,

o processo pelo qual a aquisição incidental ocorre é, entretanto, demorado, e não há maneiras de prever quais palavras serão aprendidas, e em que grau de aprendizado. A questão que permanece é se a intervenção instrucional pode auxiliar no processo e torná-lo mais direto e eficiente. (PARIBAKHT; WESCHE, 1997, p. 175)

Por essa razão, os principais estudos que ressaltam a importância dos estudos lexicais, como os estudos que deram início a outra perspectiva de aquisição de L2, que foi a abordagem lexical (LEWIS, 1993), apontam a importância de se combinar a instrução incidental com a instrução explícita, dando espaço para o vocabulário tanto na leitura de textos como nas atividades desenvolvidas a partir destes. Os estudos da abordagem lexical amparam-se nos princípios da AC, porém, enfatizando e dando espaço aos aspectos lexicais (LEWIS, 1993).

Dessa forma, visando a uma abordagem mais completa e profunda do léxico por falantes de português como língua estrangeira, a proposta aqui apresentada busca analisar o domínio lexical seguindo uma instrução implícita e explícita do léxico, as quais podem ser usadas conforme a necessidade comunicativa. Isso implica dizer que ensinar a partir de uma abordagem comunicativa não significa que o professor não pode em hipótese alguma apresentar uma explicação puramente gramatical para o aluno, mas que esta pode ser usada quando cabível, como ferramenta para justificar determinados usos da língua. Da mesma forma, o espaço do léxico deve ser encorajado nas aulas de línguas estrangeiras para garantir uma abordagem mais ampla e completa da língua, pois trabalhar a interpretação de um texto, por exemplo, sem atentar às possibilidades significativas das palavras para a construção de sentidos no texto é explorar a língua de forma incompleta.

Nesse sentido, entendemos que a visão de língua e de domínio lexical ultrapassa os aspectos estruturais da língua, mas sem se limitar ao aspecto estrutural ou ao aspecto comunicativo (quando este foca apenas na aprendizagem intuitiva e incidental da língua), mas

ambos trabalhados em conjunto a partir do objeto base, que é a situação de interação, seja na oralidade ou na escrita. Dessa forma, ao apostar numa abordagem interacional, cujo foco é a compreensão (ler, ouvir) e produção (escrever, falar), é necessário o conhecimento da estrutura organizacional da língua, como também a aquisição vocabular. No entanto, não basta memorizar vocabulário, e sim ter uma compreensão do comportamento lexical da língua, como as relações lexicais de aproximação, de oposição, de ambiguidade etc, atreladas ao contexto de interação. Sem isso, não há compreensão e nem autonomia na escolha lexical no momento da produção.

Por essa razão, promovemos o presente estudo para investigar as relações lexicais na construção de sentidos do texto e o que se espera do falante estrangeiro a partir de tais ocorrências, amparados na abordagem interacionista da língua, intercambiando o caráter orgânico e polissêmico da língua aos recursos de uso previstos em sua estrutura composicional. A respeito dos métodos discutidos neste capítulo, resta-nos dizer que o papel de professor vai além da aplicação de técnicas e modelos de planejamento.

É preciso ter sensibilidade às particularidades de aprendizagem de cada aluno, pois as características pessoais de cada indivíduo sempre irão interferir na forma como este aprende. Assim, o papel do professor é conhecer e explorar as melhores estratégias de ensino, combinando umas com as outras e adequando-as às especificidades e necessidades do aluno, para atingir o objetivo maior, que é o aprendizado.

No capítulo seguinte, aprofundaremos nossos estudos evocando a semântica lexical e sua aplicabilidade ao ensino de PLE

3 SEMÂNTICA E LÉXICO

Neste capítulo, abordaremos os conceitos de Semântica e Léxico, buscando apresentar os estudos basilares desta pesquisa. Nosso objetivo não é tratar dos diversos estudos semânticos e lexicais que envolvem a língua, mas apresentar o objeto de estudo da semântica, a definição de léxico e sua importância no ensino e aprendizagem de PLE. Embora direcionemos nossa atenção à definição de semântica, semântica lexical e léxico, compreendemos o quão difícil é traçar uma direção homogênea para os estudos a que essas áreas se dedicam. O objetivo com essas discussões é justamente mostrar que os próprios estudos que lidam com o significado são complexos de serem definidos, já que abarcam uma série de outros fatores complexos da língua. Do mesmo modo, lidar com os estudos do significado em sala de aula ou em estudos teóricos não é uma tarefa tão simples e homogênea. Entender esses aspectos na abordagem do léxico é explorar a língua em sua organicidade.

Inicialmente, tratamos das relações entre significado e sentido, bem como as controvérsias em torno desses estudos, a relevância das propriedades pragmáticas e de outras áreas da linguística nos estudos semânticos, já que estes não devem ser analisados apenas do ponto de vista do significado das palavras. Em seguida, discutimos as várias definições de léxico e a importância de um domínio vocabular e lexical atrelados às estratégias comunicativas individuais do falante no processo de aprendizagem e aquisição do PLE. Por último, enfatizaremos as relações lexicais, nossa base de análise, explicando os fenômenos de sinonímia, antonímia, hiperonímia, hiponímia e ambiguidade, relacionando-os com os estudos de PLE.

3.1 Semântica e concepções de significado

O sentido e o significado das palavras e as relações entre elas sempre foram uma preocupação do homem nos estudos da linguagem, estabelecendo-se oficialmente no decorrer da história como um campo de estudo da linguística denominado de semântica. Embora o interesse dos estudiosos nesse campo exista desde os primeiros tempos, segundo Lyons (1979, p. 425), “o termo *semântica* é de origem relativamente recente: foi criado no século XIX, a partir de um verbo grego que quer dizer “significar”. Assim, o termo *semântica* pode ser definindo, em termos mais gerais, como “o estudo do significado”.

Quanto à abrangência desse estudo e sua importância em outras áreas do conhecimento, o mesmo autor afirma que é um campo um tanto intrigante para muitos estudiosos desde os primórdios, seja pela dificuldade em se estabelecer um estudo objetivo e rigoroso, como acontece com a Gramática e a Fonologia, seja por sua grande contribuição em áreas que lidam

diretamente com o significado, como a Filosofia, a Lógica, a Psicologia, a Antropologia e a Sociologia, como detalha no seguinte trecho:

Os filósofos, especialmente, sempre se interessaram pelo significado, uma vez que ele está necessariamente envolvido em questões filosóficas vitais e notoriamente controvertidas, tais como a natureza da verdade, o *status* de conceitos universais, o problema do conhecimento e a análise da “realidade” (LYONS, 1979, p. 426)

As controvérsias em torno da relação entre realidade e significado marcam o debate sobre as relações entre linguagem e mundo estabelecido na Grécia antiga. Os filósofos tentavam compreender se o significado dado às coisas no mundo era arbitrário ou motivado naturalmente. Assim, tais especulações levaram à divisão dos estudiosos gregos da antiguidade em *convencionalistas* e *naturalistas*. Os primeiros defendiam que a língua era concebida de forma convencional, ou seja, fruto do “costume e da “tradição”, enquanto os naturalistas defendiam que o significado das coisas estava, de fato, relacionado “por natureza às coisas que elas significavam” (COSTA, 2008, p. 117).

As discussões vão mais adiante ao se questionar se o significado seria um “conceito” ou uma “ideia”, ao que Lyons (1979) acrescenta questionamentos sobre se faz ou não sentido afirmar que é possível alguém usar uma palavra com um significado diferente do verdadeiro, ou ainda, se é possível estabelecer o significado de uma palavra como “verdadeiro” ou “correto”. Ferrarezi (2019, p. 61), ao citar o filósofo Ernst Tugendhat, responde a essa problemática da seguinte forma:

Não existe uma coisa tal como o significado correto de uma palavra. É claro que quando se fala sobre “filosofia” se quer dizer o que corresponde à concepção preliminar comum. Não há nada sagrado nisso, no entanto, e cada um está livre para introduzir um outro significado, se for capaz de distingui-lo claramente do significado usual. É realmente absurdo polemizar sobre o significado correto de uma palavra.

Concordamos que definir o significado “correto” das palavras é uma tarefa difícil, tendo em vista a variedade de contextos em que podem ser aplicadas e a abertura que temos, como falantes, de introduzir novos significados às palavras a todo momento. Entretanto, uma alternativa para amenizar essa falta de consenso seria pensarmos no conceito de significado dentro de cada vertente dos estudos semânticos (FERRAREZI, 2019). Uma vez que nossa análise se debruça sobre o significado e o sentido, cabe-nos discorrer brevemente sobre esses conceitos e explicitar as vertentes que distinguem tais termos e as que os tratam como uma relação sinonímica. Ferrarezi (2019) apresenta a visão de significado a partir das quatro principais acepções atuais: referencialista, estruturalista, cognitivista e culturalista.

Segundo o autor, na visão dos referencialistas, o significado é o próprio referente, ou seja, é o objeto em si. Assim, o significado de *casa* seria a própria casa, e o significado de *alegria*, seria o próprio estado de estar alegre. Entretanto, essa ideia tem sido rejeitada desde o *Curso de linguística Geral*, que defendia o contrário, ou seja, o significado de uma palavra não está necessariamente relacionado ao que ela representa. Nesse sentido, o que se entende por objeto seria, na verdade, uma representação mental (ou “imagem mental”) que criamos desse

objeto. Assim, após apresentar ideias que reprovam a posição referencialista, o estruturalismo ganhou força no papel de conceituar o significado.

Para os estruturalistas, o significado faz parte da estrutura linguística e funciona a partir de uma relação de oposição. Uma vez que no estruturalismo tudo é sistema e estrutura, o estudo do significado nessa vertente não seria diferente. Assim, têm-se o significado como parte de um *sistema de significados*, marcado pela ausência ou presença de elementos semióticos em uma unidade linguística. Segundo Ferrarezi (2019, p. 51), os estruturalistas defendem que há “significados nucleares e intrínsecos a uma forma linguística, os *significados denotativos* ou *literais*, e significados derivados e de aceção mais subjetiva, mais sujeito-dependentes, construídos por diversos meios linguísticos, os *significados conotativos* ou *figurativos*”.

Para o autor, essa forma de se enxergar o significado é muito semelhante ao que encontramos em dicionários e listas de palavras e favorecem o processo de referenciação, ou seja, relacionar uma forma linguística a um objeto do mundo extralinguístico. Esse conceito é explorado até os dias atuais, sendo muito comum distinguirmos o significado das palavras em *literal* e *figurado*, seja nos contextos de pesquisa, de sala de aula ou até mesmo em materiais didáticos. Porém, uma vez que enfatiza a estrutura, sem relacionar determinados aspectos extralinguísticos, a visão estruturalista abre portas para uma vertente que vê a construção de significado como um processo mental, que é a vertente cognitivista.

Na visão cognitivista, a construção de significado não se limita à estrutura, mas parte de experiências vividas e experiências sensoriais que são processadas pelo cérebro. A respeito disso, Ferrarezi (2019) aponta que, a partir dos estudos de Lacoff e Johnson (1980), fica evidente que boa parte da nossa linguagem não é literal, mas figurativa e metafórica. Essa perspectiva serve como ponto de partida para várias teorias dentro da visão cognitivista, dentre elas a semântica de *frames*, a qual defende que o significado das palavras é construído a partir das experiências e intuições humanas, considerando fatores contextuais e culturais para definir determinada estrutura.

Nas palavras de Moreira e Salomão (2012, p. 491), *frames* são “estruturas conceituais estabelecidas na memória permanente, frutos de nossa interação com o mundo e da consolidação de nossa experiência diária”. A respeito dessa teoria cognitivista, Ferrarezi (2019, p. 52) elenca os preceitos fundamentais que regulam o sistema linguística na visão dos cognitivistas:

As palavras não devem ser entendidas como elementos isolados, mas como frames, construções que interligam aspectos como cultura, conhecimento de mundo, vivências, percepções, comportamentos sociais, estatutos sociais convencionados, etc. [...] Ao invés de acreditar que os significados são inerentes às línguas e formam conjuntos no melhor estilo dicionarístico, como fazem os estruturalistas, a visão de significado dos cognitivistas aponta para um formato enciclopédico (cada significado corresponderia a um conjunto de conceitos cognitivamente construídos e bastante complexos, “explicativos” do mundo e formados a partir da própria corporeidade, das relações sensoriais da pessoa com o mundo e das possíveis analogias que delas decorrem.

Essa visão de significado a partir de fatores internos e externos ao indivíduo dá força a uma vertente semântica que enfatiza os aspectos culturais para explicar a construção do significado, ou seja, os sentidos são construídos a partir de fatores histórico-culturais próprios de cada indivíduo, ao mesmo tempo que conta com os comportamentos sensoriais e mentais. Ferrarezi (2019, p.54) afirma que, para a perspectiva cultural do significado, “nossa experiência no ambiente cultural permite construir significados que ficam armazenados em nossa mente. É com esses significados que pensamos e, a partir deles, criamos os conceitos que intermedeiam nossa relação com o mundo”. Ou seja, considera-se que o valor dos signos linguísticos ativados cognitivamente é resultado do uso que se faz destes dentro de um contexto cultural, é o chamado “valor de uso”.

A perspectiva culturalista faz parte das linhas teóricas que se ocupam em distinguir “significado” e “sentido”. Concordamos que tratar “significado” e “sentido” como sinônimos não se configura um problema em si, já que há correntes teóricas que não fazem essa distinção, como os gerativistas (FERRAREZI, 2019). No dicionário Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, encontramos a seguinte definição:

- i) **sen.ti.do** 1. acepção. 2. Significação” (Dicionário Caldas Aulete) 3. Linguística Valor, sentido ou conteúdo semântico de um signo linguístico. 4. Significado de uma palavra ou frase dependendo do contexto onde se insere.
- ii) **sig.ni.fi.ca.do** adj (part de significar) 1 Que se exprimiu, que se manifestou. 2 Notificado, declarado. sm 1 Significação, sentido, acepção. 2 Sentido de qualquer símbolo, frase ou palavra mais ou menos obscura; interpretação. 3 Valor, importância, alcance: Acabou compreendendo o significado de minha atitude.”

Mesmo nos dicionários é possível identificar essa relação sinonímia entre os termos, de modo que sentido está ligado à significação, que está ligado a significado/sentido. Dentre as correntes que se preocupam em distinguir esses termos é comum encontrar as que, de modo genérico, definem que “significado” geralmente é usado para se referir genericamente ao significado/sentido e uma palavra, e “sentido” geralmente para situações em que o significado é mais carregado de informações extralinguísticas e contextuais.

Por outro lado, essa distinção não é consensual e pode mudar conforme a corrente teórica. A respeito disso, Ferrarezi (2019, p. 56) explicita que “o que consideramos como sendo *significado* e *sentido* dependerá da vertente de estudos semânticos que escolhermos, de como essa vertente os concebe, de como faz deles seus objetos de estudo e da metodologia que desenvolveu para os estudos”. Na análise desta pesquisa, trataremos de ambos os termos “significado” e “sentido”, porém explicitando: a) quando uso de “sentido” remete à significação

inserida em um contexto e b) quando “significado” é tratado de forma mais genérica para descrever uma palavra a partir da atribuição dos dicionários.

Assim como ocorre em outros campos de estudo da linguística, na semântica, há vários subcampos, os quais se preocupam em estudar o significado sob diferentes perspectivas. Segundo Abrahão (2018, p. 9), isso ocorre devido às “idiossincrasias associadas a uma percepção do significado, de perspectivas teóricas distintas e da origem das abordagens”. O estudo aqui proposto restringe-se aos estudos semânticos que se relacionam com o léxico, já que possibilita uma análise mais profunda nos estudos de aquisição e domínio lexical de uma língua estrangeira. Além disso, concordamos que as informações contextuais e situacionais em que as palavras são usadas podem definir o sentido utilizado em determinada situação a partir dos inúmeros significados possíveis dentro do sistema linguístico.

Um fator importante que precisa ser considerado quando se trata de semântica lexical é a sua relação com as propriedades pragmáticas, uma vez que a semântica não lida apenas com a interpretação de um sistema abstrato, mas também com a interação com outros sistemas, os quais se integram no processo de comunicação e expressão do pensamento dos falantes. (CANÇADO, 2008). Além disso, os estudos do significado também interagem com outros processos cognitivos e extralinguísticos, de modo que ambos atuam em conjunto para definir o significado, em outras palavras, o sistema semântico nem sempre atua sozinho para definir os significados, mas é frequentemente influenciado por outros fatores para que haja uma compreensão efetiva, o que define a semântica da língua como “o conjunto de fatores variados e complexos que garantem a sua significação” (ABRAHÃO, 2018, p. 22).

Sobre a importância dos estudos semântico-lexicais, Gomes (2003, p. 25) afirma que “uma semântica linguística deve abranger o estudo do léxico e os estudos das estruturas gramaticais (morfologia e sintaxe)”. Por outro lado, os estudos semânticos não devem se limitar à morfologia e a sintaxe, mas “conversar” com outras áreas da linguística. Essa é a direção que os estudos mais recentes estão tomando, como por exemplo a associação com a Linguística textual, “para trazer uma nova maneira de tratar a expressão e a compreensão tanto na modalidade oral quanto escrita” (SOARES, 2002, p. 172). Nos estudos em PLE, Richards (1976) afirma que aprender uma palavra não é apenas aprender o seu significado formal, mas dominar uma série de conhecimentos para usar uma L2 tal como um nativo.

Assim como as outras áreas da semântica, a semântica lexical não se apresenta apenas sob uma perspectiva de estudo, pois, como afirma Cançado (2013, p. 126, 127), “há vários tipos de fenômenos e abordagens que são estudados [sendo possível] afirmar que são muitas as

semânticas lexicais”. Entretanto, de forma abrangente, pode-se dizer que a semântica lexical estuda “o significado das palavras e sua relação com outros níveis linguísticos – outras palavras e sentenças” (WACHOWICZ, 2013, p. 153). Tal afirmação provém da semântica lexical clássica, que trata de fenômenos como a sinonímia, a antonímia, a hiperonímia e hiponímia.

A visão atual da semântica lexical também “explora as relações entre informações lexicais e estrutura sintática” (WACHOWICZ, 2013, p. 153), o que nos leva às restrições gramaticais impostas pelo léxico, que são de ordem temática e de ordem cognitiva. Nesse sentido, chega-se à conclusão colocada por Cançado (2013, p. 128) de que o que há de comum entre os diversos estudos semânticos é o fato de terem “como principal objeto a relação entre a língua e sua representação mental”. Esse conceito se insere em outra forma de se enxergar o léxico, que parte da compreensão/conhecimento que os falantes possuem de sua própria língua ou de uma língua estrangeira.

A seção seguinte discute a importância dos estudos lexicais no desenvolvimento da competência comunicativa de um falante de língua estrangeira, mais especificamente o PLE. Também serão abordadas as relações semântico-lexicais que precisam ser consideradas durante a construção do conhecimento lexical, já que o domínio de um repertório linguístico amplo e das variações lexicais possíveis podem contribuir com o desenvolvimento da competência comunicativa do falante.

3.2 Estudos lexicais em LE

A atenção dada ao léxico nas aulas de LE, embora recente, tem contribuído com um ensino de mais significado de LE, o qual fortalece a importância do léxico no aprendizado de idiomas. O foco anteriormente dado à morfologia e à sintaxe é direcionado para o léxico, que mantém uma relação com esses outros aspectos. Isso porque, genericamente falando, é mais fácil compreender uma língua apenas por meio das palavras do que pelas regras sintáticas e morfológicas por exemplo. Leffa (2000, p. 17) explica esse papel de destaque do léxico ao afirmar que:

Se alguém, ao estudar uma língua estrangeira, fosse obrigado a optar entre o léxico e a sintaxe, certamente escolheria o léxico: compreenderia mais um texto identificado seu vocabulário do que conhecendo sua sintaxe. Da mesma maneira, se alguém tiver de escolher entre uma gramática e um dicionário, certamente escolherá o dicionário. Língua não é só léxico, mas o léxico é o elemento que melhor a caracteriza e a distingue das outras.

Cossoante a isso, para Clark (1995, p. 393):

As palavras são indispensáveis. Sem as palavras, os falantes estão de língua presa. Sem elas, eles não podem exemplificar os padrões sintáticos, a estrutura morfológica, ou mesmo os padrões sonoros de sua língua. As palavras, em resumo, oferecem os meios linguísticos primários para veicular o significado.

Embora seja, de fato, um aspecto essencial para distinguir e identificar as línguas, essa soberania em relação aos outros aspectos da língua não ocorre de forma tão absoluta no momento do uso e da construção de sentidos, pois mesmo compreendendo o significado de uma lista de palavras, é necessária a presença de outros fatores para que o sentido seja estabelecido. Se considerarmos uma lista de palavras organizada em determinada ordem, como no conto “Circuito fechado” (Ricardo Ramos), por exemplo, seremos capazes de construir sentidos.

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço. Relógio, maço de cigarros, caixa de fósforos, jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapos. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, blocos de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo [...] (RICARDO RAMOS)

Nesse caso, as palavras chegam ao texto com um significado “X” (Ou vários significados, ou uma carga semântica “X”), mas conta com outros recursos, como os de natureza sintática, textual e discursiva, ou seja, a forma em que foi organizada contribuiu com o direcionamento de sentido e progressão textual. Isso explica a importância das informações linguísticas e extralinguísticas na construção de sentido das palavras.

Nesse sentido, o léxico se constitui não como um conjunto de palavras vazio e descontextualizado de uma língua, mas sim como um conjunto rico e dinâmico, do qual o falante faz uso em seus propósitos comunicativos, como aponta Henriques (2018, p. 13):

LÉXICO é o conjunto das palavras de uma língua, também chamadas de LEXIAS. As LEXIAS são unidades de características complexas cuja organização enunciativa é interdependente, ou seja, a sua textualização no tempo e no espaço obedece a certas combinações. Embora possa parecer um conjunto finito, o léxico de cada uma das línguas é tão rico e dinâmico que mesmo o melhor dos lexicólogos não seria capaz de enumerá-lo. Isto ocorre porque dele faz parte a totalidade das palavras, desde as preposições, conjunções ou interjeições, até os neologismos, regionalismos, passando pelas terminologias, pelas gírias, expressões idiomáticas e palavras.

O autor destaca a riqueza do “depósito” lexical de cada língua, o que impossibilita tanto aos falantes como aos estudiosos quantificá-lo, mas para Jackendoff (2013, p. 138), o léxico vai além de um depósito de palavras, o qual o falante consulta sempre que necessário, pois “há outras coisas significantes que o falante armazena além de palavras, especialmente as expressões idiomáticas”. Consoante a isso, Trask (2011, p. 155) afirma que o léxico é “um conjunto de recursos lexicais, que incluem morfemas da língua e mais processos disponíveis na língua para construir palavras com esses recursos”. Além disso, o léxico não se configura como uma lista de palavras a serviço de relações correspondentes com a verdade, mas representa o “nível de realização linguística mais instável, irregular e até certo ponto incontrolável”

(MARCUSCHI, 2004, p. 270).

Dessa forma, o léxico sob essas duas perspectivas leva-nos à compreensão de que é preciso mais do que conhecimento de uma lista de palavras, mas compreender o papel deste no domínio da linguagem. Como afirma Marcuschi (2004, p. 270), é preciso entender “qual a nossa forma de operar com o léxico para produzir sentido”. Assim, a semântica lexical é responsável por trabalhar com o léxico mental, ou seja, os significados lexicais e gramaticais da língua e, ao mesmo tempo, com o léxico dinâmico, operações realizadas durante a compreensão e produção de sentidos da língua, o que estabelece mais dinamicidade e operacionalidade no léxico.

Conforme Vilela (1994), alguns autores costumam distinguir léxico e vocabulário, sendo o léxico conjunto das palavras de uma língua, ou o conhecimento linguístico interiorizado pelos falantes de uma língua, enquanto o segundo constitui-se como “uma parte do léxico, que representa uma determinada área de conhecimento (LEFFA, 2000, p. 22). Consoante a isso, Castilho (2010, p. 110) afirma que o léxico é um “inventário pré-verbal”, enquanto o vocabulário é um “inventário pós-verbal”, “um conjunto de produtos concretos, ou seja, a palavra”. Nesse sentido, enfatiza-se que o léxico possui um conceito mais amplo em relação ao vocabulário, de modo que “podemos, ao tratarmos as relações lexicais, prever usos e possibilidades de criação, mesmo que uma determinada forma não se encontre ainda lexicalizada” (ESCARPINETE; FERRAZ, 2015, p. 80).

Nos estudos em PLE, há uma tendência para considerar o léxico como uma lista de palavras às quais são acrescentadas outras palavras aprendidas, ou seja, há um foco maior na quantidade de palavras aprendidas, em detrimento de outros aspectos importantes que configuram e influenciam o domínio lexical do aprendiz. No entanto, linhas de investigações atuais que consideram a construção da gramática interna do falante como determinante no processo de aquisição de uma L2 têm se preocupado em investigar, por exemplo, quais fatores podem afetar a aquisição de uma palavra, ou seja, quais fatores tornam mais fácil ou mais difícil a tarefa de se estabelecer conexões corretas ou incorretas dentro do sistema. LEIRIA (2001, p. 16) afirma que nesses estudos:

São investigados certos factores de natureza mais formal, como a pronunciabilidade, a ortografia, a extensão, a morfologia, a semelhança com outro ou outros itens lexicais; ou de natureza semântica: o facto de serem concretas ou abstractas, o grau de especificidade, restrições de registo e idiomaticidade.

Segundo o mesmo autor, os estudos mais relevantes estabelecem relações entre o “nível geral de conhecimento da língua, dimensão do léxico e tipos de conhecimento disponíveis para cada palavra” (LEIRIA, 2001, p. 16), ou seja, relacionam os aspectos vocabulares com a

profundidade do léxico, de modo que quantidade e qualidade estão inter-relacionadas na tarefa individual que o falante possui de estabelecer sentido. Por esse motivo, os métodos voltados para o ensino vocabular precisam reunir elementos que trabalhem esses dois aspectos.

Os fatores apresentados por Leiria (2001) são analisados por Leffa (2000) a partir de uma divisão de fatores externos e internos no ensino de vocabulário, em que o primeiro enfatiza o *input*, ou seja, o foco é dado aos materiais que são apresentados e oferecidos ao aluno, e o segundo enfatiza a postura que o aluno deve ter diante do material apresentado, ou seja, quais os passos que ele precisa dar para adquirir e aumentar seu vocabulário. Nesse último ponto, destacam-se, entre outros aspectos, o nível de processamento e o estilo de aprendizagem de cada aluno, o que se relaciona com o que foi discutido na seção 2.1.5.

Há, ainda, outros componentes que compõem a competência lexical, conforme defendido por Trévile e Duquette (1996, p. 98) são cinco componentes:

- I. *componente lingüístico* (relativo à palavra e à frase) – constituído pelo conhecimento das formas oral e escrita dos itens lexicais, de sua estrutura, de seus diversos sentidos, de suas relações morfossintáticas e de seus contextos privilegiados;
- II. *componente discursivo* – constituído pelo conhecimento da combinação das palavras com as séries lexicais que apresentam relações lógico-semânticas entre si (regras de coesão, coerência, coocorrência);
- III. *componente referencial* – conhecimento relativo às experiências pessoais, aos objetos do mundo e suas relações e que permite prever, no discurso, as seqüências lexicais correspondentes a estereótipos de comportamentos sociais;
- IV. *componente sócio-cultural* – constituído pelo conhecimento do valor das palavras de acordo com os registros lingüísticos, de seus significados culturais e de seu emprego de acordo com as situações de comunicação; e
- V. *componente estratégico* – capacidade de manusear as palavras em suas redes associativas com o objetivo de esclarecer, resolver um problema de comunicação e capacidade de superar o desconhecimento de palavras por procedimentos de inferência a partir de pistas contextuais (compreensão) ou de formulações aproximadas, paráfrases e definições (produção)

Assim, podemos afirmar que a competência lexical auxilia na compreensão e produção de texto do falante, tornando-o capaz de compreender e produzir os recursos comunicativos usados para atingir determinado objetivo. Desse modo, tendo justificado que o léxico não é apenas uma lista de palavras de uma língua e que seu domínio envolve vários fatores externos e internos à língua, reiteramos a respeito da riqueza desse componente lingüístico, já que carrega em si informações fonológicas, morfológicas, semânticas e sintáticas das palavras de uma língua, as quais são projetadas e armazenadas pelos seus falantes.

Além disso, os aspectos extralingüísticos que são incorporados ao discurso do falante também se dão pelos signos lingüísticos, que carregam em si um significado para designar as

coisas no mundo, o que, segundo Biderman (1996, p. 27), coloca o léxico como “o lugar de estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana”.

Assim como outras áreas da linguística, o léxico pode ser estudado a partir de várias perspectivas, porém, não objetivamos aqui discutir sobre tais aspectos, mas ressaltar a importância do léxico na língua, seja ela materna ou estrangeira, considerando, conforme Leffa (2000, p. 19), “que este é um elemento decisivo na identificação de uma língua”.

No caso do ensino de uma língua estrangeira, destaca-se a importância de se trabalhar a aquisição vocabular e lexical, oferecendo os *inputs* adequados e necessários para desenvolver o conhecimento lexical do aluno e, conseqüentemente, sua competência comunicativa na língua estrangeira. Por conhecimento lexical, Read (1987) explica que envolve os seguintes aspectos: a) Pronúncia da palavra; b) Explicação do significado; c) Identificação da área de estudo; d) Colocações e associações; e) Conhecimento de outras formas da palavra. Já Richards (1976) apresenta as seguintes colocações sobre o que seria uma competência lexical:

- i. O falante nativo de uma língua continua expandindo seu vocabulário da idade adulta, embora haja, comparativamente, pouco desenvolvimento da sintaxe;
- ii. Conhecer uma palavra significa saber o grau de probabilidade de encontrá-la na fala ou na escrita. Para muitas palavras nós também “sabemos” os tipos de palavras mais prováveis de se associarem a ela;
- iii. Conhecer uma palavra implica conhecer as limitações impostas ao seu uso de acordo com as variações da função e de situação;
- iv. Conhecer uma palavra significa conhecer o comportamento sintático associado àquela palavra;
- v. Conhecer uma palavra pressupõe conhecimento de sua forma subjacente e das derivações que podem ser feitas a partir dela;
- vi. Conhecer uma palavra pressupõe conhecimento de uma rede de associações entre essa palavra e outras na língua;
- vii. Conhecer uma palavra significa conhecer o seu valor semântico;
- viii. Conhecer uma palavra significa conhecer muitos dos diferentes significados associados a ela.

Entender a competência lexical com base nos aspectos citados acima significa “abraçar” a ideia de amplitude vocabular, que não se limita nem se finda, mas está em constante expansão. Ao trabalhar esses aspectos em sala de aula, é importante que o professor apresente os *inputs* de modo significativo e eficaz. Nas atividades de leitura e escrita, por exemplo, a ênfase deve ser dada desde a preparação do texto, auxiliando o aluno tanto a se familiarizar com a distribuição das palavras no texto, como a desenvolver estratégias para se apropriar da língua alvo. Tais estratégias vão desde a identificação dos diferentes significados de uma palavra à adequação desta dentro de um contexto, tarefa extremamente difícil, do ponto de vista de um falante estrangeiro, já que determinar o significado de uma palavra implica reconhecer o seu caráter polissêmico, reconhecendo que:

Não há provavelmente nenhum autor que acredite na identificação de significado que uma palavra tem no dicionário com o significado que ela adquire quando está na companhia de outras palavras no texto. Há sempre uma diferença muito grande entre uma situação e outra, acarretando um desprestígio da palavra como entidade independente, quando é vista e analisada à parte das outras. A palavra não pode andar sozinha; como já dizia Vygotsky (1934, 1998), ela só adquire significado no contexto em que é usada. (LEFFA, 2000, p. 23)

Por outro lado, conforme o mesmo autor, o peso de cada palavra de forma individual também não pode ser desprestigiado, já que, de certa forma, ela é introduzida em um determinado contexto devido à carga de significado que pode trazer para o texto, uma carga retirada e acumulada de situações anteriores em que foi usada. Essa ênfase no contexto pode dar a entender que a palavra é uma “embalagem vazia, desprovida de conteúdo, que assume a forma do contexto em que se encontra, como um camaleão que se enche de vento e muda de cor” (LEFFA, 2000, p. 24). Ou seja, a palavra não entra vazia no texto, o que ocorre é uma interação entre palavra e texto, que parte de algumas regras fundamentais, e o papel do texto seria privilegiar um dos inúmeros traços semânticos de uma palavra, e não necessariamente atribuir-lhe um significado, pois o texto só trabalha com o que a palavra disponibiliza. Em outras palavras, o autor do texto não é livre para usar as palavras como quiser, de forma aleatória, mas seleciona, dentre os sentidos que a palavra pode oferecer, aqueles que mais se aproximam do sentido desejado no texto. A respeito disso, Leffa (2000, p. 24) afirma que:

O texto só pode exigir da palavra aquilo que ela estiver disposta a dar; como as palavras em geral são ricas de significado elas acabam se encaixando em vários lugares do texto. Não se trata, portanto, de pobreza, mas de riqueza. Conhecer essa riqueza das palavras faz parte do que significa conhecer uma língua.

É nesse sentido de conhecer a língua que o aluno de PLE precisa se envolver. Para tanto, é necessário que haja um conhecimento e domínio do léxico da língua, não apenas memorizar uma lista de palavras ou aprendê-las de forma descontextualizada. É necessário oferecer ao aluno estratégias para saber reconhecer os diferentes sentidos que uma palavra pode oferecer e adequá-los ao contexto selecionado, pois “é através do ensino pautado nas questões de cunho lexical que se estabelece uma autonomia dos aprendizes com relação ao manejo da língua alvo” (ESCARPINETE, 2013, p. 39).

Desse modo, a competência lexical se configura como um item essencial para a ampliação da competência comunicativa dos falantes, seja na compreensão, seja na produção de linguagem nos âmbitos orais e escritos. Os processos de aprimoramento dessas competências podem ocorrer de forma diferente em cada âmbito, mas é unânime entre os autores a ideia de que o vocabulário exerce grande influências nas tarefas de compreensão, sejam orais ou escritas, obedecendo às particularidades de cada modalidade. Isso porque, conforme Finger-

Kratochvil (2014, p. 144), “quanto mais ampla e profunda é a competência lexical do aprendiz, tanto melhor é sua compreensão do texto”. Entretanto, a maneira como a aprendizagem vocabular e lexical é vista por professores e alunos ainda deixa um tanto a desejar no quesito compreensão, conforme constatado nos resultados da pesquisa de Rodrigues (2007, p. 33), em que os professores

reconhecem a importância do vocabulário, mas dão ênfase maior ao ensino de gramática. Eles acreditam que, sem as estruturas gramaticais, os alunos não conseguirão se comunicar “corretamente”. Mesmo que trabalhem um pouco o vocabulário o fazem de modo rápido, para “não perder tempo”, já que têm vários exercícios gramaticais para serem discutidos. Embora acreditem que estejam utilizando estratégias diversas para ensinar vocabulário, o que se observou durante as aulas, foi uma supremacia da paráfrase e da tradução.

Daí a importância de não apenas reconhecer a importância do conhecimento lexical, mas aplicá-lo nas aulas de PLE, de modo a desenvolver a competência comunicativa do aluno, que amplia sua compreensão e produção nas modalidades oral e escrita.

As discussões levantadas nas próximas seções privilegiam a compreensão de textos escritos, já que o nosso objeto de estudo são os textos de apoio do exame Celpe-Bras. Assim, serão discutidas, na próxima seção, as relações lexicais de sinonímia e antonímia, hiperonímia e hiponímia, bem como as propriedades semânticas de ambiguidade, já que o domínio de tais conhecimentos é de extrema relevância, tanto no domínio da língua de modo geral, como no desempenho do candidato na realização do exame, que é a nossa proposta de análise.

3.2.1. Sinonímia e Antonímia

Conhecer e saber diferenciar as relações de sinonímia e antonímia faz parte do ensino e aprendizagem de uma língua, seja ela estrangeira ou materna, sendo uma tarefa aparentemente simples de ser dominada pelos falantes. Porém, ao debruçarmo-nos nas teorias que fundamentam tais propriedades da língua, o cenário é outro. Deparamo-nos com a dificuldade em definir os sinônimos e antônimos das palavras quando analisadas fora de um contexto enunciativo, uma vez que, na linguagem em uso, é comum que as palavras possuam variações de sentido, com cargas semânticas diferentes e especificidades de cada língua, que podem variar de acordo com a situação. Dessa forma, “raramente duas palavras encontram-se com o mesmo sentido (sinonímia) ou em oposição (antonímia) em todos os contextos” (ABRAHÃO, 2018, p. 124), ou seja, não há uma correspondência perfeita de sentidos semelhantes ou opostos. A respeito da correspondência perfeita de sinônimos, Lyons (1981) afirma que:

Geralmente se reconhece que uma sinonímia completa entre lexemas é relativamente rara nas línguas naturais e que a sinonímia absoluta, tal como foi aqui definida, é praticamente inexistente. Com efeito, a sinonímia absoluta está provavelmente restrita a um vocabulário altamente especializado que é puramente descritivo. (LYONS, 1981, p. 111 - 12)

O desafio se apresenta, portanto, na necessidade de incorporar essa forma de se entender os sentidos das palavras no contexto de sala de aula, principalmente no contexto de LE (foco desta pesquisa), já que, para um falante não nativo, atribuir sentidos às palavras utilizando o conhecimento linguístico, lexical e sócio-cultural é uma tarefa mais difícil do que seria para um nativo ou para o próprio aprendiz de uma segunda língua, quando no uso da sua língua materna. Assim, afirmar para um falante aprendiz de uma LE que determinada palavra pode ser facilmente substituída por outra semelhante sem alteração no sentido da frase é um tanto errôneo e resulta em uma aprendizagem deficiente da língua.

Apesar de, em algumas ocasiões, a troca de palavras não interferir tanto no sentido da frase, isso não é uma regra fixa para todas as situações. Até mesmo nos casos em que os sinônimos parecem ser perfeitos, é necessário analisar o contexto comunicativo em que a palavra está sendo usada. Conforme citado em 3.2 deste mesmo capítulo, analisa-se o peso que determinada palavra já carrega em si e tenta, dentre as significações disponíveis, escolher a que melhor se adequa ao sentido desejado no enunciado. Dessa forma, ao possibilitar diferentes tipos de substituições e respeitando o caráter polissêmico das palavras, estamos, de fato, usando a língua na sua forma orgânica e interativa. A respeito disso, Escarpinete (2013) afirma que podemos falar de graus de aproximação entre as palavras, em vez de correspondências perfeitas, estendendo-se das palavras às frases:

É importante destacar, também, que essa condição de graus de aproximação de sentido não se estabelece apenas entre palavras, mas, de igual modo, entre expressões, ou seja, estas também não possuem caráter de perfeição. Logo, não é possível pensar na sinonímia de palavras e de expressões fora do contexto de uso em que são empregadas (ESCARPINETE, 2013, p. 43)

Segundo Abrahão (2018), os sinônimos e antônimos só existem quando consideramos as palavras de forma isolada e no seu sentido denotativo. Nessa mesma linha, Vilela (1994) propõe que é possível que dois termos apresentem uma semelhança de sentido, quando do ponto de vista denotativo, porém apresentando valores conotativos diferentes, o que pode ser chamado de sinonímia relativa. Considerando que a linguagem em uso, por outro lado, apresenta-se com valores mais conotativos, Abrahão (2018) sugere pensarmos em palavras com “valor sinonímico”, em vez de “palavras sinônimas”. Do mesmo modo, os antônimos podem ser identificados nos textos como “palavras colocadas em oposição”.

Porém, a mesma autora ainda afirma que os pares sinônimos e antônimos são usados no cotidiano para se referir às palavras de “valor sinonímico” e palavras “colocadas em oposição”. Assim, podemos entender que não há uma relação absoluta de equivalência ou oposição de sentidos entre as palavras, mas é possível haver aproximações de sentido entre elas, algo que ocorre não necessariamente pelo significado individual de cada palavra, mas pelo valor que cada uma ocupa dentro de um texto, mediante as relações que estabelece com os outros termos enunciativos. Para ilustrar isso, vale trazermos alguns exemplos de palavras citados pelo autor, as quais possuem um valor sinonímico, mas não são intrinsecamente sinônimas, são elas: *mesmo* e *igual*; *eventual*, *potencial* e *possível* (ABRAHÃO, 2018, p. 125), inseridas nas seguintes frases:

- a) *“Tomei água no mesmo copo” e “Tomei água num copo igual a esse”.*
- b) *“João é um eventual candidato do partido”; “Paulo é um potencial candidato do partido”; “Hermes é o possível candidato do partido”.*

Os enunciados contendo tais palavras podem apresentar sentidos diversos, já que, embora elas pareçam semelhantes, possuem apenas uma aproximação nas significações em alguns contextos, enquanto se diferem bastante em outros. Ainda no campo dos sinônimos, podemos citar os pares *desejo* e *pedido* em:

- c) *Você tem direito a três desejos. Disse o gênio da lâmpada.*
- d) *Você tem direito a três pedidos. Disse o gênio da lâmpada.*
- e) *Joguei uma moeda no poço dos desejos.*
- f) *Joguei uma moeda no poço dos pedidos.*

Nas sentenças (c) e (d), percebe-se que os termos *pedido* e *desejo*, embora não sejam diretamente sinônimos, possuem um grau maior de aproximação de sentido no contexto da frase, de modo que fica a critério do falante, qual termo escolher.

Já em (e) e (f), o termo “poço dos pedidos” não é comumente usado pelos falantes para se referir ao local específico onde se jogam moedas para que o seu desejo seja realizado. Embora a significação do ato seja idêntico, jogar a moeda e fazer um pedido/desejo, o termo mais adequado para tal situação é “poço dos desejos”, já que é o modo como este é conhecido e usado pelos falantes. Dessa forma, tais palavras, embora não tenham uma equivalência direta de sentidos, ora podem se aproximar, ora podem se distanciar.

Esses graus de aproximação são definidos pelos falantes, de acordo com o peso que determinada palavra apresenta no enunciado e, ainda, de acordo com a carga cultural e social que esta carrega. Isso, porque, em termos de compreensão, por exemplo, “os leitores têm uma intuição para identificar o uso de sinônimos no contexto, [...] baseada em conhecimentos linguísticos, na experiência, na percepção e, no discurso, é ativada conforme o caso” (CAMBRUSSI; HOFFMANN, 2015, p. 45). Em outras palavras, é a partir do uso concreto da língua que conseguimos atribuir sentidos específicos às palavras, julgando quais palavras e expressões mantêm relações de sentido entre si.

Na antonímia, segue-se a mesma linha de raciocínio da sinonímia, porém no âmbito das relações de oposição, enfatizando-se a não existência de antônimos perfeitos e a necessidade de um contexto para se chegar a um sentido específico. Isso, porque a definição de que antônimos são palavras de sentidos opostos não é suficiente para conceituar essa relação, já que “os sentidos das palavras podem se opor de várias formas, ou mesmo, que existem palavras que nem têm um oposto verdadeiro” (CANÇADO, 2008, p. 45). Segundo a autora, não podemos, por exemplo, opor perfeitamente *quente* e *frio* ou *alto* e *baixo*, mas opomos *vender* e *comprar*, ou *morto* e *vivo*. Em outras palavras, não conseguimos estabelecer oposição total em todos os casos. Picoche (1977) e outros autores concordam que tais relações se caracterizam como de *reciprocidade* (vender/comprar), em que um termo não existe sem o outro, *complementariedade* (morto/vivo), em que não há termos intermediários entre os pares de palavras, e antonímia *simples* (quente/morno/frio), em que há termos intermediários entre os pares.

Na tentativa de delimitar algum padrão para as relações de oposição, Cançado (2008) sugere a existência de três tipos de antônimos: binários, inversos e gradativos. O antônimo binário, a igualdade entre duas coisas, implica a diferença entre elas e vice-versa, como os pares *homem/menino* e *mulher/menina*, os quais ainda podem se combinar entre si e formar um antônimo complexo, em que as palavras não se opõem em apenas dois sentidos, mas em quatro, como *homem/mulher*, *menino/menina*.

O antônimo inverso ocorre quando as relações de oposição se dão também de forma inversa ou “de trás para frente”, como acontece em *pai/filho*, pois *Maria é filha de João* estaria inversamente oposta a *João é pai de Maria*.

O antônimo gradativo seria a oposição de termos em uma escala contínua de valores, ou seja, a distância de sentido entre eles ocorre de forma gradual, de modo que a negação de um não implica necessariamente a afirmação do outro, como ocorre em *quente/frio* e *alto/baixo*.

Nesse sentido, algo que é quente pode estar morno, além disso, as definições de *quente* e *frio*, *alto* e *baixo*, podem variar de acordo com o contexto de uso.

As delimitações acima apresentam apenas algumas das facetas em que os antônimos podem se mostrar, sendo sempre sujeitas ao filtro do uso, como podemos perceber em *homem/rato* e *homem/animal* (*Pare de ser fraco. Você é um homem ou um rato?; Ele não é um homem, é um animal*). Além disso, a colocação de alguns termos citados acima como antônimos, são contraditórias com o que apontam outros autores, como Câmara (1981), que afirma que *homem/mulher*, *quente/frio* não são antônimos, mas apenas apresentam conceitos diferentes, segundo um caráter de qualidade ou quantidade. Martinet (1976) estende os estudos da antonímia pensando em termos de polissemia, já Lyons (1979) entende como antonímia apenas as oposições graduais, enquanto os demais contrastes representam relações complementares, inversas e direcionais. Assim, na intenção de tentar padronizar ou se aproximar ao máximo do que seria uma delimitação da antonímia, muitos autores se utilizam de diversas classificações, muitas delas se contradizendo entre si, como afirma Abrahão (2018),

Muitos autores, observando que nem sempre os termos se encontram em oposição, utilizam-se de classificações variadas e nem sempre congruentes entre si: opostos escalares e polares, contraditórios, contrários e recíprocos (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 22); complementares, contraditórios e recíprocos (DUBOIS, 1986, p. 97-98); em complementaridade, antonímia e reciprocidade (LYONS, 1980, p. 489-515); entre tantas classificações, variáveis de autor para autor, com exemplos que se contradizem (ABRAHÃO, 2018, p. 121).

A variedade de propostas teóricas coloca a antonímia como uma relação ainda mais complexa do que a sinonímia e mais difícil de se definir, uma vez que, segundo Perini (1996, p. 249-250), “não há uma relação semântica (e/ou lógica) que se aplique a todos os casos”. Após analisar cinco pares de palavras, o autor conclui que, diante da heterogeneidade encontrada nos pares analisados, a noção de antonímia se mostra um tanto inútil. Nas palavras dele, “Aqui a situação é de tal heterogeneidade que me parece conveniente abandonar, pelo menos por ora, a noção de “antonímia”. Enquanto não se obtiver uma conceituação muito melhor do que a atual, essa será uma noção sem utilidade nenhuma”.

A afirmação do autor, embora incisiva, não implica necessariamente a invalidade dos estudos da antonímia (até porque isso também implicaria a invalidade de outros estudos linguísticos, dada a complexidade da língua), mas enfatiza que delimitar com precisão suas fronteiras é uma atividade tão complexa que coloca o pesquisador em uma situação de impotência. Entender esse nível de complexidade da antonímia ajuda o professor de línguas a conhecer “o terreno em que está pisando”, a inteirar-se dessa natureza desafiadora da antonímia

e elaborar a forma mais didática e significativa possível de explorar esse fenômeno em sala de aula.

Após analisar as diferentes colocações feitas pelos teóricos que se desafiam a estudar a antonímia, Abrahão (2018) afirma que todos são unânimes na afirmação de que não há palavras necessariamente opostas, mas que estabelecem relações de *reciprocidade* (nascer/morrer) e *escala* (grande-médio-pequeno).

Assim, a conclusão a que podemos chegar até aqui é a de que há uma diferença entre os sentidos de determinadas palavras, porém a regra para essa oposição não é muito lógica do ponto de vista gramatical, pois depende muito mais de como a natureza das coisas é vista pelas pessoas. Em outras palavras, as regras (para se definir o que é ou não antônimo) ultrapassam as barreiras linguísticas, sendo fortemente influenciadas pelo conhecimento natural de mundo dos falantes. Consoante a isso, Ferrarezi (2010, p. 226), afirma que “a construção de uma concepção antonímica para os referentes exige a construção de escalas e definições de polos, com base em valores culturais”.

Assim, não faz sentido afirmar a existência de sinônimos e antônimos perfeitos, mesmo em palavras isoladas e com sentido denotativo, uma vez que o uso da língua é um fator predominante na identificação de tais relações. Ainda podemos introduzir as características próprias das relações de antonímia com base nos seguintes fatores:

- i. é uma relação contextual, assim como a sinonímia, o que desfaz a ideia de se trabalhar com listas prontas de antônimos perfeitos em situações didáticas;
- ii. não é uma relação estritamente linguística, pois depende de aspectos referenciais e culturais, o que reforça o fato de que a influência dos aspectos culturais na criação de relações opostas deve ser discutida em sala de aula;
- iii. as oposições não são todas de mesma natureza, o que impossibilita uma definição única e fechada para o termo “antonímia”. (ESCARPINETE; FERRAZ, 2015, p. 95)

As discussões levantadas até aqui são elementos basilares para refletirmos quanto ao ensino do léxico em sala de aula de PLE, uma vez que, quanto maior a compreensão do aluno sobre os diferentes aspectos de uma unidade lexical, seja no âmbito de relações de aproximação ou oposição de sentidos entre os lexemas, maior será o seu domínio lexical e, conseqüentemente, sua competência comunicativa. Isso significa que conhecer o funcionamento do léxico nas suas diferentes faces e se apropriar desse conhecimento, considerando sua funcionalidade dentro de um contexto de uso, é crucial para a ampliação do conhecimento lexical do falante.

Para o professor de PLE, é importante pensar nas relações de sinonímia e antonímia como formas de construção de sentido que ultrapassam os limites linguísticos. Assim, é sua responsabilidade a tarefa de ajudar o aluno a entrar em contato com as diferentes formas de se

enxergar tais fenômenos e as particularidades de cada um, para que este não faça generalizações que prejudiquem o seu aprendizado. É fundamental que o aluno compreenda que tanto as relações de sinonímia como as de antonímia são fenômenos que exigem um conhecimento extralinguístico, o qual inviabiliza a substituição perfeita de palavras, em todas as situações, sem que haja alteração no sentido.

Desse modo, a memorização de extensas listas de palavras como meio para ampliar a competência lexical é uma tarefa inútil e limitante no manejo de algo funcional, vivo e abrangente como é a língua.

Com o intuito de abranger as principais relações lexicais importantes de serem trabalhadas no ensino de PLE, bem como a importância do domínio de tais fenômenos na realização do exame Celpe-Bras (explicado no capítulo subsequente), na seção seguinte, serão apresentadas as relações de hiperonímia e hiponímia

3.2.2 Hiperonímia e Hiponímia

Segundo Lyons (1979), a hiponímia diz respeito às palavras de sentido mais específico, dentro das de sentido mais genérico, enquanto a hiperonímia diz respeito às palavras de sentido mais genérico. O lexema mais específico é subordinado, e o mais genérico é superordenado.

Em outras palavras, pode-se dizer que a hiperonímia funciona como uma espécie de categoria em que as palavras de sentido mais específico (hiponímia) podem se encaixar. Assim, a hiperonímia seria o nome da categoria, e a hiponímia as ramificações desta. Exemplificando isso, poderíamos dizer que “animal” exerce uma relação de hiperonímia em relação a “gato”, seu hipônimo. Os vários termos específicos são chamados de co-hipônimos, conforme aponta Abrahão (2018, p. 134) na figura 1:

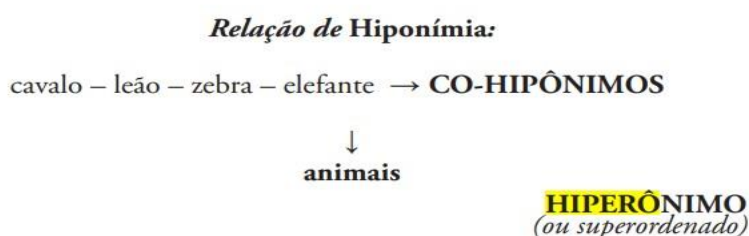


Figura 1: Relação de hiponímia

Já a relação de hiperonímia ocorre no sentido inverso, primeiro o termo mais genérico, depois, os termos mais específicos, como em **ANIMAL – AVE – GAIVOTA**. Neste caso, *animal* é hiperônimo de *ave*, que é hiperônimo de *gaivota*. Conforme Abrahão (2018, p. 134),

ave e *pássaro* não podem ser chamados de co-hipônimos porque não estão em um “mesmo nível argumentativo”, ou seja, o significado de *ave* está em um nível hierárquico acima de *pássaro*. A respeito disso, Pietroforte e Lopes (2011, p. 128) afirmam que a hiperonímia e a hiponímia são componentes de classificação do sistema lexical que se organizam de forma hierárquica, de modo que “há significados que, pelo seu domínio semântico, englobam outros significados menos abrangentes”.

Desse modo, podemos dizer que algumas palavras podem se aproximar de outras em termos de sentido, devido ao domínio semântico em que se enquadram, ou ainda, pensando em termos hierárquicos, poderíamos dizer que o significado de algumas palavras pode estar incluso no significado de outra (CANÇADO, 2008). A título de exemplo, podemos pensar que *moradia* é um termo mais abrangente, enquanto *casa*, *apartamento*, *tenda etc.* são termos mais específicos, mas todos os termos co-hipônimos estão inclusos em *moradia*, o que os torna próximos entre si, compartilhando o domínio semântico deste hiperônimo.

Essa relação normalmente ocorre de forma unilateral, de modo que toda *casa* é uma *moradia*, porém, nem toda *moradia* é uma *casa* (ILARI; GERALDI, 1987), ou seja, um termo hiperônimo não implica, necessariamente, o seu hipônimo. Cançado (2008, p. 26), aponta essa relação como assimétrica, de modo que o hipônimo está contido no seu hiperônimo, porém o hiperônimo não está contido no seu hipônimo, assim, “todo cachorro é um animal, mas nem todo animal é um cachorro. O sentido da palavra animal está contido na palavra cachorro, mas o inverso não é verdadeiro”. A decomposição lexical dos possíveis sentidos para a palavra cachorro, conforme apontado pela autora, seria:

$$\text{cachorro} \Rightarrow \left[\begin{array}{l} + \text{ animal} \\ + \text{quadrúpede} \\ + \text{mamífero} \\ \dots \end{array} \right]$$

Figura 2: Decomposição lexical da palavra cachorro

No exemplo acima, percebemos que *cachorro* implica *animal*, *quadrúpede*, *mamífero etc.*, porém, tais termos não implicam, necessariamente, o item lexical *cachorro*. Se acrescentássemos, ainda, a palavra *gato*, ao lado de *cachorro*, diríamos que ambos estabelecem uma relação entre si, já que fazem parte do mesmo domínio semântico (animal, quadrúpede, mamífero), já a palavra *canário*, não estaria tão próxima, em termos de sentido, a *cachorro* e *gato*, já que compartilham apenas o hiperônimo *animal*.

Nesse sentido, considerando a ideia de graus hierárquicos de Pietroforte e Lopes (2011), diríamos que essa decomposição evidencia os possíveis conteúdos presentes em um determinado campo lexical, destacando os sentidos que os itens compartilham entre si, bem como as especificidades de cada um. Essa hierarquia é criada a partir do grau de proximidade entre os sentidos dos termos, criando campos lexicais mais ou menos abrangentes. Sobre esta relação de inclusão para a constituição de um campo lexical, Pietroforte e Lopes (2011) afirmam o seguinte:

O significado de *animal* é englobante dos significados de réptil, aves e *mamíferos*, cujos significados são englobados por ele. O significado de *mamíferos*, por sua vez, é englobante em relação aos significados de *roedor*, *cetáceo*, *felino canídeo*, *marsupial* e *primata*, seus englobados. O termo englobante é chamado de hiperônimo dos demais e, os englobados, hipônimos seus. Ser um ou outro depende de como é enfocada a sua posição na taxonomia, pois *mamífero* é hiperônimo de *primata*, mas é hipônimo de *animal* (PIETROFORTE; LOPES, 2011, p. 129).

Embora essas relações ocorram de forma unilateral, o contexto situacional ou a modificação sintagmática pode interferir em tais construções, como é o caso do uso de hiperônimos e hipônimos em posição anafórica para garantir a progressão textual (ABRAHÃO, 2018). Nessas situações, é possível que um termo hiperônimo passe a exercer relação de equivalência de sentido com seu hipônimo, não havendo mais uma relação típica, de hiperonímia-hiponímia, mas uma relação de sinonímia contextual entre esses termos (LYONS, 1979). Para exemplificar essa ocorrência, observemos um texto extraído por e Cambrussi e Hoffmann (2015) de um artigo da revista Super Abril, usado para demonstrar a relação hiperônimo-hipônimo como retomada anafórica:

A vida depois do **câncer**: o comportamento das pessoas curadas. Em cerca de metade dos cancerosos, o tumor maligno desaparece para sempre, após o tratamento. Mas o ex-paciente pode ser prejudicado pelo medo de a cura não ser completa e pela discriminação, já que muita gente ainda encara **a doença** como sentença de morte [...]. Quando se trata de um ex-paciente de **câncer**, é comum um menino gostar de bronca, garante o oncologista Sidney Epelman, um dos responsáveis pelo atendimento das crianças, no hospital. Segundo o médico, o desejo número um dessa garotada é, na medida do possível, esquecer **a doença**, levando uma vida normal, com direito até a eventuais puxões de orelha paternos (CAMBRUSSI; HOFFMANN, 2015, p. 51)

As autoras afirmam que, embora o item lexical *doença* possa ser usado não apenas para se referir a *câncer*, mas a várias outras enfermidades, no texto acima, ele deixa de ter um caráter superordenado (deixa de ser mais genérico), para se referir a apenas um de seus hipônimos (tornando-se mais específico). Aqui, percebemos que a palavra *câncer* implica também *doença*, que também implica *câncer*, ou seja, não há mais uma relação unilateral, mas bilateral de sentido.

É importante pensarmos na construção dos fenômenos hiponímia-hiperonímia dessa forma, já que são estratégias textuais usadas como ferramentas de uso da língua, seja para produzir ou compreendê-la, em contextos orais ou escritos. A respeito da hiponímia como retomada anafórica, Abrahão (2018) afirma que

A hiponímia estabelece uma relação argumentativa indispensável à clareza do texto ou discurso. Uma ideia ou conceito sempre acarreta outra, e, se essa relação não estiver bem organizada no texto, o leitor demora a compreender o que está sendo dito. Além disso, ela traz envolvimento, prendendo o leitor na construção argumentativa (ABRAHÃO, 2018, P. 136)

Cabe ressaltar que a relação acontece geralmente partindo dos termos mais específicos para o mais geral (hiponímia-hiperonímia), porém, isso não é uma regra, pois o uso de um ou outro vai depender da intenção do texto e nas reações que pretende provocar no leitor. Segundo Abrahão (2018), quando optamos pela progressão textual partindo dos termos mais específicos para os mais gerais, focamos no cumprimento do objetivo final do texto, quando optamos pelo contrário (termos mais gerais seguidos de termos mais específicos), além de uma progressão textual, pretende-se causar um certo suspense no leitor ou prendê-lo ao texto. Vejamos os seguintes textos apresentados pelo autor.

Refazendo o texto – hiponímia: Em uma festa, subitamente entra alguém dizendo: “Acabaram de rebocar <u>um Uno Mille branco</u>, que estava estacionado na frente da garagem da casa vizinha. Os policiais disseram que <u>o Fiat</u> estava estacionado em local irregular. Multaram e chamaram o guincho. O proprietário <u>do veículo</u> terá que pagar a multa e o guincho. Havia <u>muitos outros carros</u> estacionados em frente às garagens, porque a rua é pequena, não havia locais para deixarmos <u>os automóveis</u> em segurança. Uma <u>caminhonete Fiat Estrada</u> estava em frente a outra garagem, mas não foi multada nem retirada. Acho que só um dos vizinhos reclamou.”	Refazendo o texto – hiperonímia: Em uma festa, subitamente entra alguém dizendo: “Acabaram de rebocar <u>um veículo</u> que estava estacionado na frente da garagem da casa vizinha. Os policiais disseram que <u>o automóvel</u> estava estacionado em local irregular. As garagens estavam quase todas obstruídas, porque a rua é pequena, não havia locais para deixarmos <u>os carros</u> em segurança. Multaram <u>o Fiat</u> e chamaram o guincho. O proprietário do <u>Uno Mille</u> terá que pagar a multa e o guincho. Uma <u>caminhonete Fiat Estrada</u> também estava à frente de uma garagem, mas não foi multada nem retirada. Acho que só um dos vizinhos reclamou.”
---	---

Figura 3: Construção de textos a partir das relações de hiperonímia e hiponímia

A autora aponta que, no primeiro texto, optou-se pela relação hiponímia-hiperonímia, ou seja, partindo do termo mais específicos para o mais geral: *Uno Mille branco* → *Fiat* → *veículo*, com os co-hipônimos *muitos outros carros* e *caminhonete Fiat Estrada*. Se construído dessa forma, o foco do texto seria a multa recebida pelo carro Uno Mille. Por outro lado, caso a intenção fosse prender ou criar suspense no leitor, a construção poderia ser feita no sentido inverso, pela relação hiperonímia-hiponímia: *Veículo* → *automóvel* → *carros* → *Fiat* → *Uno Mille*. Organizando o texto nessa sequência, o foco do texto não é mais a multa do carro, mas nos fatos que sucederam esse acontecimento, ou seja, na narrativa. Abrahão (2018) ainda ressalta que é importante que essa relação sempre parta do mais específico para o mais genérico ou o inverso, pois uma mescla aleatória entre tais termos pode gerar uma falta de progressão textual e, consequentemente, uma falta de compreensão por parte do leitor.

Outro aspecto da hiperonímia/hiponímia que se aplica especificamente ao ensino de LE é o fato de, no uso rotineiro da língua para a comunicação diária, é mais benéfico que o estrangeiro conheça os hipônimos, pois têm mais carga semântica, mais especificidade. Por exemplo, para um falante de PLE, não adianta apenas pedir refrigerante (hiperônimo), mas precisa pedir coca, guaraná, fanta etc. (hipônimos), pois, do contrário, a comunicação não se realiza.

As discussões aqui levantadas servem para enfatizarmos a importância do conhecimento e domínio desses fenômenos lexicais no contexto de ensino de PLE, já que o objetivo é possibilitar ao aluno estrangeiro dominar, a partir do léxico, as estratégias de compreensão e produção, sensibilizando seu olhar para a situação, o objetivo e a prática social ali inseridos.

Esse conhecimento é, de certa forma, facilitado pelo conhecimento que o falante estrangeiro já possui de sua língua materna, pois, nela, o reconhecimento destes campos ocorre de forma natural, devido ao conhecimento lexical que o falante detém, e o uso estratégico e consciente desses fenômenos nos textos ocorre a partir do ensino ou da exposição a este tipo de construção. Em outras palavras, embora o aluno já domine tais conhecimentos em sua língua materna e tenha capacidade de transportá-lo para a língua alvo, é necessário um ensino mais direcionado e específico sobre as relações de hierarquia de sentido entre as palavras e seus respectivos campos lexicais, com o objetivo de obter sucesso, principalmente nas produções textuais, já que, na oralidade, é mais comum e aceitável a repetição de palavras e expressões, pois a interação com o interlocutor é também guiada por fatores extralinguísticos, como gestos, entonação etc.

No que se refere ao exame Celpe-Bras, é imprescindível que o candidato conheça os conteúdos que compõem o sentido de uma palavra ou expressão, observando seu nível de pertencimento a determinado domínio semântico, já que esse tipo de conhecimento contribui não apenas com uma construção textual coesa e coerente, mas também com uma direção argumentativa construída de forma estratégica. Daí a importância de atividades direcionadas de ampliação vocabular e que explorem os campos lexicais nas suas diversas possibilidades, observando o contexto, a intenção e a força argumentativa do texto.

3.2.3 Ambiguidade lexical

Conforme Ilari (2011, p. 56), a etimologia da palavra *ambiguidade* provém das palavras latinas *ambo* e *agere*, as quais favorecem, simultaneamente, duas direções distintas, as quais são solucionadas eliminando a “continuidade”, como nas sentenças citadas pelo autor:

*g) As **velas** queimaram antes da partida do barco.*

*h) O **banco** quebrou.*

Como podemos observar nos exemplos acima, as palavras *vela* e *banco*, direcionam os enunciados para duas alternativas de sentido. Esse trabalho de “solução da continuidade”, mencionado pelo autor, consiste em desfazer essa duplicidade de interpretação inserindo as frases em um contexto. Esse é um dos aspectos da ambiguidade que faz com que este fenômeno geralmente seja visto como um problema de linguagem, porém nosso cotidiano está repleto de ambiguidades presentes nos diversos contextos enunciativos e gêneros textuais, como os textos publicitários e os humorísticos, por exemplo.

Conforme Abrahão (2018), os estudos tradicionais de retórica reconhecem a ambiguidade sob o termo *anfibologia*, em que geralmente estudam-se as frases ambíguas de forma isolada do contexto, a fim de encontrar o elemento provocador da ambiguidade e desambiguizá-las. Entretanto, no contexto de sala de aula, os estudos da ambiguidade não podem se limitar apenas à identificação e à solução do “problema”, como acontece quando tratamos de textos de caráter explicativo ou informativo, os quais precisam de uma organização clara e precisa das ideias. É importante explorar, sob vários olhares, os caminhos que o texto pode percorrer, já que nem sempre a indeterminação de sentidos é, de fato, um problema, mas uma estratégia de linguagem, até mesmo porque o “problema”, em si, é fácil de ser solucionado pelos próprios falantes, já que o contexto auxilia nesse processo, como afirma Abrahão (2018):

A desambiguação pelo contexto comunicativo ocorre naturalmente, pois o falante é capaz de identificar o sentido exato das palavras homônimas e polissêmicas quando em situações de uso. Uma frase do tipo “esperei muito tempo no banco”, se isolada, deixaria dúvidas se o banco é de assentar ou uma agência bancária, mas, dentro de condições normais de comunicação, o falante compreenderia exatamente de que banco se trata (ABRAHÃO, 2018, p. 147).

Por essa razão, tratar o fenômeno da ambiguidade de forma isolada, fora do contexto, só tem utilidade quando para encontrar qual o elemento gerador da multiplicidade de sentidos, entretanto, para além disso, há a importância de se trabalhar o fenômeno em todas as suas

formas de apresentação, bem como observar as relações que os elementos apresentam entre si para gerar o sentido pretendido pelo locutor e, como consequência, as reações que pretende causar no interlocutor, como podemos observar na ironia, no texto publicitário e no humor. Isso implica, nas palavras de Sinhorin (2017, p. 44), ao tratar da ambiguidade no humor, enxergar a ambiguidade como “recurso linguístico expressivo e estilístico, dentro de uma intencionalidade discursiva que será governada pelo contexto, ou seja, pela intencionalidade discursiva do gênero textual no qual está inserida e sua função”. Abrahão (2018, p. 146) nos traz exemplos de como a ambiguidade pode se apresentar em campanhas publicitárias:

- i) ***Você pode falar bem do Brasil, você tem a Telesp.*** (Telesp – companhia telefônica do estado de São Paulo)
- j) ***Nokia 6120. O mundo todo só fala nele.*** (Campanha publicitária em revista impressa)
- k) ***Elas estão por um fio.*** (Campanha publicitária do Governo Federal para ocuidado com o coração)

Em i), “falar bem do Brasil” podemos interpretar como “falar de coisas boas sobre o Brasil” ou “Ligar para outro país estando no Brasil”, porém o contexto direciona o sentido da frase para este último, já que se trata de uma propaganda de uma companhia telefônica.

Em j), temos a ambiguidade gerada pelo termo “só fala nele”, expressão comumente conhecida como a ação de falar muito de alguém, porém, a partir do contexto podemos identificar que o termo “só fala nele” está sendo usado no seu sentido literal, ou seja, utilizar apenas este aparelho para se comunicar (comunicar-se apenas através deste modelo).

Já em k), entendemos que o termo “por um fio” se refere ao fato de que as pessoas que sofrem de problemas cardíacos correm risco de morte. A partir desses exemplos, entendemos que a desambiguação garante que o discurso siga o seu fluxo, ou seja, apresente continuidade. Depois disso, resta-nos observar os outros recursos que orbitam essa ambiguidade, mesmo após esta ser desfeita, com o intuito de observar e explorar o fenômeno em sua completude, como afirma Abrahão (2018, p. 149), “mais importante que olhar a ambiguidade como erro é analisa-la como estratégia discursiva” e “ler as ambiguidades significa ampliar as condições de leitura para textos diversos”. Consoante a isso, Ullmann (1964, p. 374) vê a ambiguidade como “um excelente artifício de estilo”. E não só colabora no texto literário e no

de propaganda, para ampliar o leque de sugestões de leitura, como também serve a textos populares que têm interesse no equívoco da palavra, para o desvio da direção argumentativa”.

Explicadas as múltiplas formas de se trabalhar a ambiguidade e a importância de enxergá-la como recurso linguístico, aprofundaremos nossos estudos no universo da ambiguidade, começando pela abordagem de seus conceitos e dos processos que a constituem. De um modo geral, a ambiguidade pode ser definida como a presença de mais de um sentido em um único enunciado, a possibilidade de um enunciado apresentar mais de uma interpretação (Abrahão, 2018).

Segundo Cançado (2008, p. 62), a ambiguidade “é um fenômeno semântico que aparece quando uma simples palavra ou um grupo de palavras é associado a mais de um significado”. Segundo a autora, a ambiguidade pode ser gerada a partir de diferentes fenômenos da língua, inclusive pelo seu uso. Por essa razão, na literatura semântica, podemos encontrar vários tipos de ambiguidade: a ambiguidade sonora(fonológica), a ambiguidade sintática(estrutural), a ambiguidade de escopo, a ambiguidade referencial e a ambiguidade lexical. Neste trabalho, a título de coerência com nossa análise, discutiremos a ambiguidade lexical e os fenômenos que a constituem.

Na ambiguidade lexical, a multiplicidade de sentidos recai sobre um item lexical que, devido ao seu caráter polissêmico, confere ao enunciado mais de uma interpretação ao mesmo tempo (ABRAHÃO, 2018). Segundo Ferraz (2014), a ambiguidade lexical pode ser vista dentro do quadro de indeterminação de sentidos, e os processos de indeterminação semântica envolvem, além da polissemia e homonímia, que são tipos de ambiguidade lexical, também a vagueza. Discutiremos esses fenômenos mais adiante, pois é importante destacarmos, primeiramente, dentre os fenômenos geradores de ambiguidade, a metáfora, já que em muitos casos, a multiplicidade de sentidos é gerada quando utilizamos uma palavra no sentido figurado.

3.2.4 Ambiguidade gerada por metáfora

Na metáfora, temos uma transposição do sentido da palavra para outro, ou seja, ela adquire um novo sentido sem perder o original (ULLMANN, 1977). Para alguns autores, esse deslocamento de sentido pode ser entendido como uma comparação de significado, em que há ou como uma relação *concreto-abstrato*, em que se utiliza uma palavra no sentido concreto para transmitir uma ideia abstrata.

Como comparação, a metáfora seria “o emprego de um símbolo por outro, mas de ordem diferente. Não está em comparar símbolo com símbolo, mas no fato de empregar um símbolo

tão fora do seu meio natural que, através dele, seja a mente humana levada a evocar o outro” (BUENO 1960, p. 167). Já como uma relação entre o concreto e o abstrato, a metáfora seria o “emprego de uma palavra concreta para exprimir uma noção abstrata, na ausência de todo elemento que introduz formalmente uma comparação.” (DUBOIS ET AL. (1978, p. 411)

A posição dos dois autores se complementa, e ambas são válidas, já que o uso de uma metáfora remete a uma comparação, embora sem a necessidade de elementos linguísticos que explicitem essa comparação, como em “A vida é chuva de verão”, que quer dizer “A vida é **como** chuva de verão”. Além disso, o que Bueno (1965) afirma sobre o “meio natural” da palavra pode facilmente ser entendido como o seu uso no sentido concreto. Assim, quando o falante se depara com o uso de uma palavra absurdamente fora do seu sentido concreto, é automaticamente impulsionado a adaptar o seu uso ao sentido figurado.

Cançado (2008, p. 97) afirma que “existem muitas explicações de como as metáforas funcionam, mas a mais comum é que a metáfora é uma comparação, na qual há uma identificação de semelhanças e transferências dessas semelhanças de um conceito para o outro”. Assim, há conceitos e discussões sobre metáforas a partir de várias vertentes, cujo detalhamento não se insere no nosso propósito, que é trazer informações gerais que colocam a metáfora como elemento de destaque na formação da ambiguidade.

É importante considerarmos a ambiguidade gerada por metáfora, uma vez que é o modo predominante em que a linguagem figurada ocorre. Embora seja um fenômeno muito característico da linguagem literária, encontramos muitos exemplos de usos metafóricos das palavras nos diálogos do cotidiano ou até mesmo em textos científicos, jornalísticos e publicitários (CANÇADO, 2008).

Em situações cotidianas, algumas metáforas são tão frequentes ou já fossilizadas que não são vistas com o mesmo peso de sentido metafórico que em textos poéticos e literários, como em “Amor é fogo que arde sem se ver” (CAMÕES), por exemplo, mas como algo natural e parte do cotidiano. Podemos evidenciar isso com alguns exemplos apresentados por Lakoff & Johnson (1980 p. 14, 21), quando explica à luz da Linguística cognitiva, as metáforas relacionadas a espaço e experiências corpóreas:

Feliz é para cima; triste é para baixo:

Eu estou para cima hoje. Eu estou de alto astral.

Hoje eu estou me sentindo para baixo. Eu estou de baixo astral.

Virtude é para cima; depravação é para baixo:

Ela é uma cidadã de alta categoria. Ela é uma pessoa de alto valor.

Ele é um cidadão de baixa categoria. Ela é baixa em seu comportamento.

Ter controle é para cima; ser paciente do controle é para baixo:

Ele tem controle sobre ela. Ele está no topo do mundo.
Ele está sob o controle dela. Sua posição social é inferior.

Como podemos perceber a partir dos exemplos acima, o nosso cotidiano está repleto de metáforas. Isso se dá porque a língua é naturalmente metafórica, ou seja, utilizamos metáforas constantemente ao nos comunicarmos. Segundo Lakoff e Johnson (1980, p.45), “as pessoas acham que vivem perfeitamente sem metáfora, porém a metáfora está infiltrada na vida cotidiana”. Na visão dos autores, a metáfora reflete nossas experiências e percepções no mundo, ao mesmo tempo que influencia na forma de pensar do ser humano. Acrescentamos a isso o fato de a língua estar em constante (re)construção, acrescentamos, mudamos e construímos novos sentidos o tempo todo.

Além dos exemplos citados por Lakoff e Johnson (1980), podemos citar as metáforas encontradas em expressões populares tais como “falar pelos cotovelos”, “bater perna”, “ser pão duro”, “ser dedo duro”, “ter jogo de cintura”, “engolir sapo” entre outras. Há também os casos em que o uso metafórico de uma palavra passa a ocupar o sentido principal desta, como em “pé de mesa” e “pé de cadeira”, por exemplo. Nesses casos, essa transformação já passa a ser um caso de polissemia, como explica Leffa (1996) sobre a palavra “braço”:

A palavra *braço*, por exemplo, pode adquirir o sentido de *afluente* na expressão *o braço do rio*. Quando isso acontece, e principalmente se a expressão ficar de uso corrente na língua, o que era inicialmente uma metáfora uma transposição quase consciente de uma palavra para um outro âmbito semântico passa a ser, na realidade, mais um caso de polissemia (LEFFA, 1996, p. 3).

Essa relação entre metáfora e polissemia é muito estreita, já que ambas se utilizam da similaridade, ao compartilhar sentidos bases e, e uma transposição do sentido da palavra para o figurado não deixa de ser um caso de polissemia gerada por uma metáfora. Ullmann (1964) reforça esse pensamento ao afirmar que a polissemia pode surgir de várias formas, uma delas é pela linguagem figurada. Para o autor, “esta possibilidade de transposição metafórica é fundamental para a actividade da língua” Ullmann, (1964, p. 338).

Diante do exposto até aqui, concluímos que a metáfora é um fenômeno presente na linguagem humana em todos os seus âmbitos e funciona como um recurso importante na formação de ambiguidade. Tais aspectos colocam a metáfora como algo intrínseco à língua, que é em si metafórica, polissêmica e está em constante movimento. Esse aspecto da língua deve ser realçado nas salas de aula de PLE, principalmente ao se explorar o léxico para desenvolver a competência comunicativa dos alunos, uma vez que essa natureza metafórica também permeia os aspectos lexicais da língua. No nosso capítulo de análise, apresentaremos

exemplos de ambiguidade gerada por metáfora, o que pode contribuir com a abordagem desse fenômeno em salas de aula de PLE.

Nos parágrafos a seguir, trataremos de outros fenômenos que englobam a ambiguidade, como a polissemia e a homonímia, bem como compararemos a ambiguidade à vagueza.

3.2.5 Ambiguidade lexical: polissemia e homonímia

Uma vez que a ambiguidade pode ser gerada pelo englobamento dos processos de homonímia e polissemia, faz-se necessário distinguir, aqui, o funcionamento de cada um, bem como suas participações na construção da ambiguidade. É importante distinguirmos tais processos, ao tratarmos do fenômeno da ambiguidade, porque, conforme explica Ferraz (2014), primeiro: os termos *polissemia* e *ambiguidade* são ambos comumente usados para indicar “multiplicidade de sentidos”, porém não podem ser tratados como termos equivalentes, já que a ambiguidade abrange a polissemia, esta que, por sua vez, deve ser tratada no seu sentido restrito no quadro da semântica lexical. Em Almeida (1990), vemos que “a polissemia e a homonímia são fenômenos linguísticos diferentes de origem, mas que acabam confluindo para o mesmo resultado: a ambiguidade da frase”. Sobre a importância de se diferenciar homonímia e polissemia, a autora justifica que

ao inserir um termo ambíguo no dicionário, uma das decisões a ser tomada diz respeito ao número de entradas lexicais, isto é, deve-se optar por uma única entrada lexical, quando não se caracteriza a homonímia, ou mais de uma entrada lexical, considerando a homonímia entre elas (ALMEIDA, 1990, p. 1).

Quanto à vagueza, faremos essa distinção a título de esclarecimento, já que, embora distintos, a vagueza e a ambiguidade são fenômenos muitas vezes confundidos como termos equivalentes. Uma hipótese para tal ocorrência seria o que Ilari (2011, p. 56) coloca como o “inconveniente” que ambas, tanto vagueza quanto ambiguidade, compartilham entre si ao apresentarem recortes pouco confiáveis no processo de conceituação da realidade. No entanto, a forma como apresentam essa pouca confiabilidade ocorre por razões diferentes. Nesse sentido, o autor afirma que “o que caracteriza as expressões vagas não é o fato de comportarem mais de um sentido, mas o fato de terem um sentido em princípio único, que é insuficiente determinado” (ILARI, 2011, p. 56)

Com isso, podemos concluir que, conforme o autor, uma palavra é vaga quando um sentido não é suficiente para determinar um objeto. Ferraz (2014) corrobora com essa definição, afirmando que um termo é vago quando, devido a sua amplitude de sentido, apresenta dúvida

nos casos de aplicação, já que é difícil ser preciso quanto aos limites de sentido, como é o caso dos adjetivos, que não nos permitem, por exemplo, afirmar, com certeza, o quão alta, baixa, bonita, inteligente uma pessoa é, pois precisamos de parâmetros para comparar essas características para, então, obtermos significados mais precisos. A respeito disso a autora ainda afirma que

Esses adjetivos apontam para uma relação de interdependência entre o significado linguístico e o conhecimento de mundo, ao julgarmos o valor de verdade dos enunciados que os contêm. Isso não significa dizer que os termos vagos apresentam dois ou mais sentidos, pelo contrário, apresentam sentido único, porém tão genérico que esses termos podem ser especificados em uma diversidade de contextos (FERRAZ, 2014, p. 124, 125)

Um aspecto marcante que diferencia os dois fenômenos é que, na ambiguidade, temos dois ou mais modos possíveis de interpretação, enquanto na vagueza, não há uma interpretação definitiva, o que passa uma certa dúvida para o receptor, que não consegue ter segurança quanto ao significado da palavra (CARVALHO, 2006). Além disso, o contexto desempenha um papel importante nessa distinção, já que, segundo Cançado (2008, p. 58) “a ideia geral é que, em exemplos de vagueza, o contexto pode acrescentar informações que não estão especificadas no sentido; e, em exemplos de ambiguidade, o contexto especificará qual o sentido a ser selecionado”.

Assim, entendemos que a vagueza desempenha um papel importante na comunicação, a saber, a não necessidade de especificarmos, em todas as situações, qual o sentido exato a que nos referimos. Em um diálogo comum, podemos falar que algo é verde, sem precisarmos especificar qual a tonalidade de verde, a não ser que nos encontremos em um contexto específico, em que a especificação é extremamente necessária, como no caso de uma parede prestes a ser pintada, ou nas questões de decoração de um ambiente etc. Conforme Cançado (2008), isso é uma forma econômica de uso da língua, ao mesmo tempo em que é rica na diversidade de formas em que pode se apresentar, pois, assim como podemos poupar nosso tempo no momento de decidir qual termo utilizar, temos também a possibilidade de definir os limites de sentido desse termo em uma situação em que essa informação seja importante.

Há vários autores que apresentam testes de distinção para vagueza e ambiguidade, porém, não é foco do nosso trabalho adentrarmos em tais questões, apenas apontar alguns que se estendem aos níveis da ambiguidade. Portanto, tendo esclarecido as diferenças entre vagueza e ambiguidade e os fatores que fazem com que sejam vistos como equivalentes, prosseguiremos com os dois fenômenos geradores de ambiguidade lexical: a polissemia e a homonímia

Conforme mencionado anteriormente neste capítulo, tanto a homonímia como polissemia, embora distintos, ambos lidam com o fenômeno da ambiguidade, ou seja, trabalham

com o propósito de apresentar vários sentidos para uma mesma palavra fonológica. Entretanto, temos polissemia quando as palavras ambíguas apresentam sentidos que se relacionam entre si (CANÇADO, 2008). Isso implica dizer que na ambiguidade por polissemia, os diferentes sentidos que podem ser atribuídos a um item lexical estão, de alguma forma, interligados, pois compartilham um sentido comum, ou como afirma Ilari (2011, p. 151), são uma “extensão de um sentido básico”. Podemos perceber essa ocorrência nos exemplos abaixo apresentados por Cançado (2008, p. 64):

pé: pé de cadeira, pé de mesa, pé de fruta, pé de página etc.

rede: rede de deitar, rede elétrica, rede de computadores etc

Aqui, temos vários sentidos diferentes para uma palavra, porém todos partindo do sentido base que provém do mesmo item lexical. A palavra *pé* apresenta a possibilidade de vários significados, porém conservam o sentido base de algo que serve de apoio para determinada coisa (*pé de cadeira, pé de mesa, pé de fruta, pé de página, etc*) é recuperado. Observamos o mesmo em *rede*, na qual o sentido de coisas interrelacionadas é recuperado em todos os possíveis significados da palavra (*rede de deitar, rede elétrica, rede de computadores, etc*).

Conforme Cançado (2008), para definir essa relação polissêmica entre as palavras, partimos da nossa intuição de falante ou do nosso conhecimento lexical historicamente compartilhado. Entretanto, nem sempre é possível identificar se há ou não uma relação de sentido entre os itens, o que faz com que essa tarefa não seja tão simples quanto parece, como ocorre em *pasta de dente* e *pasta de comer*, as quais compartilham o sentido base de massa, e *pasta de couro, pasta ministerial*, no sentido de lugar específico. Nesse caso, temos um caso de polissemia e homonímia ao mesmo tempo, com a possibilidade de vários sentidos para cada ocorrência da palavra *pasta*, podendo ser um caso de homonímia, pois *pasta de dente* não exerce nenhuma relação de sentido com *pasta ministerial*.

Diferentemente do que ocorre na polissemia, as palavras ambíguas por homonímia não compartilham nenhuma relação de sentido entre si. Nesses casos, as palavras podem possuir a mesma grafia (homógrafas) e o mesmo som (homófonas), embora não compartilhem nenhum sentido base (CANÇADO, 2008). Consoante a isso, Ilari (2011, p. 103) afirma que “palavras homônimas são aquelas que se pronunciam da mesma maneira, mas têm significados distintos e são percebidas como diferentes pelos falantes da língua”, como nas exemplos:

l) *João é um cara honesto.*

m) *João levou um soco na cara.*

n) *Cara amiga, escrevo esta carta com muito amor no coração.*

o) *Esta roupa é muito cara.*

Nos exemplos acima, temos duas palavras idênticas em termos sonoros e gráficos, porém, totalmente distintas em significado. Além disso, podem ser polissemicas em outros contextos de uso, como nos exemplos abaixo:

p) *Esse bolo tá com a cara boa.*

q) *Isso tem cara de que não vai dar certo.*

r) *Maria gosta de passar as coisas na cara. (relembrar os favores que já fez)*

Como podemos perceber, a distinção de polissemia e homonímia parece simples em termos conceituais, porém, na prática, a tarefa não é tão simples, já que envolve um conhecimento amplo do léxico da língua e outros conhecimentos que nem sempre são de domínio dos falantes, como os termos recuperados historicamente, os quais não conseguimos identificar de forma clara se há ou não relação. Entretanto, não é o foco deste trabalho adentrarmos em questões de diferenciação entre tais fenômenos. Buscaremos analisar as ocorrências de ambiguidade de um modo geral, sejam elas geradas por polissemia ou homonímia.

Após tais reflexões acerca da construção de sentido a partir do fenômeno da ambiguidade, bem como dos processos que a constituem, resta-nos enfatizar a importância de tais estudos no ensino de PLE. Tal importância se deve ao fato de a ambiguidade ser um recurso da língua amplamente utilizado por falantes para produzir sentidos e cumprir os mais diversos propósitos textuais, “exigindo” do aprendiz estrangeiro um certo conhecimento do léxico compartilhado pelos falantes nativos para que obtenha êxito nos quesitos compreensão e produção de sentidos e, para além disso, desenvolver sua competência comunicativa na língua portuguesa.

A aplicação desses conhecimentos em sala de aula requer do professor a atitude de guiar os alunos a desenvolverem uma relação de intimidade com a língua durante o processo rumo à fluência. É por essa razão que voltamos nossa atenção para o principal exame de avaliação de proficiência em PLE, o Celpe-Bras, o qual se mostra como instrumento de apoio no ensino, já que explora os aspectos da língua do ponto de vista interativo e funcional, sempre situando o candidato nas situações de uso da língua, além de apresentar as formas de atuação em diferentes contextos situacionais, partindo de uma necessidade de comunicação do falante.

Nesse sentido, e em consonância com os nossos objetivos de análise, no capítulo seguinte, adentramos nas características, métodos de aplicação, propósito e estudos basilaes do exame para obtermos um aprofundamento e contextualização dos estudos aqui propostos.

4 OBJETO DE INVESTIGAÇÃO E CONFIGURAÇÃO DO CORPUS

Neste capítulo, apresentamos uma breve contextualização sobre o exame Celpe-Bras, nosso objeto de investigação, e o recorte que fizemos para obtenção dos dados de análise. Primeiramente, discutimos sobre o que é o Celpe-Bras, o caráter avaliativo do exame, sua definição de proficiência, a configuração do exame (partes oral e escrita), os parâmetros de avaliação e as contribuições do Celpe-Bras na perspectiva de língua em uso. Na segunda seção do capítulo, explicamos o nosso percurso até a construção do nosso *corpus* de análise e, em seguida, explicamos os procedimentos utilizados para analisar os dados de modo a cumprir os objetivos propostos neste trabalho.

4.1 O exame Celpe-Bras

O exame Celpe-Bras (Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros), criado pelo Ministério da Educação (MEC) e apoiado pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE) como mecanismo de política linguística, é o único certificado de proficiência em português como língua estrangeira reconhecido oficialmente no Brasil. O exame é aplicado no Brasil e no exterior e serve como pré-requisito para ingressar em cursos de graduação e pós-graduação e para validação de diploma de profissionais estrangeiros que pretendem trabalhar no Brasil.

Embora o exame se iguale a muitos outros quanto a classificar os candidatos avaliando os níveis de proficiência em quatro níveis (intermediário, intermediário superior, avançado e avançado superior), pois é necessário que um exame de proficiência defina os níveis de classificação que a compõem, o Celpe-Bras se destaca por ter um caráter discursivo de uso da linguagem, atendendo a propósitos sociais e locais dos participantes. Essa visão local de proficiência aponta para uma noção de língua situada em um contexto de uso específico, dentro de uma prática social.

É nesse sentido que, segundo Scaramucci (2000), o participante que busca alcançar o nível de proficiência do Celpe-Bras deve-se perguntar: para quê? Em que situação? Com quais

interlocutores? Sobre qual tema? Esse caráter discursivo é resultado de objetivos estabelecidos desde as propostas iniciais, que eram promover um exame que:

- i. a proficiência no uso da língua portuguesa fosse analisada por meio do desempenho dos candidatos em tarefas o mais próximo possível de usos autênticos da língua;
- ii. as tarefas propusessem a compreensão de textos escritos e orais e a produção escrita e oral a partir desses textos;
- iii. os critérios de avaliação fossem holísticos e baseados nas condições de recepção e produção propostas nas próprias tarefas;
- iv. o resultado da avaliação fosse expresso em descritores de desempenho do examinando; – os parâmetros de correção tivessem como base os próprios objetivos das tarefas e os recursos discursivos exigidos para sua realização. (SCHLATTER, 2014, p. 1)

Uma vez que também funciona como mecanismo de política linguística, o exame foi capaz de promover mudanças no ensino e aprendizagem de PLE, levando instituições e professores a refletirem sobre as práticas de ensino em sala de aula, as quais eram (e muitas ainda são), em sua maioria, focadas no estilo tradicional, que prioriza a estrutura da língua, valendo-se de memorização e tradução de palavras. Dessa forma, o Celpe-Bras buscou “propor parâmetros para um ensino que se voltasse para oportunidades de uso da língua, visando a participação dos educandos em diferentes situações de comunicação em que o português fosse a língua de socialização entre os participantes” (SCHLATTER, 2014, p. 1).

É importante ressaltar que a definição de proficiência adotada pelo Celpe-Bras não toma como base o falante nativo idealizado, pois, segundo o Documento base do exame Celpe-Bras, disponibilizado pelo INEP (BRASIL, 2020), essa visão de proficiência é homogênea e absoluta, ou como o próprio nome diz: idealizada. Isso porque os domínios de uso da língua de um falante nativo podem ser mais amplos ou mais restritos, nem sempre se alinhando com as necessidades de uso de um falante estrangeiro. Além disso, de acordo com Scaramucci (1999; 2000) “essa proficiência é possível variar de acordo com o gênero, o tema em questão, o interlocutor, o contexto, o barulho no ambiente, o estresse da situação, entre outros fatores”.

Portanto, em vez de considerar uma definição de proficiência com base no falante nativo ideal, o exame leva em conta os diferentes níveis que podem ser atingidos com base nas necessidades de uso futuro da língua, ou seja, avalia se o candidato será capaz de cumprir os objetivos de diversas atividades sociais que envolvem a língua, seja no contexto profissional, acadêmico ou pessoal, características que se inserem na definição de “proficiência local” adotada pelo exame. É nesse sentido que podemos dizer que a palavra-chave que define o exame é *língua em uso*, já que visa preparar o candidato para realizar ações no mundo através da língua, pois “quanto mais próximas das situações de uso da língua forem as situações de avaliação,

mais adequadas e válidas serão as inferências sobre o desempenho do participante para esse uso” (BRASIL, 2020).

Tendo como base o uso autêntico da língua, o exame é organizado de forma integrada, unindo as diferentes habilidades da língua em uma única situação, o que confere um caráter desafiador ao exame, em relação aos demais testes de proficiência. Assim, o exame se divide em uma *parte oral* e uma *parte escrita*.

Na parte oral, que dura em torno de 20 minutos, o candidato é inserido em uma situação de interação pessoal, tendo como pontos de partida três elementos provocadores de diferentes temas e seus respectivos roteiros que seguem como um guia da conversa, porém não funcionam como elementos rígidos, já que, assim como em uma conversa real, levam-se em conta as respostas dos interlocutores para que haja fluidez na conversa. O momento de interação visa simular o mais próximo possível de uma conversa real, envolvendo não só habilidades de fala, mas de leitura e compreensão. Assim, após a leitura do elemento provocador, que consiste em um texto curto, geralmente multimodal, de diferentes gêneros discursivos que circulam socialmente no Brasil, o candidato segue para um diálogo com o entrevistador acerca do tema ali proposto.

Os temas escolhidos e a organização do diálogo geralmente giram em torno de se obter um posicionamento do candidato, de modo que este consiga manter uma conversa fluida, expondo informações e opiniões ao longo de 20 minutos. Nesse momento, o candidato é avaliado quanto às estratégias comunicativas utilizadas em sua performance, as quais, segundo o Documento-base do exame Celpe-Bras (BRASIL, 2020) seguem os seguintes critérios:

- i. **Fluência**, entendida como a capacidade de expressão num fluxo natural e espontâneo de fala. Cumpre destacar que pausas, hesitações, interrupções na cadeia da fala e truncamentos, entre outras “disfluências”, são constitutivos de textos orais espontâneos, inclusive em produções na própria língua materna (Scarpa, 1995).
- ii. **Adequação lexical**, referente à capacidade de mobilizar adequadamente recursos lexicais, em função dos objetivos comunicativos em jogo numa determinada relação de interlocução.
- iii. **Adequação gramatical**, concernente à capacidade de mobilizar adequadamente recursos gramaticais, em função dos objetivos comunicativos em jogo numa determinada relação de interlocução.
- iv. **Pronúncia**, referente à capacidade de produzir os sons para a produção de sentido, o que implica o domínio de aspectos não apenas segmentais, mas também suprasegmentais (em particular, acentuação, ritmo, entonação) (BRASIL, 2020, p. 47, 48).

Na parte escrita, são propostas quatro tarefas de produção textual, as quais são realizadas a partir de diferentes instrumentos de compreensão. A primeira tarefa sugere uma produção a partir de um vídeo, a segunda a partir de um áudio e as duas últimas a partir de dois textos. Dessa forma, espera-se que o participante compreenda adequadamente os textos de insumo, selecione as informações necessárias e organize o seu texto de forma fluida. Para guiá-lo nesse

processo, os enunciados definem o gênero textual, o objetivo do texto a ser escrito e quem deve ser o locutor do texto, ou seja, qual a função social deste locutor. Assim, o participante precisa não apenas compreender os textos de insumo, mas também organizar o seu texto para cumprir um propósito social, adequando-o ao que foi solicitado.

No que se refere à adequação lexical e gramatical, essas “são consideradas à medida que tornem o texto menos ou mais adequado à relação de interlocução solicitada dentro do gênero proposto, e não considerada como itens a serem avaliados separadamente do que acontece no restante do texto” (BRASIL, 2020, p. 36). Nesse sentido, os aspectos a serem considerados na parte escrita do exame são elencados como: *Enunciador; Interlocutor; Propósito; Informações; Organização do texto; Recursos linguísticos (gramática e vocabulário)*.

No que se refere aos parâmetros de avaliação, o exame sempre considerou como parâmetro a observância dos três eixos de avaliação: a) adequação lexical, que englobava enunciador, interlocutor, propósito, informações e suporte; b) adequação discursiva, que englobava coesão e coerência e c) adequação linguística, que englobava aspectos lexicais e gramaticais. Embora a observância desses eixos sempre ter sido de forma integrada, considerando os eixos de modo interrelacionados, dentro do caráter global do texto, o exame optou por desconsiderar essa forma “categorizar” esses eixos e reforçar ainda mais o caráter holístico de avaliação, ou seja, observar os três eixos como constituintes do todo textual.

Devido ao seu caráter inovador e o posicionamento que assume quanto a uma avaliação a partir do uso da língua, o Celpe-Bras vai além de um exame de proficiência, ao servir como instrumento basilar no ensino de PLE, enfatizando as relações sociais, comunicativas e culturais como base para uma apropriação real da língua. Além disso, favorece pesquisas acadêmicas e institucionais, as quais se interessam em investigar não apenas a construção do exame em si, mas também o seu aspecto norteador nas práticas, abordagens, metodologias de ensino e formação de professores. Por essa razão, ao tratarmos de PLE, é imprescindível que reconheçamos a relevância do exame nesse contexto, já que sugere um novo olhar sobre o que é o ensino de línguas. Um olhar que começa em uma avaliação, expande-se para pesquisas e chega às salas de aulas, promovendo mudanças significativas no ensino de PLE no Brasil e no mundo.

É importante ressaltar que o exame foca no desempenho linguístico do candidato, e não em sua competência. Ao alinharmos esse aspecto com o objetivo do trabalho, temos uma sensação de controvérsia, já que este foca na competência do falante, no que se refere ao domínio lexical. Entretanto, vale esclarecer que o nosso objeto de estudo são os textos de apoio,

e não os textos escritos pelos candidatos da prova, direcionando nosso foco para o quão competente ele precisa ser, em termos discursivos, para obter uma boa compreensão e, conseqüentemente, uma boa produção textual, já que, conforme o próprio Documento-base “considera-se que o objetivo da produção escrita pressupõe a compreensão do texto de entrada e é condição fundamental para a realização da tarefa proposta” (BRASIL, 2020, p. 30).

Além disso, conforme discutimos nos capítulos anteriores, nossa noção de competência abrange tanto o conhecimento, quanto ao uso que se faz deste (HYMES, 1970). É nesse sentido que buscaremos identificar o papel do domínio lexical na construção dessa competência, a qual é refletida no uso que o falante faz da língua.

No capítulo seguinte, discorreremos sobre o nosso *corpus* de análise e metodologia utilizada para a realização da pesquisa.

4.2 Configuração do *corpus*

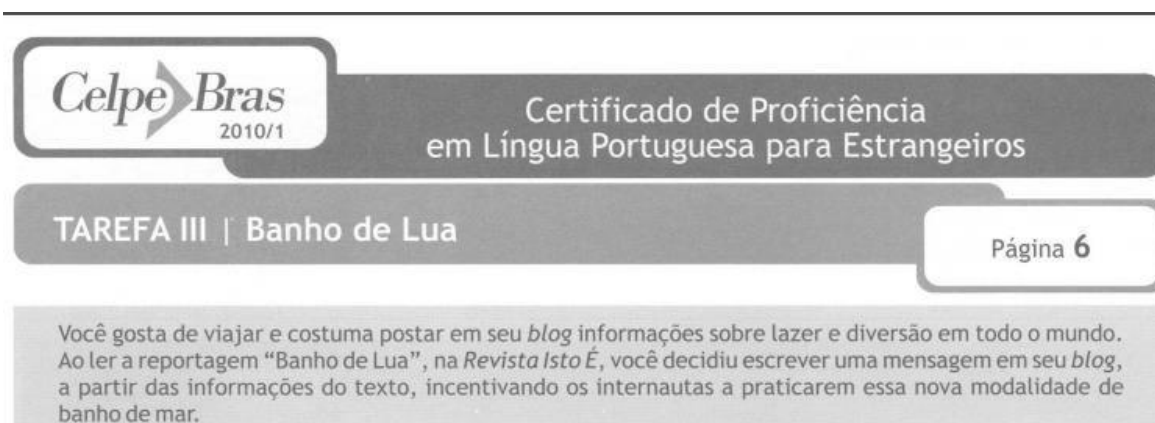
Nosso *corpus* de análise é composto por 83 textos de apoio das tarefas IV e V do exame Celpe-Bras, os quais compõem as avaliações aplicadas desde a primeira edição do exame, em 1998, até 2019. Para a construção do *corpus* de análise, recortamos os trechos que contêm as relações que pretendemos analisar (antonímia, sinonímia, hiperonímia, hiponímia e ambigüidade) e, em seguida, apresentamos e quantificamos as ocorrências de tais fenômenos. Considerando que nosso objetivo não é apenas quantificar as ocorrências das relações lexicais, mas também propor uma análise qualitativa, fizemos um recorte de 8 textos, nos quais aprofundamos nossa análise, no que diz respeito ao léxico em textos escritos de gêneros textuais diversos e sua influência no desenvolvimento da competência lexical dos falantes estrangeiros de PLE.

Nesse sentido, nossa pesquisa é de caráter qualitativo e descritivo, pois analisamos a presença das relações lexicais nos textos de apoio, para investigar de que forma a presença de tais relações (explícita ou implicitamente) influencia na compreensão de partes do texto ou do texto como um todo, bem como o domínio lexical que o texto requer do candidato para que este compreenda e, conseqüentemente, produza o texto solicitado. Por outro lado, pode-se dizer que a análise também é quantitativa, já que analisa a ocorrência das relações lexicais no decorrer dos anos de aplicação do exame, observando em quais anos houve mais ocorrências, ou ocorrências mais explícitas nos textos.

Para facilitar a análise, elaboramos um gráfico com as ocorrências das relações lexicais em *sinonímia*, *antonímia*, *hiperonímia* e *ambiguidade*. Esses quadros de observação auxiliam na visualização e compreensão da lista de ocorrências, já que a leitura descontextualizada de alguns trechos nem sempre é suficiente para entendermos a presença de determinada relação lexical.

Uma característica deste trabalho importante de ser esclarecida é a nossa preferência pelas tarefas III e IV do exame, por questões de viabilidade e direcionamento do nosso objetivo. A má qualidade dos “áudios e vídeos motivadores” das tarefas I e II podem interferir na compreensão dos candidatos e, conseqüentemente, na produção dos textos, o que implicaria a adição de diferentes bases teóricas e procedimentos metodológicos para garantir bons resultados na análise. Além disso, a junção dos elementos de apoio nas modalidades oral e escrita, também resultaria em discussões teóricas muito extensas para abarcar todo o *corpus* de análise. Essa mesma justificativa serve para a inclusão do roteiro de entrevista ou dos elementos provocadores da prova oral na nossa análise, pois dessa forma seria mais difícil traçar um norte para a pesquisa.

A seguir, apresentamos um recorte do processo de tratamento do *corpus* de análise. A primeira etapa consiste na leitura dos textos de apoio das tarefas III e IV. A Figura 4 é um exemplo de como a produção textual é solicitada considerando o uso real da língua, pois tenta inserir o aluno em uma situação mais próxima possível da realidade, sugerindo que incorpore um determinado locutor, dentro de um contexto específico, para cumprir determinado propósito social. Tudo isso se construído a partir da língua.



Celpe **Bras**
2010/1

**Certificado de Proficiência
em Língua Portuguesa para Estrangeiros**

TAREFA III | Banho de Lua

Página 6

Você gosta de viajar e costuma postar em seu *blog* informações sobre lazer e diversão em todo o mundo. Ao ler a reportagem “Banho de Lua”, na *Revista Isto É*, você decidiu escrever uma mensagem em seu *blog*, a partir das informações do texto, incentivando os internautas a praticarem essa nova modalidade de banho de mar.

Figura 4: Enunciado da tarefa quatro. Ano 2010, edição 1.

A Figura 5 é um exemplo do tipo de texto utilizado no exame. Geralmente, são textos de diversos gêneros textuais que circulam na sociedade, de acesso fácil à população escolarizada. É interessante observar que muitos textos são apresentados no exame da mesma forma que se mostram nos canais em que estão disponibilizados para a população, simulando a simples ação de folhear ou navegar em uma página de revista. Desse modo, o texto segue o padrão de como é apresentado nas revistas, como títulos que chamam a atenção do leitor e imagens que dialogam com o texto verbal e auxiliam no direcionamento do texto. Nesse sentido, não há qualquer interferência do exame na forma como o texto é apresentado para o examinando.



À NOITE
Areia morna,
água límpida,
clima ameno.
E a orla torna-se
irresistível

BANHO DE LUA

Com um verão de 40 graus no Rio, a praia noturna vira o grande programa da temporada

Maira Magro

Com o calor batendo recorde no Rio de Janeiro – a temperatura média de fevereiro beira os 40 graus, frequentar a praia à noite virou o grande programa deste verão para os cariocas. Quando o sol começa a se pôr, por volta das 19h45, e a areia já não queima os pés, a orla ganha um segundo turno de frequentadores: moradores e turistas ávidos por refrescar o corpo ao fim do dia, aproveitando o ar mais ameno e o espelho d'água iluminado pelos holofotes do calçadão. Não é preciso protetor solar, não há disputa feroz por vaga para estacionar o carro e a pouca luz deixa todo mundo mais à vontade. O banho noturno tem como pontos o Arpoador, na ponta de Ipanema, e o Leme, na outra ponta, só que de Copacabana, escolhidos por serem bem iluminados e, portanto, mais seguros. No clima de descontração, há famílias, grupos de amigos tocando violão, namorados trocando carícias e solitários caminhando à beira d'água. Para completar o cenário, a água está límpida e azul, por causa da falta de chuva. "Parece o mar do Caribe", descreve a psicóloga Andréa Sena, 42 anos, que frequenta as noites do Arpoador quatro vezes por semana.

A publicitária Mariana Campos, 27 anos, chega à praia às 20h com amigos e não sai antes da meia-noite. "Levamos biscoitos, bebidas... Fazemos uma farofada",

assume. Algumas vezes, mergulham até as duas da manhã. "Não faz frio", garante. Outro que gostou da proposta foi o ator Alexandre Borges, que, de seu apartamento em Ipanema, caminha até a praia para ver o pôr do sol com a esposa, a atriz Júlia Lemmertz, e o filho, Miguel, 9 anos, e depois aproveita para pular no mar. "É maravilhoso", diz. "Mergulhar à noite traz uma sensação de aventura e mistério, como na infância."

Mas o Corpo de Bombeiros não está gostando dessa moda. "Não recomendamos o banho de mar à noite porque não temos como garantir a segurança das pessoas", diz o tenente-coronel Alexandre Rocha. Segundo ele, nesse horário a visibilidade da água não é boa e, além disso, os salva-vidas deixam a praia às 20h. Porém, parece que sob a lua os banhistas são mais cautelosos. Enquanto a corporação já resgatou, neste ano, duas mil pessoas em risco de afogamento durante o dia, nunca recebeu um pedido de socorro à noite. "O mar tem estado calmo", pondera o coronel Ricardo Nunes. Só se for do ponto de vista dele. Porque, para os milhares de turistas e cariocas que vão à praia à noite, tem estado fervendo – de gente e badalação.

40 graus
é a temperatura média da cidade do Rio de Janeiro neste mês de fevereiro

Revista ISTO É, 17 de fevereiro de 2010, p. 57

Figura 5: Texto de apoio da tarefa 4. Ano 2010, edição 1

Após a leitura dos textos, partimos para próxima etapa, que consiste no recorte dos trechos que apresentam relação lexical que influencia na compreensão do texto como um todo ou de partes dele. O recorte desses trechos faz parte do tratamento do nosso *corpus*, para o desenvolvimento de nossa análise, tanto no que diz respeito à quantificação dessas ocorrências,

como na análise qualitativa, explicando tais ocorrências nos 8 textos selecionados. A figura 6 é um exemplo de como esse recorte foi construído.

ANO	PERÍODO	TAREFA	CATEGORIA DA RELAÇÃO	TRECHO SELECIONADO
2010	1	4	Ambiguidade	Na sua idade, eu iniciava na militância infantil e injetava utopia na veia
2010	1	4	Ambiguidade	Você borboleteia por inúmeros nichos, enquanto sua mente navega à deriva qual bote sem remos jogado ao sabor das ondas
2010	1	4	Ambiguidade	Nas duas hipóteses você está sendo canibalizado pelo computador
2010	2	3	Ambiguidade	Por causa dos efeitos colaterais, artistas e mulheres comuns levantam a bandeira contra o produto que pode modificar as expressões faciais
2010	2	3	Ambiguidade	Em tempos onde ser jovem é passaporte para a aceitação social
2010	2	3	Ambiguidade	Sua principal crítica é que o uso desenfreado alterou a fisionomia e congelou a expressão dos atores
2010	2	3	Ambiguidade	Maira quer preservar sua história, contada pelas rugas
2010	2	3	Ambiguidade	Ainda assim, o levante encontra eco fora do meio artístico
2010	2	4	Ambiguidade	Elas devem ficar do lado deles, e não adotar uma postura do tipo você aí e eu aqui
2011	2	4	Ambiguidade	MÃO PESADA
2012	1	4	Ambiguidade	As escolas de samba não precisam mais buscar dinheiro " frio "
2012	2	3	Ambiguidade	as atuais empregadas vêem a ocupação com outros olhos
2012	2	3	Ambiguidade	Ela se viu em uma verdadeira maratona para conseguir uma substituta
2012	2	4	Ambiguidade	A morte do automóvel
2012	2	4	Ambiguidade	Outro dia peguei meu carro para ir a um evento e fui rodando, rodando , até que no meio do caminho me dei conta de que havia cometido um erro fatal

Quadro 1: Recorte dos dados

Disponibilizamos os dados desta pesquisa, contendo a quantidade de todas ocorrências de relações lexicais encontradas nos textos, bem como a lista completa dos recortes no site *Tableau.com* (link disponibilizado nos anexos), um software público utilizado para visualização de projetos. A intenção é facilitar o acesso aos dados levantados nesta pesquisa e contribuir com pesquisas futuras no que diz respeito aos estudos lexicais em PLE.

No Capítulo seguinte, analisamos os dados, direcionando nossa atenção para as ocorrências das relações lexicais nos textos de apoio das tarefas III e IV do exame Celpe-Bras.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentaremos os resultados e a investigação dos dados da pesquisa, com o intuito de alcançar os objetivos e responder às hipóteses inicialmente apresentadas neste trabalho.

No primeiro momento da análise, utilizaremos alguns gráficos para melhor visualização dos resultados, os quais mostram a quantidade de relações lexicais organizadas em categorias, a saber, *sinonímia*, *antonímia*, *hiperonímia*, *hiponímia* e *ambiguidade*, destacando a(s) categoria(s) dominante(s). Veremos como as relações lexicais se apresentam nos textos de apoio do Celpe-Bras desde as primeiras edições do exame, buscando entender de que modo a quantidade de ocorrências de relações lexicais influenciam na compreensão textual do examinando, já que todo texto exige um nível de domínio lexical diferente, principalmente quando levamos em conta o gênero textual.

No segundo momento, investigaremos como essas relações se dão, de fato, nos textos, enfatizando o que se espera do candidato em termos de domínio do léxico e o funcionamento dos itens lexicais dentro do texto.

5.1 Ocorrências das relações lexicais por categoria

Nas edições iniciais do exame, encontramos um número maior de relações lexicais, destacando-se a ambiguidade como a categoria com mais ocorrências em relação às demais, como podemos observar na Figura 6:

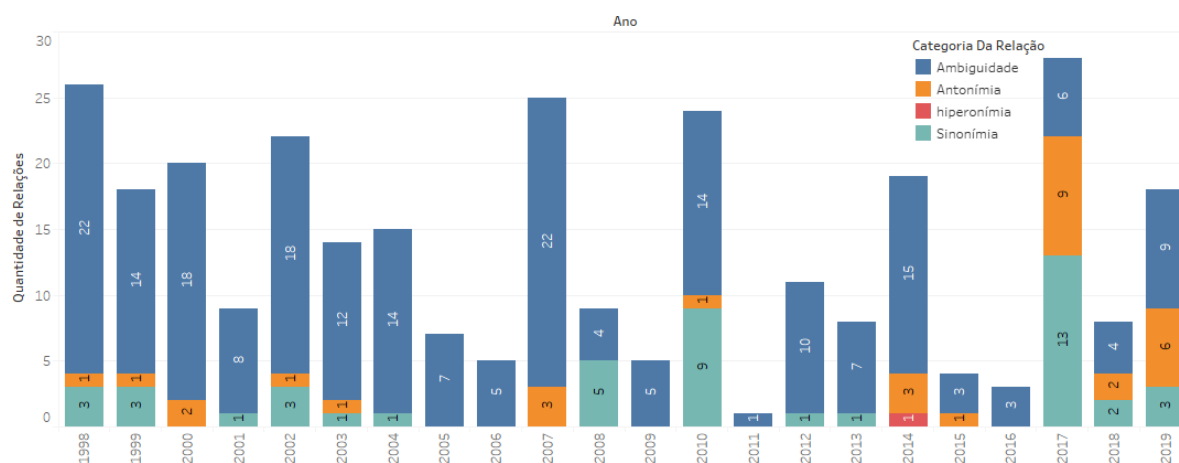


Figura 6: Quantidade de ocorrências por categoria

Um ponto importante de considerarmos é que os textos das primeiras edições possuem uma linguagem mais metafórica. São textos que brincam com os sentidos das palavras, sugerindo um leitor ativo, que esteja atento à maneira estilística e criativa de se utilizar a língua.

Nesse sentido, a ambiguidade se destaca pela presença da polissemia. Espera-se, então, um leitor mais perspicaz, que tenha um conhecimento amplo do funcionamento da língua, que sirva não apenas para compreender textos simples ou de caráter informativo, mas também aqueles textos que, ao mesmo tempo em que informam, levam-nos a pensar, refletir, questionar e ainda a nos encantar com os efeitos de sentido gerados pelo uso da língua.

Nosso objetivo não é, necessariamente, afirmar que um determinado gênero possui palavras mais fáceis ou mais difíceis do que outro, pois seria uma observação superficial e reducionista da língua, que é viva e complexa em sua constituição. O que podemos afirmar é que os gêneros textuais de caráter jornalístico ou meramente informativo tendem a “brincar” menos com as palavras ou utilizar expressões idiomáticas, por exemplo. Mas isso não quer dizer que não haja ambiguidade nesses textos, pois, conforme veremos nas sessões seguintes da análise, os textos de apoio do exame são de gêneros textuais da esfera jornalística, como crônica e carta ao leitor, por exemplo. São textos repletos de polissemia, metáforas e expressões idiomáticas, porém menos polissêmicos do que um poema ou do que os textos de gêneros híbridos, como um poema em forma de crônica, por exemplo.

Da mesma forma, embora haja essa tendência de o tipo de linguagem se alinhar ao gênero, isso não implica dizer que os fenômenos lexicais, como sinonímia, antonímia, hiperonímia, hiponímia não estejam presentes, pois são fundamentais na construção de sentido como um todo e também requerem o esforço de compreender os sentidos das palavras mesmo em uma polissemia mais sutil ou em uma relação de sinonímia como elemento de coerência textual, por exemplo. Assim, uma vez que a presença desses fenômenos promove relações com o sentido global do texto, marcar a quantidade dessas ocorrências não parece tão viável quanto analisá-los dentro do sentido global do texto, como faremos na parte qualitativa da análise.

Por isso, é possível encontrarmos a presença de relações lexicais (sejam explícitas ou não), mesmo em texto de linguagem mais objetiva, como podemos observar nos trechos abaixo, retirados dos textos de 2014, 2015, 2018 e 2019, edições que apresentaram poucas ocorrências das relações de sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia.

ANO	CATEGORIA DA RELAÇÃO	TEXTO
<u>2014</u>	Antonímia	ver pessoas carregando malas para cima e para baixo é corriqueiro
<u>2014</u>	Ambiguidade	Debaixo do sol escaldante do meio-dia, percorrer o caminho desconexo, cheio de becos e ruas estreitas, é um grande desafio, que os funcionários tiram de letra
<u>2014</u>	Ambiguidade	Com livros de receitas culinárias, ele já conquistou várias donas de casa, que agora também saboreiam as histórias escritas por autores consagrados
<u>2015</u>	Ambiguidade	Precisei me mudar quando a cidade onde eu vivia foi inundada com cerca de quatro mil antenas
<u>2015</u>	Antonímia	Essas pessoas merecem respeito . Jamais discriminação
<u>2018</u>	Antonímia	Fulana come pouco /fulana come muito
<u>2018</u>	Antonímia	Você engordou/emagreceu
<u>2018</u>	Sinonímia	blogueiras e suas refeições exemplares te convidando a fazer o mesmo
<u>2018</u>	Ambiguidade	Precisamos urgentemente parar de fiscalizar os pratos alheios
<u>2018</u>	Sinonímia	Seja delicada coma pouco
2019	Ambiguidade	A aposta no projeto, segundo ele, está atrelada à ideia de aumentar o uso público dos espaços urbanos
2019	Ambiguidade	Dono da loja Ortobom, que banca a instalação, o empresário e vice-presidente de Educação da Câmara de Dirigentes lojistas de Belo Horizonte, Marcos Ineco, fala do sucesso do projeto.
2019	Ambiguidade	Cada um tem o direito de se divertir como lhe der na telha
2019	Antonímia	Doce e amarga ilusão
2019	Ambiguidade	Qual será o resultado desse tipo de equação
2019	Ambiguidade	Fundou uma ONG para tocar o projeto

Quadro 2: Trechos com ocorrências

Analisaremos os trechos com profundidade nas seções adiante. Os exemplos acima servem para enfatizar a construção de sentido por meio da ambiguidade, sinonímia e antonímia mesmo em textos de linguagem jornalística.

Nos gêneros de linguagem mais literária ou nos que se utilizam de muitas expressões cotidianas, principalmente as expressões que são trazidas do uso informal da língua e incorporadas a um contexto formal, tendem a exigir um nível de compreensão maior do leitor, que vai além dos conhecimentos básicos para sobreviver em um país estrangeiro, por exemplo. Geralmente é usado esse tipo de linguagem para que o texto se alinhe à determinada comunidade linguística ou atinja determinados propósitos textuais.

Isso porque é um tipo de conhecimento requerido até mesmo pelos falantes nativos de uma língua, que pode ser facilitado pelo nível de escolaridade ou pelo nível de experiência de mundo do indivíduo. É o que observamos nos textos das edições iniciais do exame Celpe-Bras,

em que há uma predominância de textos que exploram os aspectos culturais do Brasil ou o caráter estilístico da língua. Podemos usar como exemplo os trechos abaixo.

ANO	CATEGORIA DA RELAÇÃO	TEXTO
1998	Ambiguidade	Viu também com a mente
1998	Ambiguidade	e se perguntou se uva é natureza ou cultura
1998	Ambiguidade	Assim como o próprio ser humano foi semeado pela própria natureza em
1998	Ambiguidade	colher a uva , esmagá-la e transformá-la em vinho é cultura, assinalou Paulo
1998	Ambiguidade	Trabalho que instaura o nó de relações , a vida social
1998	Ambiguidade	Antes de aprender as letras , Pedro sabia erguer uma casa, tijolo a tijolo.
1998	Ambiguidade	O médico, o advogado ou o dentista, com todo o seu estudo, não eram capaz de construir como Pedro.
1998	Ambiguidade	Pedro viu a uva e Paulo Freire mostrou-lhe os cachos , a parreira , a plantação inteira .
1998	Ambiguidade	A leitura do mundo
1999	Ambiguidade	Quanto maiores os horizontes , maior a consciência do relativo, imprescindível para julgar
1999	Ambiguidade	O tempo [...] é um grande escultor da maturidade
2010	Ambiguidade	Porque para os milhares de turistas que vão à praia à noite, tem estado fervendo - de gente e badalação
2010	Ambiguidade	Na sua idade, eu iniciava na militância infantil e injetava utopia na veia
2010	Ambiguidade	Você borboleteia por inúmeros nichos, enquanto sua mente navega à deriva qual bote sem remos jogado ao sabor das ondas
2010	Ambiguidade	Nas duas hipóteses você está sendo canibalizado pelo computador
2010	Ambiguidade	Por causa dos efeitos colaterais, artistas e mulheres comuns levantam a bandeira contra o produto que pode modificar as expressões faciais

Quadro 3: Trechos com ocorrências

Nos exemplos acima, tanto nos textos da edição de 1998, quanto as de 2010, é exigido um conhecimento amplo da língua, embora nos primeiros (1998) predomine a linguagem metafórica. Assim, embora os gêneros textuais exerçam determinada influência no tipo de linguagem utilizada, isso não significa ausência de relações lexicais ou que se trata de um texto mais fácil ou mais difícil, pois, além de haver a possibilidade de mesclagem de gêneros e de estilos de linguagem, o falante precisa conhecer e dominar a língua tal como é incorporada na sociedade. Portanto, é imprescindível pensarmos na importância de se lidar com a língua observada em seus diferentes contextos de uso, nos diferentes gêneros textuais e a partir do caráter polissêmico que a constitui.

É importante ressaltar que nosso recorte não inclui exatamente todas as ocorrências de relações lexicais nos textos, pois inviabilizaria a pesquisa, já que o texto como um todo já é construído em torno das relações que os itens lexicais mantêm entre si, o que implicaria analisar

todos os itens lexicais em todos os textos. Nossa intenção aqui é marcar as ocorrências que se destacam no texto no que diz respeito à construção de sentidos por meio dos itens lexicais, os quais, conseqüentemente, “comunicam” ao leitor estrangeiro que tais palavras ou expressões requerem mais atenção no nível de domínio lexical para que o texto ou partes dele seja compreendido corretamente. Isso justifica o fato de haver mais casos de ambigüidade destacados no *corpus* do que das outras relações, já que a ambigüidade geralmente aparece muito marcada nos textos, enquanto as relações de sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia, por serem tão naturais à construção de sentido no texto, já ocorrem de forma implícita, como pano de fundo, de modo que não chama a atenção do leitor estrangeiro para um nível de compreensão mais amplo, embora sejam fenômenos essenciais na construção de sentidos na língua, seja na compreensão ou na produção de textos.

Diante disso, com o intuito de explorarmos as relações lexicais e evidenciar seus papéis no texto, analisaremos os trechos destacados com os casos encontrados. Mais adiante, analisaremos com mais profundidade os textos selecionados, observando as ocorrências das relações lexicais distribuídas ao longo dos textos.

5.2 Análise dos textos de apoio

Conforme explicado nos capítulos anteriores, o comando para a realização das tarefas III e IV é dado a partir de textos que servem como base para a produção textual. O papel do candidato é ler e compreender os textos para, então, partir para a escrita do seu próprio texto, o qual será avaliado pelo exame conforme os critérios pré-estabelecidos. Embora esses critérios sejam categorizados em vários aspectos da língua, tais como coesão, coerência e gramática, a avaliação em si ocorre de forma holística, tal como acontece na língua, sendo coerente afirmarmos, portanto, que os aspectos lexicais perpassam toda a composição do texto.

Nesse sentido, analisaremos o texto abaixo enfatizando as relações lexicais evidentes e que merecem a atenção do leitor quanto ao domínio lexical necessário para a compreensão adequada do texto e posterior produção textual. Separamos os textos III e IV das edições de 1998 para serem analisados juntos, pela semelhança na abordagem temática. Trata-se de duas reportagens que apresentam o método Paulo Freire de ensinar.

TEXTO 1:

FREIRE/O MÉTODO *A partir de uma palavra ligada à realidade, são formadas outras; cartilha de massa é descartada*

Método usa dia-a-dia para alfabetizar

OPERSONAGEM



Leo Caldeira/Agência Lupa

MÔNICA RODRIGUES COSTA
Editora da Folha

O Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos foi proposto pelo educador nos anos 60 durante sua atividade no "Movimento de Cultura Popular do Recife".

Tem a vantagem de ser fácil e simples. Celso Beisiegel diz em livro que Freire "tinha a intenção de adequar o processo educativo às características do meio", o que não significa uma novidade em termos pedagógicos, mas cuja importância reside na descoberta do "modo de realizar essa associação, necessariamente, como característica intrínseca do processo educativo".

Paulo Freire adota como fundamento a relação entre o processo educativo e o meio social de quem aprende a ler e a escrever.

Com isso, a alfabetização no Brasil passa a ser vista de outra perspectiva. Como considera o contexto da aprendizagem, dispensa, na prática, as cartilhas de massa.

O diálogo é o procedimento principal, na visão de Sérgio Haddad, secretário-executivo da ONG Ação Educativa e professor da pós-graduação em história e filosofia da educação na PUC/SP, e a conscientização é o conceito central do método freiriano, uma vez que considera a educação um ato de conhecimento que conduz à libertação do sujeito alfabetizando, oprimido socialmente.

Haddad não restringiria a im-

portância de Paulo Freire à construção de um método. "Naquele momento histórico, ele transformou suas ideias em intervenção, em procedimento. A questão básica, que incorpora a primeira, é o fato de Freire tratar o adulto como adulto e respeitar seu pensamento e sua forma de vida."

Lino de Macedo, professor de psicologia da USP, diz que "a grande sacada do método de Paulo Freire é partir do fator que impediu o sujeito de ser alfabetizado e não mais somente do nível técnico de conhecimento dele".

Especificamente, método parte de uma pesquisa do universo vocabular do grupo de alfabetizando para selecionar situações-problema que servem de instrumento de discussão da realidade.

Apresenta imagens ligadas a essa realidade. A metodologia pode ser sintetizada, em linhas gerais, por meio do mais do que conhecido exemplo de alfabetizar usando a palavra geradora "tijolo".

O educador apresenta ao grupo uma imagem de uma construção em que aparecem em destaque o objeto tijolo e a palavra "tijolo".

O alfabetizando visualiza a palavra em sílabas (ta-te-ti-to-tu/ja-je-ji-jo-ju etc.) e passa a recombiná-las em outras palavras, como luta, lajota, jato, jute, lote. Macedo justifica a validade do método "no sentido de que não dá para pensar educação de adultos desvinculada do que a profissão exige. Daí a tarefa de educar ser política."

Figura 7: Texto de apoio da tarefa 3. Ano 1998

TEXTO 2:

Paulo Freire: A leitura do mundo

Frei Betto

• "Pedro viu a uva", ensinavam os manuais de alfabetização. Mas o professor Paulo Freire, com o seu método de alfabetizar conscientizando, fez adultos e crianças, no Brasil e na Guiné-Bissau, na Índia e na Nicarágua, descobrirem que Pedro não viu apenas com os olhos. Viu também com a mente e se perguntou se uva é natureza ou cultura.

Pedro viu que a fruta não resulta do trabalho humano. É Criação, é natureza. Paulo Freire ensinou a Pedro que semear uva é ação humana na e sobre a natureza. É a mão, multiferramenta, despertando as potencialidades do fruto. Assim como o próprio ser humano foi semeado pela natureza em anos de evolução do Cosmo.

Colher uma uva, esmagá-la e transformá-la em vinho é cultura, assinalou Paulo Freire. O trabalho humaniza a natureza

e, ao realizá-lo, o homem e a mulher se humanizam. Trabalho que instaura o nó de relações, a vida social. Graças ao professor, que iniciou sua pedagogia revolucionária com operários do Senal de Pernambuco, Pedro viu também que a uva é colhida por bóias-frias, que ganham pouco, e comercializada por atravessadores, que ganham melhor.

Pedro aprendeu com Paulo que, mesmo sem ainda saber ler, ele não é uma pessoa ignorante. Antes de aprender as letras, Pedro sabia erguer uma casa, tijolo a tijolo. O médico, o advogado ou o dentista, com todo o seu estudo, não era capaz de construir como Pedro. Paulo Freire ensinou a Pedro que não existe ninguém mais culto do que o outro, existem culturas paralelas, distintas, que se complementam na vida social.

Pedro viu a uva e Paulo Freire mostrou-lhe os cachos, a

parreira, a plantação inteira. Ensinou a Pedro que a leitura de um texto é tanto melhor compreendida quanto mais se insere o texto no contexto do autor e do leitor. É dessa relação dialógica entre texto no contexto que Pedro extrai o pretexto para agir. No início e no fim do aprendizado é a prática de Pedro que importa. Práxis-teoria-práxis, num processo indutivo que torna o educando sujeito histórico.

Pedro viu a uva e não viu a ave que, de cima, enxerga a parreira e não vê a uva. O que Pedro vê é diferente do que vê a ave. Assim, Paulo Freire ensinou a Pedro um princípio fundamental da epistemologia: a cabeça pensa onde os pés pisam. O mundo desigual pode ser lido pela ótica do oprimido ou pela ótica do oprimido. Resulta uma leitura tão diferente uma da outra como entre a visão de Ptolomeu, ao observar o sistema solar com os pés na

Terra, e a de Copérnico, ao imaginar-se com os pés no Sol.

Agora Pedro vê a uva, a parreira e todas as relações sociais que fazem do fruto festa no cálice de vinho, mas já não vê Paulo Freire, que mergulhou no Amor na manhã de 2 de maio. Deixa-nos uma obra inesquecível e um testemunho admirável de competência e coerência.

Paulo deveria estar em Cuba, onde receberia o título de doutor *honoris causa*, da Universidade de Havana. Ao sentir o dorlido seu coração que tanto amou, pediu que eu fosse representá-lo. De passagem marcada para Israel, não me foi possível atendê-lo. Contudo, antes de embarcar fui rezar com Nita, sua mulher, e os filhos, em torno de seu semblante tranqüilo: Paulo via Deus.

FREI BETTO é escritor, autor, em parceria com Paulo Freire, de "Essa escola chamada vida" (Ática)

Figura 8: Texto de apoio da tarefa 4. Ano 1998.

É interessante observarmos que, nos dois textos, os títulos e subtítulos se mostram desafiadores para o leitor, sugerindo que este já esteja familiarizado com os termos *leitura de mundo*, para se referir ao conhecimento adquirido a partir das experiências de vida do aluno, *usar o dia-a-dia para alfabetizar*, referindo-se ao método que parte das experiências cotidianas, e *cartilhas de massa*, para os métodos genéricos tradicionalmente usados nas salas de aula. Aqui, já podemos destacar a ambiguidade gerada nos três termos, os quais podem ser melhor compreendidos pelo leitor ao prosseguir com a leitura. As relações que marcamos como destaque nos dois textos foram as seguintes:

ANO	Período	TAREFA	CATEGORIA DA RELAÇÃO	TEXTO
1998	1	3	Ambiguidade	Viu também com a mente
1998	1	3	Ambiguidade	e se perguntou se uva é natureza ou cultura
1998	1	3	Ambiguidade	Assim como o próprio ser humano foi semeado pela própria natureza
1998	1	3	Ambiguidade	colher a uva , esmagá-la e transformá-la em vinho é cultura, assinalou Paulo Freire.
1998	1	3	Ambiguidade	Trabalho que instaura o nó de relações, a vida social
1998	1	3	Sinonímia	Pedro viu também que a uva é colhida por bóias-frias , que ganham
1998	1	3	Antonímia	Pedro viu também que a uva é colhida por bóias-frias, que ganham pouco , e comercializada por atravessadores, que ganham melhor
1998	1	3	Ambiguidade	Pedro viu também que a uva é colhida por bóias-frias, que ganham pouco, e comercializada por atravessadores , que ganham melhor
1998	1	3	Sinonímia	Pedro aprendeu com Paulo que, mesmo ainda sem saber ler , ele não é uma pessoa ignorante
1998	1	3	Ambiguidade	Antes de aprender as letras , Pedro sabia erguer uma casa, tijolo a
1998	1	3	Ambiguidade	O médico, o advogado ou o dentista, com todo o seu estudo, não eram capaz de construir como Pedro.
1998	1	3	Ambiguidade	Pedro viu a uva e Paulo Freire mostrou-lhe os cachos, a parreira , a plantação inteira .
1998	1	3	Ambiguidade	A leitura do mundo
1998	1	4	Ambiguidade	A partir de uma palavra ligada à realidade, são formadas outras; cartilha de massa é descartada
1998	1	4	Ambiguidade	Tinha a intenção de adequar o processo educativo às características do meio
1998	1	4	Ambiguidade	Mas cuja importância reside na descoberta do modo de realizar essa associação
1998	1	4	Ambiguidade	Mas cuja importância reside na descoberta do modo de realizar essa associação
1998	1	4	Ambiguidade	Paulo Freire adota como fundamento a relação entre o processo educativo e o meio social de quem aprende a ler e escrever
1998	1	4	Ambiguidade	Como considera o contexto da aprendizagem, dispensa, na prática, as cartilhas de massa .
1998	1	4	Sinonímia	Relação, diálogo e associação
1998	1	4	Sinonímia	Tinha a intenção de adequar o processo educativo às características do meio / Como considera o contexto de aprendizagem/ A relação entre o processo educativo e o meio social
1998	1	4	Ambiguidade	A questão básica, que incorpora a primeira, é o fato de Freire tratar o adulto como adulto e respeitar seu pensamento e sua forma de vida
1998	1	4	Ambiguidade	A questão básica, que incorpora a primeira, é o fato de Freire tratar o adulto como adulto e respeitar seu pensamento e sua forma de vida
1998	1	4	Ambiguidade	A grande sacada do método Paulo Freire é partir do fator que impediu o sujeito de ser alfabetizado e não mais somente do nível técnico de conhecimento dele

1998	1	4	Ambiguidade	Especificamente, método parte de uma pesquisa do universo vocabular do grupo de alfabetizandos para selecionar situações-problema que servem de instrumento de discussão da realidade
1998	1	4	Ambiguidade	Especificamente, método parte de uma pesquisa do universo vocabular do grupo de alfabetizandos para selecionar situações-problema que servem de instrumento de discussão da realidade
1998	1	4	Ambiguidade	A metodologia pode ser sintetizada, em linhas gerais, por meio do mais do que conhecido exemplo de alfabetizar usando a palavra "tijolo"

Quadro 4: trechos analisados nos textos de apoio 3 e 4. Ano 1998

Nas primeiras linhas, temos as expressões *ver com a mente*, em que *ver* é usado no sentido de compreender algo; o sentido de *uva* é apresentado como uma metáfora que se refere ao conhecimento adquirido, e, em seguida, temos *semear*, sendo usado no sentido de *gerar, criar*. Mais adiante, a expressão *colher a uva* e transformá-la em vinho remete à construção do conhecimento que se adquire por intermédio cultural.

Podemos observar que não é necessário o leitor saber, a priori, todos os possíveis sentidos do item lexical, mas deve saber chegar a um sentido adequado a partir do contexto textual em que o item é inserido. Entretanto, tal nível de interpretação é um tanto desafiador e requer um conhecimento da língua que vai além da comunicação simples do dia-a-dia, pois trata-se de uma linguagem abstrata e bastante metafórica. O mesmo ocorre em *Pedro viu a uva e Paulo Freire mostrou-lhe os cachos, a parreira, a plantação inteira*. Aqui, temos o uso de *cachos, parreira e plantação* no sentido figurado, indicando a amplitude de conhecimento que o método Paulo Freire permite. Porém, para se chegar a essa conclusão, é necessário que o leitor possua não só um conhecimento prévio dos significados dessas palavras, mas que saiba aplicá-las ao contexto em que estão sendo usadas, para, então, estabelecer um sentido adequado.

O mesmo acontece no uso dos termos *aprender as letras, nó de relações, construir, residir, sacada, forma de vida, universo, cartilhas de massa, pensamento e nó de relações*, sugerindo que o leitor compreenda a ambiguidade gerada fazendo uma transição do termo do sentido concreto para o abstrato. Por outro lado, os termos *bóias-frias e atravessadores*, apesar de requererem do leitor um conhecimento prévio do sentido dessas palavras para se referir às profissões dos agricultores, o próprio texto dá pistas de que se trata de profissões em *bóias-frias, que ganham pouco [...], atravessadores, que ganham melhor*. É interessante observarmos que *pouco* e *melhor* são colocados aqui como antônimos, configurando-se como um resultado da língua tal sob o ponto de vista do uso, no qual não há antônimos perfeitos, como acontece com os termos, *ganhar pouco/ganhar bem, ganhar*

ruim/ganhar melhor, ganhar mal/ganhar melhor etc. geralmente utilizados neste mesmo contexto.

Consoante a esse exemplo, o seguinte trecho também merece nossa atenção quanto à relação de antonímia: *Pedro aprendeu com Paulo que, mesmo ainda **sem saber ler, ele não é uma pessoa ignorante***. Nesse trecho há uma certa expectativa de sinonímia a ser criada a partir de *sem saber ler*, que estabeleceria relação de sentido com *ser ignorante*. Logo, uma outra relação se cria a partir dos antônimos *saber ler X ser ignorante*. No entanto, as expressões “*sem saber ler*” e “*não é uma pessoa ignorante*”, que, vistas sob a perspectiva das relações sinonímicas e antonímicas seriam contraditórias, deixam de ser, em função da concessão permitida pelo conectivo “mesmo”. Essa “exigência” de um conhecimento lexical em maior ou menor grau para se compreender o texto revela a natureza orgânica da língua, que uma vez em uso, pode se organizar de forma diferente para construir sentidos.

Podemos observar, aqui, que o conhecimento lexical requerido nos textos não é meramente linguístico, mas espera-se que haja uma relação de intimidade com a língua, para não apenas compreender o significado das palavras em si, mas ser capaz de construir os sentidos a que o texto se propõe, unindo elementos linguísticos e extralinguísticos da língua. Sobre essa variedade de sentidos possibilitada pela língua, é possível observarmos que alguns itens, além da polissemia própria que carregam, pode gerar dúvida na distinção desses sentidos devido à presença de mais de um deles no mesmo contexto, conforme apresentado nos trechos abaixo:

- *A metodologia pode ser sintetizada, em linhas gerais, por **meio** do mais do que conhecido exemplo de alfabetizar usando a palavra "tijolo"*
- *Tinha a intenção de adequar o processo educativo às características do **meio**/ Como considera o **contexto** de aprendizagem/ A relação entre o processo educativo e o **meio social***

No primeiro trecho, há o sentido de meio como veículo, que pode ser confundido com os sentidos apresentados no segundo trecho, em que meio significa local, referindo-se ao meio social, que também estabelece uma relação de sinonímia com a palavra *contexto*. É necessário, portanto, que o leitor seja capaz de estabelecer essa distinção e consiga diferenciar esses sentidos utilizando-se das informações contextuais apresentadas no texto e do seu conhecimento lexical da língua portuguesa. Outro caso semelhante, ocorre no trecho:

- *A grande **sacada** do método Paulo Freire é partir do fator que impediu o sujeito de ser alfabetizado e não mais somente do nível técnico de conhecimento **dele***

No trecho acima, observamos a ambiguidade gerada em *sacada*, que pode se referir tanto à construção de uma casa quanto a um momento inesperado em que uma ideia é criada para solucionar um problema, porém o texto se encarrega de oferecer um contexto que facilita a compreensão.

O outro item que merece atenção é a ambiguidade referencial gerada a partir do *dele*, cuja referência, embora a tendência seja retomar o último elemento, pode não ficar claro para o leitor estrangeiro a quem o item se refere, já que esse nível técnico de conhecimento pode se referir tanto ao de Paulo Freire, quanto ao do aluno. Nesse sentido, pode ser difícil para o leitor estrangeiro compreender e ser capaz de fazer inferência. Porém, considerando o contexto apresentado, ambas as interpretações são válidas no sentido de compreender para produzir um texto posteriormente, pois o leitor compreende que o método de Paulo Freire parte das situações cotidianas do aluno.

Isso implica dizer que não são incorporados isoladamente nem o conhecimento técnico de Paulo Freire, apenas como transmissão de conhecimento, nem o conhecimento técnico do aluno (o nível de escolaridade), apenas como receptor desse conhecimento. Essa observação enfatiza o que já havíamos mencionado anteriormente a respeito da necessidade de se criar uma relação de total envolvimento com a língua, de modo a desenvolver o conhecimento lexical e, conseqüentemente, as habilidades comunicativas do aluno falante de PLE.

Os textos analisados aqui são repletos de relações lexicais, metáforas e vários recursos linguísticos que dão ao texto características abstratas e literárias. Uma escrita um tanto complexa e pouco fluida, já que carrega muitos termos e expressões pouco familiares não apenas para o leitor estrangeiro, mas para qualquer falante da língua portuguesa que não esteja habituado a este tipo de leitura.

Não é nossa intenção adentrar em todas as construções apresentadas no texto, mas explicar alguns casos em que ocorrem relações lexicais para, então, promovermos uma discussão acerca da necessidade de, no papel de professores de PLE, enfatizarmos o estudo do léxico na sala de aula como instrumento de desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos.

Os textos desta edição do exame Celpe-Bras se destacam em relação aos demais, por apresentarem uma leitura mais densa e uma construção textual mais complexa, o que influencia

também na forma como os itens lexicais se apresentam e se relacionam um com os outros. Além disso, essa complexidade também é apresentada na forma como a proposta textual é lançada, como podemos observar na figura abaixo:

CELPE-Bras/PARTE COLETIVA

Tarefa III (texto escrito/leitura)

Após a leitura dos textos "Paulo Freire: A leitura do mundo", do jornal *O Globo*, de 3/5/97, e "Método usa dia-a-dia para alfabetizar", do jornal *Folha de S. Paulo*, de 3/5/97, responda às seguintes questões:

1. Relacione cada uma das três afirmações abaixo com os diferentes aspectos da proposta de alfabetização de Paulo Freire apresentados no texto.
 - a) "Pedro não viu apenas com os olhos: viu também com a mente".
 - b) "Pedro viu a uva; e Paulo Freire mostrou-lhe os cachos, a parreira, a plantação inteira".
 - c) "Pedro viu a uva e não viu a ave, que, de cima, enxerga a parreira e não vê a uva".
2. Explique o título "Paulo Freire: A leitura do mundo".

Tarefa IV (texto escrito/leitura)

Após a leitura dos textos "Paulo Freire: A leitura do mundo", do jornal *O Globo*, de 3/5/97, e "Método usa dia-a-dia para alfabetizar", do jornal *Folha de S. Paulo*, de 3/5/97, imagine que você tenha decidido falar sobre Paulo Freire para alguns colegas que nunca ouviram falar sobre ele. Redija o texto que você vai apresentar a partir das informações dos dois artigos que você leu, incluindo os seguintes elementos:

- a) dados sobre Paulo Freire;
- b) características de sua proposta de alfabetização;
- c) por que a proposta foi inovadora.

Figura 9: Enunciados das tarefas III e IV. Ano 1998.

Nesta edição, a proposta textual ainda não gira em torno de situar o candidato em uma situação social em que necessite utilizar a língua, mudança que ocorreu com as atualizações que o exame sofreu quanto ao método de avaliação com o passar dos anos. Nota-se que, assim como os textos, as questões de interpretação também apresentam um nível de complexidade que exige um domínio elevado da língua. Na sequência, observamos as relações lexicais no próximo texto.

TEXTO 3:

A convivência na república		
Veja os problemas mais frequentes em casas de estudantes e saiba evitá-los		
FICHÁRIO	O PROBLEMA	A SOLUÇÃO
 Horário	Um dos estudantes tem provas no dia seguinte e outro chega em casa com amigos para uma festinha e liga o som no último volume	No início do ano letivo, afixe em local visível um quadro em que todos escrevem a data das provas que vão fazer. Fica então combinado que a véspera vira dia de silêncio
 Comida	O providente compra pãezinhos e iogurte para o café da manhã e um colega, que chega com fome de madrugada, come tudo	
 Administração da casa	É difícil achar quem queira comprar os produtos de limpeza, pagar as contas do mês e trocar a lâmpada queimada	
 Limpeza	É irritante não ter copo para beber água porque todos estão sujos, ou precisar lavar a panela do macarrão que o outro usou	
 Objetos pessoais	Pegar roupa emprestada sem pedir, usar escova de cabelo, xampu e desodorante do colega	
 Privacidade	Alguns dos moradores podem ficar incomodados com a presença constante de namorados dos colegas. Ou com a presença de pessoas estranhas na casa	
 Dinheiro	Os orçamentos costumam ser enxutos e o atraso no pagamento da parte de um atrapalha a todos	

Figura 10: Texto de apoio da tarefa 3. Ano 1999, edição 1

No texto 4, são explorados os fenômenos de hiperonímia e hiponímia na categorização das palavras pertencentes a cada campo lexical. Antes de partir para a análise desses fenômenos, é válido expormos alguns casos de ambiguidade que também exercem um papel importante no texto, embora não seja o foco da nossa discussão.

Primeiramente, a palavra *república*, que aparece logo no início do texto, aciona uma ambiguidade entre os sentidos de *país* e *moradia de estudantes*, entre os quais o texto seleciona a segunda opção, esclarecendo isso mais adiante no trecho *veja os problemas mais frequentes em casas de estudantes*.

O segundo caso ocorre no tópico “dinheiro” ao explicar que os orçamentos costumam ser *enxutos*. Neste caso, o termo não se refere à ausência de líquido em uma superfície, mas a algo comprimido, mais compacto. Nossa experiência como falante da língua nos leva a essa conclusão, pois percebemos a relação que o termo estabelece com *orçamento* e com *atemática*

do texto, de modo que, ao deparar-nos com a expressão *orçamento enxuto*, logo remeteríamos a este sentido e não ao outro. A função do contexto seria enfatizar esse aspecto.

O último caso refere-se ao item *virar*, em *a véspera **vira** dia de silêncio*, localizado abaixo do tópico “solução”. O sentido utilizado no texto remete à mudança de um estado para o outro, no caso, dos dias normais para os dias de silêncio. Este é um item que se destaca pela abrangência de sentidos que possui, como nos exemplos:

- a) **Vire à direita** (direção)
- b) *Tentei falar com ele, mas ele **virou a cara** pra mim.* (direção, desprezo)
- c) *Você não pode **virar as costas** para o seu filho* (direção, desprezo, desamparo)
- d) *A maria **virou a cabeça**. Está agindo como uma louca.* (direção, mudança de estado)
- e) *Depois que entrou na política ele **virou corrupto*** (mudança de estado)
- f) **Viramos a noite** fazendo o trabalho da faculdade (mudança de estado)

Observa-se que todos estes sentidos expressam movimento, seja de uma direção para outra ou de um estado para outro, o que implica dizer que essa ambiguidade parte de um sentido comum aos diferentes usos de *virar*. Essas observações são dignas de serem exploradas nas aulas de PLE e constituem um conhecimento relevante no processo de ampliação do conhecimento lexical da língua portuguesa.

O terceiro e último caso ocorre no tópico “privacidade”, em *estranhas*, ao se referir a *presença de pessoas estranhas na casa*, termo que faz referência tanto a pessoas desconhecidas, como a pessoas de natureza suspeita. Porém o contexto se encarrega de direcionar o sentido, ao incorporar o item na categoria “privacidade”, que, no contexto, estabelece uma relação de sentido maior com *pessoas estranhas*, de modo que a presença constante de pessoas desconhecidas comprometeria a privacidade dos moradores.

Todos os itens apresentados acima merecem atenção do leitor e requerem um domínio lexical amplo para que a compreensão seja efetiva. Além disso, são termos frequentemente usados pelos falantes nativos, os quais, intuitivamente, são capazes de reconhecer e usar tais palavras obedecendo o seu caráter polissêmico. Embora o objetivo de um falante estrangeiro não seja necessariamente alcançar a fluência de um nativo, possuir uma amplitude semântico-lexical e vocabular auxilia no processo de compreender e ser compreendido em uma língua estrangeira.

Analizados os casos de ambiguidade que se mostram no texto, partimos para a análise dos casos de hiperonímia e hiponímia, que parecem servir de base para todo o texto, cuja construção ocorre a partir da inserção dos textos nas categorias *horário*, *comida*, *administração da casa*, *limpeza*, *objetos pessoais*, *privacidade*, *dinheiro*, os quais se comportam como hiperônimos dos textos que listam os problemas pertencentes à cada categoria. O próprio texto expõe essa categorização para o leitor, denominando-o de “fichário”, como se cada categoria representasse uma “ficha” dentro do tema “A convivência em república”. A fim de sistematizar a nossa análise, organizamos os textos que compõem cada categoria da seguinte forma:

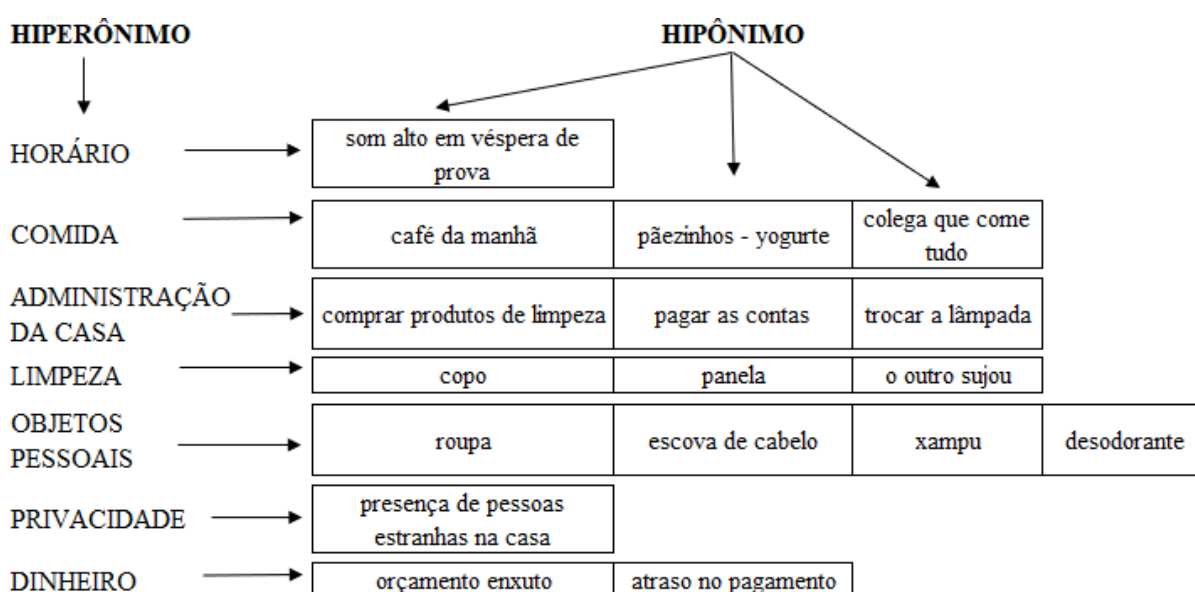


Figura 11: Categorização das palavras do texto de apoio da tarefa 4. Fonte: Elaboração própria

É importante ressaltar que a construção desses hipônimos ocorre a partir de uma relação que estabelecem com a temática do texto *problemas na convivência em república*, e não necessariamente com o significado das palavras em si. Assim, no tópico *horário*, o trecho *ligar o som no último volume quando o colega tem prova no dia seguinte* não estabelece uma relação direta com seu hiperônimo, mas o contexto possibilita essa relação.

Já na categoria *comida*, podemos estabelecer uma relação direta com *café da manhã*, *pãezinhos e yogurt*, porém *colega que come tudo* só é retomado através do contexto. Na categoria *objetos pessoais*, há termos diretamente relacionados (roupa, escova de cabelo, xampu, desodorante). O mesmo ocorre em *Administração da casa*, com o direcionamento sentido direto dos termos *comprar produtos de limpeza*, *pagar as contas*, *trocar a lâmpada*, e em *objetos pessoais* (roupa, escova de cabelo, xampu, desodorante). Já nas categorias *limpeza*, *objetos pessoais*, *privacidade* e *dinheiro*, há termos que, embora não estejam diretamente

relacionados pelo sentido intrínseco da palavra, estabelecem uma relação de *conjunto*, em relação ao *texto-problema*, seu hipônimo.

A produção textual desta tarefa é simples, desde que haja uma boa compreensão do texto, pois não exige tantas estratégias de escrita do candidato, mas apenas algo objetivo e claro que se mostre como uma solução para o problema apresentado. No entanto, espera-se que a resposta do candidato seja ao menos similar ao exemplo apresentado no primeiro tópico, que serve como direcionador da forma como o candidato deve elaborar seu texto. Dessa forma, o desempenho será avaliado pelo quão sucinta, mas ao mesmo tempo completa, a resposta pode ser. O candidato que mais se aproxima do modelo teria um nível de proficiência alto, do contrário, seu nível de proficiência seria menor.

Vale ressaltar que o importante aqui não é necessariamente a quantidade de sentenças que o candidato é capaz de elaborar, mas a forma como constrói o texto e a capacidade de cumprir o objetivo proposto, ou seja, apresentar uma solução, até porque é possível que um candidato escreva um texto maior, com mais sentenças, porém, sem o cumprimento do propósito. Por outro lado, é importante considerarmos que um candidato com um bom domínio vocabular e lexical tende a apresentar uma solução bem construída e completa, com uma quantidade maior de palavras e sentenças, enquanto um candidato com menor domínio tende a usar menos palavras e a construir sentenças menores, não acrescentando tantos detalhes.

A tarefa se mostra eficiente na avaliação do conhecimento e competência lexical do candidato, tendo em vista que trata das relações de categoria entre as palavras obedecendo à natureza polissêmica da língua. Essa categorização auxilia no reconhecimento das palavras que se constituem como base para a construção de determinado campo lexical, considerando não apenas o sentido isolado destas, mas a relação que estabelecem com as outras e com o contexto em que estão inseridas.

A partir disso, entendemos que, por mais simples que a tarefa possa parecer, não é suficiente apenas decodificar o conteúdo do texto, mas ser capaz de interpretá-lo e fazer inferências para que as relações de sentido entre as categorias sejam reconhecidas e favoreçam a produção textual. Outra observação interessante é a forma como o próprio texto é capaz de direcionar o leitor no que diz respeito à compreensão e à produção textual, por meio dos títulos e dos tópicos que categorizam os campos lexicais ou até mesmo pela “resposta exemplo”, situada no campo “solução”, que auxilia o candidato na escrita do próprio texto.

O próximo texto de apoio analisado é da 2ª edição do ano 2007. Nele exploraremos os fenômenos da antonímia e da ambiguidade, gerados principalmente pelas metáforas de expressões idiomáticas.

TEXTO 4:



Volta por Cima

HÁ MALES QUE VÊM PARA O BEM

ESSE ADÁGIO POPULAR FAZ TODO O SENTIDO PARA O ADMINISTRADOR FRANCISCO ANTÔNIO NILBER SANTIAGO BARROSO, 46 ANOS. UM FUXÃO DE TAPETE O FEZ SAIR DE UM EMPREGO BUROCRÁTICO E DESCOBRIR NA CONDUÇÃO DE UMA POUSADA SEU VERDADEIRO TALENTO.

Nasci em Canindé, uma cidade de 170 mil habitantes e muito conhecida pelo turismo religioso a 110 km da capital cearense. Meu pai, já falecido, era fazendeiro, e minha mãe, professora aposentada. Ela sempre achou importante minha educação. Por isso, fui para Fortaleza terminar o ensino médio e fazer faculdade. Fiz duas: administração de empresas e ciências contábeis. Estudei inglês, alemão e francês. Em 1986, mudei para o interior do Maranhão por causa de uma oportunidade de trabalho no Banco do Brasil. Anos depois, fui transferido para Natal, onde sofri uma depressão profunda, e em 1995 retornei a Fortaleza. Nesse regresso, passei pelo primeiro revés da vida adulta. Fui indicado para substituir meu chefe, que estava de férias. E tive um baque quando, no mesmo dia em que ia assumir o posto, sentar na cadeira dele e tudo o mais, ele reapareceu. Uma colega fez com que ele retornasse de férias justamente nesse dia. Foi clara a intenção de puxar meu tapete com o consentimento dele. Me senti tão péssimo que, no mesmo dia, entrei num plano de demissão voluntária.

De imediato, não me desesperei. O dinheiro da rescisão deu para montar uma locadora e consegui levar o

negócio por meses. Mas fracassou. Depois veio a fase difícil, pois era casado e já tinha dois filhos. Saber que o dia 20 não era mais a data de pagamento me dava uma insegurança constante. Ainda tentei trabalhar como contador com minha mulher, mas estava profundamente infeliz. Até que em 1999 decidi abandonar a contabilidade e me separar. Nessa época, minha mãe adoeceu e, ao visitá-la, percebi

dia de cada vez, sem muita expectativa, adicionando aos poucos um diferencial de higiene e conforto aos quartos. Fiz empréstimos e todo dinheiro que ganhava reaplicava na pousada. Aos poucos a clientela aumentou e passamos das quatro suítes e dos seis quartos comuns para 17 suítes, dois quartos simples, cafeteria, área de lazer, cozinha comunitária e uma biblioteca. Recebo turistas brasileiros e estrangeiros e, para alguém que era tímido e introvertido — a ponto de ter sofrido de fobia social —, me considero hoje em dia um falante. Sentar na calçada e ouvir um bom dia de quem passa na rua é, para mim, um abraço que recebo. E desde que retornei para Canindé, esse gesto simples só tem cimentado a certeza de que fiz a coisa certa.

SORTE É IMPORTANTE. MAS QUANDO A OPORTUNIDADE APARECE É PRECISO ESTAR PREPARADO PARA ELA. SÓ QUANDO AMADURECI PERCEBI ISSO

que o motivo era a pousada fundada por ela.

O casal que tomava conta do hotel e recebia 10% do faturamento estava pedindo mais; queria 50% dos lucros. Isso a deixou debilitada e, ao mesmo tempo, pareceu a oportunidade de que eu precisava. Não me importei de deixar a cidade grande e voltar para a pequena. Era o mês de março, de baixa temporada para o turismo. Mas fui levando um

Meus filhos, hoje com 16 e 11 anos, vieram morar comigo e aumentaram essa alegria. Por tudo isso, agradeço à colega que, embora tentando me prejudicar, foi a responsável por uma mudança maravilhosa em minha vida. Há males que vêm para o bem. Não tenho a menor dúvida de que o dia em que tive mais coragem na vida foi quando saí do banco. E o de maior sorte foi aquele em que resolvi voltar para casa.

98 BOMAS FOLHOSOS JULHO 2007

Figura 12: Texto de apoio da tarefa 3. Ano 2007, edição 2

O texto acima, que serviu de apoio para a tarefa 3 do exame Celpe-Bras de 2007, 2ª edição, inicia com o título *volta por cima*, expressão típica do cotidiano, utilizada para se referir à superação de um sofrimento. Trata-se de uma expressão metafórica, que gera uma ambiguidade de sentido por também permitir um significado literal, voltar por cima de algo, embora não seja comumente usada nesse sentido. A compreensão correta depende da familiaridade do leitor com certas expressões da língua utilizadas pelos falantes nativos ou de sua capacidade de fazer inferências a partir dos outros elementos presentes no texto. É importante observarmos que o termo não é apresentado do mesmo modo como é popularmente conhecido, pois em vez de “*dar a volta por cima*”, aparece apenas como *volta por cima*, o que não impede que um falante nativo da língua ou um falante estrangeiro familiarizado com esse tipo de linguagem compreenda o sentido apresentado.

Nesse sentido, percebe-se que não é suficiente que o leitor estrangeiro conheça as estruturas da língua ou significado de tais palavras, mas que seja capaz de unir esse conhecimento ao aparato cultural que envolve a língua. Desse modo, o falante é capaz de não apenas reconhecer nos textos os termos com os quais já tem familiaridade, mas também de fazer inferências e tentar modelar o sentido ao contexto em que o item se insere, o que implica possuir uma competência semântico-lexical que permite uma interação real com a língua.

No próximo título, *há males que vêm para o bem*, deparamo-nos com um ditado popular que se constrói a partir de uma relação de antonímia, *mal* e *bem*. É interessante notar como esse segundo termo conversa com o anterior, quase numa relação de valor sinonímico, ao mesmo tempo em que compartilham os campos lexicais *superação e sabedoria popular*. Esse diálogo continua, mas adiante, com a presença da expressão popular *puxar o tapete*, no trecho do subtítulo *Um puxão de tapete o fez sair de um emprego burocrático e descobrir na condução de uma pousada seu verdadeiro talento*, conduzindo o sentido do texto de forma gradual. Aqui, há um afunilamento do que foi colocado nos títulos, explicando do que se trata essa volta por cima, e esse mal que veio para o bem, dando “pistas” ao leitor sobre o assunto que permeia o texto.

Esse diálogo é finalizado, ratificando a informação inicialmente lançada para o leitor no trecho: *Por tudo isso, agradeço à colega que, embora tentando me prejudicar, foi a responsável por uma mudança maravilhosa em minha vida*. Essa observação expõe claramente a forma como os itens lexicais se organizam e se relacionam entre si contribuindo para a progressão textual e construção do sentido global do texto, o que ajuda o leitor a fazer um direcionamento adequado para os sentidos ali apresentados. Vejamos as demais relações lexicais:

- Não me importei em **deixar** a cidade **grande** e **voltar** para a **pequena**
- Tive um **baque** quando, no mesmo dia em que ia assumir o posto, **sentar na cadeira dele** e tudo o mais, ele reapareceu;
- Esse gesto simples só tem **cimentado** a certeza de que fiz a coisa certa;
- O dia em que tive mais coragem na vida foi quando **saí do banco**. E o de maior sorte foi aquele em que resolvi **voltar pra casa**

No primeiro trecho, temos uma relação de antonímia em *grande* e *pequena*, palavras de sentido vago, mas que estabelecem, aqui, uma oposição de sentido entre uma cidade não necessariamente grande em termos geográficos, mas desenvolvida, em termos de população e economia e uma cidade com aspectos opostos a estas. Essa relação de oposição ocorre de modo mais sutil em *deixar* e *voltar*, pois apesar de não apresentarem sentidos diretamente opostos, estabelecem uma relação de antonímia gerada a partir dos sentidos *sair de um lugar* (*deixar, abandonar*) e *voltar* (*retornar, regressar*).

Essa oposição pode se mostrar mais sutil na frase pelo fato de esse retorno ter sido para um lugar diferente do anterior. Um exemplo disso é quando afirmamos que *deixamos de fazer algo* (*Deixei de beber*) e *voltamos a fazer algo* (*voltei a beber*), expressões em que percebemos com mais clareza essa relação de oposição em razão de os termos compartilharem o mesmo objeto de ação (beber).

Com essas considerações, fica evidente que, assim como as demais relações lexicais nem sempre se comportam de forma fixa, não podemos considerar a antonímia como relação de oposição perfeita, nem tão pouco desconsiderar o contexto, tanto no que se refere à relação estabelecida entre os termos quanto ao desenvolvimento dessas relações na construção do sentido global do texto. Quanto ao falante de PLE, é crucial que se aproprie inteiramente desse aspecto “não fixo” da língua para desenvolver suas habilidades comunicativas.

Nos itens *baque*, *sentar na cadeira dele* e *cimentado*, há novamente uma colocação ambígua, que se configura entre o sentido literal e o sentido abstrato dos termos. A primeiro termo – *baque* - pode se referir à *queda*, tanto no sentido literal, como no sentido de se impressionar com algo. A segunda colocação ambígua diz respeito ao ato de sentar literalmente na cadeira e ao de ocupar o cargo da outra pessoa, e o terceiro item ambíguo, *cimentado*, aciona os sentidos de colocar cimento (cimentar) e reforçar ou concretizar algo. No entanto, o próprio contexto promove o direcionamento dos sentidos, optando pelo sentido mais abstrato.

Em *O dia em que tive mais coragem na vida foi quando saí do banco. E o de maior sorte foi aquele em que resolvi voltar pra casa*, o item lexical *sair* gera ambiguidade pela possibilidade de referência tanto ao dia em que a pessoa foi ao banco e depois saiu, informação presente no texto, como ao dia em que ele pediu demissão, pois trabalhava no banco. Do mesmo modo, o termo *voltar pra casa* pode referir tanto ao dia específico em que a pessoa voltou pra casa como ao fato de pedir demissão do banco e ficar em casa até conseguir trabalhar como autônomo.

No entanto, nota-se que aqui não há necessidade de “desambiguação” dos termos, já que, pelo contexto, infere-se que ambos os sentidos podem coexistir, contribuindo, inclusive, com a atribuição de sentido do texto. Em outras palavras, essa ambiguidade não gera uma compreensão equivocada, pelo fato de a pessoa referida no texto ter realizado essas ações simultaneamente, de modo que, caso o candidato parafraseie ou comente sobre essas ações na sua produção textual, estará também se referindo a essas duas situações.

É importante enfatizar que essa ambiguidade é gerada devido às outras informações presentes no texto, ou seja, foi o contexto, e não o item lexical isoladamente, que lançou essa dupla interpretação. Por outro lado, o uso desses termos na construção da ambiguidade só se torna possível pela carga semântica que conferem à frase, ou seja, dentro dos diversos sentidos que a língua permite para *sair*, um deles é o que foi usado no texto.

Essa observação corrobora com o que discutimos na seção 3 deste trabalho, quando da relação entre significado e contexto, pois os itens lexicais, de forma isolada, ajudam a identificar onde recai a ambiguidade, mas são os aspectos contextuais que nos fazem enxergar com profundidade como este fenômeno se apresenta, a partir das relações que estabelecem com os outros elementos no texto.

Dando sequência à nossa análise, veremos o texto de apoio utilizado na tarefa III do exame Celpe-Bras, no ano de 2010, 1ª edição.

TEXTO 5:



À NOITE
Areia morna,
água límpida,
clima ameno.
E a orla torna-se
irresistível

BANHO DE LUA

Com um verão de 40 graus no Rio, a praia noturna vira o grande programa da temporada

Maira Magro

Com o calor batendo recorde no Rio de Janeiro – a temperatura média de fevereiro beira os 40 graus –, frequentar a praia à noite virou o grande programa deste verão para os cariocas. Quando o sol começa a se pôr, por volta das 19h45, e a areia já não queima os pés, a orla ganha um segundo turno de frequentadores: moradores e turistas ávidos por refrescar o corpo ao fim do dia, aproveitando o ar mais ameno e o espelho d'água iluminado pelos holofotes do calçadão. Não é preciso protetor solar, não há disputa feroz por vaga para estacionar o carro e a pouca luz deixa todo mundo mais à vontade. O banho noturno tem como pontos: o Arpoador, na ponta de Ipanema, e o Leme, na outra ponta, só que de Copacabana, escolhidos por serem bem iluminados e, portanto, mais seguros. No clima de descontração, há famílias, grupos de amigos tocando violão, namorados trocando carícias e solitários caminhando à beira d'água. Para completar o cenário, a água está límpida e azul, por causa da falta de chuva. "Parece o mar do Caribe", descreve a psicóloga Andréa Seria, 42 anos, que frequenta as noites do Arpoador quatro vezes por semana.

A publicitária Mariana Campos, 27 anos, chega à praia às 20h com amigos e não sai antes da meia-noite. "Levamos biscoitos, bebidas... Fazemos uma farofada",

40 graus
é a temperatura média da cidade do Rio de Janeiro neste mês de fevereiro

assume. Algumas vezes, mergulham até as duas da manhã. "Não faz frio", garante. Outro que gostou da proposta foi o ator Alexandre Borges, que, de seu apartamento em Ipanema, caminha até a praia para ver o pôr do sol com a esposa, a atriz Júlia Lemmertz, e o filho, Miguel, 9 anos, e depois aproveita para pular no mar. "É maravilhoso", diz. "Mergulhar à noite traz uma sensação de aventura e mistério, como na infância."

Mas o Corpo de Bombeiros não está gostando dessa moda. "Não recomendamos o banho de mar à noite porque não temos como garantir a segurança das pessoas", diz o tenente-coronel Alexandre Rocha. Segundo ele, nesse horário a visibilidade da água não é boa e, além disso, os salva-vidas deixam a praia às 20h. Porém, parece que sob a lua os banhistas são mais cautelosos. Enquanto a corporação já resgatou, neste ano, duas mil pessoas em risco de afogamento durante o dia, nunca recebeu um pedido de socorro à noite. "O mar tem estado calmo", pondera o coronel Ricardo Nunes. Só se for do ponto de vista dele. Porque, para os milhares de turistas e cariocas que vão à praia à noite, tem estado fervendo – de gente e badalação.

Revista ISTO É, 17 de fevereiro de 2010, p. 57.

Figura 13: Texto de apoio da tarefa 3. Ano 2010, edição 1

No texto 5, as relações de sinonímia se destacam, com a presença de casos pontuais de ambiguidade.

A expressão “Banho de lua”, que aparece no título do texto, intriga o leitor pouco familiarizado, já que, além de possuir uma linguagem metafórica, é pouco conhecida inclusive por alguns brasileiros. A expressão é usada para se referir a “um procedimento estético muito realizado no verão com o objetivo de clarear os pelos, tornando-os menos visíveis a olho nu”. Outro sentido popularmente conhecido por brasileiros é o que faz referência à música “Banho de Lua” (1960), da cantora Celly Campello, cuja interpretação se aproxima mais do título do texto no sentido de “ficar sob a luz da lua”.

Entretanto, não é necessário buscar essas referências para se chegar ao sentido que foi utilizado, uma vez que o próprio texto é capaz de direcionar o leitor (para além da canção), indicando que, além de ficar *sob a luz da lua*, chama a atenção o fato de as pessoas tomarem banho de mar à noite. Portanto, apesar de ser um termo pouco popular, é possível, a partir do texto, compreender a ambiguidade de sentido provocada pelo uso metafórico da expressão “banho de lua, uma vez que todos os elementos dos textos (imagem, subtítulo e corpo do texto) corroboram com esse direcionamento de sentido. Um dos pontos que se destaca é o uso contínuo de diferentes termos de valor sinonímico que estão definindo e retomando o sentido de “banho de lua”, como podemos notar nos exemplos abaixo:

- *Frequentar **a praia à noite** virou o grande programa deste verão*
- ***Mergulhar à noite** traz uma sensação de aventura e mistério, como na infância*
- *Para os milhares de turistas e cariocas que vão à **praia à noite***
- *Com um verão de 40 graus no Rio, a **praia noturna** vira o grande programa da temporada.*
- *O **banho noturno** tem como points o Arpoador [...] e o Leme [...].*

O mesmo ocorre com a relação de sinonímia entre os termos *praia*, *mar* e *água*, os quais exercem uma função anafórica no texto. Observemos:

- *Frequentar **a praia** à noite virou o grande programa deste verão*
- *O espelho **d'água** iluminado pelos holofotes do calçadão*
- *A visibilidade da **água** não é boa*
- *Para completar o cenário, a **água** está límpida e **azul***
- *[...] e depois aproveitar para pular no **mar***
- *O **mar** tem estado calmo*
- *Para os milhares de turistas e cariocas que vão à **praia** à noite*

É interessante notarmos que os termos *praia* e *mar* são mais próximos quanto ao significado, já *água* sofre uma adaptação maior ao contexto, já que, em outras situações, seu significado mudaria facilmente. Apesar disso, a relação entre os três significados neste texto é harmoniosa e não é difícil para o leitor compreender isso. Esse mesmo mecanismo de relação entre os termos ocorre em *praia noturna*, *praia à noite* e *banho noturno*, em que banho noturno

sofre mais adaptação ao contexto, já que poderia receber outro significado em um contexto diferente

Embora haja uma sensação de equivalência entre os sentidos dessas palavras, é importante observarmos que essa “harmonia” na relação conta com fatores pragmáticos que se incorporam ao léxico, reafirmando a não existência de sinônimas perfeitas. Isso fica perceptível quando tentamos substituir indiscriminadamente um termo pelo outro e preservar o sentido. Vejamos:

- **água/ praia/ mar**

- g) *Frequentar **a praia/ o mar / a água** à noite virou o grande programa deste verão.*
- h) *O espelho **d'água/ do mar / da praia** iluminado pelos holofotes do calçadão.*
- i) *A visibilidade da **água/ do mar/ da praia** não é boa.*
- j) *Para completar o cenário, a **água/ o mar/ a praia** está límpida e **azul**.*
- k) *[...] e depois aproveitar para pular no **mar/ na água/ na praia**.*
- l) *O **mar/ a água/ a praia** tem estado calmo.*
- m) *Para os milhares de turistas e cariocas que vão à **praia/ ao mar/ à água** à noite.*

São perceptíveis as mudanças de sentido que podem ser causadas por uma simples substituição de palavras. Em todos os exemplos, a substituição das palavras causaria estranheza ao leitor, como em d) [...] *A praia está límpida e azul* e em m) [...] *turistas que vão à água à noite*, ou atribuiria um novo sentido à frase que não é o pretendido pelo contexto, como em h) *O espelho do mar*, *O espelho da praia*, em i) *A visibilidade do mar não é boa*, *A visibilidade da praia não é boa*, em k) [...] *e depois aproveitar para pular na praia* e em l) *A praia tem estado calma*.

Entretanto, nos exemplos k) *pular no **mar/ pular na água*** e l) *O **mar** está calmo/ A **água** está calma*, há uma exceção, pois *mar* e *água* exercem uma relação maior de aproximação de sentido, o que é compreensível, já que tais termos se restringem ao *ambiente aquático* da praia, esta que por sua vez, neste contexto, incorpora os ambientes do calçadão, da areia e do mar.

Portanto, os termos *praia*, *mar* e *água*, embora possuam valor sinonímico no texto, caso sejam substituídos uns pelos outros, o sentido não será o mesmo, tanto em outros contextos como no apresentado neste texto. Quanto aos termos *banho de lua/ praia à noite/ banho noturno/ mergulhar à noite* essa relação ocorre de modo um pouco diferente. Observemos:

- ***banho de lua/ praia à noite/ banho noturno/ mergulhar à noite***

- n) *Frequentar a praia à noite/ banho de lua/ banho noturno/ mergulhar à noite* virou o grande programa deste verão.
- o) *Mergulhar à noite/ banho de lua/ banho noturno/ praia à noite* traz uma sensação de aventura e mistério, como na infância.
- p) *Para os milhares de turistas e cariocas que vão à praia à noite/ ao banho de lua/ ao banho noturno / mergulhar à noite.*
- q) *Com um verão de 40 graus no Rio, a praia noturna/ o banho de lua/ o banho noturno/ mergulhar à noite/ a praia à noite* vira o grande programa da temporada.
- r) *O banho noturno/ o banho de lua/ mergulhar a noite/ a praia à noite* tem como points o Arpoador [...] e o Leme [...].

As relações de sinonímia entre *banho de lua/ praia à noite/ banho noturno/ mergulhar à noite* se mostram mais flexíveis em relação às anteriores, pois a substituição dos termos não causaria tanto estranhamento no leitor, se utilizados em contextos semelhantes. Nos exemplos, “praia à noite” se adequa com facilidade a todos os casos, exceto em r), pois a frase *A praia à noite tem como points o Arpoador [...] e o Leme [...]*, causaria estranhamento no leitor. Quanto aos termos *banho de lua / banho noturno/ mergulhar à noite*, a substituição também se adequa com facilidade, desde que aplicados no mesmo contexto do texto 5.

Embora a sinonímia seja o maior destaque dessa análise, é válido destacar alguns casos de ambiguidade gerada pelo uso de termos metafóricos e hiperbólicos muito utilizados no cotidiano do brasileiro, são eles:

- s) *Levamos biscoitos, bebidas... Fazemos uma **farofada**.*
- t) *Porque para os milhares de turistas que vão à praia à noite, tem estado **fervendo** - de gente e badalação.*
- u) *Com o calor batendo recorde no Rio de Janeiro a temperatura média de fevereiro **beira** os 40 graus.*
- v) *Quando o sol começa a se pôr, por volta das 19h45, e a areia já não **queima** mais os pés.*

Em s), o termo *farofada*, utilizado para se referir a pessoas que levam muita comida e bagagem na ida à praia, é bastante popular entre os brasileiros e muito pertinente ao contexto do texto. Para o falante de PLE, é fácil ter familiaridade com a palavra, devido a sua alta recorrência na linguagem cotidiana.

Em t) e v), percebe-se o exagero nas expressões *ferver de gente* e *queimar os pés*, uma característica marcante da linguagem cotidiana do falante nativo de português brasileiro. A ambiguidade nesses exemplos é gerada pelo uso de *ferver* e *queimar* no sentido figurado, para significar *multidão de pessoas* e *areia quente*.

No exemplo u), *beirar* está sendo utilizado no sentido de *aproximar-se*. O uso desse termo no contexto do texto 5 é relevante porque levanta a relação de ambiguidade com *beira-mar*, *beira da praia*, *beira da piscina*, termos pertinentes ao contexto que podem ser destacados pelo professor em sala de aula.

Na análise do texto 5, os poucos casos de ambiguidade foram suficientes para levantar algumas discussões sobre as formas de se trabalhar tal fenômeno em sala de aula. Assim, entendemos que a observação do sentido dessas palavras no texto pode servir de ponte para o professor trabalhar outros termos utilizados pelos brasileiros em contextos semelhantes ao do texto, tais como *morrer de calor*, *sol escaldante*, *abafado*, etc. Além disso, explorar a ambiguidade a partir das figuras de linguagem, como a hipérbole, expande o repertório lexical do aprendiz e aumenta o seu domínio lexical.

No que se refere à sinonímia, exploramos as relações com função anafórica, que auxiliam na progressão textual. A substituição dos termos não deve ser vista como uma mera ferramenta para evitar a repetição, mas como parte da própria dinamicidade da língua. Uma das justificativas para isso é que essa substituição não é feita de modo aleatório, pois, conforme foi analisado, apenas substituir por termos semelhantes não garante uma construção natural das sentenças, pois pode causar estranhamentos ou não fazer sentido dentro do contexto apresentado.

Com isso, entendemos a importância do cuidado ao explorar a sinonímia, pois a construção de sentidos vai além do significado registrado nos dicionários. As palavras adquirem diferentes sentidos a depender do contexto linguístico e situacional em que são usadas. Para um falante de PLE, por exemplo, não é suficiente entender que *mar*, *praia* e *água* são sinônimos, do mesmo que seria equivocado afirmar que são termos equivalentes. É preciso analisar em quais contextos esses termos podem exercer relações de aproximação de sentidos e em quais exercem uma relação de distanciamento ou oposição. Compreender esses aspectos torna a

aprendizagem da língua mais ativa, aumenta o domínio lexical e a competência comunicativa do aprendiz.

Na sequência, analisaremos o texto de apoio do ano 2014, da primeira edição do exame. Nele, veremos como os campos lexicais *viagem* e *biblioteca* a princípio, diferentes, podem dialogar entre si e quais as relações lexicais que são geradas a partir desse diálogo.

TEXTO 6:



BAGAGEM VALIOSA
No sobe e desce do bairro de Porto Alegre, Alves semeia cultura

O morro e as malas

Se os leitores não visitam as bibliotecas, que tal levar os livros até a casa deles?

BEATRIZ VICHESSI, de Porto Alegre, RS bvichessi@abril.com.br

Encontrar um morador do Morro da Cruz, em Porto Alegre, com destino ao aeroporto e à rodoviária não é, definitivamente, algo comum. A região é um dos pontos carentes da capital gaúcha, o que faz com que boa parte de seus habitantes nunca viaje – e conheça apenas as redondezas e, ainda por cima, a pé.

Apesar disso, ver pessoas puxando malas para cima e para baixo é corriqueiro. Em vez de roupas, calçados e outros objetos essenciais para viajantes, elas carregam livros, levados de casa em casa pelos funcionários da biblioteca comunitária Ilê Ará. “Visitar as residências foi o melhor tipo de comunicação para conquistar leitores e divulgar os eventos que realizamos, como os cafés literários. Dá muito mais resultado do que distribuir

panfletos”, explica Maurício Alves, 22 anos, funcionário da biblioteca.

A ideia faz todo sentido: além de os moradores não terem o hábito da leitura, a geografia da área não facilita. Para chegar à biblioteca Ilê Ará, expressão da língua africana iorubá que significa “casa do povo”, é preciso fôlego. Ela fica no ponto mais alto do Morro da Cruz – que tem 120 metros de altura – e a subida é bastante íngreme. Debaixo do sol escaldante do meio-dia, percorrer o caminho desconexo, cheio de becos e ruas estreitas, é um grande desafio, que os funcionários tiram de letra – afinal, nasceram e cresceram no local.

No início, eles iam até a casa de conhecidos para facilitar a abordagem. Com o passar do tempo, ampliaram a

visitação para outros moradores. “O segredo é fazer mais que uma apresentação do trabalho que realizamos. É conhecer as pessoas e não ter a vergonha de conversar sobre a vida, perguntar o que gostamos de fazer. Um bom papo sempre cativa e abre portas”, fala Paulo Centurion, 22 anos, companheiro de Alves nas andanças pelo morro. Ele conta que até quem diz que não é muito fã de leitura acaba ficando com alguns livros. “Por isso, é importante recheiar as malas com muita variedade e não se deixar vencer pelo primeiro ‘não’”, diz o rapaz. Com livros de receitas culinárias, ele já conquistou várias donas de casa, que agora também saboreiam as histórias escritas por autores consagrados, como Jorge Amado.

E quando a visita não rende empréstimo de jeito algum? Por que nada agrada? “A gente anota o pedido ou volta outro dia com novas ofertas”.

Hoje, muitos moradores sobem até o alto do morro para escolher o que querem ler, movimentando 1,2 mil empréstimos – por mês. Cinco malas circulam na área, com parte dos 5 mil títulos de acervo. Às vezes, inclusive, saem da biblioteca carregadas por gente miúda – como Gabriela Souza da Rosa, 11 anos.

Durante minha estada na cidade, lá estava ela, montando por conta própria uma das bagagens para sua família. “Já sei que meus pais e minha irmã gostam mais de romances, poesia, contos de fada e gibis. Então, venho aqui, monto uma mala e levo para casa”, diz.

A garota é filha de uma auxiliar de limpeza e de um varredor de rua. Por passarem o dia todo fora, os pais dela não conseguem ir à biblioteca. Olhando as estantes, Gabriela seleciona alguns volumes e vai organizando a mala. Enquanto alcança uma das prateleiras mais altas para ajudá-la, tento – ainda que mentalmente – me livrar do clichê “ler é viajar sem sair do lugar”. Mas é inevitável. Na Ilê Ará, essa máxima é levada à risca.

QUER SABER MAIS?

Contato
Biblioteca Comunitária Ilê Ará,
R. Santo Alfredo, 1249, 91520-550
Porto Alegre, RS, tel. (51) 3318-3125

Figura 14: Texto de apoio da tarefa 3. Ano 2014, edição 1

O texto trabalha os dois campos lexicais *viagem* e *biblioteca*, associando o sentido de uma viagem concreta (ir ao aeroporto ou rodoviária para poder viajar) com o de uma viagem por meio da leitura. Isso é perceptível em vários momentos do texto, pelo uso de termos como *bagagem valiosa* e *viajar sem sair do lugar*. Além disso, o sentido de *viagem* é mencionado no texto não apenas para se referir a uma viagem que fazemos quando saímos da cidade, mas

também ao percurso que os funcionários da biblioteca comunitária fazem para ir à casa das pessoas e entregar os livros, como podemos observar no trecho:

- “*ver pessoas carregando malas para cima e para baixo é corriqueiro. Em vez de roupas, calçados e outros objetos essenciais para viajantes, elas carregam livros, levados de casa em casa pelos funcionários da biblioteca comunitária Ilê Ará.*

A distância que percorrem e as condições dos caminhos que precisam percorrer também remetem ao sentido de viagem, porém, a pé, como podemos observar no trecho:

- *Para chegar à biblioteca Ilê Ará [...] é preciso fôlego. Ela fica no ponto mais alto do Morro da Cruz – que tem 120 metros de altura – e a subida é bastante íngreme.*

Ao mesmo tempo em que permite esse diálogo, o texto deixa clara essa diferença entre os termos, explicando que esse tipo de viagem é um pouco diferente da que outras pessoas que não moram no Morro são habituadas a fazer. Além disso, os “viajantes” do bairro são diferentes dos demais. Observemos:

- *A região é um dos pontos carentes da capital gaúcha, o que faz com que boa parte de seus habitantes nunca viaje – e conheça apenas as redondezas e, ainda por cima, a pé.*

Assim, essa relação de sentido promove um diálogo entre os campos semânticos, os quais, ao mesmo tempo que encaixam as palavras pertencentes a cada categoria, geram uma polissemia em algumas palavras, de modo a dialogar com outro campo de sentido, como podemos observar na Figura 15.

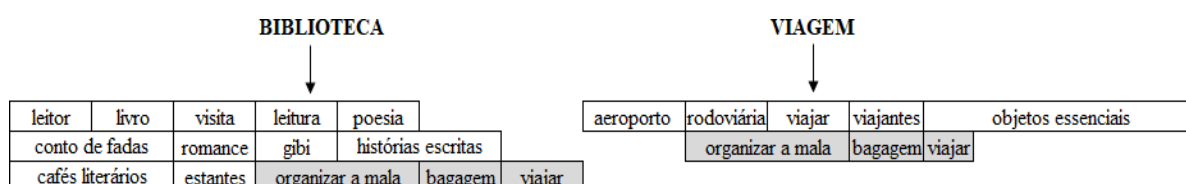


Figura 15: Campos semânticos de "biblioteca" e "viagem". Fonte: Elaboração própria

Nesse sentido, no campo semântico *biblioteca*, temos *leitor, livro, visita, leitura, poesia, etc.* e em *viagem*, temos *aeroporto, rodoviária, viajar, viajantes etc.* No texto, os termos *organizar a mala, bagagem e viajar*, o sentido de *organizar uma mala para viagem* é transferido para *organizar uma mala de livros para uma viagem*. Essa transferência não ocorre, necessariamente, no sentido de deixar de pertencer a um campo semântico para pertencer a outro em um dado contexto, mas no sentido de que, apesar de não ser uma palavra, a priori, pertencente àquele campo semântico, constitui-se como tal, em razão do contexto em que é usada.

No caso de *organizar a mala*, o próprio texto “brinca” com os sentidos do termo, ao gerar uma expectativa de que se trata de malas para viagens comuns, quando apresenta uma imagem de um morador com uma mala, no título *O morro e as malas* e no corpo do texto apresenta sentidos de *malas* e *viagens* diferentes do que colocaríamos na categoria *viagem*. Trocando em miúdos, diríamos que é possível que haja uma ocorrência simultânea entre os dois sentidos, embora haja a prevalência de um deles.

O mesmo ocorre com o item *bagagem*, que pode se referir tanto a uma bagagem física, como a uma bagagem cultural, como nos trechos *bagagem valiosa: no sobe e desce de Porto Alegre*, *Alves semeia cultura* e *Montando por conta própria uma das bagagens para sua família*. No primeiro trecho, embora *bagagem* também remeta ao sentido físico, está mais para *cultura*, já no segundo, está mais para *bagagem física*, embora também faça referência ao fato de levar uma bagagem cultural para a família, sentido que pode ser retomado pelos aspectos contextuais do texto.

Além desses casos de diálogo de sentido entre os campos semânticos, bem como os aspectos ambíguos dos seus respectivos itens, resta-nos analisar os demais casos que também merecem a nossa atenção. Para tanto, destacamos os seguintes trechos:

ANO	CATEGORIA DA RELAÇÃO	TEXTO
2014	Antonímia	No sobe e desce de Porto Alegre
2014	Antonímia	Ler é viajar sem sair do lugar
2014	Antonímia	ver pessoas carregando malas para cima e para baixo é corriqueiro
2014	Ambiguidade	No sobe e desce de Porto Alegre, Alves semeia cultura
2014	Ambiguidade	Debaixo do sol escaldante do meio-dia, percorrer o caminho desconexo, cheio de becos e ruas estreitas, é um grande desafio, que os funcionários tiram de letra
2014	Ambiguidade	Um bom papo sempre cativa e abre portas
2014	Ambiguidade	E quando a visita não rende empréstimo de jeito nenhum?
2014	Ambiguidade	Às vezes, inclusive, saem da biblioteca carregadas por gente muída
2014	Ambiguidade	Olhando as estantes, Gabriela seleciona alguns volumes e vai organizando a mala
2014	Ambiguidade	Com livros de receitas culinárias, ele já conquistou várias donas de casa, que agora também saboreiam as histórias escritas por autores consagrados
2014	Ambiguidade	Essa máxima é levada à risca

Quadro 5: Trechos analisados no texto de apoio da tarefa 3. Ano 2014, edição 1

A antonímia nos itens *subir* e *descer*, *para cima* e *para baixo* refere-se ao deslocamento dos funcionários pelas ruas do bairro. No entanto, em *subir* e *descer* temos uma referência maior às condições das ruas do Morro, já que é cheia de caminhos íngremes. No segundo caso, *para cima* e *para baixo*, além dessa referência anterior, trata-se de uma expressão cotidiana muito utilizada para se referir a caminhadas em excesso, andar muito. Neste caso, ao mesmo tempo que estabelecem uma relação de oposição, também são termos ambíguos dentro do contexto apresentado. O mesmo ocorre em *viajar* e *sem sair do lugar*, os quais estabelecem uma relação

de oposição, ao mesmo tempo que uma ambiguidade é gerada a partir de *sem sair do lugar*, fazendo referência ao impacto da leitura na vida de uma pessoa.

Na sequência, os demais trechos destacam os itens ambíguos *semear cultura*, *escaldante*, *tirar de letra*, *abrir portas*, *render*, *miúda*, *volumes*, *saborear*, *consagrados*, *máxima* e *à risca*. São termos construídos tanto pelo uso do sentido abstrato das palavras, como por expressões típicas do cotidiano, também usadas no sentido mais abstrato, conforme elencamos abaixo:

- *semear cultura*: disseminar a cultura por meio dos livros
- *escaldante*: sol muito quente
- *tirar de letra*: facilidade em fazer algo
- *abrir portas*: surgimento de oportunidades
- *render*: conseguir fazer algo dar certo. No caso, os empréstimos dos livros.
- *miúda*: criança
- *volumes*: livros
- *saborear*: se engajar nas histórias dos livros
- *consagrados*: autores bem reconhecidos pela população
- *máxima*: frase de efeito
- *à risca*: de forma rígida

A exploração dos recursos lexicais no texto 6 enfatiza a sua função de instrumento de interação e prática discursiva, e o diálogo entre as categorias semânticas apresentadas e a forma como os sentidos são atribuídos refletem o caráter não fixo da língua, que se molda a partir do uso em um dado contexto. Em outras palavras, diríamos que o texto analisado retrata o aspecto polissêmico da língua, que pode variar conforme o contexto, daí ocorrem as relações de oposição ou aproximação entre os significados das palavras e a categorização dos campos semânticos.

Portanto, é dessa forma que se espera que o aluno de PLE lida com os textos, extraindo os sentidos ali presentes, ao mesmo tempo em que participa dessa construção, através do conhecimento que detém acerca da língua e dos aspectos culturais que a cercam.

TEXTO 7:

ALUNOS MAIS RICOS DEVERIAM PAGAR PELA UNIVERSIDADE PÚBLICA?

Cobrar dos alunos de famílias mais ricas ajudaria a criar
mais vagas para os estudantes de famílias mais pobres?



Na educação brasileira, é bem conhecida uma acrobacia no meio da vida dos estudantes: quem começou em escola particular vai para a faculdade pública e quem cresceu em escola pública vai para a faculdade privada. A razão para essas duas trajetórias é bem conhecida. Com uma educação básica deficitária, os estudantes da rede pública dificilmente conseguem passar pelo funil apertado do vestibular de universidades estatais. Essa dinâmica perpetua uma distorção histórica na trajetória do ensino superior no país: em geral, quem tem maior acesso à oferta gratuita é quem pode pagar. Quem precisaria do subsídio integral do Estado não chega lá e tem de pagar a mensalidade de uma instituição privada. A diferença no nível de qualidade entre as universidades públicas e privadas faz com que a maioria dos alunos das famílias mais pobres ingresse num círculo vicioso — eles são sempre relegados ao ensino de pior qualidade e começam a vida adulta com mais dívidas e pior preparo.

Uma discussão que se arrasta na política pública de ensino superior no Brasil trata da criação de um mecanismo de cobrança dos alunos de famílias mais ricas das universidades públicas. A gratuidade seria mantida para os mais pobres. Dois pressupostos principais embasam a cobrança. O primeiro é que o aluno que termina o ensino superior tende a obter ganho pessoal, na forma de maior renda, por ter concluído essa etapa dos estudos. Dado o tamanho do benefício, seria justo ele arcar com parte do custo de sua formação. A segunda razão é a possibilidade de ampliação de vagas para os mais vulneráveis. A universidade pública enfrenta problemas financeiros crônicos, principalmente por causa da folha de pagamentos de professores e servidores. “Novas fontes de receita seriam bem-vindas, principalmente num

cenário de crise como o atual”, diz o economista Paulo Meyer Nascimento, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Tirar a gratuidade da universidade pública, no entanto, pode acarretar riscos. Um deles é econômico. A cobrança dos alunos deixaria de ser uma fonte de receita extra se o governo simplesmente usasse esses pagamentos para cobrir gastos já existentes e diminuísse seus investimentos. “Num cenário de briga por recursos, esse é um risco real”, diz Fábio Waltenberg, economista da Universidade Federal Fluminense. Do ponto de vista pedagógico, discute-se se a relação mercantil da universidade com o aluno não traria prejuízos pedagógicos para a relação do professor e do aluno, para a pedagogia e para a qualidade da pesquisa. A gratuidade mantém a vantagem de conservar uma certa autoridade que independe de quanto a pessoa pagou. Para o economista, “Contrariamente ao que se acredita, o ensino público gratuito não beneficia somente pessoas mais favorecidas”, afirma Fábio. “Além disso, o sistema atual já é custeado em grande parte por aqueles que dele se beneficiam — alunos das classes mais altas, que pagam o maior volume de impostos. Concluindo, ainda acredito que o melhor é manter a gratuidade do ensino público, como temos hoje, com uma mudança: cobrarmos mais impostos de quem tem mais dinheiro. A gente paga muito imposto no Brasil sobre consumo e sobre a renda, mas nas faixas mais elevadas o imposto ainda é muito baixo. A alíquota efetiva para quem está lá entre os 5% dos maiores rendimentos não chega aos 7%. É muito pouco. Aumentar os impostos dos mais ricos beneficiaria diversos setores sociais, a começar pela educação.

Disponível em: <http://epoca.globo.com>.
Acesso em 13 Jun. 2017.

Figura 16: Texto de tarefa apoio da tarefa 4. Ano 2017, edição 2

Assim como no texto anterior, nos itens destacados no texto 7, há termos sinonímicos com funções anafóricas responsáveis pela progressão textual, os quais são utilizados para se referir às classes sociais das pessoas, a partir de termos *como vulnerável, pobre, rico, classe alta e mais favorecidos*.

Tendo em vista que as ocorrências de sinonímia seguem a mesma linha da análise do texto 5, na análise atual, direcionamos nosso foco para a presença da antonímia, considerando algumas questões complexas, como a dificuldade em encontrar padrões nas relações de oposição e, então, chegar à definição exata de antonímia, por exemplo.

Essa dificuldade em se estabelecer uma definição exata não pode ser uma barreira para explorar e analisar tais relações, uma vez que se trata de um fenômeno intrínseco e fundamental da língua, presente em todas as interações e formas de pensar do ser humano. Vilela (1994, p. 194) afirma que a “[...] as línguas conhecidas apresentam a antonímia como relação semântica fundamental”, e sobre a língua portuguesa afirma ser “toda ela atravessada pela oposição antonímica em diferentes coordenadas e tipos [...]”.

Assim, nossa tentativa nesta análise é, a partir das discussões já levantadas no capítulo teórico deste trabalho acerca da antonímia (escalas de oposição, referentes extralinguísticos, aspectos contextuais etc), propor reflexões que podem ser válidas para a discussão do texto em questão, e refletir sobre possíveis formas de se trabalhar tais aspectos em sala de aula no que se refere ao funcionamento da língua. Para tanto, destacamos os seguintes trechos:

- *A gratuidade seria mantida para os **mais pobres***
- *A segunda razão é a possibilidade de ampliação de vagas para **os mais vulneráveis***
- *Cobrar dos alunos de **famílias mais ricas***
- *O ensino público gratuito não beneficia apenas **pessoas mais favorecidas***
- *Alunos das **classes mais altas**, que pagam o maior volume de impostos*
- *Nas **faixas mais elevadas**, o imposto ainda é muito baixo*
- *Aumentar os impostos dos **mais ricos** beneficiaria diversos setores sociais, a começar pela educação*

Nos itens acima, destacamos relações de oposição do tipo gradativa, o que implica dizer que nessa construção, além do contexto linguístico, são considerados fatores como valores culturais e referente para que haja maior compreensão dessa relação lexical no texto.

O texto trabalha com esses antônimos de um modo que reflete a forma como os falantes se expressam ao tentar estabelecer oposição entre termos relativos e que podem gerar controvérsia. Isso ocorre através da não delimitação absoluta de alguns termos, englobando o maior número possível de indivíduos. Isso porque *rico* e *pobre* expressam um sentido de oposição absoluta no que se refere ao peso dessa categorização, classificando pessoas em *muito ricas* e *muito pobres*, o que inexistente no mundo real. Algumas pessoas poderiam se perguntar, por exemplo, em qual categoria se enquadram, uma vez que a ausência de um referente dificulta essa categorização.

No texto, essa referência é acionada a partir do uso do *mais*, que inclui uma classe intermediária entre os pares e aciona o sentido de comparação entre os termos. A falta de

delimitação faz com o que ouvinte se coloque em uma ou outra categoria erroneamente ou de acordo com o que lhe é mais conveniente. Isso porque o sentido dos termos não é definido por questões puramente linguística, mas se baseia em valores culturais para determinar a escala gradativa.

Assim, afirmar, por exemplo, que *alunos ricos deveriam pagar pela universidade pública*, exclui muitas pessoas da categoria, porém em *alunos mais ricos deveriam para pela universidade pública*, embora *mais* indique um aumento na intensidade ou na quantidade de uma palavra, no contexto acima, está diminuindo o peso de *ricos* para abranger outras categorias e apresentar um nivelamento melhor no sentido da frase.

Outro aspecto relevante acerca dessa escala gradativa da antonímia é que as palavras *rico*, *pobre*, *vulnerável*, *favorecido*, *classe*, no contexto em que são aplicadas no texto, delimitam essa escala apenas com o uso do *mais* (mais ricos), porém a construção inversa não permite a mesma relação de sentido, como podemos observar na Figura 17.

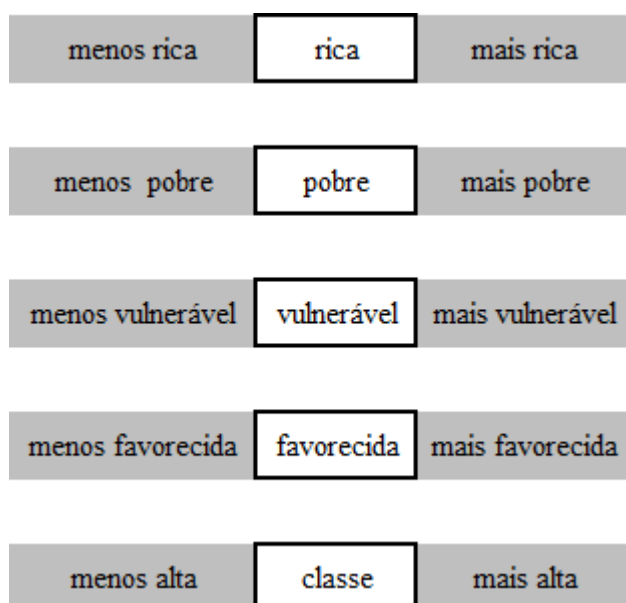


Figura 17: Escala gradativa da antonímia. Fonte: Elaboração própria

A não ser que a intenção seja fazer uma comparação explícita, geralmente não utilizamos os termos *menos rico*, *menos pobre*, *menos vulnerável* e *menos alta* para definirmos as classes sociais das pessoas. Assim, afirmar que *As pessoas menos pobres deveriam pagar mais impostos* ou que *As pessoas menos ricas deveriam ser isentas de impostos* não é de uso tão natural para os falantes como em *pessoas menos favorecidas* e *pessoas mais favorecidas*. Por exemplo, as frases *João é menos pobre* e *João é menos rico* não são usadas para afirmar a

pobreza ou riqueza de uma pessoa. Para definir essa condição intermediária, geralmente são usadas frases como *João tem uma vida **mais ou menos**, João é uma pessoa que tem **condições** (financeiras) ou João é uma pessoa **bem-sucedida***. O estabelecimento dos critérios de uso de tais termos parte de uma junção do significado com o conhecimento de mundo e valores culturais nos quais o léxico se insere.

Assim, em uma escala gradativa da antonímia a partir dos polos das palavras, considerando apenas as formações em contextos viáveis com o uso do *mais*, temos:

- **pobre** – *mais pobre* – *mais rico* – **rico**
- **desfavorecidas** – *mais favorecidas* – **favorecidas**

Essa formação é considerada a delimitação mais adequada de antonímia, segundo a proposta de Lyons (1979), devido ao valor gradual dos elementos constituintes apresentarem contrastes mais amplos que englobam outros tipos de relações opositivas, como as de complementariedade e reciprocidade, por exemplo. Apesar de desfazer muitos problemas, essa teoria ainda não responde todas as questões complexas que envolvem a antonímia. Entretanto, não é nosso foco discutir se esta é a melhor delimitação de antonímia ou se é uma afirmação reducionista, mas esclarecer que, em muitas situações, essa oposição ajuda a compreender muitos casos de contrastes entre as palavras, como apresentando nos exemplos acima.

Nos exemplos acima, entendemos que os polos das palavras indicam os sentidos absolutos, enquanto os intermediários são acionados pelo uso do *mais*, que restringe os termos a uma categoria inteira de pessoas. Por exemplo, as formações *Precisamos ajudar as famílias mais pobres, os mais pobres, os mais ricos*, como apresentado no texto, são facilmente utilizadas. Entretanto, as formações *João é uma pessoa mais rica/mais favorecida*, não é tão normalizada quanto *João é rico/pobre*.

Considerar essas peculiaridades e refletir sobre elas em sala de aula é válido e ajuda o professor a não se perder em questões complexas e idiossincráticas que envolvem os estudos da antonímia, mas direcioná-las à funcionalidade que podem trazer as situações práticas da língua. Isso oferece um conhecimento amplo da língua e auxilia tanto na compreensão como na produção linguística dos aprendizes.

TEXTO 8:

Caixinhas de som: *hit* e polêmica do verão



Como é tradição na minha vida, na última semana do ano estava na praia. Na companhia de gente querida encarei por vários dias as areias de Ipanema, do Leme e de Grumari, no Rio de Janeiro. Esperava ouvir as ondas, as gaivotas e os já famosos gritos de "alô mate, alô Biscoito Globo!". Mas acabei escutando algo um pouco diferente e, digamos, pouco natural e pouco condizente com aqueles ambientes. Música, muita música.

As caixinhas de som *bluetooth* invadiram de vez as praias e trouxeram mais animação para grupos de amigos e famílias. A tecnologia não é nenhuma novidade. Mas o que essa evolução trouxe nos últimos anos – e chegou a volumes exponenciais neste verão – é a liberdade de cada pessoa produzir uma pequena festa

particular ao seu redor. Cabos, iPods e imensas caixas de som são coisa do passado e hoje basta um celular e um pequeno artefato que cabe na palma da mão para espalhar o prazer (ou o terror) auditivo ao redor.

O problema é que cada guarda-sol ostenta seu ritmo, suas batidas e acaba tentando impor seu volume. Acho que a discussão sobre estilos pouco importa, gosto é gosto, faz parte da liberdade de cada um. Mas se, por um lado, a praia é pública – e, portanto, cada um tem o direito de se divertir como lhe der na telha –, por outro lado, até que ponto a liberdade de quem quer ouvir música fere a liberdade de quem não quer?

Há cerca de 20 anos o município do Guarujá, no litoral sul de São Paulo, proibiu o uso de caixas de som na

praia. Embora pouca gente saiba da lei, várias caixas foram apreendidas já neste verão. Em Balneário Camboriú (SC), as caixinhas têm causado queixas e reclamações na polícia, e vereadores da cidade estão se mobilizando para criar uma legislação própria.

Conflito de gerações

Existe algo geracional no uso das caixinhas. É o que acredita Marcelo Gonçalves, gerente de *marketing* e comunicação da Sony Brasil, um dos principais fabricantes do produto. "Em geral, os *millennials* são o principal público desta categoria. Nossas pesquisas apontam que, a cada 100 pessoas que utilizam uma caixa de som portátil para ouvir música, 31 possuem até vinte anos e, 39, até trinta", revela.

André do Val conta que é importante manter uma distância razoável das outras pessoas e que som muito alto pode até machucar os tímpanos. Mas o que fazer quando se está numa situação incômoda? "É essencial começar com uma conversa amigável e, na pior das hipóteses, se afastar um pouco", sugere do Val. Esse é o principal mandamento. "Oi, será que poderia baixar o som?" Diga que está com criança. Peça sempre 'por favor', 'com licença'. Não peça para desligar, mas para abaixar. Tudo é negociável", conclui do Val.

Disponível em: <https://viagem.estadao.com.br/blogs/viagem/caixinhas-de-som-hit-e-polêmica-do-verão/>.

Figura 18: Texto de tarefa apoio da tarefa 4. Ano 2019, edição 2

No texto 8 destacamos as relações de hiperonímia, hiponímia, antonímia e ambiguidade e suas funcionalidades na construção de sentidos do texto.

Os primeiros termos destacados são *caixinhas de som*, que se relacionam com *caixas*, *caixinhas*, *caixa de som portátil* e *caixinhas de som bluetooth*, todos funcionando como elementos anafóricos e contribuindo com a progressão do texto. É interessante o modo como esses termos são distribuídos ao longo do texto, seja como *caixas de som*, *caixas* ou apenas *caixinhas*, todos eles refletem a variabilidade de termos à disposição do falante para o mesmo referente.

Entretanto, é importante observarmos que essa relação harmônica só é válida quando organizadas dentro de um contexto, seguindo um fluxo que se inicia com um termo mais específico (hiponímia), como podemos observar no título ***Caixinhas de som: hit e polêmica do verão***, aplicando-se, em seguida, os termos mais abrangentes (hiperonímia), como em [...] *várias caixas foram apreendidas já neste verão* e em [...] *as caixinhas têm causado queixas e reclamações na polícia*. Seguir essa ordem é importante para a construção e progressão de sentidos do texto. Além disso, o item escolhido para o título foi *caixinhas de som*, termos mais popular e mais específico para o sentido pretendido no texto.

Assim, quanto mais específicos são itens que iniciam o texto, melhor é o processo de progressão, pois uma vez que o texto se inicia com termos “afunilados”, fica mais fácil organizar a categorização destes em campos semânticos mais amplos e garantir o fluxo do texto, que segue da seguinte forma:

- *Caixinhas de som – caixas de som bluetooth – caixas de som – **caixinhas** – caixas*

Outros termos que são acrescentados para englobar os sentidos de *caixas de som* e *caixas* em uma categoria ainda mais abrangente são os termos “tecnologia” e “revolução”, presentes nos seguintes exemplos:

- *A **tecnologia** não é nenhuma novidade.*
- *Mas o que **essa evolução** trouxe nos últimos anos [...].*

Se utilizados em outro contexto, tais termos não exerceriam qualquer relação com os itens anteriores, mas a forma como são organizados neste texto permite essa categorização com função anafórica. Assim, partindo dos termos menos para os mais abrangentes, podemos reorganizar o fluxo do texto da seguinte forma:

- *Caixinhas de som – caixas de som bluetooth – caixas de som – **caixinhas** - caixas–
tecnologia – evolução*

Portanto, entender as relações estabelecidas entre os termos vão além de uma simples substituição para evitar repetição. O que parece uma composição aleatória de palavras é, na verdade, uma construção estratégica e dinâmica que reproduzem a natureza orgânica e ao mesmo tempo sistemática da língua. Daí a importância de o professor de PLE aprofundar esses

estudos em sala de aula, observando e refletindo sobre a importância desses aspectos da língua tanto e a função que exercem tanto na compreensão como na produção textual.

Outra ocorrência interessante diz respeito às relações estabelecidas entre os termos *pouco* e *um pouco*, presentes nos seguintes trechos:

- w) *Mas acabei escutando algo **um pouco** diferente [...]*
- x) *[...] **pouco** natural e **pouco** condizente com aqueles ambientes*
- y) *É essencial começar com uma conversa amigável e, na pior das hipóteses, se afastar **um pouco**.*
- z) *Embora **pouca** gente saiba da lei, várias caixas foram apreendidas já neste verão.*

Nos três exemplos, os sentidos de *um pouco* e *pouco* referem-se tanto à intensidade como à quantidade. Entretanto, embora pareçam sinônimos, são termos que estabelecem uma relação de contraste entre si.

Em w), *um pouco* implica um aumento de intensidade/grau, indicando *algo mais diferente do normal*. Em x), o termo *pouco* implica diminuição de intensidade/grau, indicando *algo menos natural do que o normal*, ou oposição, indicando algo *não natural/não condizente*. Em y), *um pouco*, implica aumento de intensidade, indicando *se afastar mais*. Já em z), *pouca* implica menos quantidade, indicando uma menor quantidade de pessoas. Portanto, podemos afirmar que *um pouco* permite inferências de aumento de intensidade, enquanto *pouco* permite inferirmos o contrário. Aplicando isso a uma escala gradativa, teríamos:



Figura 19: Escala gradativa da antonímia das palavras “pouco” e “muito”.

Esses aspectos podem ser reafirmados nos seguintes exemplos:

- *Eu conheço **um pouco** sobre o assunto.*
(Talvez conheça muito)
*Eu conheço **pouco** sobre o assunto.*
(Não conheço muito)
- *Eu tenho **um pouco** de espaço em casa.*

(Minha casa é espaçosa / Tenho muito espaço em casa)

*Eu tenho **pouco** espaço em casa.*

(Minha casa não é espaçosa / não tenho muito espaço)

- *João bebeu **um pouco** de vinho na festa.*

(João pode ter bebido bastante)

*João bebeu **pouco** vinho na festa.*

(João não bebeu muito)

- *Estou **um pouco** cansada hoje.*

(Posso estar muito cansada)

*Estou **pouco** cansada hoje.*

(Não estou muito cansada)

- *Tenho **um pouco** de tempo para resolver esse problema.*

(Posso ter muito tempo)

*Tenho **pouco** tempo para resolver esse problema.*

(Não tenho muito tempo)

- *Minha filha me dá **um pouco** de trabalho.*

(Minha filha pode dar muito trabalho)

*Minha filha me dá **pouco** trabalho.*

Portanto, a partir da análise dos termos *um pouco* e *pouco* presentes no texto e incorporados ao conjunto de frases acima, compreendemos que são termos que se contrastam entre si estabelecendo uma relação de antonímia. Em uma escala gradativa, *pouco* ativa inferências que se aproximam de zero, tanto em intensidade como em quantidade, e *um pouco* ativa inferências que se aproximam de números maiores que zero.

Por outro lado, essas considerações podem induzir a um pensamento equivocado de que o uso de *um pouco* é dispensável nas frases, pois se *conhecer um pouco* = *conhecer muito*, *ter um pouco de tempo* = *ter muito tempo*, não há razão para se usar *um pouco* na frase.

Isso levanta outro aspecto do valor semântico desse termo, que é o distanciamento/não comprometimento do falante com o sentido absoluto de algumas palavras, seja pela incerteza

da intensidade/grau do aspecto caracterizador de determinado item, ou para amenizar/diminuir intencionalmente o peso que o sentido absoluto pode oferecer à sentença. Ou seja, o uso de *um pouco* permite a inferência de algo que se aproxima de *muito*, mas que não se sabe ou não se quer revelar o nível exato dessa proximidade. Assim, o uso de *um pouco* aciona um valor semântico-argumentativo, já que o falante se utiliza da vagueza do termo para direcionar seus posicionamentos acerca de um assunto.

Outra ocorrência de antonímia, porém de construção diferente, ocorre nos seguintes trechos:

- *Hoje basta um celular e um pequeno artefato que cabe na palma da mão para espalhar o **prazer** (ou o **terror**) auditivo ao redor.*
- *Não peça para **desligar**, mas para **abaixar**.*

Nos trechos acima, os pares *prazer/terror*, *desligar/abaixar* não exercem uma relação direta de oposição a partir do sentido mais comum dos termos, mas pelo sentido que adquirem ao se relacionarem especificamente neste contexto. Logo, *prazer* exerce uma relação de oposição de sentido com *terror*, em vez de com *desprazer*, por exemplo. Do mesmo modo, *desligar* exerce uma relação de oposição de sentido com *abaixar*, em vez de com *ligar*.

A partir desses dois últimos exemplos, retomamos o conceito de não existência de antonímia perfeita, dado o caráter polissêmico da língua. Nesse sentido, algumas palavras podem exercer relações de oposição de sentidos em determinados contextos, mas de aproximação em outros.

No que se refere à interpretação desses aspectos da antonímia por parte de um falante de PLE, é importante que este compreenda e domine essas funcionalidades da língua. É um desafio tanto para o falante dominar esses aspectos como para o professor em sala de aula explorar esses conceitos em termos práticos com o intuito de ampliar a competência lexical do aluno.

Entretanto, essa dificuldade nos estudos da antonímia não pode levar à ideia de que é um fenômeno a se desconsiderar nas aulas de PLE, levando a abordagens deficientes em contextos de sala de aula. É preciso que mais esforços sejam empreendidos para uma abordagem mais orgânica e dinâmica dessas relações, levando em conta a construção de sentido global do texto, as relações lexicais estabelecidas entre os termos, os contextos comunicativos e as intenções dos falantes.

Os próximos pontos destacados no texto são os casos de ambiguidade metafórica encontrados nos seguintes trechos:

- *Cada um tem o direito de se divertir como lhe der na **telha***
- ***Encarei** por vários dias as **areias** de Ipanema*
- *O problema é que cada **guarda-sol** ostenta seu ritmo, suas batidas e acaba tentando impor seu volume*

Na primeira sentença, expressão idiomática *dar na telha* aciona uma ambiguidade metafórica, uma vez que explora o sentido abstrato de *telha*, que, neste caso, está se referindo a *mente/ cabeça/pensamento/vontade*. Esse é o sentido que originou a expressão: a relação de analogia entre as partes de uma casa e as partes do corpo humano, de modo que *fazer o que der na telha* significa *fazer o que tem vontade/ o que vier à mente/ à cabeça*.

É importante ressaltar que os aspectos semânticos e lexicais de todas as palavras devem ser analisados dentro de um contexto. Em se tratando de expressões idiomáticas, essa necessidade é ainda maior, uma vez que as palavras e expressões sofrem uma cristalização que restringe os sentidos das palavras a situações específicas, de modo que, em algumas situações, precisam ser ajustadas, perdendo, por vezes, o seu valor de expressão idiomática. Nesse sentido, podemos afirmar que *telha* remete à *mente/ cabeça/vontade própria* quando em forma de expressão idiomática. Entretanto, em outras situações, por exemplo, dizer que *João bateu a telha na parede* ou *Estou com dor na telha*, carrega o sentido literal da palavra e não aciona ambiguidade.

Compreender essas características do comportamento e funcionalidades do léxico é essencial no domínio de uma língua. Logo, em contexto de sala de aula, é importante que o professor explore essas características e auxilie o aluno a se apropriar delas.

Na segunda sentença, embora *encarar* no sentido de *olhar muito/ analisar* possa ser facilmente aplicado na frase, não parece que é este o caso, considerando as informações contextuais do texto e a relação da palavra com os demais termos da frase, indicando que *encarar* está sendo usado no sentido de *enfrentar*.

Logo, entende-se que a pessoa passou por certas dificuldades várias vezes em suas idas à praia, de modo que *encarar* remete à *cara, face/ rosto*, porém no sentido de *lutar contra/enfrentar*, uma ação que só é devidamente realizada ao se colocar *de frente* para a situação/problema. Mas adiante, na mesma frase, ocorre algo parecido no uso de *areias*, que, dentro do contexto, é usado para se referir à *praia* de Ipanema.

Na última sentença, *guarda-sol* está sendo usado no sentido de *pessoas*, para se referir às pessoas que ocupam o guarda-sol e ligam suas caixas de som. A relação de *guarda-sol* com

o restante da frase ainda mantém o sentido abstrato nessa referência as pessoas e suas respectivas caixas de som, a partir de *Ostenta seu ritmo, sua batida e acaba tentando impor seu volume*. Essa referência podia ser direcionada tanto para caixa de som como para música, porém o contexto da frase é quem faz essa relação com pessoas (pessoas que ocupam os guarda-sóis).

Como foi possível observar nas ocorrências dos textos, a ambiguidade está presente tanto na linguagem cotidiano como na linguagem formal e se aplica a diversos contextos, é algo natural da língua. Além disso, sua existência não se restringe a uma má construção textual, como é comumente conhecida, mas segue noções semânticas, pragmáticas e discursivas, as quais têm como funções direcionar o sentido do texto e definir sua linha argumentativa, gerar humor e ironia, revelar implícitos, dentre outras.

Da mesma forma, nos casos de antonímia, entendemos que é preciso observar a relação léxico e conhecimento de mundo, já que não é um fenômeno estritamente linguístico, mas que envolve valores culturais e fatores pragmáticos associados ao léxico. Em outras palavras, a realização plena da antonímia é dependente da contextualização dos itens lexicais, pois, conforme os casos analisados neste trabalho, os sentidos das palavras podem se contrastar em determinados contextos, mas se aproximar em outros. Mesmo as palavras que se contrastam sem escala gradativa, como o par *vivo/morto*, podem sofrer influências do contexto e se apresentar de modo diferente.

Assim, finalizamos esta análise, reafirmando o que foi defendido ao longo deste trabalho e sistematicamente discutido em todas as análises, que é a importância do domínio lexical por parte do falante de PLE no desenvolvimento de sua competência comunicativa. A partir da análise aqui apresentada, entendemos que esse processo pode ser potencializado a partir de uma abordagem adequada das relações lexicais em sala de aula.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo as discussões levantadas até aqui, resta-nos considerar que as propostas de investigação iniciais foram exploradas de modo a atingir os objetivos levantados inicialmente. Assim, buscando investigar o papel do léxico no desenvolvimento da competência comunicativa dos falantes de PLE, começamos pela hipótese de que quanto maior o conhecimento lexical dos falantes, melhor será a compreensão das estratégias de uso dos recursos linguísticos presentes no cotidiano e, conseqüentemente, a maneira de lidar com a língua será mais natural e fluida. Ou seja, se o falante tem um bom domínio lexical, ele não só compreende melhor a língua em uso, como também produz textos menos artificiais, ultrapassando o nível de decodificação das palavras para atingir um nível de construção de sentidos a partir do contexto de uso.

Essa é uma questão amplamente discutida e enfatiza pelas teorias de aquisição de LE. Portanto, visando enfatizar a importância de estudos dessa natureza, apresentamos e discutimos alguns estudos e teorias que servem de embasamento para a nossa análise. Para tanto, iniciamos nossa discussão, a título de contextualização do estudo, com um breve percurso histórico do ensino de PLE no Brasil.

Em seguida, apresentamos as principais abordagens metodológicas de aquisição de LE, bem como as transformações que sofreram até se alinharem aos métodos interacionistas, que têm se mostrado, até os dias atuais, mais eficientes no processo de aquisição e aprendizagem de uma LE. Apresentamos as principais discussões que são levantadas acerca do método da gramática da tradução, o método audiolingual, a análise contrastiva e as correntes interacionistas, de onde originou-se a abordagem comunicativa, que têm mostrado maiores vantagens em termos de comunicação plena no processo de aquisição de LE. Enfatizamos que não é suficiente que o aluno apenas traduza ou repita palavras e expressões, mas que saiba utilizar a língua como um instrumento de interação para atingir determinados propósitos comunicativos. Além disso, explicamos como o vocabulário é trabalhado em cada abordagem e ressaltamos a importância do desenvolvimento da competência lexical no processo de aquisição da linguagem, que deve se dar pela junção de instruções implícitas e explícitas, seguindo os objetivos de cada momento da aprendizagem.

Aprofundando nossas discussões, seguimos com os estudos da semântica e do léxico, situando-nos no objeto de estudo da semântica e nos fatores linguísticos e extralinguísticos que são responsáveis pela construção do significado. Em seguida, discutimos o que se entende por

léxico e qual a sua importância, tanto no que se refere aos aspectos gerais de uso da língua, já que o conhecimento lexical é fundamental para que a comunicação ocorra, como no que se refere ao processo de aquisição e aprendizagem de uma LE.

Considerando que nossa pesquisa é direcionada para PLE, podemos dizer que conhecimento lexical que o falante possui é fundamental para que saiba interagir na língua, indo além da compreensão de significados de palavras ou da memorização de uma lista delas, mas se familiarizando com o aspecto polissêmico da língua, compreendendo que o contexto molda as construções de sentido na língua. Entende-se por contexto os aspectos linguísticos e extralinguísticos que permeiam determinada palavra ou expressão dentro do texto. Assim, compreendemos que a construção de sentido ocorre por uma relação de interdependência entre termos linguísticos, o conhecimento de mundo dos falantes/conhecimento de mundo compartilhado e a situação de uso da língua.

O próximo ponto discutido foram os estudos das relações que os termos do léxico podem estabelecer entre si para que contribuam com a atribuição de sentidos no texto, apresentando os fenômenos da sinonímia, antonímia, hiperonímia, hiponímia e ambiguidade. Explicamos, à luz de vários estudos, que as relações lexicais não podem ser consideradas como perfeitas ou fixas, mas que são moldadas pelo contexto em que se apresentam. Por outro lado, esse mesmo contexto é delimitado pelas informações linguísticas previamente armazenadas no sistema de uso da língua. Em outras palavras, além de se entender as características básicas de cada fenômeno, é preciso intercalá-los aos aspectos contextuais para que o sentido seja estabelecido e a interação se realize.

Nas discussões sobre sinonímia e antonímia, afirmamos que não há sinônimos e antônimos perfeitos ao considerarmos as informações contextuais, e para o aprendente de PLE é crucial que domine esse conhecimento para que use a língua de modo eficaz. Em hiperonímia e hiponímia, destacamos que a escolha entre termos mais genéricos ou mais específicos determina o direcionamento e progressão do texto. Além disso, destacamos a importância de o falante de PLE saber em quais situações específicas deve usar termos mais específicos ou mais genéricos.

Sobre ambiguidade, destacamos que, na maioria das vezes, na compreensão textual, o contexto se encarrega de desambiguar os termos, porém é preciso que o falante tenha conhecimento dessas ambiguidades, já que, em muitas situações, é frequente o uso proposital de palavras e expressões ambíguas para gerar algum efeito de sentido e atingir determinado propósito comunicativo. Entendendo isso, o estudante estrangeiro de PLE pode não apenas encontrar onde

está a ambiguidade, mas saber como, por quê e para quê está sendo usada. Assim, manterá uma relação de maior familiaridade com a língua, desenvolvendo estratégias para compreendê-la e usá-la como instrumento comunicativo.

Seguindo para o cumprimento das propostas da pesquisa, antes de começar a análise dos dados, apresentamos o Celpe-Bras como nosso objeto de pesquisa, discutindo sobre a visão de proficiência do exame e seus aspectos avaliativos. Em seguida, apresentamos os textos de apoio das tarefas III e IV como nosso recorte, a partir do qual retiramos nossos dados. Por último, destacamos o processo de coleta de dados e os procedimentos metodológicos para a realização da análise.

A partir da análise dos dados, verificamos que os textos das edições iniciais do exame apresentam um número maior de ocorrências de relações lexicais, de modo mais explícito, o que pode ser influenciado pela linguagem mais metafórica de alguns textos das edições iniciais do exame. Além disso, encontramos mais ocorrências de ambiguidade, em detrimento dos outros fenômenos, o que pode ser explicado pela facilidade de localização dentro da frase, enquanto as outras relações já se mostram de modo mais implícito, relacionando-se com outros elementos distribuídos ao longo do texto, o que dificulta a quantificação das ocorrências. Isso explica o motivo de, na análise qualitativa, identificarmos com mais clareza as relações entre os termos, já que trabalhamos o texto em seu contexto mais amplo. Nessa etapa da análise, identificamos o papel de cada fenômeno encontrado, considerando a relação de sentido que os itens estabelecem entre si e com as informações contextuais para se construir o sentido global do texto.

Além disso, explicamos o que se espera do candidato, em termos de compreensão e direcionamento para a realização da tarefa, que é a produção textual. A partir daí, destacamos a importância de o falante de PLE ter conhecimento dos fenômenos lexicais como recurso importante no processo de construção de sentido na língua, compreendendo o seu caráter não fixo, já que os termos podem se relacionar de diferentes formas para indicar o direcionamento do texto, e o contexto se encarrega de indicar quais formas são essas.

Os estudos aqui levantados constituem-se como referências importantes para o professor de PLE, pois, embora existam estudos que comprovem a eficácia de um ensino interacionista na aquisição e aprendizagem de uma LE, ainda há rastros do modelo de ensino que se utiliza apenas da tradução, significado e repetição de palavras. Além disso, há o outro extremo, que é se basear apenas na aprendizagem acidental, por considerar que qualquer uso explícito seria uma forma ineficiente e ultrapassada de explorar a língua.

Nesse sentido, é importante que o professor de PLE domine esses conhecimentos e saiba abordar o léxico a partir do texto, de modo que este funcione como uma ferramenta que ajuda no processo de construção de sentidos do texto. Não é necessário que o aprendente denomine cada fenômeno presente no texto, mas que conheça a importância da presença deles nas ações de atribuição e compreensão de sentido, sabendo que, para se comunicar na língua e atingir determinado propósito comunicativo, é preciso que saiba usar os instrumentos necessários que corroborem para o cumprimento deste propósito e a comunicação se efetive. Consoante a isso, o exame Celpe-Bras funciona como parâmetro para se estabelecer esse modelo de ensino da língua, já que parte de situações reais de comunicação e se utiliza de textos autênticos, situando o participante em um contexto comunicativo.

Portanto, concluímos o nosso estudo, esperançosos de que sirva como recurso teórico e metodológico para pesquisas posteriores, as quais podem ampliar as discussões aqui levantadas, apresentando recursos didáticos mais específicos que aumentem o domínio lexical dos alunos. Nesta pesquisa, foram utilizados os textos do Celpe-Bras como base de análise, porém, a análise pode se aplicar a diversos textos e situações em que a língua se apresenta, seguindo as especificidades de cada gênero textual.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, V. B. B. **Semântica, enunciação e ensino**. 1. ed. Vitória: Edufes, 2018.

ALMEIDA, J. **Ambiguidade Lexical**. 34. ed. 187-193. Alfa: São Paulo, 1990.

ALMEIDA FILHO, J. C. P.; CUNHA, M. J. C. **Projetos iniciais em português para falantes de outras línguas**. Brasília, DF: EdUnB – Editora da Universidade de Brasília; Campinas, SP: Pontes editores, 2007.

_____. **Ensino de português língua estrangeira/EPL: a emergência de uma especialidade no Brasil**. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 723-728.

_____. **Linguística aplicada – ensino de línguass e comunicação**. 2. ed. Campinas: Pontes, Arte Língua, 2007.

_____. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes, 1993.

AUSTIN, John L. **How to do Things with words**. New York: Oxford University Press, 1965

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1981.

BIDERMAN, M. T. C. **Léxico e vocabulário fundamental**. Alfa: São Paulo, 1996.

BUENO, S. **Tratado de Semântica Brasileira**. 3. Ed. São Paulo: Saraiva, 1960.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. **Documento-base do exame Celpe-Bras** [recurso eletrônico]. - Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484421/Documento-base+do+exame+Celpe-Bras/951405f3-7d32-4ba8-b788-cea08e796818?version=1.0>. acesso em: out 2020.

BRUMFIT, C. J; Roberts, J. T. **An Introduction to Language and Language Teaching**. North Pomfret, Vermont: Batsford/David and Charles, 1983.

CÂMARA, J. M. **Dicionário de linguística e gramática**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

CAMBRUSSI, M. F; HOFFMANN. **Relações lexicais e o efeito de produção de sentido a partir do texto: a sinonímia e a hiperonímia em retomadas anafóricas**. In: NASCIMENTO, E. P; FERRAZ, M. M (Orgs). *Semântica e ensino*. 1. ed. Curitiba: CRV, 2015

CANÇADO, Márcia. **Semântica lexical: Uma entrevista com Márcia Cançado**. Revel, vol. 11, n.20, 2013 [www.revel.inf.br]

_____. **Manual de semântica: Noções básicas e exercícios**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

CANALE, M.; Swain, M. **Theoretical Bases of Communicative Approaches to Second Language Teaching and Testing**. Oxford: University Press, 1980.

CANALE, M. **From communicative competence to communicative language pedagogy**. In: RICHARDS, J. C.; SCHIMIDT, R. W. *Language and communication*. London: Longman, 1983, p.127.

CARVALHO, N. de. **Publicidade: a linguagem da sedução**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CLARK, E. V. **Later lexical development and word formation**. In: FLETCHER, P; MacWHINNEY, B. (eds.). *The handbook of child language*. Oxford : Blackwell, 1995. p. 393-412.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1965.

CORACINE, M. J.; BERTOLDO, E. S. **O desejo da teoria e a contingência da prática: discursos sobre e na sala de aula: (língua materna e língua estrangeira)**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

CORDER, S. P. **The Significance of Learners' Errors**. *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, 1967, 161-170.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

DEL RÉ, A. **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. In: DEL RÉ, A (orgs). *Aquisição da linguagem: Uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto 2013, p. 114-132.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

ESCARPINETE, M. L: **O estudo do léxico no ensino de PLE: um olhar sobre as atividades propostas em livros didáticos**. Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling). UFPB. João Pessoa: 2013

_____, M. L; FERRAZ M. M. **Explorando as noções de oposição na interface léxico-cultural: a relação de antonímia como elemento constitutivo do texto**. In: NASCIMENTO, E. P; FERRAZ, M. M (Orgs). *Semântica e ensino*. 1. ed. Curitiba: 2015

FERRAREZI, C. J. **Semântica**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

FERREIRA, V. R. S. **Produção de dicionários contemporâneos com línguas em contato: o caso do português e das línguas indígenas brasileiras**. In: ISQUERDO, A. N.; BARROS L. A. (Org.). *As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande*: UFMS, 2010, p. 267-275.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. **Aprendendo com os erros: Uma perspectiva comunicativa de ensino de línguas**. Goiânia: UFG, p. 137. 1997

FINGER-KRATOCHVIL, C. **A construção da competência lexical e o papel do dicionário: caminho e relações**. In: CAMBRUSSI, M. F; ARAGÃO NETO, M. M (Orgs). *Léxico e gramática: novos estudos de interface*. 1. ed. CRV: Curitiba. 2014

_____, C. **Estratégias para o desenvolvimento da competência lexical: relações com a compreensão em leitura**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2010.

GERMAIN, C. **Évolution de l'enseignement des langues: 5000 ans d'histoire**. Paris: Nathan-Clé International, 1993.

GOMES, C. P. **Tendências da semântica na linguística**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Léxico e semântica: Estudos produtivos sobre palavra e significação**. Rio de Janeiro: Ed. Alta books, 2018.

HUCKIN, T; COADY, J. **Incidental Vocabulary Incidental Acquisition in a Second Language: A Review**. In WESHE, Marjorie & PARIBAKHT, T. S (eds.) *Incidental L2 Vocabulary Acquisition: Theory, Current Research and Instructional Implications*. In: *Studies in Second Language Acquisition* (21, 181-193), Cambridge University Press, 1999.

HYMES, D. **On communicative competence**. In: GUMPERZ, J.J. & HYMES, D. (Orgs.) *Directions in Sociolinguistics*. Nova Iorque: Holt, Rinehartand Winston, 1970.

_____. **The Ethnography of Speaking**. In: FISHMAN, J. A. *Readings in the Sociology of Language* England: The Hague Mouton, 1972.

ILARI, R. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **Introdução à semântica: brincando com a gramática**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____, GERALDI, J. W. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1987.

JACKENDOFF, R. **Semântica Lexical: uma entrevista com Ray Jackendoff**. *Revel*, vol. 11, n. 20, 2013 [www.revel.inf.br]. Tradução de Gustavo Breunig.

LADO, R. **Linguistics across cultures: Applied linguistics for language teachers**. University of Michigan Press: Ann Arbor, 1957.

LEFFA, V. J. **Metodologia do ensino de línguas**. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.

_____. **O ensino de línguas estrangeiras nas comunidades virtuais**. In: IV Seminário de Línguas Estrangeiras, 2001, Goiânia. Anais do IV Seminário de Línguas Estrangeiras. Goiânia: UFG, v. 1, p. 95-108. 2002.

_____. **Aspectos externos e internos da aquisição lexical**. In: LEFFA, V. J. (org). As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem das línguas. Pelotas: EDUCAT, 2000.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. London: The University of Chicago Press, 1980.

LARSEN-FREEMAN, D. **Techniques and Principles in Language Teaching**. 2ed. Oxford: Oxford University Press, 2000.

LAUFER, B. **Possible changes in attitudes towards vocabulary acquisition research**. IRAL, v. 1, n. 24, 1986.

LEIRIA, I. **Léxico, aquisição e ensino do português europeu língua não materna**. Universidade de Lisboa. 2001.

LEWIS, M. **The lexical approach**. Hove, England: Language Teaching Publications, 1993.

LYONS, J. **Introdução à Lingüística Teórica**. São Paulo: Ed.Nacional:Ed. da USP, 1979.

_____. **J. Linguagem e Linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1981

MARTINET, A. **Conceitos Fundamentais da Lingüística**. Lisboa: Editorial Presença; Brasil: Livraria Martins Fontes, 1976.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **O léxico: lista, rede ou cognição social?** In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. (orgs.) Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004, p. 263-284.

MOREIRA, V.; PIMENTA, H. **Gramática de Português, 3º Ciclo Ensino Básico, Ensino Secundário**. Porto: Porto Editora, 1999.

MOREIRA, A.; SALOMAO, M. M. **Análise ontológica aplicada ao desenvolvimento de Frames**. Alfa: Revista de Linguística, v. 56, n. 2, p. 491-521, 2012.

NEUNER, G; HUNFELD, H. **Methoden des Fremdsprachlichen Deutschunterrichts**. Berlin München Wien Zürich New York Langenscheidt, 1993.

ORLANDI, E. P; GUIMARÃES, E. **Formação de um espaço de produção lingüística: a gramática no Brasil**. In: ORLANDI, E. P. (Org.). História das idéias lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional. Campinas: Pontes, 2001. p. 21-38.

PARIBAKHT, T. S.; WESCHE, M. **Vocabulary Enhancement Activities and Reading for Meaning in Second Language Vocabulary**. In: COADY, J.; HUCKIN, T. (eds). Second Language Vocabulary Acquisition. Cambridge University Press, 1997.

PERINI, M.A. **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 1996.

PEDREIRO, S. **Ensino de línguas estrangeiras – métodos e seus princípios**. Revista Eletrônica IPOG Especialize Online, 2013.

PICOCHÉ, Jacqueline. **Précis de Lexicologie Française: l'étude et l'enseignement du vocabulaire**. Paris: Nathan Univeristé, 1977.

PIETRI, E. de. **Sobre a constituição da disciplina curricular de língua portuguesa**. In: Revista Brasileira de Educação v. 15 n. 43. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PIETROFORTE, A. V.; LOPES, I. C. **A semântica lexical**. In: FIORIN, J. L. (orgs). Introdução à Linguística II: Princípios de análise. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

QECRL. Conselho da Europa. **Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas Aprendizagem, Ensino, Avaliação**. Porto: Edições ASA. 2001.

READ, J. **Towards a deeper assessment of vocabulary knowledge**. World Congress of Applied Linguistics, Sydney, Australia, 1987.

RICHARDS, J. C. **The Role of Vocabulary Teaching**. TESOL Quarterly. (1976).

RICHARDS, J.; RODGERS, T. **Approaches and Methods in Language Teaching: A description and analysis**. New York: Cambridge University Press, 2001.

RODRIGUES, D.F. **Visões sobre o ensino-aprendizagem de vocabulário em aulas de ILE**. In: SCARAMUCCI, M. V. R; GATOTOLIN, S. R. B (orgs) Pesquisas sobre vocabulário em língua estrangeira. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

SAVIGNON, S. **Communicative Competence: theory and classroom practice**. U.S.A.: Addison-Wesley, 1983

SCARAMUCCI, M. V. R. **O papel do léxico na compreensão em leitura em língua estrangeira: foco no produto e no processo**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1995. 345 p.

_____, M. V. R. **Celpe-Bras: um exame comunicativo**. In: CUNHA, M. J. SANTOS, P. (Org.). Ensino e pesquisa em português para estrangeiros. Brasília: UnB, 1999. p. 75-81.

_____, M. V. R. **Proficiência em LE: considerações terminológicas e conceituais**. **Trabalhos de Linguística Aplicada**. Campinas, n. 36, p. 5-10, jul./dez. 2000.

SCHERER, A. E. **Histoire de la langue, histoire du discours sur la langue: les enseignants de FLE au Brésil**. In: Chistian Leray; Gaston Pineau. (Org.). Dynamique Interculturelle et Histoire de Vie. Paris França, 2002, p. 85-101.

SCHLATTER, M. **Celpe-Bras: avaliação, ensino e formação de professores de português como língua adicional**. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervocelpebras/um-pouco-de-historia>>. Acesso em: out. 2020.

SEARLE, John R. **Expression and meaning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

SELINKER, L. **Interlanguage**. IRAL; International Review of Applied Linguistics in Language Teaching, 1972. p. 209-241.

SERRANI-INFANTE, I. **Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas**. Delta, v. 13. n.1, 1997, p. 63-81.

SKINNER, B. F. **Verbal Behavior**. Cambridge, MA: B. F. Skinner Foundation, 1957.

SOARES, M. **Português na escola: história de uma disciplina curricular**. In: BAGNO, Marcos (org.) *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, p. 155-177, 2002.

SRIDHAR, S. N. **Contrastive analysis, error analysis and interlanguage: three phases of one goal**. In: FISIAK, J. (Ed.). *Contrastive Linguistics and the language teacher*. UK: Pergamon Press, 1981.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. 3 ed. – São Paulo: Contexto, 2011

TRÉVILLE, L.; DUQUETTE. **Enseigner le vocabulaire en classe de langue**. Paris: Hachette, 1996.

TUGENDHAT, E. **Lições introdutórias à filosofia analítica da linguagem**. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

ULLMANN, S. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Tradução de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1964.

_____. **S. Semântica: uma introdução à ciência do significado**. 4 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977

VASSEUR, M. T. **Aquisição da L2: Compreender como se aprende para compreender o desenvolvimento da competência em interagir em L2**. In: DEL RÉ, A (orgs). *Aquisição da linguagem: Uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto 2013. p. 85-106

VENTURI, M. A. **Aquisição de língua estrangeira numa perspectiva de estudos aplicados**. In: DEL RÉ, A (orgs). *Aquisição da linguagem: Uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto 2013, p. 114-132.

VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

WACHOWICZ, T. C. **Semântica lexical**. In: FERRAREZI JUNIOR, Celso; BASSO, Renato (orgs.). *Semântica, Semânticas: Uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013.

ZIMMERMAN, C. B. **Historical Trends in Second language Vocabulary Instruction, Second Language Vocabulary Acquisition**. In: *A Rationale for Pedagogy*. New York: Cambridge University Press, 1997.

ANEXOS

ANEXO I – Textos de apoio do exame Celpe-Bras

Edição – 1998

Tarefa III

Tarefa III (texto escrito/leitura)

PAULO FREIRE: o educador pernambucano criou um revolucionário método de alfabetização de adultos e tem seus livros traduzidos em mais de 50 idiomas.

Paulo Freire: A leitura do mundo

Frei Betto

• “Pedro viu a uva”, ensinavam os manuais de alfabetização. Mas o professor Paulo Freire, com o seu método de alfabetizar conscientizando, fez adultos e crianças, no Brasil e na Guiné-Bissau, na Índia e na Nicarágua, descobrirem que Pedro não viu apenas com os olhos. Viu também com a mente e se perguntou se uva é natureza ou cultura.

Pedro viu que a fruta não resulta do trabalho humano. É Criação, é natureza. Paulo Freire ensinou a Pedro que semear uva é ação humana na e sobre a natureza. É a mão, multiferramenta, despertando as potencialidades do fruto. Assim como o próprio ser humano foi semeado pela natureza em anos de evolução do Cosmo.

Colher uma uva, esmagá-la e transformá-la em vinho é cultura, assinalou Paulo Freire. O trabalho humaniza a natureza

e, ao realizá-lo, o homem e a mulher se humanizam. Trabalho que instaura o nó de relações, a vida social. Graças ao professor, que iniciou sua pedagogia revolucionária com operários do Senal de Pernambuco, Pedro viu também que a uva é colhida por mãos-frias, que ganham pouco, e comercializada por atravessadores, que ganham melhor.

Pedro aprendeu com Paulo que, mesmo sem ainda saber ler, ele não é uma pessoa ignorante. Antes de aprender as letras, Pedro sabia erguer uma casa, tijolo a tijolo. O médico, o advogado ou o dentista, com todo o seu estudo, não era capaz de construir como Pedro. Paulo Freire ensinou a Pedro que não existe ninguém mais culto do que o outro, existem culturas paralelas, distintas, que se complementam na vida social.

Pedro viu a uva e Paulo Freire mostrou-lhe os cachos, a

parreira, a plantação inteira. Ensinou a Pedro que a leitura de um texto é tanto melhor compreendida quanto mais se insere o texto no contexto do autor e do leitor. É dessa relação dialógica entre texto no contexto que Pedro extrai o pretexto para agir. No início e no fim do aprendizado é a práxis de Pedro que importa. Práxis-teoria-práxis, num processo indutivo que torna o educando sujeito histórico.

Pedro viu a uva e não viu a ave que, de cima, enxerga a parreira e não vê a uva. O que Pedro vê é diferente do que vê a ave. Assim, Paulo Freire ensinou a Pedro um princípio fundamental da epistemologia: a cabeça pensa onde os pés pisam. O mundo desigual pode ser lido pela ótica do opressor ou pela ótica do oprimido. Resulta uma leitura tão diferente uma da outra como entre a visão de Ptolomeu, ao observar o sistema solar com os pés na

Terra, e a de Copérnico, ao imaginar-se com os pés no Sol.

Agora Pedro vê a uva, a parreira e todas as relações sociais que fazem do fruto festa no cálice de vinho, mas já não vê Paulo Freire, que mergulhou no Amor na manhã de 2 de maio. Deixa-nos uma obra inesquecível e um testemunho admirável de competência e coerência.

Paulo deveria estar em Cuba, onde receberia o título de doutor *honoris causa*, da Universidade de Havana. Ao sentir o dorido seu coração que tanto amou, pediu que eu fosse representá-lo. De passagem marcada para Israel, não me foi possível atendê-lo. Contudo, antes de embarcar fui rezar com Nita, sua mulher, e os filhos, em torno de seu semblante tranqüilo: Paulo via Deus.

FREI BETTO é escritor, autor, em parceria com Paulo Freire, de “Essa escola chamada vida” (Ática)

Edição – 1998

Tarefa IV

FREIRE/O MÉTODO *A partir de uma palavra ligada à realidade, são formadas outras; cartilha de massa é descartada*

Método usa dia-a-dia para alfabetizar

OPERSONAGEM



Leo Caldas/História Lumber

MÔNICA RODRIGUES COSTA
Editora da Folha

O Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos foi proposto pelo educador nos anos 60 durante sua atividade no "Movimento de Cultura Popular do Recife".

Tem a vantagem de ser fácil e simples. Celso Beisiegel diz em livro que Freire "tinha a intenção de adequar o processo educativo às características do meio", o que não significa uma novidade em termos pedagógicos, mas cuja importância reside na descoberta do modo de realizar essa associação, necessariamente, como característica intrínseca do processo educativo".

Paulo Freire adota como fundamento a relação entre o processo educativo e o meio social de quem aprende a ler e a escrever.

Com isso, a alfabetização no Brasil passa a ser vista de outra perspectiva. Como considera o contexto da aprendizagem, dispensa, na prática, as cartilhas de massa.

O diálogo é o procedimento principal, na visão de Sérgio Haddad, secretário-executivo da ONG Ação Educativa e professor da pós-graduação em história e filosofia da educação na PUC/SP, e a conscientização é o conceito central do método freiriano, uma vez que considera a educação um ato de conhecimento que conduz à libertação do sujeito alfabetizando, oprimido socialmente.

Haddad não restringiria a im-

portância de Paulo Freire à construção de um método. "Naquele momento histórico, ele transformou suas ideias em intervenção, em procedimento. A questão básica, que incorpora a primeira, é o fato de Freire tratar o adulto como adulto e respeitar seu pensamento e sua forma de vida."

Lino de Macedo, professor de psicologia da USP, diz que "a grande sacada do método de Paulo Freire é partir do fator que impediu o sujeito de ser alfabetizado e não mais somente do nível técnico de conhecimento dele".

Especificamente, método parte de uma pesquisa do universo vocabular do grupo de alfabetizandos para selecionar situações-problema que servem de instrumento de discussão da realidade.

Apresenta imagens ligadas a essa realidade. A metodologia pode ser sintetizada, em linhas gerais, por meio do mais do que conhecido exemplo de alfabetizar usando a palavra geradora "tijolo".

O educador apresenta ao grupo uma imagem de uma construção em que aparecem em destaque o objeto tijolo e a palavra "tijolo".

O alfabetizando visualiza a palavra em sílabas (ta-te-ti-to-tu/ ja-je-jí-jo-ju etc.) e passa a recombiná-las em outras palavras, como luta, tijota, jato, juta, lote. Macedo justifica a validade do método "no sentido de que não dá para pensar educação de adultos desvinculada do que a profissão exige. Daí a tarefa de educar ser política."

Edição – 1999.1

Tarefa III

A convivência na república		
Veja os problemas mais frequentes em casas de estudantes e saiba evitá-los		
FICHÁRIO	O PROBLEMA	A SOLUÇÃO
 Horário	Um dos estudantes tem provas no dia seguinte e outro chega em casa com amigos para uma festinha e liga o som no último volume	No início do ano letivo, afixe em local visível um quadro em que todos escrevem a data das provas que vão fazer. Fica então combinado que a véspera vira dia de silêncio
 Comida	O previdente compra pãezinhos eiogurte para o café da manhã e um colega, que chega com fome de madrugada, come tudo	
 Administração da casa	É difícil achar quem queira comprar os produtos de limpeza, pagar as contas do mês e trocar a lâmpada queimada	
 Limpeza	É irritante não ter copo para beber água porque todos estão sujos, ou precisar lavar a panela do macarrão que o outro usou	
 Objetos pessoais	Pegar roupa emprestada sem pedir, usar escova de cabelo, xampu e desodorante do colega	
 Privacidade	Alguns dos moradores podem ficar incomodados com a presença constante de namorados dos colegas. Ou com a presença de pessoas estranhas na casa	
 Dinheiro	Os orçamentos costumam ser enxutos e o atraso no pagamento da parte de um atrapalha a todos	

Edição – 1999.1

Tarefa IV

Jogos de azar

A questão da legalização dos cassinos no Brasil, que está sendo apreciada pelo Congresso Nacional, é complexa e sua análise está repleta de armadilhas. Merece, portanto, ser tratada com cautela.

O argumento dos que defendem o jogo como forma de entrada de capitais é, no mínimo, exagerado. É bem verdade que algumas nações das dimensões de Mônaco ou Bahamas encontram nos cassinos importante fonte de recursos; mas daí a estender o raciocínio para um país de proporções continentais como o Brasil vai uma grande distância.

Por outro lado, a proibição de jogar parece, à primeira vista, encontrar respaldo apenas em uma suposta moralidade de duvidosa justificação. Com efeito, em alguns casos observa-se que o vício no jogo pode levar à ruína. Entretanto, a capacidade do homem de manter relações compulsivas desconhece limites e, assim, qualquer um pode, dentro da lei, viciar-se em muitas coisas, do álcool a drogas de venda legal, para não falar no fumo. A lógica liberal recomenda, portanto, que

o Estado se abstenha de dizer ao cidadão o que ele pode ou não fazer com coisas que digam respeito apenas a ele.

Mas não se deve aplicar inadvertidamente a lógica liberal a todos os casos. Na questão do jogo, por exemplo, é preciso levar em conta fatores socioculturais que recomendam que não se permita a reabertura dos cassinos.

No Brasil, diferentemente de outros países, predomina a cultura do lucro fácil e não a da valorização do trabalho. Diante desse espírito, enormemente agravado pela atual crise, alguns pais de família poderiam gastar, numa única noite, os vencimentos de todo um mês de trabalho. E isso para dizer o menos. Já não se trata mais de um caso que diz respeito apenas a um cidadão, mas de um problema social.

Assim, a Folha reafirma o princípio de que os cassinos não devem ser liberados, pois têm potencial para desestruturar pessoas, famílias e até mesmo empresas. Os riscos parecem, —assim, maiores que os ganhos.

Edição – 1999.2

Tarefa III

“Me sinto maduro. O jovem tem idealismo para defender a sociedade”



POLEMICA

A RAPAZIADA DA JUSTIÇA

Juízes e promotores com menos de 25 anos geram debate sobre maturidade exigida para a função

ISABELA ABDALA



O doutor Rafael Soares Pinto, juiz federal, corre de manhã, luta tae kwon do, frequenta boates, tem um grupo de pagode e não perde um Fortal, carnaval fora de época em Fortaleza. Parece esquisito que um juiz, supostamente um tipo formal, seja tão descontraído. Mas fora de seu gabinete no prédio da Justiça Federal em Brasília, o doutor Rafael é apenas um garoto de 24 anos. Frequentador do ParkShopping, é olhado com desconfiança. “Tem gente que acha que não posso sair de bermuda e chinelo. Sou juiz, mas também sou jovem.” Cabe ao jovem meritíssimo julgar questões relativas à União e às autarquias. Caiu ainda em suas mãos um



Tarefa III

caso polêmico. Os supermercados que lutam para não ser obrigados a colocar etiquetas em cada produto na prateleira dependem da decisão de um rapaz de 24 anos. Formado em Direito há três anos, Rafael advogou por dez meses. Em 1997, passou em quatro concursos. Foi procurador, tirou o primeiro lugar nas provas para promotor de Justiça do DF, passou no concurso para procurador do INSS e finalmente no de juiz federal. "Ninguém é infalível. Tenho uma boa noção. A minha vantagem é ter acumulado toda essa experiência com pouca idade", diz.

Os concursos para juiz aprovaram recentemente um número considerável de jovens com menos de 30 anos. No último concurso paulista foram aprovados 84 jovens, 39 dos quais, ou 46,43%, com menos de 26 anos. Outros 48,81% têm até 35 anos. Apenas quatro juízes com mais de 35 anos foram empossados. No concurso de outubro, 51,8% dos 112 aprovados tinham menos de 26 e 44,6% iam até os 35 anos. Karina Ferraro, juíza em Jandira, a 35 quilômetros de São Paulo, tem 25 anos e não aceita questionamentos de sua competência: "Será que um concurso tão rígido não é capaz de avaliar se estamos preparados? O concurso existe há anos e se idade fosse importante já tinham mudado as regras."

Mas há dúvidas sobre a capacidade de um jovem arcar com essa responsabilidade. "Não existe atalho para a experiência que leva à maturidade", diz a psicóloga paulista Lídia Aratany. "O caminho da experiência inclui a possibilidade de erro e a capacidade de admiti-los. Esses jovens juízes vão fatalmente errar, mas seus erros podem prejudicar gravemente outras pessoas", avalia. "Quanto maiores os horizontes, maior a consciência do relativo, imprescindível para julgar. O tempo sozi-

nho só traz ruga e cabelo branco, mas usado como matéria-prima é um grande escultor da maturidade", completa.

Protestos O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Reginaldo de Castro, concorda: "A experiência que se espera de quem reflete sobre condutas humanas é muito maior do que pode ter um jovem nessa idade." Reforça o coro Luiz Fernando de Carvalho, presidente da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB): "Um juiz não se faz só pelo conhecimento técnico-jurídico. Indiscutivelmente, deve ter vivência pessoal e profissional." Vinícius Fernando Alves Fermão, 23 anos, promotor desde outubro em Cidade Ocidental, nos arredores de Brasília, é confundido com estagiário, mas sai em defesa de sua faixa etária: "Me sinto maduro. O jovem tem idealismo e energia para fazer o Ministério Público mais vivo na tarefa de defender a sociedade." Sua função é proteger o patrimônio público da cidade e o meio ambiente, ser o curador da infância e da juventude, retirar uma criança da mãe se for preciso, denunciar e produzir provas contra crimes. O ex-ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Francisco Rezek critica as restrições aos jovens. "Além da qualidade científica, a um juiz são exigidos integridade e bom senso. E isso não melhora com a idade. Se o indivíduo não tem bom senso quando jovem, nunca o terá", afirma. "Sentimentos classistas dominam o coração dos idosos", acusa o ex-ministro, que entrou para a mais alta corte do País aos 39 anos. (...)

Edição – 1999.2

Texto IV

Jornais devem estimular questionamentos

LUCIANE AQUINO
Especial/ZH

Nell Postman, professor de Comunicação da New York University, é fidelíssimo à sua desconfiança com a onda tecnológica que assolou o mundo. Autor de 21 livros – entre eles *Tecnopólia*, um ensaio sobre essa confiança –, Postman assegura ser mais tradicional do que os autores que odeiam computadores e usam máquina de escrever – ele rejeita todas as suas obras com caneta. Há pouco dias telefonou para o seu editor e anunciou que havia terminado mais um livro. “Ok, mande-me o disquete”, ouviu como resposta. “Que disquete?”, surpreendeu-se Postman – o seu editor ainda precisa de digitadores. O professor da New York University esteve presente no 50º Congresso Mundial de Entidades Jornalísticas e no 4º Fórum Mundial de Editores, organizados pela Associação Mundial de Jornais (WAN) em Amsterdã esta semana. Em sua palestra, propôs aos presentes a criação de um novo cargo nos jornais: o do “homem das perguntas” (em inglês, *question-man*). Confira nos clichês da entrevista que Postman concedeu a Zero Hora na última terça-feira quais seriam as tarefas desse novo jornalista.

Zero Hora – O senhor afirma que os jornais precisam estimular o questionamento entre os seus leitores sobre as reportagens que publicam. Explique essa ideia.

Nell Postman – Uma das razões pelas quais os jornais não fazem isso é porque ainda estão muito preocupados em encher as suas páginas com informação. Tentei dizer que eles não precisam fazer isso. Deveria haver menos informações, jornais e mais perguntas. Provavelmente no futuro os jornais verão isso e concordarão comigo.



ZH – Dê um exemplo.

Postman – A Suprema Corte dos Estados Unidos afirma que o processo por assédio sexual movido por Paula Jones contra o presidente Bill Clinton pode ir adiante porque não há empecilho constitucional para o seguimento do caso. Há várias questões interessantes sobre esse assunto. Por exemplo: até que ponto o comportamento moral de um político é fundamental para o seu desempenho no cargo que está ocupando no momento?

ZH – No Brasil nós perguntamos por que os norte-americanos têm tanta fixação no comportamento sexual de seus políticos.

Postman – Isso é interessante. Talvez a pergunta no Brasil deva ser: o que acontece conosco, brasileiros, que somos tão indiferentes com o comportamento moral de nossos políticos? De qualquer maneira, eu estaria mais de acordo com a maneira brasileira do que com a norte-americana. Poderia haver mais uma questão interessante: por que os norte-americanos são tão obcecados com o desvio de conduta sexual? O que há com a cultura americana para que isso seja tão seriamente considerado?

ZH – E o senhor acha que essas perguntas deveriam ser publicadas nos jornais acompanhadas de respostas? Ou devem ser temas para discutir na hora do jantar?

Postman – Poderiam ter o seguinte formato: “Aqui estão cinco perguntas que nós pensamos que os cidadãos devem se fazer sobre este assunto”. Como sobre o tema da clonagem. Há uma série de questões morais e sociológicas a fazer sobre isso. Por exemplo, as pessoas que fossem clonadas deveriam ser integradas a uma categoria especial da raça humana?

ZH – O senhor disse em sua exposição que os jornais deveriam investir na educação das pessoas.

Postman – Totalmente. A maioria dos editores de jornais dizem que informar as pessoas é um dever, uma responsabilidade, e é importante. Eu responderia: “Por quê?” O que lhe importa se as pessoas são informadas ou não? E eles dizem: “Porque não se pode ser um cidadão inteligente sem saber o que acontece”. E eu diria: “Ok, mas agora você precisa dar um passo além na tarefa de ajudar as pessoas a saber o que está acontecendo”. Não é suficiente dizer simplesmente que uma ovelha foi clonada. Você precisa fornecer às pessoas perguntas interessantes sobre o tema. Como o que isso significa para as suas vidas morais, religiosas. (...)

Edição – 2000.1

Texto III

Entrevista

500 Anos de Desencontros

Para o escritor Kaká Jecupe, a semente do distanciamento entre brancos e índios está na estrutura das sociedades: uma cultura o ter e a outra o ser.

Kaká Werá Jecupe é um caso raríssimo de escritor no Brasil. Índio tapuia, ou txucarramãe (guerreiro sem arma), como ele prefere, filho legítimo dos ancestrais habitantes das terras descobertas pelos portugueses, resolveu romper o silêncio de cinco séculos e escrever a história vista pela ótica dos que habitavam o Novo Mundo há milhares de anos.

ISTO É – O Brasil está se preparando para comemorar seus 500 anos. Para os povos indígenas, são anos de descoberta ou de invasão?

Kaká Wera Jecupe- De desencontro. Desencontro que provocou e continua provocando situações gravíssimas. A realidade atual indígena não é fácil.

ISTO É - E qual é a razão desse desencontro?

Kaká- A semente desse desencontro está numa sociedade que tem na sua estrutura de cultura a questão do ter e encontrou uma cultura aqui voltada para o ser.

ISTO É – Os europeus chegaram trazendo o progresso, trataram os que estavam aqui como primitivos. Como você pensa esta relação?

Kaká- Para quem fundamente a sua cultura no ter, a noção de progresso está em ver ao seu redor o acúmulo de bens materiais. A noção de progresso dos indígenas está em desenvolver a sua capacidade criativa, a sua expressão no mundo. É preciso que a civilização olhe para os índios com menos prepotência, até para perceber que ela está em colapso.

3.2. Se você pudesse fazer três sugestões aos governantes do século XXI, para que pudéssemos viver em um mundo que equilibrasse o **ser** com o **ter**, o **progresso** com a **natureza**, o que recomendaria?

Edição – 2000.1

Texto IV

A Feira do Livro deve manter o desconto de 20%?

SIM

Utilize o Caderno de Respostas para escrever seu texto.



O desconto nos preços da Feira do Livro de Porto Alegre será debatido hoje pelos associados da Câmara Rio-grandense do Livro (CRL). Confira nesta página alguns argumentos a favor e contra a manutenção do índice de 20%. (Leia mais na página 3)

NÃO

ELIASO HICGMANN *

Você vai à Feira do Livro porque ganha 20% de desconto ou porque gosta por razões outras vantagens que ela oferece?

Primeiro, você encontra ali, em exposição, milhares de títulos que não acha em nenhuma loja de livros. Você acessa catálogos de numerosas editoras, nacionais e estrangeiras. Nem todo shopping center poderia oferecer tanta variedade de obras e autores. E as ofertas? Nem o Liquidão Porto Alegre, no verão, coloca tantos balões ou calças de soldos.

Seja mencionando as centenas de sessões de autógrafos, os encontros com escritores, as atividades culturais paralelas, nem o Bar da Feira para curtir os amigos, enfim, um mundo de atrações. Você, talvez, nem tenha de pedir desconto.

Se, no lugar de um desconto maior, você pudesse concorrer a prêmios, centenas de prêmios, desde serviços diários de livros,

querer saber, um automóvel, você desistia de frequentar a Feira e se adquirir os títulos de sua preferência?

As condições atuais de comercialização já não permitem aos livrários proporcionar o tradicional desconto de 20%. Ainda assim, ninguém pretende abolir o benefício, e sim reduzi-lo a níveis compatíveis com o momento econômico, substituindo-o, em parte, por outras vantagens. Além dos acima mencionados, queri saber, um bônus para desconto em outra compra, nas lojas? O bônus, quando utilizado na compra de outro livro, também contribuiria para a formação do saudável hábito de frequentar livrarias e, consequentemente, para o hábito de ler. Alargaria o período das vendas beneficentes da Feira até o Natal, e, queri saber, até o período do dia 15. Ninguém sairia perdendo. Todos ganhariam. Os frutos da Feira seriam saboreados por mais tempo.

No decorrer dos últimos anos a Feira modernizou-se. Incrementou o afluxo de público, multiplicou as atrações culturais e houve recordes de vendas. O lucro das livrarias, contudo, quando existente, ficou muito reduzido. A margem de lucro tornou-se insuficiente para cobrir as despesas operacionais. Mesmo assim, a livraria precisa comparecer à Feira, buscando diminuir o prejuízo decorrente da redução das vendas no período de setembro até o final do ano.

A nova política de descontos reverteria, por certo, esse crescimento das lojas. A nova estratégia não afetaria as liquidações, as cobicações calças de soldos. Nem seria proibido aos autores, se assim o desejarem, conceder o desconto tradicional. Assumariam, por outra parte, margens compensadoras e justas no entendimento tão meritório quando estafante que é a Feira do Livro de Porto Alegre.

Edição – 2000.2

Texto III

Tribo quer R\$ 25 mi por ervas medicinais

REINALDO JOSÉ LOPES

FOLHA DE SÃO PAULO

Índios da etnia craô, moradores de uma reserva no norte do Tocantins, pretendem exigir R\$ 25 milhões da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) na Justiça, como compensação pelo suposto uso indevido da sabedoria tradicional da tribo.

Informações sobre ervas medicinais recolhidas pelos curandeiros craôs teriam sido usadas sem o conhecimento prévio de toda a etnia numa pesquisa da Unifesp, que buscava plantas com potencial para se transformarem, no futuro, em remédios fitoterápicos.

De acordo com os índios e com a Funai, citados em reportagem do jornal "O Globo" do último dia 9, embora a Unifesp tenha firmado uma carta de intenções afirmando que os direitos de propriedade intelectual seriam dos índi-

genas, apenas três aldeias craôs teriam participado desse acordo, deixando as demais (são 17 aldeias no total) fora dele.

"O que os craôs definiram foi o pagamento de uma taxa de bioprospecção [no valor de R\$ 20 milhões] e a indenização por danos morais [de R\$ 5 milhões]", disse à Folha Myrian Monteiro da Rocha, 44, advogada da Kapey, associação que reúne as aldeias craôs.

A regularidade do acordo da Unifesp com as três aldeias está sendo averiguada pelo Ministério Público Federal. Contudo, a procuradora Maria Luiza Grabner, que cuida do caso, diz que não se trata de denúncia de biopirataria.

"Entendo que a coleta de recursos naturais na área indígena não observou requisitos essenciais, tais como o consentimento prévio informado de todos os índios da etnia craô e a distribuição equitativa de benefícios", afirmou.

Caso gera debate sobre sabedoria de grupo étnico

FOLHA DE SÃO PAULO

O problema enfrentado pelos craôs e pela Unifesp coloca em discussão o uso sustentável da célebre biodiversidade brasileira. O desafio é remunerar o conhecimento das comunidades tradicionais sobre a fauna e a flora e, ao mesmo tempo, promover o desenvolvimento científico e econômico.

"É um caso apropriado para colocar essa discussão para a sociedade", diz Fernando Schiavini, da Funai. "O conhecimento já adquirido por uma pesquisa não volta. Por isso, a comunidade indígena poderia ter direito a um adiantamento", afirma.

"Não é surpresa que esse tipo de problema ocorra", diz Lúcio Coradin, gerente do Projeto de Recursos Genéticos do Ministério do Meio Ambiente. "Pode ter certeza de que vão aparecer mais casos. Mas esses percalços vão facilitar a definição de regras no futuro", afirma.

"É preciso um meio-termo que reparta os benefícios sem afugentar as empresas que podem usar o potencial econômico do conhecimento", diz Coradin. (AUL)



Edição – 2000.2

Texto IV

Martha Medeiros 16 DE JUNHO DE 2002 REVISTA ZIP DONNA

O casamento seguia um tédio, mas o clima estava mais ameno, sabiam que dali a pouco estariam separados para sempre.

Do mês que vem não passa

Juntos chegaram à conclusão de que o casamento estava um tédio, que o amor havia sumido e que a presença um do outro incomodava mais do que estimulava; nem mesmo a amizade e a ternura sobreviveram. Depois de algumas cobranças inevitáveis, muito papo e lágrimas à beça, optaram por seguir cada um para seu lado. Quando? Logo depois das férias de julho; a gente viaja com as crianças e depois voltará de novo. Perfeito.

Volaram da viagem mais duras do que nunca foram, o saldo completamente no vermelho. Não era uma boa hora para comprometer-se com um novo fuzquel. Bia compreendeu e des-

se para ele, ficar em casa até as finanças se estabilizarem de novo, quando então ele poderia procurar um apartamentozinho.

O casamento seguia um tédio, mas o clima estava mais ameno, sabiam que dali a pouco estariam separados para sempre, então co-

hava uma harmonização, eles até passaram a sorrir com mais frequência, e, olhando assim, de longe, qualquer um diria que aqueles dois se entendiam bem.

As dívidas da viagem foram pagas e, depois de mais uma entre tantas discussões bestas, resolveram agendar de vez a separação; logo de-

pois do aniversário do pequeno Bruminho, que dali a um mês faria 16 anos e media 1m87cm.

Bruminho não quis festa, e o saldo do casal voltou a ficar positivo, mas não por muito tempo: a televisão já veiculava comerciais com Papai Noel, Natal era sempre uma despesa, e os sogros viriam do interior pra comemorar com a família reunida, melhor deixar passar o Natal e o Ano Novo. É melhor, também acho.

Em fevereiro, a

Bia, filha mais velha, inventou de ir para a Praia do Rosa com as amigas e ficou o mês inteiro lá, assim que ela voltasse os dois dariam o seque-mate neste casamento. Bia voltou e já era quase Páscoa, e Páscoa sem ir pra fazenda da tia Sônia não era Páscoa. Depois da Páscoa receberam o convite para ser padrinhos de casamento de um afilhado, melhor não criar constrangimento na igreja. Em seguida foi o aniversário dele, que sempre fica meio caldo nessa data, melhor deixar passar o inverno assim. E quando passou, a foi ela que aniversariou.

Estão casados até hoje. Mas do mês que vem não passa.



Edição – 2001.2

Texto III

**Promoção de Aniversário
do Jornal do Brasil.**

Escolha aqui o fato que, na sua opinião, foi
o mais importante destes últimos anos.

Preencha e envie hoje mesmo a carta resposta
anexa. Você pode ser um dos 10 assinantes
a ganhar uma passagem de ida e volta, com
acompanhante, para qualquer cidade do Brasil.

JB
JORNAL DO BRASIL

1960



Americanos lançam pílula
contra gravidez.

1969



Neil Armstrong é o primeiro homem
a pisar na lua.

2000



A Internet, rede mundial de computadores,
já é uma realidade.

Edição – 2001.2

Texto IV

CRIME NA AMAZÔNIA

VAI NA contramão da racionalidade e dos reais interesses do país a proposta do deputado Moacir Micheletto (PMDB-PR) de reduzir de 80% para 50% a área de proteção legal nas propriedades rurais da Amazônia, podendo chegar a 20%. O projeto, que foi aprovado em comissão mista do Congresso e inclui várias outras provisões que facilitam o desmatamento em diversas regiões, segue a plenário nos próximos dias.

Existe a suspeita de que essa concessão à bancada ruralista teria sido utilizada nas negociações para a aprovação do salário mínimo. De qualquer forma, o presidente Fernando Henrique Cardoso já mandou avisar que vai vetá-lo se for aprovado.

Uma administração racional dos recursos da Amazônia com vistas à conservação não é um capricho de ambientalistas sonhadores, mas uma alternativa que pode oferecer atraentes possibilidades econômicas e a oportunidade de colocar a área na rota do desenvolvimento sustentado.

A proposta de Micheletto parte do falso pressuposto de que a agrope-

cuária extensiva seria a vocação da região. Para começar, apenas as partes menos chuvosas da área, uma porção pequena do todo, permitem esse tipo de exploração. No restante, outras atividades econômicas, como o extrativismo manejado, parecem alternativas mais indicadas, gerando mais renda e mais empregos.

Há também a questão internacional. Por diversas razões, os países desenvolvidos têm interesse na preservação da floresta. É justo, portanto, que paguem por ela. O Brasil não pode arcar sozinho com os custos de algo que interessa a todos.

De resto, nenhum projeto para a Amazônia pode ignorar que a região contém 50% da biodiversidade mundial, ou seja, das espécies animais e vegetais, podendo guardar uma infinidade de princípios ativos importantes para o futuro da medicina. Já a extinção, esta é para sempre.

Parlamentares terão agora a oportunidade de rever o relatório. Não têm o direito de sacrificar o futuro das próximas gerações em favor de um discutível interesse imediatista.

Folha de São Paulo – 13/5/2001

Edição – 2001.2

Texto IV



GIGANTES AMEACADAS

- A mortalidade das árvores na beira da floresta, à margem do desmatamento, é duas vezes maior do que no seu interior.
- Árvores grandes localizadas até 300 metros da beira da floresta morrem três vezes mais rápido do que as de mesmo porte no interior da mata.
- Menos de 2% de todas as árvores de uma floresta são de grande porte, mas elas representam quase um quarto de toda a biomassa.

Ambiente

A solidão mata

As grandes árvores da Amazônia não resistem ao desmatamento próximo, revela estudo

Robustas, altas e imponentes, as árvores centenárias da Amazônia, aquelas de troncos tão grossos que dez pessoas não conseguem abraçar e de até 50 metros de altura, são na verdade as vítimas mais frágeis do maior vilão atual da floresta: o desmatamento. Durante vinte anos, um grupo de trinta pesquisadores observou as árvores localizadas em áreas que os cientistas chamam de fragmentos e outras em florestas contínuas. "São nacos de floresta nativa que ficaram ilhados por áreas desmatadas", explica o ecologista americano William Laurance, coordenador do estudo, feito em parceria pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) e a Smithsonian Institution, dos Estados Unidos. A conclusão é que a invasão do pasto sobre a selva é implacável com as gigantes da floresta. Todas as árvores sofrem quando se vêem cercadas por um desmatamento. Uma grande número de árvores à beira da floresta morreu, mas a mortalidade foi proporcionalmente mais alta entre as de maior porte.

A taxa de mortalidade das árvores localizadas perto do campo é duas vezes maior do que a das que ficam no interior da floresta. Entre as grandes, três vezes mais. Dos 64.000 exemplares acompanhados pela pesquisa, mais de 10.000 vieram abaixo, dos quais 7.500 estavam em fragmentos. Para cada árvore centenária que morre no meio da floresta fechada, três desmoronam nas áreas atingidas pelos efeitos do desmatamento. A agonia das gigantes da floresta começa imediatamente após a derrubada. Os pesquisadores não sabem exatamente o motivo de as maiores serem as mais prejudicadas, mas têm algumas suspeitas. "Quando há um desmatamento em volta, a força dos ventos incide mais intensamente nas árvores mais altas, a temperatura aumenta e a umidade do ar e do solo se reduz sensivelmente", afirma a pesquisadora Patricia Delamônica

do Inpa. Por causa da altura, largura e inflexibilidade de seus troncos, elas são especialmente suscetíveis ao vento. Em consequência das imensas co-

pas, estão mais expostas aos raios solares e à evaporação, o que as torna muito sensíveis ao ressecamento do ambiente que ocorre quando há um desmatamento vizinho.

Fragilizadas por esses fatores, as grandes árvores morrem e acabam por alterar drasticamente o cenário da floresta. Ao tombar, uma árvore de grande porte pode arrastar na queda até outras dez menores. Os claros aumentam o ressecamento do solo e, num efeito dominó, novas árvores vão morrendo e expandindo o estrago. Espécies de orquídeas e bromélias, que nascem nas copas das árvores maiores também desaparecem. Alguns insetos, aves, macacos e outros mamíferos abandonam o local desfigurado. Em menos de dez anos a agressão causada pela agricultura, pela pecuária e pela exploração madeireira destrói um paisagem que a natureza levou milhares de anos para montar. "Os estudos nos levam a crer que a perda da cobertura florestal, associada a sua fragmentação, representa a maior ameaça à biodiversidade mundial", afirmam Laurance.

Quando uma árvore de grande porte cai, pode derrubar com ela outras dez menores

Ribeiro Cavalcante

veja 26 de abril 2000 18

Edição – 2002.1

Texto III

Aprenda a dizer não, saiba como dizer sim

SANDRA BALBI
EDITORA DO FOLHA INVEST

Se o seu cunhado vive desempregado e dependendo de ajuda da família, se o seu filho é do tipo que empesta seu carro e sempre o devolve com algum arranhão ou se o seu melhor amigo quer que você avalize a compra ou aluguel de um apartamento e você não sabe dizer não, só há duas saídas. Uma, o divã de um psicanalista, outra, começar a rever sua educação financeira.

Aprender a negar ajuda financeira a alguém ou estabelecer condições e limites para dizer sim, especialmente se há uma relação de afeto envolvida, é extremamente difícil, dizem consultores financeiros. "As pessoas sentem uma grande culpa por recusar um empréstimo a amigos e parentes e não exigem garantias, pois não acreditam que estão correndo risco de calote", diz Glória Maria Garcia Pereira, socióloga e consultora financeira.

Para Rodrigo Lanhoso, diretor da LLA Investimentos, o problema é cultural. "O brasileiro não sabe recusar favores nem cobrar dívidas", diz. Esse traço cultural permeia o comportamento tanto de quem tem dinheiro quanto de quem vive da mão para a boca.

Por não saber dizer não a diarista Quitéria Umbelina da Silva, 39, acabou na lista de maus pagadores dos serviços de proteção ao crédito. Em maio deste ano, ela fez um crediário para ajudar o futuro genro a montar a casa onde iria viver com sua filha de 15 anos.

"Eu concordei em dar meu nome para ajudar, pois ele não tinha como comprovar renda", conta Quitéria. O pretendente levou-lhe a filha e deixou-a com 15 prestações de R\$ 93, que nunca honrou.

Ela não está sozinha nessa selva. Segundo a última pesquisa trimestral de inadimplência realizada em agosto pelo Grupo Unidos,

maior empresa de cobrança do país, 21,9% das pessoas com prestações atrasadas haviam "emprestado" o nome para amigos ou parentes comprarem algum bem.

Foram entrevistados 26.299 consumidores em todo o país dos quais 42% estavam inadimplentes. "As compras para terceiros foram o principal motivo para os atrasos de pagamento", diz Julio Shinohara, diretor de marketing.

Banqueiro amador

Lanhoso, da LLA Investimentos recomenda que as pessoas mais suscetíveis a pedidos de socorro financeiro façam uma blindagem do próprio bolso. "Aplique suas economias em imóveis ou ativos de baixa liquidez como planos de previdência. Assim, se seu filho lhe pedir dinheiro, você sempre poderá alegar que não tem como ajudá-lo, pois tudo que possui está imobilizado", recomenda.

Ele lembra que banqueiros bem-sucedidos só dão empréstimos quando têm certeza que o tomador vai pagar. "Os bancos exigem contratos assinados e garantias passíveis de execução judicial", lembra. Quem é amador no trato do dinheiro, porém, não tem coragem de processar um parente que lhe deu calote.

Essas pessoas agem assim por desconhecerem, muitas vezes, quanto rende uma aplicação financeira. O dinheiro emprestado ao cunhado, o aluguel pago como fiador de quem ficou inadimplente, se fosse aplicado no mercado financeiro poderia garantir sua aposentadoria futura.

Lanhoso faz um cálculo simples: "coloque R\$ 100 todos os meses em uma gaveta, durante 20 anos, e você terá no final R\$ 24 mil (supondo-se inflação zero). O mesmo valor aplicado a uma taxa de juro de 1% ao mês resultará no final do período em R\$ 100 mil; e se você conseguir um rendimento de 2% ao mês, terá R\$ 600 mil".

Folha de São Paulo, 5/11/01

Rubrica do candidato:

Edição – 2002.1

Texto IV

CARLOS HEITOR CONY

Quem roubou o Menino?

RIO DE JANEIRO - Amigo meu, colega de semindrio, hoje vigário numa paróquia da zona sul, me abraça comovido, quase com vontade de chorar. Penso logo numa notícia triste, um ex-companheiro que tenha morrido. Nada disso.

Como faz todos os anos pelo Natal, ele arma o seu presépio com poucas luzes, mas com belas imagens que o antecessor dele trouxera de Nípoles, cidade onde são montados os presépios mais lindos do mundo.

Na noite de 30 de novembro para 1º de dezembro, que ele passou em claro, armou num canto do único altar de sua igreja o presépio de sempre, Maria e José, a manjedoura, o burrinho e a vaquinha, os carneirinhos, os pastores perplexos e os Reis Magos em seus formidáveis camelos, trazendo incenso, ouro e mirra.

E, evidentemente, em sua cestinha de palha, o Menino envolto em panos, braços abertos como a pedir ou a dar proteção a todos os homens de boa vontade.

Porém, na noite seguinte, a cestinha estava vazia: roubaram o Menino. A

cena descrita por Lucas em seu evangelho ficou desfalcada do principal personagem. Maria, José, vaquinha, burrinho, carneirinhos, pastores e reis ficaram absurdos naquela paisagem recriada com isopor, papelão pintado e relva de plástico.

Só não ficaram ridículos porque, apesar de vazia, a manjedoura era o centro de gravidade da cena. Todos sabiam por que estavam ali, embora o Menino não mais ali estivesse.

Quem teria roubado o Menino? Não seria coisa de beata, dessas beatas de sacristia, que são fofoqueiras, mas respeitam os votos sigrados dos templos. Seria um ladrão vulgar, interessado em revender uma imagem feita em Nípoles, dois séculos atrás, com um bom valor no mercado?

Era essa a hipótese que o meu amigo adotara. Dena queixa na polícia, mas não acreditava na possibilidade de recuperar a sua pequenina imagem. Corralet-o como pode, mas discordei da hipótese do ladrão. Quem roubou o Menino foi alguém que teve a coragem de fazer o que nunca fiz.

Folha de São Paulo, 5/12/01

O Menino

"Não tenho a pretensão de responder a Carlos Heitor Cony, mas acho que o menino vem sendo roubado há muito tempo.

Roubado do berço para morrer de fome e de frio precocemente.

Ou, se sobreviver, para sacrificar a infância ou ser mutilado no campo. Para ser morto por bala perdida na inocidade ou para desperdiçar a juventude, sem estado e sem futuro, no banditismo, no alcoolismo ou nas drogas. Para ser operário sem direitos e sem emprego, desmoralizado pela incapacidade de manter uma família. Para envelhecer nas ruas, sujo, anônimo e bêbado.

Não é necessário procurar quem o roubou. Fomos nós que o fizemos, com nossa conivência com governos indignos e com nossa inércia egoísta. E só nós podemos fazê-lo voltar ao berço."

Margarida Galvão (São Paulo, SP)

Folha de São Paulo, 7/12/01

Rubrica do candidato:

Edição – 2002.2

Texto III

BIODIVERSIDADE Associação da etnia *crãó* quer taxa pelo uso de conhecimentos tradicionais feitos por cientistas de São Paulo

Tribo quer R\$ 25 mi por ervas medicinais

REINALDO JOSÉ LOPES
FOLHA DE SÃO PAULO

Índios da etnia *crãó*, moradores de uma reserva no norte do Tocantins, pretendem exigir R\$ 25 milhões da Unesp (Universidade Federal de São Paulo) na Justiça, como compensação pelo suposto uso indevido da sabedoria tradicional da tribo.

Informações sobre ervas medicinais recolhidas pelos curandeiros *crãó* teriam sido usadas sem o conhecimento prévio de toda a etnia numa pesquisa da Unesp, que buscava plantas com potencial para se transformarem, no futuro, em remédios fitoterápicos.

De acordo com os índios e com a Funai, citados em reportagem do jornal "O Globo" do último dia 9, embora a Unesp tenha firmado uma carta de intenções afirmando que os direitos de propriedade intelectual seriam dos índios, apenas três aldeias *crãó* teriam participado desse acordo, deixando as demais (são 17 aldeias no total) fora dele.

"O que os *crãó* definiram foi o pagamento de uma taxa de bioprospeção [no valor de R\$ 20 milhões] e a indenização por danos morais [de R\$ 5 milhões]", disse a Folha Myrian Monteiro da Rocha, 44, advogada da Kapey, associação que reúne as aldeias *crãó*.

A regularidade do acordo da Unesp com as três aldeias está sendo averiguada pelo Ministério Público Federal. Contudo, a procuradora Maria Luiza Grabner, que cuida do caso, diz que não se trata de denúncia de biopirataria.

"Entendo que a coleta de recursos naturais na área indígena não observou requisitos essenciais, tais como o consentimento prévio informado de todos os índios da etnia *crãó* e a distribuição equitativa de benefícios", afirmou.

Caso gera debate sobre sabedoria de grupo étnico

FELI LANCEPANI/FOLHA

O problema enfrentado pelos *crãó* e pela Unesp coloca em discussão o uso sustentável da célebre biodiversidade brasileira. O desafio é remunerar o conhecimento das comunidades tradicionais sobre a fauna e a flora e, ao mesmo tempo, promover o desenvolvimento científico e econômico.

"É um caso apropriado para colocar essa discussão para a sociedade", diz Fernando Schiavini, da Funai. "O conhecimento já adquirido por uma pesquisa não volta. Por isso, a comunidade indígena poderia ter direito a um adiantamento", afirma.

"Não é surpresa que esse tipo de problema ocorra", diz Lúlio Coradin, gerente do Projeto de Recursos Genéticos do Ministério do Meio Ambiente. "Pode ser certo de que não aparecerá mais casos. Muitos parcerias vão facilitar a definição de regras no futuro", afirma.

"É preciso um termo-geral que reparta os benefícios sem prejudicar as empresas que podem usar o potencial econômico do conhecimento", diz Coradin. (18.4)



Edição – 2002.2

Texto IV

Martha Medeiros 15 DE JUNHO DE 2002 REVISTA ZI DONNA

O casamento seguiu um tédio, mas o clima estava mais ameno, sabiam que dali a pouco estariam separados para sempre.

Do mês que vem não passa

Juntos chegaram à conclusão de que o casamento estava um tédio, que o amor havia sumido e que a presença um do outro incomodava mais do que estimulava: nem mesmo a amizade e a fôrma sobreviveriam. Depois de algumas cobranças inevitáveis, muito papo e lágrimas à beça, optaram por seguir cada um para seu lado. Quando? Logo depois das festas de julho: a gente viaja com as crianças e depois você sai de casa. Perfeito.

Voltaram da viagem mais durões do que nunca foram, o saldo completamente no vermelho. Não era uma boa hora para comprometer-se com um novo noivo. Ela compreendeu e da-

se para ele ficar em casa até as finanças se estabilizarem de novo, quando então ele poderia procurar um apartamentozinho.

O casamento seguiu um tédio, mas o clima estava mais ameno, sabiam que dali a pouco estariam separados para sempre, então continuava uma harmonização, eles até passaram a sorrir com mais frequência, e olhando assim, de longe, qualquer um diria que aqueles dois se entendiam bem.

As dívidas da viagem foram pagas e, depois de mais uma entre tantas discussões bestas, resolveram agendar de vez a separação. Logo de-

pois do aniversário do pequeno Bruminho, que dali a um mês faria 15 anos e media 1m37cm.

Bruminho não quis festa, e o saldo do casal voltou a ficar positivo, mas não por muito tempo: a televisão já veiculava comerciais com Papai Noel. Natal era sempre uma despesa, e os sogros viriam do Interior pra comemorar com a família reunida, melhor deixar passar o Natal e o Ano Novo. E melhor, também só.

Em fevereiro, a

Bia, filha mais velha, inventou de ir para a Praia do Rosa com as amigas e ficou o mês inteiro lá, assim que ela voltasse os dois dariam o xaque-mate neste casamento. Bia voltou e já era quase Páscoa, e Páscoa sem ir pra fazenda da tia Sônia não era Páscoa. Depois da Páscoa receberam o convite para ser padrinhos de casamento de um afilhado, melhor não criar compromisso na igreja. Em seguida foi o aniversário dele, que sempre fica 'meio' caído nessa data, melhor deixar passar o inferno astral. E quando passou, a foi ela que aniversariou.

Estão casados até hoje. Mas do mês que vem não passa.



Edição – 2003.1

Texto III

Cuidar da casa agora é trabalho de consultor

Empresas arrumam armários, fazem compras, levam os filhos para passear e até pagam contas quando a família está viajando

KATIA DEUTNER - FREE-LANCE PARA A FOLHA

Tudo foi organizado com antecedência. As passagens já foram pagas, os hotéis estão reservados. Mas, às vésperas do embarque, a casa é sacudida por abalos domésticos: a empregada pede demissão e vai embora no mesmo dia; o vizinho de baixo esbraveja que a infiltração no teto dele é provocada por um cano

do seu apartamento, e a cadela dá cria a seis filhotinhos — e todos os seus parentes já deixaram bem claro que não estão dispostos a cuidar de cachorro.

Situações mais ou menos caóticas do que essa são uma das especialidades das consultorias domésticas que socorrem desde os desorganizados até aqueles que se deparam com algum imprevisto. "Uma vez, um cliente nos pediu para buscar sua sogra no aeroporto; ele não podia deixar a empresa, e sua mulher estava em uma reunião escolar", diz Elizete Paulo, da consultoria Time Savers. Essas empresas funcionam também como uma espécie de governanta terceirizada, ajudando a colocar ordem na casa: arrumam armários, organizam jantares e fes-

tas em apenas 24 horas, fazem malas e treinam empregados.

Segundo as consultorias, é cada vez maior o número de pessoas que, sem tempo para lidar com o cotidiano doméstico, optam por esses serviços. "A casa pode ser um motivo de estresse para os executivos, que não podem desviar a atenção do trabalho para se preocupar com o eletricitista que não apareceu", afirma Patrícia Egger, proprietária da Egger e Tranjan, empresa que, além dos serviços domésticos tradicionais, organiza agendas pessoais e sociais e monta bibliotecas e adegas.

Aliás, se a máquina de lavar quebrar e o técnico não aparecer, o problema não é mais do cliente, é da consultoria. "Nunca deixamos um técnico sozinho na casa do cliente. Acompanhamos todo o trabalho e checamos o conserto", explica Gertrudes Isaac, da Facilar.

Essas empresas também são uma mão na roda para quem não gosta de algumas tarefas domésticas. O advogado Edgard Honório, 39, por exemplo, odeia ir ao supermercado e contratou uma consulto-

ria para fazer suas compras. "É muito bom chegar em casa e a geladeira estar cheia, com os legumes lavados, a salada pronta e a carne temperada", diz.

"Homem que mora sozinho é como criança, nunca deixa as coisas no lugar. E para fazer compras ele ainda é pior. Eu nunca sabia o que e quanto comprar", diz o empresário Marcelo Moraes, 40. Ele viaja muito, mas, quando chega em casa, sempre encontra a casa bem arrumada e com comida na geladeira.

No caso das viagens, a consultoria pode entrar em ação já nos preparativos. "Após uma entrevista, organizamos as roupas que podem ser levadas, o cliente escolhe quais quer levar, e nós fazemos a mala", diz Miriam Herdy, da A&M Organizer. Depois que os moradores viajam, as consultorias podem ser contratadas para regar plantas, cuidar de animais de estimação e dedetizar a casa. E se chegar alguma conta, não há risco de multa por atraso. A empresa paga.

Edição – 2003.1

Texto IV

Primo do homem das cavernas

MARCELO PIRES

O carpinteiro Primo Perin foi contratado pela Fundação Pró-Natureza (Funatura) para construir uma passarela de madeira na Gruta das Araras, que fica no interior de Goiás, perto de Serranópolis, e guarda registros de homens primitivos.

A finalidade dessa passarela, veja você, era manter os turistas longe do paredão que traz pinturas rupestres de 11 mil anos atrás.

O carpinteiro Primo passou 12 dias trabalhando nesse sítio arqueológico. Sozinho, Primo, homem de boa-fé, em determinado momento do seu trabalho, e da sua solidão, resolveu limpar uma pichação, uma sujeira que algum

visitante tinha feito na parede. Limpou. Com água e sabão.

Em seguida, Primo decidiu retocar o painel pré-histórico. Fez mais de 20 interferências. E fez com esmero: para completar os desenhos sem destoar do original, usou extratos de árvores, substâncias semelhantes às seivas vegetais que os nossos antepassados teriam usado. Primo se orgulha de ter desenvolvido uma tinta igual à dos índios e garante que fez isso porque é tão malandro quanto os próprios: é que as árvores estão ali perto e, segundo o carpinteiro, não dá trabalho extrair as cascas.

Primo, repleto de boa vontade, após reavivar o painel que tem cerca de 550 gerações, não se deu por satisfeito. Fez, então, um novo

painel ao lado. No painel que criou, Primo seguiu o traço primitivo, preocupando-se em manter o "estilo" da Gruta das Araras.

Resultado: um dano irreparável a um dos patrimônios históricos mais importantes da América do Sul.

O carpinteiro Primo, 51 anos, não tem esse nome à toa. No alto da sua ingenuidade (e dignidade, por que não dizer), Primo revela uma faceta do país que os modernos centros urbanos, feito São Paulo, teimam em esconder: muitos brasileiros ainda vivem na pré-história.

O carpinteiro Primo, às portas do século 21, deve ter uma vida muito semelhante à dos homens da caverna. Ele não pintou o pare-

dão por acaso. O primitivismo da Gruta combina com o nível cultural de um carpinteiro analfabeto que vive hoje no interior de Goiás, perto de Serranópolis.

O carpinteiro é, em outras palavras, primo dos índios que pintaram, há 11 mil anos, a Gruta das Araras. E não adianta meia dúzia de urbanóides se escandalizar com o desastre arqueológico que as interferências vão significar. Muito mais escandaloso é o abandono a que brasileiros como o carpinteiro Primo vêm sendo relegados, há várias gerações, pelas elites brasileiras. O elo perdido no Brasil é o que liga os poderosos à maioria. E esse elo não foi exatamente perdido. Foi, na verdade, abandonado.

Primo fez desenhos primitivos na Gruta das Araras em agosto de 1999. Precisamos decifrar urgentemente a mensagem desse carpinteiro.

Marcelo Pires é diretor de Criação da W/ Brasil

Folha de São Paulo, 4 de setembro de 1999

Edição – 2003.2

Texto III



Os ciclistas são orientados a usar capacete e a parar no sinal vermelho

OS BIKEBOYS

ENTREGAS SÃO FEITAS COM BICICLETAS EM VEZ DE MOTOS

LUCIANO RIBEIRO

A iniciativa da empresária Denise Mauler não decreta o fim dos motoboys, mas tem tudo para cair no gosto dos cariocas. Há um ano ela montou a Cicle, uma agência de entregas que dispensa os motociclistas treloncados, o barulho ensurdecedor e os gases poluentes dos canos de descarga. Envelopes, CDs, revistas, flores, ingressos ou qualquer outro artigo de até cinco quilos são levados por ciclistas rigorosamente treinados, e o serviço custa 30% a menos que o dos motoboys. Ecologicamente corretas, as entregas são requeridas por gente como o fotógrafo Luiz Garrido, o artista gráfico Gringo Cardia, a jornalista Paula Saldanha e o inglês naturalizado americano Gérard Moss, conhecido por ter dado a volta ao mundo a bordo de um motoplanador.

– É um ótimo exemplo, que acontece em lugares civilizados do mundo – diz Moss.

Os funcionários da Cicle são orientados a seguir as regras do Código Nacional de

Trânsito, como parar no sinal vermelho, não trafegar na contramão nem na calçada.

– Não inventamos nada, mas oferecemos uma alternativa funcional que não agride o meio ambiente e é ideal para uma cidade linda e com tantos quilômetros de ciclovia como o Rio – afirma Denise.

A maioria dos entregadores da Cicle é do Morro Dona Marta. Muitos pertencem à Federação de Ciclismo do Rio.

Eles saem do escritório, no Humaitá, para fazer entregas de São Cristóvão a São Conrado. Na Zona Sul, gastam em média 10 minutos por serviço.

A entregadora Juliana Ferreira, de 20 anos, ganha entre R\$ 300 e R\$ 400 mensais. Pedala 60 quilômetros por dia, usa roupas chamativas, capacete e carrega toalhas limpas para enxugar o suor antes de entregar a encomenda.

– Pedalando tanto, penso seriamente em me tornar atleta e disputar campeonatos de bicicross – conta.



Foto de Mariana Vilanova

Edição – 2003.2

Texto IV

Fome Zero. Está começando o maior e mais completo programa de combate à fome já feito no Brasil.

O que é. O Fome Zero é um conjunto de ações que vai acabar de vez com a fome em nosso país nos próximos quatro anos. Por isso, ele não se limita apenas à distribuição de cestas básicas.

Ao contrário. Seu objetivo é permitir que em quatro anos todos os brasileiros possam se alimentar adequadamente, sem precisar receber doações de ninguém.

Como vai funcionar. O programa tem duas linhas de ação simultâneas.

A primeira é a emergencial e tem como objetivo arrecadar e distribuir alimentos e recursos em dinheiro, além de lançar o cartão-alimentação nas áreas mais carentes do país.

A segunda e mais importante linha de ação é a estrutural, que envolve intervenções mais profundas do governo, destinadas a resolver definitivamente o problema da fome em nosso país. Entre essas medidas estão uma ampla reforma agrária, o incentivo à produção

de alimentos mais baratos, o apoio à agricultura familiar, ao cooperativismo, ao microcrédito e à geração de empregos nas áreas mais carentes.

E onde você entra nessa história. Acabar com a fome é um objetivo do Governo Federal que só será possível atingir com a participação de todos – cidadãos, empresas, entidades, prefeituras e governos estaduais.

E é aí que você entra nessa história.

Você pode participar do Fome Zero de várias formas. Ligue 0800-707-2003 ou acesse o site www.fomezero.gov.br e informe-se.

Essa sim é uma guerra que vale a pena.



ABAP / ANI / ABERT / ANER / CENP / FENAPRO / CENTRAL DE OUTDOOR / UNIÃO TV Apoio:  Abril

Edição – 2003.2

Texto IV

folhateen explica

Os problemas na implantação do programa Fome Zero

Prioridade do governo Lula enfrenta críticas até mesmo de petistas

GABRIELA ATHIAS
INVESTIDORA E JORNALISTA

O Fome Zero, principal programa social do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), foi lançado na quinta-feira passada em Brasília, sob críticas de organizações da sociedade civil e até mesmo de petistas.

Ambicioso, o programa pretende, nos próximos quatro anos, erradicar a fome no país e ainda oferecer projetos de geração de renda às famílias atendidas.

(...)

As críticas que vêm sendo feitas ao Fome Zero referem-se ao fato de as famílias beneficiadas só poderem usar o dinheiro para comprar alimentos e ainda terem de comprovar as compras.

O senador Eduardo Suplicy (PT), por exemplo, diz que as famílias deveriam ter autonomia para decidir o que fazer com o dinheiro. O atual modelo do programa não permite, por exemplo, que o dinheiro seja usado para comprar remédio.

A prefeita de São Paulo, Marta Suplicy (PT), não critica abertamente o Fome Zero, mas os programas sociais que ela implantou na capital paulista permitem aos beneficiados usar o recurso como quiserem.

Já a coordenadora nacional da Pastoral da Criança, Zilda Arns, instituição que atua no

combate à desnutrição infantil, critica a obrigatoriedade de recibos para comprovar as compras. Ela diz que as equipes que vão fiscalizar notas fiscais deveriam ser usadas para trabalhar em projetos educacionais com as famílias atendidas.

O PROJETO FOME ZERO

O QUE É

Fazem parte do projeto 60 ações com o objetivo de combater a fome e oferecer propostas de promoção social às famílias atendidas, como geração de renda e apoio à agricultura familiar.

O QUE ESTÁ DEFINIDO

Cartão e cupom
O valor do benefício será depositado em uma conta para saque com cartão eletrônico, o chamado cartão-alimentação. Nas cidades onde não houver agência bancária ou local para saque, o comitê gestor vai emitir o cupom, uma espécie de vale-compra.

O QUE ESTÁ INDEFINIDO

Municípios atendidos
O governo ainda não determinou quais municípios serão atendidos até o final do ano. A lista usada, por enquanto, é a de cidades em situação de emergência por causa da seca.

Crêditos de exclusão
O governo ainda não sabe os critérios que usará para a exclusão das famílias do programa nem se exigirá, como contrapartida, a participação dos beneficiados em outros programas sociais. Por ora, as famílias serão excluídas se não utilizarem o dinheiro com alimentos.

PROBLEMAS

Desencontros
Coordenadores nacionais e regionais divergem radicalmente sobre o programa. A existência ou não da lista de alimentos é um deles.

Uso do dinheiro
A exigência de a compra exclusivamente de alimentos é vista como retrocesso. Alguns defendem que a família possa escolher.

Recibos
A exigência de recibos para comprovar a compra de alimentos é criticada por causa dos custos que a fiscalização exigirá.

Fonte: Ministério do Desenvolvimento do Suprimento Alimentar e Combate à Fome, coordenado pelo deputado federal

Edição – 2004.1

Texto III

DE BEM COM A VIDA

Carnaval, dinheiro e conforto podem despertar intensa alegria. Mas a verdadeira felicidade depende, acima de tudo, da capacidade de ficar satisfeito consigo mesmo

CAMILO VANNUCHI E CELINA CÔRTEZ

Ganhar na loteria, arrumar um namorado, tomar uma cerveja gelada. A felicidade pode estar em muitas coisas. Cada pessoa a vê de um modo diferente. Mas a sua incessante busca é o combustível de todos. Quem não quer ser feliz? (...)

(...) Luiz Alberto Py considera a felicidade um estado interior. “Somos felizes quando valorizamos o que temos em vez de sofrermos com o que não temos”, resume. O psicanalista acredita que os bons sentimentos de-

vem ser privilegiados, treinados e fortalecidos, como acontece com os músculos durante a malhação. Ressalta o poder da solidariedade – que provoca bem-estar em quem age pensando no outro – e deixa claro que a felicidade não depende de fatores externos. Cita como ferramentas o despojamento, o desenvolvimento da espiritualidade, a auto-estima e a superação de infortúnios. “Mais importante é saber usufruir o tempo que temos para viver”, esclarece. Ele faz questão de diferenciar a efêmera alegria do Carnaval. “É uma festa em que as pessoas adiam os problemas para a Quarta-Feira de Cinzas. Sentem prazer, alegria, mas não exatamente felicidade”, analisa.

Edição – 2004.1

Texto III



Comprando felicidade

Dizem por aí que dinheiro não traz felicidade. Mas há os que garantem justamente o contrário. Afinal, de que lado você está? Segundo Eduardo Gianetti, autor do livro *Felicidade*, existem as dimensões objetivas e subjetivas do bem-estar. A felicidade estaria na confluência das duas. Sem recursos para suprir as necessidades básicas, o ser humano não consegue viver. Por outro lado, há aqueles que vivem deprimidos apesar da fartura. Portanto, felicidade dependeria de dinheiro e também de afeto, realização, desenvolvimento intelectual.

Mas quanto dinheiro é suficiente? Ainda de acordo com Gianetti, quando uma sociedade atinge a renda per capita de 10 mil dólares anuais, eventuais aumentos na renda não produzem melhorias semelhantes no bem-estar subjetivo. Em outras palavras, satisfeitas as nossas necessidades básicas, passamos a buscar gratificações emocionais.

Como essa teoria pode se aplicar ao consumo? Especialistas acreditam que, depois de terem acumulado uma determinada quantidade de bens, as pessoas passam a consumir ou pelo desejo de melhorar a qualidade de vida, ou de viver experiências agradáveis, ou de expressar um estilo de vida, ou coisas assim. Em seu livro *A Nova Cultura do Desejo*, Melinda Davis defende a ideia de que a melhoria do estado de espírito é que vai guiar as dinâmicas de motivação, persuasão e comportamento nesses novos tempos.

Bem-estar

No rastro dessa tendência, vai se consolidando por aqui a indústria do bem-estar, representada por cosméticos, moda, viagens, cafés gourmet, spas, academias e muitos outros produtos e serviços aparentemente supérfluos. A surpresa é que esse consumo, que pode ser considerado de luxo, anda encantando não apenas as classes altas, mas também as classes média e média baixa.

Pesquisas recentes comprovam que as nossas donas de casa de baixa renda consomem sim supérfluos, em nome do bem-estar da família e da validade pessoal. Em São Paulo, 62% dos lares de classe C, cuja renda gira em torno de R\$ 770, compram mensalmente refrigerantes, 83% biscoitos, 66% achocolatados em pó, 77% condicionadores para os cabelos e 54% cremes para a pele. E nenhum desses produtos pode ser considerado essencial, não é mesmo?

Do ponto de vista do consumo, felicidade significa poder suprir as necessidades básicas e também comprar um monte de indulgências, capazes de compensar as agruras cotidianas. Essa verdade está se espalhando rapidamente, conquistando seguidores em diferentes classes sociais e mudando radicalmente o relacionamento entre marcas e consumidores. Agora, além de produtos, temos também que vender felicidade.

Edição – 2004.1

Texto IV

A natureza humana e o trânsito

CARLOS ALBERTO GIANOTTI *

As notícias sobre acidentes no tráfego rodoviário são sempre recorrentes nos jornais, pois contam-se milhares de vítimas anuais desses acontecimentos no país. Ainda na semana passada, Zero Hora trouxe uma reportagem sobre mortes nas rodovias em que apareciam as declarações desalentadas de dois responsáveis pelo policiamento rodoviário no Estado. Um deles dizia que “não há polícia no mundo que controle esse fenômeno (dos acidentes automobilísticos brutais e inexplicáveis)”. Parece que não há mesmo. Pesquisas mostram que a maioria dos acidentes acontece por negligência, imperícia ou prepotência dos motoristas: desrespeitos de toda ordem às normas, produzindo estragos humanos e materiais. Nessas condições, poder-se-ia sugerir que um rigoroso programa de educação e reeducação para o trânsito seria a solução, isto é, bastaria mostrar convincentemente às pessoas qual é a conduta moral adequada no tráfego. Seria a solução? Procuremos analisar os dois componentes capitais disso tudo.

Primeiro, o próprio automóvel, que está estabelecido na psicologia da sociedade contemporânea como artefato essencial para a vida: o homem e seu carro. Brasileiros, apaixonados por carro, chega a dizer por aqui a propaganda que menospreza nossa sensibilidade. A sociedade de consumo tem no automóvel o seu ícone. Com ele, o consumismo revela-se pleno: são tantos os modelos e os estilos, tantas as possibilidades de opcionais que fazem qualquer um que resolva pensar melhor sobre o sentido da vida perguntar: mas para que tudo isso? A potência, vinculada a desempe-

nho e velocidade, é aspecto determinante de escolha na hora da compra. São qualidades amplamente veiculadas pela publicidade na mídia: a toda hora, insistente e imaginativamente, são demonstradas as supostas emoções que se pode usufruir com a velocidade alcançável com tal ou qual motorização deste ou daquele modelo. Então, vale indagar: se não é para se correr desvairado através de uma rede de estradas geralmente em precário estado de conservação, qual seria a serventia de tanta potência (no motor, claro)?

Segundo, quem está atrás do volante, a frágil mas vaidosa criatura humana, que além de dispor naturalmente de sua inata agressividade, de que nos falou Freud, se vê enervada pelas circunstâncias do trabalho exigente e pelo demais do cotidiano entediante. Isso sem contar as nossas imprevisíveis paixões – amor, raiva, orgulho, inveja e outras de que o ser humano é “passivo” – e o nosso inesgotável desejo pela primazia.

Ora, associando-se o sentimento de “poder” que o automóvel e a velocidade conferem ao motorista em sua máquina com a debilidade da natureza humana, cujos atos são preponderantemente regidos por aquelas paixões, realmente, como disse o comandante, não há polícia no mundo que controle o que ele, comandante, chamou de fenômeno.

Então, uma saída seria a tal educação para o trânsito? Mas, de novo, se pensarmos bem, veremos que sempre foi minúscula a influência das palavras como vetores de idéias que tentem influenciar as ações humanas, ordinariamente determinadas pelas incontáveis paixões.

* Professor na Unisinos

*Sempre foi minúscula
a influência das
palavras como
vetores de idéias que
tentem influenciar
as ações humanas*

Edição – 2004.2

Texto III

Médico “receita” meio litro de café por dia

GABRIELA SCHEINBERG - FICHA LANCE PARA A FOLHA

Não confunda cafeína com café. A bebida contém apenas 1% dessa substância. Em tão pequena quantidade, a cafeína é, injustamente, responsável pela má fama do café, ainda compartilhada por muitos. Segundo o médico Darcy Roberto Lima, o café pode fazer bem à saúde. “Os problemas do café só ocorrem quando ele é consumido em excesso. Quando consumido de forma moderada, ele não provoca nenhum malefício”, diz.

Especializado em clínica médica e em história da medicina, Lima leciona na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). O interesse pela história fez com que ele começasse a estudar o café em 1984. De lá para cá, Lima se tornou um dos maiores especialistas no assunto.

O Brasil é maior produtor de café do mundo e o segundo maior consumidor da bebida: 13 milhões de sacas de 60 kg são consumidas anualmente. E o hábito está cada vez mais popular, como prova o número de cafeterias no país, que pulou de 600 para 1.500 nos últimos cinco anos. Leia a entrevista com o médico.

Folha - Quais são os benefícios comprovados do café?

Darcy Roberto Lima - Pesquisas mostram que o café tem outros compostos bioativos além da cafeína. Contém vitamina B-3, que é a niacina, minerais, principalmente o potássio — em maior quantidade que a água mineral — e ácidos clorogênicos. Esses ácidos são um grupo novo de compostos encontrado em maior quantidade na bebida. Quando o café é torrado, formam-se substâncias chamadas quinídeos, que têm a mesma ação dos remédios usados para tratar o alcoolismo: fazem com que a pessoa perca a vontade de beber, bloqueando o desejo de autogratificação. Estudos epidemiológicos mostram também que quem toma café tem menor incidência de depressão, suicídio, alcoolismo e cirrose. Eu atribuo esse efeito aos quinídeos. Além de gerarem os quinídeos, os ácidos clorogênicos têm ação antioxidante. E se estuda muito

a ação dos antioxidantes na prevenção do câncer. Outros estudos indicam que o café previne câncer de cólon devido à ação antioxidante. Não sabemos por que só existe essa correlação com o câncer de cólon. Isso precisa ser estudado. Cada tipo de câncer tem uma fisiopatologia. É preciso estudar se cada tipo de câncer tem uma relação com o café. Essas pesquisas estão em andamento.

Folha - Qual é o consumo adequado de café para que a bebida favoreça a saúde?

Lima - Quatro xícaras grandes de 150 ml por dia para adultos. Uma de manhã, uma no meio da manhã, uma no começo da tarde e outra no fim da tarde. Cada xícara grande equivale a duas xícaras pequenas. O ideal é ingerir meio litro de café por dia.

Folha - O que é considerado um consumo exagerado?

Lima - Beber mais de seis xícaras por dia pode acelerar o coração, causar nervosismo, intolerância gástrica e insônia. O café não causa doença, ele apenas agrava a doença em pessoas que já têm aquele problema. A cafeína é um estimulante cardíaco. Quem já tem problemas cardíacos pode ter palpitação, arritmia... É como colocar sal demais na comida. O sal não causa a doença, mas agrava a condição de pessoas com pressão alta, por exemplo.

Folha - Por que tantas pessoas ainda acreditam que o café faz mal à saúde?

Lima - Por causa da cafeína. Ela foi a primeira substância do café a ser descoberta, em 1920. Achou-se que o café era só cafeína, pois os demais componentes só foram descobertos muitos anos depois. A cafeína foi muito pesquisada, e a ciência começou a descobrir os efeitos maléficos do excesso da cafeína. Em pouco tempo a cafeína passou a ser classificada como psicotrópica, como a nicotina, a cocaína e a heroína. O café tem 1% de cafeína, 9% de ácidos clorogênicos, 1% de niacina, 3% de mineral. Refrigerantes e chás também têm cafeína. Criança toma quase 1 l de refrigerante, mas não pode nem chegar perto de café.

Folha - Mes criança pode tomar café?

Lima - Pode. O café com leite é muito saudável. É um alimento — leite — e um medicamento — café. Não há crianças que tomam refrigerante todos os dias? Ou chá? E ninguém diz nada. Claro que o consumo não é igual ao do adulto. Deve ser a metade.

Folha - Muitos fumantes associam o café ao cigarro. Por ser benéfico à saúde, o café pode neutralizar os efeitos do cigarro?

Lima - Não. Mas uma pessoa que toma mais café diminui o número de cigarros que fuma. Ela perde o desejo de fumar devido aos ácidos clorogênicos.

Folha - Mesmo tendo apenas 1% de cafeína, o café pode viciar?

Lima - Não. O café é um hábito saudável como o exercício. Se o exercício é abandonado, a pessoa se sente mal, indisposta, engorda, e sua resistência cardiovascular diminui. Se a pessoa para de tomar café, ela pode ter enxaqueca ou depressão, por exemplo.

Folha - Se o café só apresenta benefícios, seria o caso de indicar seu consumo da mesma forma que se indica a atividade física, porque faz bem para a saúde?

Lima - As pessoas deveriam tomar café porque ele pode fazer bem. Não é que faz bem. Pode fazer bem. É como os exercícios. Uma pessoa pode fazer e passar mal, ter dores ou crise de asma. Outras fazem exercícios e se sentem muito bem. É igual com o café — e com a vantagem de ser um produto natural.

Edição – 2004.2

Texto IV

ÍNDIOS NA REDE Serviço que coloca em comunicação representantes de várias etnias tem recebido cerca de 700 acessos diários

Portal indígena critica ação de 'brancos'



Índios pataxó há-há-fá Cora e Hanahá, que foram treinados pela equipe do site Índios On Line

LUÍZ FRANCISCO
DA AGÊNCIA ODIUM, EM SALVADOR

Índios de sete etnias estão usando a internet para fazer reivindicações e criticar o governo federal, os fazendeiros e os "brancos". O canal usado por eles é o portal www.indiosonline.org.br, lançado oficialmente há uma semana.

"O Ibama probe quase tudo para nós. Mas, pagando gorjeta, um 'branco' pode fazer tudo em nossas terras", escreveu o líder indígena Valdeleci Tupinambá, que mora em Olivença (BA). Outra atração do site é a sala reservada ao bate-papo, que reduziu as distâncias entre as nações.

Na sala, os erros ortográficos ficam em segundo plano. "O que nós queremos é fazer novas amizades, saber como anda a vida em outras nações, contar um pouco da história de cada um de nós. Não adianta falar corretamente o português e, em seguida, destruir o nosso passado, a nossa história, como os 'brancos' fazem", disse a índia tupinambá Maria José Amaral, 43, que mora em Ilhéus (429 km ao sul de Salvador).

Para aprender a trabalhar com a internet, 14 índios de três Estados (Bahia, Alagoas e Pernambuco) participaram de um curso em Salvador, no início do mês. Depois, visitaram escolas públicas com mais de 15 mil alunos para contar as suas experiências.

As aulas foram realizadas em uma rua arborizada e sem calçamento de Itapua (orta de Salvador), em um galpão. O portal começou a funcionar em caráter experimental na semana passada.

"Em média, estamos registrando 700 acessos diários", disse Luiz Henrique Moreira, 38, responsável pelo desenvolvimento. Segundo ele, os sites indígenas brasileiros normalmente são atualizados por entidades. "Agora, os índios serão os redatores. Não existe nenhum tipo de censura."

"Em todo o país, há menos de cinco aldeias que têm computadores. O que fizemos foi uma coisa totalmente diferente. Doamos sete computadores para que os índios possam redigir as suas notícias, cobrar as suas reivindicações", disse o argentino Sebastian Gerlic, 34, presidente da Thyde-wá, organização não-governamental responsável pelo projeto.

Além de um curso básico de 36 horas de informática, os índios também aprenderam dicas sobre sites — imagens, navegabilidade, texto e edição.

De acordo com Gerlic, as sete etnias que encaminharam representantes para Salvador — tupinambá, quiriri, pataxó-há-há-lá, tumbalá, cariri-xocó, xocuru-cariri e pancaruru — têm cerca de 25 mil índios.

O presidente da organização não-governamental disse também que todas as aldeias ganharam uma antena para conexão 24 horas por dia a um satélite. "Assim, os índios terão internet de alta velocidade (banda larga) o tempo todo." Além dos computadores, cada etnia também recebeu uma máquina fotográfica digital. "Queremos ver as fotos produzidas pelos índios dentro das aldeias na internet. Não queremos nada produzido, queremos a realidade", disse Moreira.

De acordo com Sebastian Gerlic, o projeto está orçado em R\$ 150 mil. Uma rede de estabelecimentos comerciais e um programa de incentivo cultural do governo baiano financiaram os computadores, os equipamentos fotográficos, as antenas e a instalação do portal indígena.

"Estou me comunicando com o mundo, ampliando os meus conhecimentos. Não é pelo fato de eu ser índio que devo viver sempre isolado", disse Antonio José dos Santos, 34, da etnia dos pancarurus, que habitam o sertão de Pernambuco.

Edição – 2004.2

Texto IV

Tradição dos arturos é mantida por 600 pessoas

DA REDAÇÃO

Em Contagem, a 21 km de Belo Horizonte, uma comunidade peculiar chamou a atenção da documentarista Thereza Jessouroun, que dirigiu "Os Arturos", exibido no festival É Tudo Verdade deste ano. Cerca de 600 pessoas compõem a sociedade dos arturos, todos descendentes do escravo alforriado Artur Camilo Silvério.

O grupo, fortemente apoiado na cultura do congado e em suas principais festas (como Libertação da Escravidão, Nossa Senhora do Rosário e João do Mato), nasceu a partir dos 11 filhos de Silvério e sobrevive hoje ainda com quatro deles, além de netos e bisnetos do fundador.

O atual patriarca dos arturos é Geraldo, rei congo de Minas Gerais, à época (2001/2002) com 91 anos, que enumera suas missões na comunidade; por exemplo: "ensinar como se faz o alimento do negro" e orientar na educação pelo trabalho aplicada às crianças. "A árvore pequena você vira para onde quiser; depois, só com machado", ensina ele, emendando que "serviço não mata ninguém".

A produção acompanha o dia-a-dia da comunidade, além das ocasiões especiais. As tradições da cultura negra são frequentemente evocadas como uma alternativa à violência do mundo exterior. (...)



Geraldo, o patriarca dos arturos, em cena do documentário

Edição – 2005.1

Texto III



XEQUE-MATE
Sem nenhuma alternativa de lazer, os jovens da periferia passam o dia jogando xadrez em tabuleiros improvisados

Tabuleiro popular

Na Vila Conceição, um dos bairros mais pobres de São Paulo, não há quem não saiba jogar xadrez

Garotos da periferia de São Paulo estão quebrando o estigma de que xadrez é jogo somente para ricos ou intelectuais. Na Vila Conceição, extremo leste e uma das regiões mais pobres da capital paulista, quase todos os jovens da comunidade movem as peças do tabuleiro com maestria. Tudo começou há menos de três anos, com os monitores de um centro de informática do Arossa São Paulo, programa de inclusão digital do governo do Estado, instalado dentro da associação do bairro.

O acesso aos computadores despertou a curiosidade da comunidade, sedenta por inclusão digital. Todos queriam utilizar os equipamentos, navegar na internet, montar currículos. Mas com o uso limitado das máquinas – cada pessoa tem direito a apenas 30 minutos – as filas ficavam cada vez maiores e mais gente se aglomerava nas portas da associação. Ao lado da fila, os monitores jogavam xadrez. “O pessoal via a gente jogando e perguntava como podia aprender”, conta a monitora Érica Regi-

na Alves, de 21 anos. “Daí, a gente pensou em começar a ensinar xadrez para o pessoal da fila. Assim, eles podiam se distrair enquanto esperavam”, diz Érica. O jogo pegou. Do grupo de jovens, já saíram dois campeões municipais e medalhistas em disputas regionais entre escolas e clubes.

O xadrez despertou tamanha paixão na comunidade que, aos sábados, há um horário reservado somente para a prática do jogo on-line no infocentro. “Aqui, ninguém leu livros sobre xadrez. Aliás, quem disser que sabe jogar está mentindo, porque há sempre uma jogada, um desafio escondido no movimento das peças”, diz o estudante Francisco Mota, de 24 anos, lembrando que há mais de 160 quatrilhões de maneiras de jogar apenas os primeiros dez lances de uma partida.

Sem patrocínio ou ajuda governamental, os jovens da periferia jogam em tabuleiros de plástico, com peças improvisadas, para disputar campeona-

tos. Amigos e vizinhos arrecadam dinheiro para alugar vans e pagar os lanches quando os jovens participam de torneios em outras regiões da cidade de São Paulo ou no interior do Estado.

Alguns jovens disputam em comunidades virtuais. “Já joguei com gente do mundo todo”, diz Leonardo Ferreira, de 15 anos. Entre o futebol improvisado no campinho do morro e o tabuleiro, há quem fique com a segunda opção. “É muito melhor do que ficar na rua. Às vezes, até jogo bola”, conta Felipe Cauê da Silva, de 11 anos, nove medalhas em competições municipais.

Sem patrocínio, os jovens da Vila Conceição podem parar de jogar

Mas aprender xadrez não significa que esses jovens mudarão de vida. Sem apoio para a prática do esporte profissionalmente, têm poucas chances de se igualar aos ídolos, como Anatoly Karpov e Garry Kasparov, detentores dos maiores recordes da história do xadrez. “Já pensei em ser mestre, mas isso não dá futuro”, acredita Alex Granig, de 18 anos, campeão paulista pela categoria até 16 anos em 2002 e vencedor de diversos campeonatos regionais. ■

PALOMA COTTES

Edição – 2005.1

Texto IV



DERRUBADA
Defensores de espécies nativas vão derrubar pinheiros no dia 14

Verdes contra as árvores

Ambientalistas promovem dia de combate ao pínus, espécie invasora na Mata Atlântica

O veterinário Clóvis Borges parou o carro numa avenida isolada em Curitiba, na semana passada, desceu com o filho Ricardo, de 13 anos, e dois sobrinhos. As crianças iam cortar um pínus. Ao dar os primeiros golpes com um facão, uma senhora parou o carro e, escandalizada, pôs-se a defender a natureza e criticar a falta de cidadania do diretor da organização Sociedade de Pesquisa de Vida Selvagem (SPVS). Esse é o tipo de reação que Borges espera nos próximos dias. Um grupo de ambientalistas coordenado pelo Instituto Hórus e apoiado pela SPVS vai promover, na terça-feira 14, uma limpeza de espécies exóticas invasoras em uma área da Serra da Graciosa, no Paraná. "É uma provocação. Para preservar é preciso cortar árvores", explica. "Pínus é ótimo em reflorestamento. Fora dele, machado!"

O contra-senso de ver um ambientalista derrubar pínus ou arrancar inocentes beijos e açucenas de beira de estrada expõe um drama maior. Segundo a União Internacional para a Conservação da Natureza, organismos invasores são a segunda maior causa de perda de biodiversidade no mundo, atrás do desmatamento. Importadas de outros continentes, essas espécies não possuem

predadores naturais no país, por isso se reproduzem rapidamente, expulsando as espécies nativas, como ipês, cedros e canjeranas, e, conseqüentemente, eliminando animais que dependem dessas plantas para a sobrevivência. "Se nada for feito, corremos o risco de no futuro termos apenas 300 espécies dominando a paisagem em todo o mundo", diz a engenheira florestal Sílvia Ziller, presidente do Instituto Hórus. Ela faz

Pinheiros importados eliminam árvores e animais nativos

um levantamento nacional de invasoras, que já somam mais de 160 tipos de plantas e animais. O projeto tem parceria com a organização The Nature Conservancy e apoio do Ministério do Meio Ambiente. O governo terá um diagnóstico completo no segundo semestre de 2006. "Sabendo quantas espécies são, onde estão, quando chegaram

e quem faz pesquisa, teremos políticas e regras claras", diz Braulio Dias, gerente de conservação do ministério.

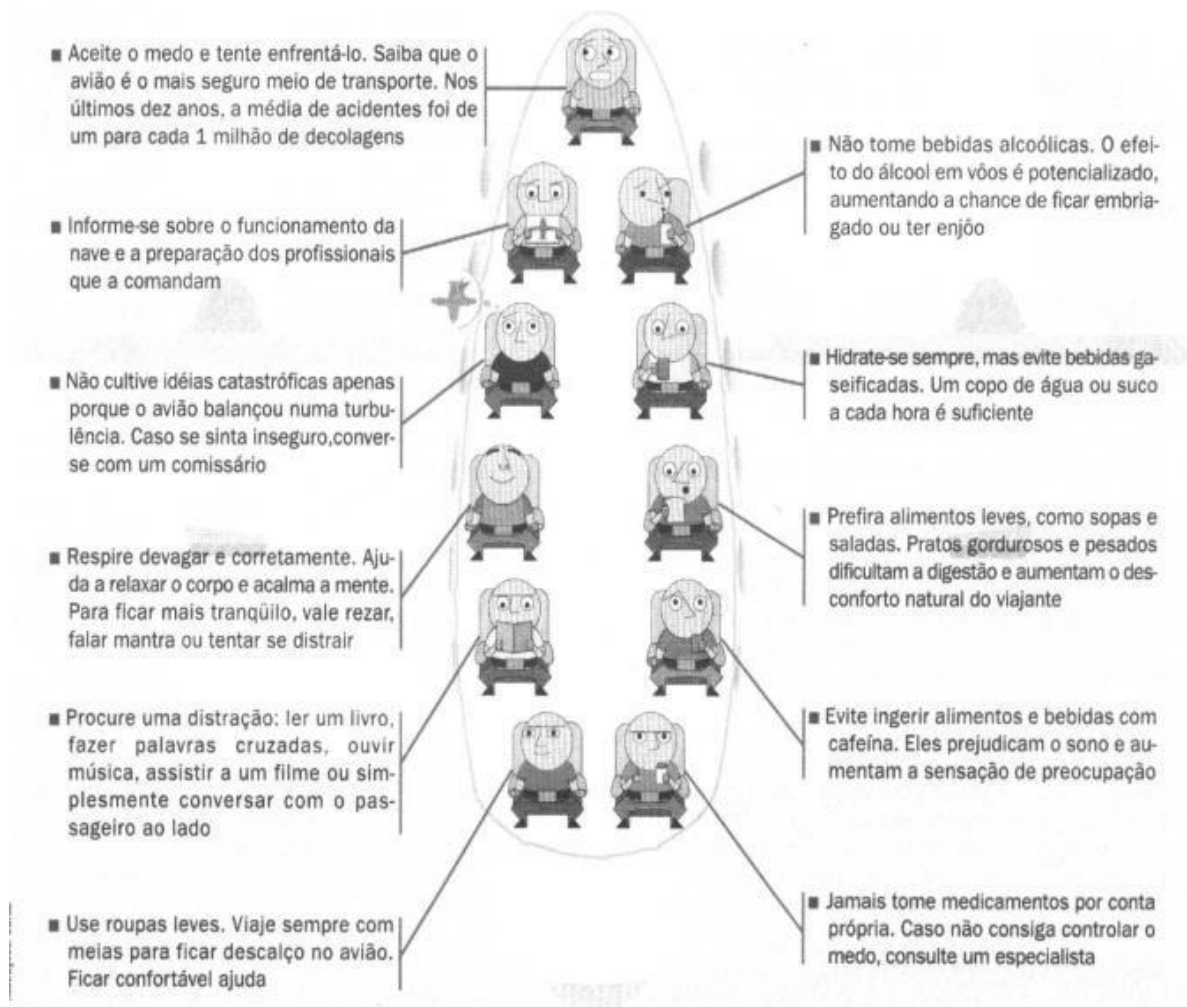
O Instituto Hórus disponibiliza informações no site www.institutohorus.org.br, lista espécies invasoras e ensina a eliminar ou substituir algumas. É uma informação útil num país que tem 20% da biodiversidade mundial, mas aprecia os exóticos. ■

LUCIANO PATZSCH, DE CURITIBA

Edição – 2005.2

Texto III

Sem medo de avião



Edição – 2005.2

Texto IV

Verissimo

Não era um casamento. Nada, na verdade,
iria mudar. Assinariam um papel, só isso.
Seria um contrato com o qualquer outro

Mais histórias de verão

Já estavam vivendo juntos há alguns anos e decidiram regularizar, de alguma maneira, a situação. Uma formalidade, apenas. Um amigo advogado, um tabelião, duas assinaturas e pronto. Se ela quisesse, poderiam ter algum tipo de cerimônia. Parentes, champanha, talvez uns canapés? Não, que bobagem. Não era um casamento. Nada, na verdade, iria mudar. Assinariam um papel, só isso. Seria um contrato como qualquer outro, como um contrato para dedetizar a casa. Para que sua união significasse um pouco mais do que apenas viverem juntos.

Mas no caminho do escritório do advogado ela confessou que estava nervosa. Por que nervosa?

– Sei lá – disse ela.

E disse:

– Isto está ficando muito sério.

Ele parou o carro e disse:

– Se você não quer, a gente não faz. Esquece a ideia.

– Não, não. É que... – diz ela.

Ela não sabia o que era. Saiu do carro. Ele também saiu e a abraçou. Estavam na beira de um terreno vazio. Um areal. Ele disse:

– Seria apenas uma formalidade. Mas se você não quer...

Ela:

– Você acha que precisa?

– Claro que não precisa!

Ele olhou em volta. A poucos passos deles, um cano enferrujado com uma torneira em cima saía de dentro da terra. O chão em torno do cano estava seco.

– Vamos fazer o seguinte – disse ele.

– Vamos ver se sai água dessa torneira. Se sair...

– Milagre. Saía água da torneira. Ele propôs que os dois molhassem as mãos na água, depois juntassem suas mãos molhadas e jurassem que se amariam para sempre. Pra que advogado, tabelião, contrato?

Sua união não precisaria de mais significado do que aquilo. Estaria abençoada por aquela água milagrosa vinda ninguém sabia de onde, por aquela solenidade secreta que os dois nunca esqueceriam.

– Venha – disse ele – molhe as suas mãos.

Mas ela estava de olhos arregalados, paralisada. Aquela água jorrando daquele cano esquisito, vinda ninguém sabia de onde. Aquele areal no meio da cidade. Por que tinham parado logo ali? E era impressão dela ou todo o ruído do trânsito em volta cessara, como se o mundo inteiro esperasse para ouvir seu juramento? Fosse qual fosse o significado de tudo aquilo, era significado demais.

– Eu, hein? – disse ela.

E depois:

– Agora é que ficou sério!

Não adiantou ele insistir. Ela pediu um tempo sozinha para pensar na relação e não tem atendido o telefone.

Edição – 2006.1

Texto III

Você sabe o que está comendo?

Carne branca ou vermelha? Pão ou bolacha?

Na busca obsessiva por alimentos saudáveis, o consumidor é vítima de vários mitos

LIA BOCK

Bolacha cream cracker com queijo branco é uma comidinha leve, de dieta, certo? Talvez não. Cinco bolachas dessas têm três vezes mais gordura saturada que um pão francês. É uma fatia de queijo branco, um dos ícones da alimentação light, tem três vezes mais colesterol que a mesma porção de requeijão integral. Pouca gente imaginaria. Mas esses exemplos são, na verdade, apenas uma amostra da enorme vala que separa o que os nutricionistas sabem sobre alimentação do senso comum. A dica da vovó, o anúncio da televisão e até mesmo interesses políticos se misturam com pesquisas sérias e confundem o consumidor, ávido por receitas para emagrecer e viver mais. Essa mistura de interesses se transformou em um grande refogado de mitos.

DIGA-ME O QUE COMES E EU TE DIREI...

No mundo das neuroses alimentares, não é difícil identificar os tipos abaixo, sempre prontos a defender suas convicções. Mas nem sempre eles têm razão.



Amigo dos animais

O que defende

Grande parte dos vegetarianos diz que não come carnes porque, consumindo apenas vegetais, tem uma dieta mais saudável.

O que ele não diz

Carnes são as principais fontes de ferro e de vitamina B12, nutrientes fundamentais para a saúde. Além disso, as proteínas encontradas nas carnes têm melhor valor biológico, em taxas que dificilmente são obtidas consumindo apenas vegetais. Verduras, legumes e frutas também possuem substâncias prejudiciais – de gordura a compostos cancerígenos.



Viva a natureza

O que defende

A procura pelos chamados alimentos orgânicos cresceu assustadoramente nos últimos anos, assim como a oferta desses produtos nos supermercados. Seus consumidores defendem um mundo sem agrotóxicos.

O que ele não diz

Ainda não há consenso científico sobre as vantagens nutricionais dos alimentos orgânicos. Muitos dos benefícios desse tipo de dieta podem ser obtidos com uma higienização adequada dos produtos não-orgânicos – o que permite eliminar a maior parte dos resíduos de defensivos agrícolas.



Não à indústria

O que defende

Muita gente acredita que a indústria alimentícia inclui substâncias impúblicas no preparo de seus produtos para torná-los mais duráveis, saborosos e atraentes. Evitar todo e qualquer alimento industrializado seria a melhor maneira de evitar malefícios à saúde.

O que ele não diz

A população de países industrializados, que consome os conservantes dos alimentos processados, tem uma longevidade invejável. O maior perigo são os produtos ricos em gorduras e açúcares, mas isso vale para qualquer comida, não apenas às industrializadas.



Dieta já

O que defende

Levados pela preocupação com a obesidade, os integrantes desse grupo passaram a consumir apenas os produtos classificados como diet ou light.

O que ele não diz

Produtos são diet quando sua formulação exclui um determinado ingrediente, como açúcar ou sódio. Ele pode não conter açúcar, mas ser rico em gorduras, portanto, ruim para quem quer perder peso. O ideal é ficar atento ao que diz o rótulo com relação ao valor energético ou calórico e à quantidade de gorduras totais.

Época 25 de julho, 2005

Fonte: RGR Nutri Consultoria Nutricional

Edição – 2006.1

Texto IV

Big Brother CORPORATIVO

O Tribunal Superior do Trabalho deu o aval para as empresas vigiarem e-mails dos empregados. Mas isso ainda vai render muita discussão

POR JOSÉ EDUARDO COSTA



Câmeras de segurança nos corredores, crachá eletrônico, controle de ligações. Se você olhar à sua volta, perceberá que algumas organizações viraram uma espécie de Big Brother. Elas ficam de olho em cada movimento dos funcionários. No mês passado, o Tribunal Superior do Trabalho (TST), em Brasília, abeu um precedente ainda maior em favor das corporações. Elas foram autorizadas a vasculhar o correio eletrônico de todo mundo do escritório. A decisão partiu do julgamento de um processo envolvendo o HSBC Seguros e um de seus empregados, que foi demitido por justa causa, em maio de 2000, depois de enviar, usando o e-mail da empresa, uma mensagem aos colegas com fotos de mulheres nuas.

"Embora poucas companhias admitam, hoje é comum vasculhar e-mails", diz Paulo Perez, gerente de engenharia de segurança da Open Communication Security, especializada em softwares de segurança corporativa. Os motivos apontados pelas organizações para tanto controle são os seguintes:

- a) averiguar se o empregado está sendo improdutivo;
- b) examinar se há mensagem com anexos do tipo ".exe", que podem conter vírus ou programas sem licença;
- c) constatar se o funcionário não está visitando sites inseguros, que não tenham relação com sua atividade profissional;
- d) checar e-mails contendo informação sigilosa da empresa (...)

Há quem veja nisso um atentado à privacidade. "Esse é um direito fundamental garantido pela Constituição a todo ser humano. A pessoa não deixa de ser cidadã por que está em seu ambiente de trabalho", rebate o advogado paranaense Caio Túlio Vianna, autor do livro *Fundamentos de Direito Penal Informático* (Editora Forense).

Algumas organizações têm procurado uma solução menos hostil. Uma prática comum nos Estados Unidos, que vem ganhando cada vez mais adeptos por aqui, é a assinatura de um termo de compromisso no ato da contratação. Nele, o funcionário se compromete a usar seu e-mail profissional para fins somente de trabalho. E nada mais. □



Edição – 2006.2

Texto III

Belezas de Noronha seduzem os turistas

Arquipélago pernambucano proporciona passeios inesquecíveis e contato direto com a natureza

Fabiane Madeira

Que o Nordeste brasileiro tem belas praias, ninguém discute. Porém, o paraíso é, com certeza, Fernando de Noronha. O arquipélago de 17 quilômetros quadrados de área reúne algumas belas paisagens que encantam turistas brasileiros e estrangeiros. Os 2.100 habitantes vivem basicamente do turismo- explorado de maneira sustentável e levando em conta a preservação ambiental.

A visita requer no mínimo cinco dias e os passeios agradam aos mais diversos públicos. Para os surfistas, os points são a Cacimba do Padre, Conceição e Boldró. Essas praias estão entre as mais procuradas em função das ondas- consideradas perfeitas- e dos tubos desconcertantes (como na Laje do Bode). A melhor época para cair na água vai de novembro a abril e a dica é conversar com os nativos para pegar informações sobre as marés- que variam bastante durante o dia.

Quem prefere o mergulho, encontra água quente, boa visibilidade, vários níveis de dificuldade e uma fauna marinha espetacular. O arquipélago conta com diversas operadoras – que garantem a segurança da prática mesmo para os mais inexperientes.

Nas águas mais rasas, os peixes como o sargentinho, as donzelas de rocas e ainda as moréias, fazem a festa. Nas mais profundas, prepare-se para ver arraias e cações.

No mirante da Baía dos Golfinhos, o turista pode passar horas vendo o comportamento da espécie. De longe,

combinóculos emprestados por biólogos do Ibama, é possível vê-los entrando na baía e fazendo um verdadeiro balê nas águas quentes. A espécie tem esse nome em função dos saltos que faz fora da água e que podem chegar a quase um metro de altura. O espetáculo principal ocorre ao amanhecer – então prepare-se para acordar cedo. Eles procuram as águas quentes da baía para o descanso, a reprodução e a procriação. Na parte da tarde, nova oportunidade, já que eles vão ao local para se alimentar. O projeto Golfinho Rotator vem sendo desenvolvido no arquipélago e busca identificar padrões no comportamento da espécie e garantir sua preservação. Quer ver os golfinhos mais de perto? Então basta fazer um dos passeios de barco disponíveis já que a docilidade dos animais permite até mesmo que o turista nade com eles.

A tartaruga marinha é outra atração. Noronha abriga uma das principais unidades do Projeto Tamar- que trabalha pela preservação da espécie com bons resultados. Em função disso, em diversas praias do arquipélago- como a do Leão e do Sancho é preciso ter cuidado com o ninho das tartarugas- que são sinalizados para que os turistas não pisem em cima. Se der sorte, é possível acompanhar a abertura de um ninho- que é quando os biólogos do Tamar ajudam no “nascimento” das tartaruguinhas.

Em mergulhos na praia da Atalaia e na baía do Sueste é possível ver esses animais em seu habitat natural.

Porém, vá com cuidado e esteja sempre acompanhado de um guia para evitar acidentes. Antes de se jogar na água, assista a uma das palestras do Ibama (sempre no turno da noite e com diferentes assuntos a cada dia), sobre o comportamento da espécie – uma das dicas principais é apenas olhar a tartaruga e nunca tocá-la.

Os mirantes espalhados pela ilha garantem as mais belas vistas do arquipélago. Quase todos têm acesso facilitado, mas alguns exigem caminhadas prolongadas. No final da tarde, o melhor ponto para observar o pôr do sol é o mirante da praia do Boldró. Para chegar lá, a dica é ir de bugre já que o mirante fica a uns três quilômetros de distância da BR-363 (a única da ilha). No mirante da Baía dos Porcos, vê-se uma dos mais tradicionais cartões-postais do arquipélago: o Morro Dois Irmãos. A tonalidade do mar – que vai de verde água nas partes mais rasas até tons de violeta nas áreas mais profundas – completam o visual perfeito para a contemplação.



Edição – 2006.2

Texto IV



Saúde

O SAL DO MAL

O aumento das doenças da tireóide no Brasil pode estar ligado ao excesso de iodo no sal

A adição de iodo ao sal de cozinha é obrigatória no Brasil desde a década de 70. Essa foi a maneira encontrada pelo governo para reduzir a incidência de problemas de saúde associados à carência do mineral, como o bócio endêmico e o cretinismo.

Importante instrumento de saúde pública a medida, no entanto, colocou a população em perigo. Em 1999, uma portaria do Ministério da Saúde elevou a quantidade máxima recomendada de iodo por quilo de sal de 60 miligramas para 100 miligramas por quilo. A mínima se manteve em 40 miligramas do mineral por quilo de sal. "Essa mudança foi feita sem a consulta prévia de assessores especializados do ministério e gerou um impacto negativo sobre as pessoas com predisposição genética a doenças da tireóide", diz o médico Geraldo Medeiros, professor da Universidade de São Paulo (USP) e um dos maiores especialistas do país em distúrbios da tireóide.

Um estudo coordenado por Medeiros, em 2001, alertou para o fato de que as taxas de iodo na urina das crianças brasileiras em idade escolar estavam muito acima do normal. Apesar da advertência, o Ministério da Saúde, por intermédio da Anvisa, só tomou uma atitude

de dois anos mais tarde, quando foi determinado que cada quilo de sal deveria conter entre 20 e 60 miligramas de iodo.

Na opinião do médico, pode ter sido tarde demais. Uma das consequências mais nefastas desse pouco-caso, segundo Medeiros, reflete-se no aumento dos casos de tireoidite de Hashimoto, doença auto-imune que pode levar ao hipotireoidismo. Uma pesquisa realizada neste ano por especialistas da USP mostrou que quase 18% das pessoas analisadas sofriam de tireoidite. Delas, 6% tinham hipotireoidismo. Em 1994, essa incidência correspondia à metade. Há que levar em conta também que o consumo de sal no Brasil está muito acima do preconizado pela Organização Mundial de Saúde. Os brasileiros ingerem diariamente de 12 a 16 gramas de sal, quase o triplo do máximo recomendado. A matemática é simples: quanto mais sal, mais iodo. O Ministério da Saúde pretende realizar no próximo ano um estudo nacional para determinar a

NEM MAIS, NEM MENOS

Os parâmetros brasileiros determinam que cada quilo de sal contenha no mínimo **20** e no máximo **60 miligramas** de iodo

OS RISCOS DO EXCESSO...

- Tireoidite de Hashimoto
- Hipotireoidismo
- Hipertireoidismo
- Bócio

E DA FALTA DE IODO

- Hipotireoidismo
- Bócio
- Cretinismo

Fonte: Luiz Henrique de Gregório, endocrinologista

quantidade média de iodo ingerida pelos brasileiros. Se ficar comprovado que o consumo atual está acima do tido como aceitável, os parâmetros que determinam a quantidade de iodo no sal podem ser ainda mais reduzidos.

A relação entre o consumo de iodo e os distúrbios da tireóide é estreita (veja quadro). O mineral é a matéria-prima para a produção dos hormônios da tireóide, glândula responsável pelo metabolismo. O

excesso de iodo pode deflagrar um ataque do sistema imunológico contra a tireóide, levando à tireoidite de Hashimoto. Se isso acontece, a glândula pode deixar seu ritmo de funcionamento, o que caracteriza o hipotireoidismo. Essa doença afeta sobretudo mulheres a partir dos 35 anos. O Brasil está entre os países com o maior número de casos de hipotireoidismo - 12% das brasileiras são vítimas do mal. A maioria nem sequer suspeita ser portadora do problema. ■

Edição – 2007.1

Texto III

8 CULTURA

 *Fernando Brant*
FERNANDO BRANT

“ Mais que os evangelistas, Mário de Andrade foi o rei das epístolas. Era algo próprio de seu tempo escrever e receber cartas.”

99

fernandobrant@hotmail.com

Cartas

Já não se escrevem cartas como antes. Nunca mais se publicarão livros com a correspondência privada de pessoas tornadas públicas? *Cartas perto do coração*, diálogo amigo de Fernando Sabino e Clarice Lispector, acende em mim essa idéia de perda.

A caneta sobre o papel em branco não revela mais os sentimentos profundos de amizade e amor. O amigo não analisa e aconselha o destinatário sobre a melhor forma de lapidar um verso, o capítulo de um romance ou o epílogo de uma novela. Contam-se nos dedos os que escrevem à mão e os que ainda existem, pelo menos os que conheço, são os melhores.

Desaparecerão na poeira do tempo as cartas dos amantes? Que lembranças escritas eu tenho de minha namorada, se morávamos na mesma cidade e já havia o telefone? A conversa escrita entre meus pais (guardada na gaveta que um dia eu abrirei), o amor expresso graficamente, as gentilezas que se trocaram, até quando esse tipo de documento perdurará?

A tinta no papel branco era o sangue do confidente, do amante, do amigo, exposto de forma espontânea e verdadeira. Era a entrega absoluta, que se confirmaria dias depois, conforme fosse a distância entre o remetente e o destino. E a competência dos correios. Os correios ainda existem e hoje até trabalham mais, mas é o ir e vir de objetos que torna a maioria de seu tempo.

Aquele desnudar-se nos papéis foi trocado pelo falar eletrônico, pelos teclados do computador, que enviam, imediatamente, para o mundo, o que queremos comunicar. Sinto falta dos amigos que se mudavam (por exemplo, para Porto Alegre) e nos deixavam lacuna e tristeza, saudade que nos incentivava a escrever semanalmente, mesmo que não houvesse novidade nem assunto. E precisávamos inventar formas originais, como escrever em folhas de papel higiênico. Só para deixar claro que estávamos vivos, que a amizade e a lembrança eram firmes.

Mais que os evangelistas, Mário de Andrade foi o rei das epístolas. Era algo próprio de seu tempo escrever e receber cartas. Estão à disposição os livros com suas mensagens remetidas a uma infinidade de artistas e amigos. É uma história viva, fascinante, de uma época, de um Brasil e de um mundo.

Não sei o que deixaremos para os que nos sucederem. Devoto da preguiça e da calma, reconheço a qualidade da tecnologia e vou tocando meus dois dedos no teclado. O que se chama de e-mail (e eu, sem radicalismo, prefiro nomear correio eletrônico) é um excepcional instrumento para nos comunicarmos.

Recebe-se com rapidez, responde-se num átimo; e se deleta, se apaga. Para onde vai a memória dessas falas? Sei que fica tudo gravado na máquina, mas e se a gente troca de equipamento, como quer a propaganda e o negócio? Sei não. Pode ser delírio ou pensamento exótico surgido na madrugada calma em que todos dormem tranquilamente. Ficarão disponíveis as intimidades puras e verdadeiras das pessoas interessantes de nossos dias? Ainda leremos essas cartas saídas dos e endereçadas aos corações?



Edição – 2007.1

Texto IV

a)



Ivo Pitanguy

“Nunca pensei em passar por uma plástica”

Aos 80 anos, o célebre cirurgião plástico diz que quem convive bem com a própria imagem, como ele, não precisa de bisturi.

Por Celina Côrtes

Um dos mais aclamados cirurgiões plásticos do mundo, Ivo Pitanguy acaba de entrar para mais uma academia. Há 15 anos, se tornou membro da Academia Nacional de Medicina. Em 1990, se juntou aos imortais da Academia Brasileira de Letras. Agora, tornou-se sócio, junto com o filho Ivo, da Pontal Fitness, uma monumental academia de ginástica e estética no Recreio dos Bandeirantes, no Rio de Janeiro. Nada mais natural para alguém que há tantos anos promove, com seu bisturi, o resgate da beleza de anônimos e famosos, incluindo estrelas como as atrizes Sophia Loren, Gina Lollobrigida e Candice Bergen e a princesa iraniana Farah Diba. No Brasil, operou as atrizes Sonia Braga, Vera Fischer, Suzana Vieira e Glória Pires. Mas nunca ninguém ouvirá o nome das clientes da boca de Pitanguy, um elegante mineiro apaixonado pelo Rio, filho de cirurgião, que fez do sigilo sua marca registrada. Aos 80 anos, completados na quarta-feira 5, ele exibe pleno vigor físico e mental. Ainda faz pesca submarina em sua ilha, em Angra dos Reis, joga tênis e exercita a mente com leitura, escrevendo e fazendo conferências pelo mundo afora. Só este ano, já foi à Rússia e à Alemanha. Na quarta-feira 12, o médico falou a ISTOÉ.

ISTOÉ – O sr. já pensou em passar pelo bisturi?

Ivo Pitanguy – Nunca. O ser humano não tem obrigação de se operar. Quem convive bem com sua imagem, se tolera ou tem um ego condescendente não há por que fazer. Os menos satisfeitos são aqueles que se operaram por imposição de terceiros. Deve-se buscar o tratamento para o próprio bem-estar, e este não é o meu caso.

ISTOÉ – Quais foram as principais inovações criadas pelo sr.?

Pitanguy – Tenho várias técnicas de redução e aumento da glândula mamária. Há métodos para face, nariz e contorno corporal. Tudo isso está em mais de 900 artigos e 40 livros médicos. O fato mais importante de minha vida médica foi criar a Escola de Cirurgia Plástica, a maior do mundo, com mais de 500 alunos, quatro mil visitantes. Trabalhamos com a noção de qualidade, assim como na Santa Casa de Misericórdia do Rio, onde criei em 1954 uma enfermagem para atender os pobres.

ISTOÉ – O sr. operou Sophia Loren. Como é deparar com uma mulher dessas na sua mesa de cirurgia?

Pitanguy – Nunca sei quem operei. O médico, antes de ser cirurgião, tem o sentido de que as pessoas são parecidas e por isso não vemos diferença nenhuma. Andei pelo mundo com pessoas importantes, reis e príncipes. No momento de operar quem quer que seja, é preciso tratá-los com a mesma naturalidade dessa nossa conversa.

ISTOÉ – Sonia Braga declarou recentemente que o sr. refaz as vidas. Como interpreta o comentário?

Pitanguy – Achei muito bonito e delicado da parte dela. O importante da cirurgia plástica é fazer com que a pessoa se sinta em paz com sua imagem. Se isso acontece, ela estará em paz com o mundo que a cerca e com seu próprio Deus. É extraordinária a sensação de proporcionar bem-estar a alguém.

ISTOÉ – O sr. acha que existe um exagero na busca por cirurgias plásticas?

Pitanguy – Acho. Há uma procura muitas vezes desnecessária e cabe ao cirurgião sentir se a pessoa terá ou não benefício, em todas as classes sociais. Não há diferença entre as dondocas e as mulheres de baixa renda.

Edição – 2007.1

Texto IV

b)



"Quem me procura achando que vai recuperar o marido depois de uma plástica é bom saber que não vai"

Hoje está tudo muito democratizado, o que aumenta a importância de os cirurgiões serem bem treinados, capazes de julgar cada caso. Muitas vezes as pessoas esperam mais da cirurgia do que podemos dar.

ISTOÉ – O sr. já disse a alguma paciente que ela não precisava de plástica?

Pitanguy – A toda hora. Às quartas-feiras recebo na Santa Casa doentes mais complexos, aqueles que estão bem e não se vêem bem. Isso se chama morfofobia, a fobia da própria forma. O plástico também tem de ser psicólogo.

ISTOÉ – O sr. se recorda de alguma cirurgia cujo resultado o tenha decepcionado?

Pitanguy – Aconteceram situações em que o doente tinha uma expectativa que eu não tinha condições técnicas de atender e concordei em fazer a cirurgia, por inexperiência. Mas não me lembro de exemplos concretos. O interessante é o aprendizado que fatos como esses proporcionam. Quem me procura achando que vai recuperar o marido depois de uma plástica é bom saber que não vai. Hoje, sempre que sinto na pessoa uma expectativa maior do que eu possa dar, não opero.

ISTOÉ – Por que as brasileiras são tão vaidosas?

Pitanguy – Em certos locais do Brasil, da Califórnia ou do sul da França, em que as pessoas se expõem, há mais vaidade, porque todos vêem mais o próprio corpo. Quando estão mais abrigadas e escondidas, elas são mais protegidas da imagem, o que é uma pena. A brasileira é linda, com essa mistura de todas as raças. Há um equilíbrio de beleza que não se encontra em outros lugares. Por outro lado, a mídia impõe padrões de beleza que atendem a interesses comerciais. Acho que a beleza é muito mais o direito à normalidade de cada pessoa, dentro de seu próprio biotipo.

ISTOÉ – As mulheres de baixa renda são tão vaidosas quanto as de classe alta?

Pitanguy – Tem sido importante dar dignidade à cirurgia estética e reparadora para a população carente. O mendigo é igual ao rei em relação à sua imagem. Percebi que o ser humano é o mesmo ao conviver com pessoas de vários níveis sociais e hierarquias de poder. Talvez a percepção da necessidade social da cirurgia plástica tenha sido um dos fatores mais importantes em meu trabalho, assim como transmitir isso a outros profissionais.

ISTOÉ – Os homens estão procurando mais a cirurgia plástica?

Pitanguy – A procura tem crescido bastante. Acho que, depois de a mulher ter entrado no mercado de trabalho, o homem passou a se permitir a própria fragilidade, a ter direito ao seu corpo. Agora a sociedade não condena mais que ele se cuide.

ISTOÉ – Como o sr. chegou aos 80 anos com essa saúde, em plena atividade profissional?

Pitanguy – O que fiz a vida inteira foi dar a cada momento a sua importância total, vivê-lo com intensidade e procurar tirar dele o que podia ser mais construtivo. Um pouco de equilíbrio ajuda, assim como um pouco de loucura. O equilíbrio exagerado retira a percepção dos fatos e a vida é muito surrealista. Nem sabia que estava chegando aos 80. Para mim, foi estranhíssimo, nunca contei os anos, o importante é ter alegria com o momento que se vive. Os anos não têm a menor importância. É indispensável ter modéstia para viver a vida com dignidade, assim como sentir o respeito pelo outro.



"O homem busca mais os tratamentos porque hoje se permite demonstrar a própria fragilidade"

Edição – 2007.2

Texto III

Volta por Cima

HÁ MALES QUE VÊM PARA O BEM

ESSE ADÁGIO POPULAR FAZ TODO O SENTIDO PARA O ADMINISTRADOR FRANCISCO ANTÔNIO NILRER SANTIAGO BARROSO, 46 ANOS. UM PUXÃO DE TAPETE O FEZ SAIR DE UM EMPREGO BUROCRÁTICO E DESCOBRIR NA CONDUÇÃO DE UMA Pousada SEU VERDADEIRO TALENTO.

Nasci em Canindé, uma cidade de 170 mil habitantes e muito conhecida pelo turismo religioso a 110 km da capital cearense. Meu pai, já falecido, era fazendeiro, e minha mãe, professora aposentada. Ela sempre achou importante minha educação. Por isso, fui para Fortaleza terminar o ensino médio e fazer faculdade. Fiz duas: administração de empresas e ciências contábeis. Estudei inglês, alemão e francês. Em 1986, mudei para o interior do Maranhão por causa de uma oportunidade de trabalho no Banco do Brasil. Anos depois, fui transferido para Natal, onde sofri uma depressão profunda, e em 1995 retornei a Fortaleza. Nesse regresso, passei pelo primeiro revés da vida adulta. Fui indicado para substituir meu chefe, que estava de férias. E tive um baque quando, no mesmo dia em que ia assumir o posto, sentar na cadeira dele e tudo o mais, ele reapareceu. Uma colega fez com que ele retornasse de férias justamente nesse dia. Foi clara a intenção de puxar meu tapete com o consentimento dele. Me senti tão péssimo que, no mesmo dia, entrei num plano de demissão voluntária.

De imediato, não me desesperei. O dinheiro da rescisão deu para montar uma locadora e consegui levar o

negócio por meses. Mas fracassou. Depois veio a fase difícil, pois era casado e já tinha dois filhos. Saber que o dia 20 não era mais a data de pagamento me dava uma insegurança constante. Ainda tentei trabalhar como contador com minha mulher, mas estava profundamente infeliz. Até que em 1999 decidi abandonar a contabilidade e me separar. Nessa época, minha mãe adoeceu e, ao visitá-la, percebi

dia de cada vez, sem muita expectativa, adicionando aos poucos um diferencial de higiene e conforto aos quartos. Fiz empréstimos e todo dinheiro que ganhava reapplicava na pousada. Aos poucos a clientela aumentou e passamos das quatro suítes e dos seis quartos comuns para 17 suítes, dois quartos simples, cafeteria, área de lazer, cozinha comunitária e uma biblioteca. Recebo turistas brasileiros e estrangeiros e, para alguém que era tímido e introvertido — a ponto de ter sofrido de fobia social —, me considero hoje em dia um falante. Sentar na calçada e ouvir um bom-dia de quem passa na rua é, para mim, um abraço que recebo. E desde que retornei para Canindé, esse gesto simples só tem cimentado a certeza de que fiz a coisa certa.

SORTE É IMPORTANTE. MAS QUANDO A OPORTUNIDADE APARECE É PRECISO ESTAR PREPARADO PARA ELA. SÓ QUANDO AMADURECI PERCEBI ISSO

que o motivo era a pousada fundada por ela.

O casal que tomava conta do hotel e recebia 10% do faturamento estava pedindo mais: queria 50% dos lucros. Isso a deixou debilitada e, ao mesmo tempo, pareceu a oportunidade de que eu precisava. Não me importei de deixar a cidade grande e voltar para a pequena. Era o mês de março, de baixa temporada para o turismo. Mas fui levando um

Meus filhos, hoje com 16 e 11 anos, vieram morar comigo e aumentaram essa alegria. Por tudo isso, agradeço à colega que, embora tentando me prejudicar, foi a responsável por uma mudança maravilhosa em minha vida. Há males que vêm para o bem. Não tenho a menor dúvida de que o dia em que tive mais coragem na vida foi quando saí do banco. E o de maior sorte foi aquele em que resolvi voltar para casa.

18 | GOMES FLEIDE | JULHO 2007

Órgão E

Edição – 2007.2

Texto IV

Parte Coletiva

Tarefa
IV

Que cachorro é este?

Para desespero dos puristas do pedigree, a moda agora é misturar duas raças para ter um cão inusitado.

Duda Teixeira

O que dá misturar um cão labrador, tradicional guia de cegos, com um poodle, cachorrinho de madame? Um labradoodle. E o que dá cruzar um pug sem focinho com um alegre beagle? Um puggle. O que no passado era chamado de vira-lata, isto é, um cão sem raça definida, nos últimos dois anos virou moda. Nos Estados Unidos, esses cruzamentos inesperados estão sendo levados a sério por dezenas de canis, que se tornaram conhecidos como "designers de cachorros". O campeão de golfe Tiger Woods comprou um labradoodle, e o ator Sylvester Stallone também tem seu híbrido, como é chamado o animal surgido desses cruzamentos: Um labradoodle pode custar 2.500 dólares, preço superior ao de boa parte dos cães de pedigree tradicional. O Clube de Cães Híbridos Americano já registrou 400 raças de design, número que ultrapassa as 338 raças puras aceitas pela Federação Cinológica Internacional (FCI).

O designer de cães está em alta também na Austrália, no Canadá e na Inglaterra — no Brasil, por enquanto, híbridos só aqueles nascidos do acaso. Na Inglaterra, pela responsável pela criação de muitas das raças atuais, o interesse pelos híbridos ameaça extinguir alguns pedigrees tradicionais. Sete deles registraram menos de 100 nascimentos no ano passado, entre eles o sussex spaniel, bastante popular no passado. São necessários pelo menos 300 cães por ano para garantir a sobrevivência de uma raça. Do ponto de vista genético, a mistura é saudável. Uma raça pura de cão é criada a partir do cruzamento controlado de animais com características que o criador deseja salientar. Fatalmente, isso inclui cruzamentos consanguíneos, o que reduz a diversidade genética dos animais. Isso abre espaço para a manifestação de genes recessivos, onde está a maioria das doenças, diz o agrônomo Fernando Enrique Madalena, professor de genética animal da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte.

Estima-se que um em cada quatro animais de pedigree possui alguma doença de origem genética. Os dalmatas ficam surdos com a idade, os rottweilers perdem o movimento das patas traseiras, os boxers são suscetíveis a câncer e os cocker spaniels sofrem com inflamações no ouvido. "Quando as pessoas dizem que os vira-latas são mais saudáveis, estão falando a mais pura verdade", diz o zootecnista e adestrador Alexandre Rossi, de São Paulo. A única preocupação dos designers caninos é a de criar produtos atraentes para os consumidores. [...]

Os cães híbridos não são aceitos pela FCI, que congrega 83 associações de criadores de cães em todo o mundo e zela pela pureza das raças cujas características já estão bem definidas. "O que os americanos estão fazendo é pura maluquice. Nem sequer poderíamos dizer que são raças", critica Carlos Manso, árbitro da Confederação Brasileira de Cinofilia, no Rio de Janeiro. A entidade, filiada à FCI, segue rígidos critérios para admitir uma nova raça. É preciso comprovar a existência de oito linhagens diferentes, de forma a evitar o cruzamento consanguíneo, e a passagem de pelo menos oito gerações. Os híbridos não atendem a essas exigências. Os criadores de labradoodles, surgidos na Austrália em 1989, ainda tentam fixar como características

hereditárias um animal com porte grande e pelagem fofo. Os filhotes parecidos com o labrador ou o poodle original são descartados.



LABRADOR

Dócil, inteligente e obediente, é considerado o melhor cão de companhia para cegos.
Peso: 25-32kg
Altura: 54-60cm

+

POODLE GRANDE

A aparência fofo e as tocas o tornam o querendo entre as mulheres.
Peso: 25-35kg
Altura: 45-55cm

=

LABRADOODLE (foto)

Por não ter a cara do poodle, é mais facilmente aceito pelos homens. O pelo fofo continua agradando às mulheres.
Peso: 25-32kg
Altura: 54-60cm

No Brasil, o cruzamento acidental entre cães de raças diferentes reserva algumas surpresas. [...] Acasamentos acidentais nem sempre têm final feliz. "Thor já mordeu todo mundo em casa", diz o engenheiro de produção Luiz Marcelo Bordini. "Sempre que se sente acusado, ele reage de maneira bruta." O cachorro é filho acidental de uma mãe weimaraner com labrador. Uma das justificativas para a depuração de raças é que, com cruzamentos controlados, é possível selecionar apenas os cães de melhor temperamento. Os híbridos da moda passaram por esse processo, embora por menos tempo que os cães de raça com pedigree. Seja como for, qualquer um que já tenha comprado um cão sabe que não há total garantia de comportamento. O bicho, que se esperava de uma raça mansa e pacata, pode se revelar um monstro.

Revista VEJA, 7 de março de 2007, p. 92-94 [Fragmentos]

Edição – 2008.1

Texto III

COMBATE À DENGUE

Você é o editor do jornal do seu bairro e está preocupado com a propagação da dengue na sua cidade. Com base nas informações do boletim informativo da Secretaria Municipal da Saúde de Londrina, escreva um texto para o editorial do jornal, alertando os leitores sobre os riscos da doença e a importância da colaboração de todos para conter a epidemia.

1 – Como é o mosquito que transmite a Dengue?

É um mosquito rajado, geralmente escuro, com manchas brancas no corpo. Sua maior característica é a presença de um desenho prateado na parte dorsal do tórax. Ele pica principalmente durante o dia. A fêmea se alimenta de sangue, pois é necessário para o amadurecimento dos ovos. Ela deposita os ovos próximo à superfície da água nas paredes dos recipientes (vasos, brinquedos, pneus, tanques, garrafas, latas, aquários, etc).

Desova várias vezes durante a vida, sugando o sangue das pessoas a cada desova. O mosquito se desloca de onde coloca os ovos, em média de 100 a 200 metros e pode acompanhar o ser humano em seus deslocamentos, contribuindo para o alastramento.

O mosquito contaminado permanece com o vírus durante toda a sua vida. Ele vive, em média, de 30 a 45 dias e seus ovos podem permanecer vivos até 450 dias, transformando-se em adultos quando encontram umidade.

2 – Qual é o período para manifestar a doença?

O período de tempo que ocorre desde que o indivíduo foi picado pelo mosquito até o início dos sintomas é de 3 a 15 dias.

3 – Quais são os sintomas da Dengue?

Febre, dores de cabeça e articulares, dores no corpo (muscular), fraqueza, falta de apetite, exantema (vermelhidão da pele). Assemelha-se a uma gripe.

4 – Qual é o meio de prevenção?

A única forma de prevenir a doença é acabar com o mosquito e para isso é preciso:

a) Eliminar recipientes que possam acumular água: garrafas, latas, pneus, tampas de garrafa, sacos plásticos, cascas de ovos etc, ou seja, manter quintal, ruas e latas sem lixo.

b) Manutenção adequada de:

- Caixa d'água: **mantê-la tampada.**
- Vasos de plantas: **colocar areia nos pratos.**
- Bebedouros de animais: **trocar a água e lavá-los diariamente.**
- Tratamento de água da piscina pelo menos uma vez por semana.

DENGUE



Aedes aegypti

**ESTE MOSQUITO
QUANDO CONTAMINADO
TRANSMITE DENGUE.**

VAMOS ACABAR COM ELE !

5 – O que se deve fazer em caso de suspeita de Dengue?

Procurar o Posto de Saúde mais próximo, para confirmação do caso, tratamento e para que sejam tomadas medidas urgentes de combate ao mosquito nas imediações do local onde a pessoa se infectou.

6 – O que é Dengue Hemorrágica?

Acontece entre o 3.º e 7.º dia de evolução da dengue, com complicações do quadro como: dor abdominal intensa e persistente (dor na barriga), sangramentos que podem ocorrer na gengiva, nariz, manchas avermelhadas no corpo e outros órgãos, com alterações importantes no exame de sangue.

7 – Receba bem o Agente de Controle da Dengue, pois ele é seu aliado nesta luta.

Secretaria Municipal de Saúde, Prefeitura de Londrina (com adaptações).

Edição – 2008.1

Texto IV

TRANSGÊNICOS

Você é leitor da revista eletrônica *Com Ciência*, interessado na questão dos transgênicos, e decidiu responder aos questionamentos dos jornalistas Luisa Massarani e Ildeu de Castro Moreira. A partir das informações e argumentos apresentados nos textos "Os transgênicos rondam a sua cozinha" e "Transgênicos: você é contra ou a favor?", escreva uma carta para a revista, expondo sua opinião sobre o assunto.



Os transgênicos rondam a sua cozinha

Luisa Massarani e Ildeu de Castro Moreira

Em março, após um aquecido debate no Congresso Nacional, um projeto de lei que permite a comercialização de alimentos geneticamente modificados no Brasil foi aprovado por uma comissão especial dedicada a analisar o tema. Para se transformar em lei, o projeto ainda precisa passar pela Câmara de Deputados e pelo Senado, sendo depois ratificado pelo presidente da República. [...]

Independentemente disso, o seu prato já pode conter alimentos geneticamente modificados: segundo o *Greenpeace* e o Instituto de Defesa do Consumidor (Idec), desde o ano 2000 já estaria havendo a venda ilegal destes produtos no mercado brasileiro. E denúncias de plantações com sementes transgênicas estão cada vez mais frequentes, em particular, no sul do país.

E você, leitor, o que pensa desses alimentos? Seriam eles *frank(enstein)food*, com riscos potenciais para sua saúde? Ou a transgenia seria uma forma de obter maior produtividade e alimentos de melhor qualidade que ajudaria a minimizar o problema da fome no mundo? [...]

Internet: <www.comciencia.br> atualizado em 9/5/2002. Acesso em 12/3/2008.

Transgênicos: você é contra ou a favor?



Transgênico (organismo geneticamente modificado) é planta que recebeu genes de outra espécie através da biotecnologia. No milho, inseriram um gene que o tornou resistente a pragas. A transgenia gera polêmica mundial.

A favor

- Aumenta a produtividade, diminui os custos de produção, deixa a planta mais resistente, reduz o uso de agrotóxicos.
- A maioria das empresas de agrotóxicos não trabalha com transgenia; elas podem estar por trás das campanhas contra.
- O material apresentado pelas ONGs contrárias à transgenia não passa de pseudociência.
- Permite frutas maduras por mais tempo e plantas que funcionam como vacinas.

Contra

- Os estudos são insuficientes para provar que essas espécies não trazem risco à saúde e ao ambiente.
- Membros da Comissão Técnica de Biotecnologia, que aprova ou não transgênicos, são financiados por empresas de transgenia.
- O uso acabará com espécies nativas e com a agricultura familiar.
- A semente do transgênico é estéril, e o agricultor fica à mercê das empresas multinacionais.

Mylon Severiano, *Revista Almanaque de Cultura Popular*, ano 9, n.º 105, janeiro de 2008, p. 25.

Edição – 2008.2

Texto III

OUÇA O LIVRO

Editoras investem na fórmula do audiolivro e criam tendência de mercado

ADRIANA PRADO

10%

é a fatia ocupada pelos audiolivros nos EUA. No Brasil, o formato já fazia sucesso com a edição da *Bíblia*

Capitu traiu ou não traiu Bentinho? Só quem ler (ou ouvir) *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, poderá dar palpite. Isso mesmo: ouvir. A história de um dos casais mais famosos da literatura brasileira já virou audiolivro, assim como os enredos de alguns dos mais procurados livros nacionais e estrangeiros. Esse segmento representa 10% das vendas nos EUA e no Brasil ainda costuma ser associado à *Bíblia* lida por Cid Moreira. Mas, ao que parece, por pouco tempo. A Ediouro investiu mais de R\$ 1 milhão na criação do Plugme, selo pelo qual serão lançadas versões em áudio de *best sellers* de seu catálogo e também de outras editoras. De *A vida como ela é*, de Nelson Rodrigues, a *Alô, chicks!*, de Glória Kalil, 17 títulos foram narrados por atores famosos, como Paulo Betti, José Wilker e Milton Gonçalves, ou pelos próprios autores. Trata-se apenas da primeira leva, que em agosto estará disponível em CD ou em arquivos para download.

A Audiolivro é outra editora que aposta nos mais vendidos, como *O caçador de pipas*, de Khaled Hosseini. Os selos menores disputam esse

promissor mercado com obras de domínio público e, no momento, não existe autor mais em alta que Machado de Assis. *Dom Casmurro*, por exemplo, ilustra as vantagens da nova mídia: no formato tradicional, o romance tem 300 páginas, mas pode ser ouvido em apenas seis horas. "Quem consegue ler quatro livros por mês? Mas é fácil ouvir um audiolivro por semana, só com o tempo que se perde no trânsito", diz Patrick Osinski, diretor do Plugme. Tanta facilidade seria um desestímulo à leitura? Os editores garantem que não. "Ao ouvir uma história e gostar dela, o ouvinte vai querer conhecer mais. E há coisas que você só alcança lendo o livro", diz Sandra Silvério, dona da Livro Falante. O escritor Luis Fernando Veríssimo concorda: "A literatura começou via oral, com histórias contadas e não escritas. O audiolivro inclui cegos, idosos e analfabetos. Sou a favor." Suas crônicas reunidas em *As mentiras que os homens contam* serão lançadas em áudio pelo Plugme, na voz do ator Bruno Mazzeo.

Os textos normalmente são lidos na íntegra. No caso de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (Livro Falante), também de Machado de Assis, o repórter do programa *Custe o que custar*, Rafael Cortez, recorre ao seu violão para interpretar dois capítulos do livro que só trazem sinais de pontuação: "Narrar Machado de Assis é sempre muito difícil, mas esse livro em particular foi um desafio maior. Os períodos são longos e há muitas expressões estrangeiras." Como se trata de um dos romances mais bem escritos da literatura brasileira, meio caminho já está andado.

De Machado de Assis a Maitê Proença

As editoras aproveitarão a Bial do Livro de São Paulo, entre os dias 14 e 24 de agosto, para lançar novos títulos em audiolivro. A Livro Falante, por exemplo, colocará à venda *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. A Audiolivro promoverá um debate com o jornalista Laurentino Gomes, autor de 1808 - que também ganhou versão narrada. Já a Plugme oferecerá amostras de alguns dos 17 *best sellers* lidos por artistas ou pelos próprios autores, entre eles *Quando Nietzsche chorou*, de Irvin D. Yalom, com a voz de José Wilker. Junto com Irene Ravache, Maitê Proença leu para a Plugme sua autobiografia, *Uma vida inventada*.

Isolê, n.º 2.021, 30/7/2008, p. 125.

Edição – 2008.2

Texto IV

Eles odeiam CELULAR

**Apesar dos
três bilhões de
aparelhos no mundo,
há quem resista
à telefonia móvel**



PIADA, Tira do cartunista Laerte, que não gosta de celulares

A última pesquisa sobre o número de usuários de celulares mostra que um em cada dois indivíduos do planeta tem celular. Segundo a consultoria americana *The Mobile World*, existem no mundo três bilhões de aparelhos celulares. Mas essa aparente e moderna unanimidade de que é imprescindível possuir um celular nos dias de hoje não é aceita por todo mundo. Há ainda muitas pessoas que optam por não possuir um telefone móvel e não acham impossível viver sem ele. O cineasta Fernando Meirelles, um detrator do telefone móvel, diz que é papo de marqueteiro a história de que o celular aproxima as pessoas: Para ele, o telefone é uma espécie de "fast-food" do relacionamento humano. Ser encontrado em qualquer lugar e a qualquer momento

é outra razão que espanta potenciais usuários de celular. "São invasivos", diz a pesquisadora Inar Alves de Castro, do Departamento de Nutrição Experimental, da USP, que prefere ficar de fora do time dos 113 milhões de brasileiros que já compraram o seu aparelho móvel. "Trabalho com tecnologia, adoro, mas não uso celular nem sinto falta". Ela conta que tem amigos que ameaçam lhe dar um de presente. E essa é uma chateação comum de quem não tem o aparelho: ter de explicar às pessoas incrédulas por que não possuem um. "Uma das melhores coisas que existem é andar pela rua sem ser achado. E agora as pessoas carregam esse grilo falante. É um horror", diz Caetano Veloso, mais um ilustre do time dos que odeiam celular.

N.R.

FAST-FOOD

O cineasta Fernando Meirelles tem certeza que 80% das ligações ditas urgentes poderiam esperar



GRILLO FALANTE

Caetano Veloso não quer ser achado e acha que perturba os momentos a sós



O DO VIZINHO

A atriz Vera Fischer não gosta, não usa e se acontece uma urgência empresta de um amigo



Issoé, n.º 1.965 - 4/7/2007, p. 57

Edição – 2009.1

Texto III

TAREFA III – MERENDA SAUDÁVEL

Você trabalha na direção de uma escola de Educação Básica que se preocupa com a alimentação de seus alunos. Com o objetivo de orientar sobre a qualidade da merenda escolar, escreva uma carta para ser entregue aos pais dos alunos no momento da matrícula, estimulando o consumo de lanches saudáveis na escola. Seu texto deverá sugerir o que a lancheira deve ou não conter, salientar a importância de criar hábitos alimentares saudáveis e apontar os inconvenientes do consumo de alimentos pouco saudáveis.

Merenda saudável



Cecilia Brattonese

alimentação saudável está na moda, mas com as crianças a história é diferente. Para muitos meninos e meninas, levar para a escola uma lancheira com fruta e suco – enquanto os colegas rasgam pacotes ultracoloridos de salgadinhos condimentados e biscoitos recheados – é constrangedor. Ou, como costumam dizer, o maior “mico”. Daí surge a dúvida: render-se aos apelos por um lanche repleto de guloseimas ou forçá-los a comer fruta e outros alimentos saudáveis todo santo dia. A resposta ao dilema é um alívio para os pais.

Segundo especialistas, é possível manter uma alimentação balanceada, com itens gostosos e divertidos, sem precisar apelar para nenhum dos extremos. A nutricionista Patrícia Martins, professora do Centro Universitário de Brasília, observa que as frutas devem, sim, ser consumidas diariamente pelos pequenos. Mas, se eles preferirem, podem comê-las em casa e levá-las à escola em forma de suco. Para complementar, o ideal é acrescentar algum carboidrato complexo, como pães com geleia, biscoitos secos e bolos caseiros, que fornecem energia a longo prazo, permitindo que brinquem, aprendam e não fiquem famintos no fim da aula.

Para a presidente do Conselho Regional de Nutricionistas do Distrito Federal, Simone Rocha, o ideal seria que a criança não se adaptasse ao mau hábito dos colegas e da escola:

– Ainda acho que levar uma fruta é importante para reforçar o hábito positivo. Se a criança tiver vergonha, procure uma escola que reforce e apoie o consumo de alimentos saudáveis.

Para os pais que ainda não se convenceram a abolir, ou pelo menos tornar esporádico, o consumo de besteiras, um alerta: crianças que comem com frequência alimentos energéticos extras – biscoitos recheados, salgadinhos, frituras, refrigerantes, sucos em pó e afins – tendem a ganhar peso mais rápido e podem desenvolver quadros de hipertensão e diabetes.

CARLOS EDUAR

Edição – 2009.1

Texto IV

PREPARAÇÃO

Rio ou Salvador?

O Carnaval só rola em fevereiro. Mas agora é a hora de escolher (e planejar)



ESPECIAL CARNAVAL

Sim, já é tempo de pensar em Carnaval. A festa só acontece entre 17 e 20 de fevereiro do ano que vem, mas, para economizar e conseguir os melhores lugares nos hotéis, pacotes e blocos, a saída é resolver tudo com antecedência – ou seja, agora. Por isso, comparamos os carnavais mais famosos e concorridos do Brasil – o do Rio de Janeiro e o de Salvador. A única coisa em comum entre os dois é o sucesso. O resto é bem diferente. Enquanto o Rio é conhecido por seus megadesfiles e tradicionais escolas de samba, em Salvador o axé dos trios-elétricos fica em segundo plano: todo mundo quer mesmo é beijar.

Ao lado, você verá as melhores dicas para se dar bem, seja qual for sua escolha. Dos ingressos aos hotéis e das comemorações paralelas aos pacotes.

	RIO DE JANEIRO	SALVADOR
A FESTA	Os desfiles na Sapucaia, com suas mulatas e megacantos alegóricos, é que levam a fama. É o espetáculo é mesmo sensacional. Mas é no bloco de rua que mora o espírito do Carnaval carioca. Pular e cantar as marchinhas no meio da rua, durante o dia e de graça, é um programa que tem segurado os próprios cariocas na cidade. Até Luma de Oliveira trocou a Sapucaia por um deles, o Cordão do Bola Preta.	O esporte mais praticado no Carnaval de Salvador é o beijo. Sonho de consumo dos solteiros, a festa divide suas mais de 2 milhões de pessoas em trios-elétricos e camarotes. Os trios, que começam a sair na quinta antes do feriado, fazem dois percursos: o tradicional Avenida, no Centro, ou o alternativo (e mais concorrido) Barra-Ondina, pela orla. Dá pra passar sete, oito horas atrás de um só deles.
OS INGRESSOS	Já estão esgotados os ingressos para os camarotes. Mas ainda há tempo para reservar um lugar nas arquibancadas. A Liga das Escolas de Samba (liesa.com.br) vai liberar os primeiros lotes em janeiro. Os preços vão de R\$ 10 a R\$ 500. O setor 3 da arquibancada especial é o local mais próximo da largada. Já os setores 6 a 13 ficam mais longe, mas têm os ingressos mais baratos.	Comprar logo é a melhor forma de economizar. A venda dos abadás é feita nos sites axemix.com.br e centraldocarnaval.com.br . Agora, os de Ivete Sangalo custam entre R\$ 420 e R\$ 1.050. Mas, na semana de Carnaval, é impossível pular com a balança por menos de R\$ 1.000. Para comprar entradas para os camarotes, vá ao camarotesalvador.com.br . Os preços vão de R\$ 120 a R\$ 300.
O IMPERDÍVEL	O Carnaval de rua é uma boa para curtir durante o dia. Há blocos em diversos pontos da cidade. A banda Ipanema (no sábado e na terça) é acompanhada pelo público GLS; o Monobloco (no domingo), de uma galeria alternativa, que invade também o Cordão do Boi Tatá (na segunda). E muitas famílias pulam com o Simpatia É Quase Amor (no domingo).	Nem só de trios-elétricos é feito o Carnaval da Bahia. Salvador também tem festa à moda antiga. Ao som de marchinhas acompanhadas por orquestras de metais, fantasiados coloreiam o Centro Histórico da cidade, onde fica o Pelourinho.

Revista Viagem e Turismo, dezembro de 2008.

Edição – 2009.2

Texto III



Comportamento

TORPEDOMANIA

Especialistas alertam para o risco do excesso de trocas de mensagens pelo celular

Renata Cabral

VERSÁTIL Tamara colocou nas provas e arranjou namorado por meio dos torpedos

Nas mãos dos adolescentes, os celulares parecem uma extensão do corpo. Mas o uso excessivo dos chamados torpedos ou SMS (serviço de mensagens curtas, na sigla em inglês) tem chamado a atenção por prejudicar o rendimento escolar e até agravar transtornos de stress, ansiedade, depressão e distúrbios do sono. Em muitas escolas, o aparelho já é proibido em salas de aula. Nos Estados Unidos, atingiu-se a marca de 2.272 mensagens trocadas por pessoa no último trimestre de 2008, quase 80 torpedos por dia, segundo pesquisa da consultoria Nielsen. E ainda há quem vá bem além dessa média. A americana Kate Moore, 15 anos, envia cerca de 14 mil mensagens mensais. A habilidade lhe rendeu até um prêmio no mês passado. Ela embolsou US\$ 50 mil por ser a mais rápida competidora a digitar mensagens sem erros de ortografia. E aproveitou para fazer um apelo aos pais: "Deixe seu filho digitar durante o jantar e na escola. Vale a pena."

Os especialistas não concordam. O professor de psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC-Rio), Raphael Zaremba, destaca que é cedo para falar das consequências do uso do SMS para os jovens, mas reconhece as limitações da ferramenta. "Mais de 90% da comunicação humana se dá de forma não verbal, o que dá margem a muitas falhas para quem fala apenas por escrito, por meio de mensagens de texto", afirma. A funcionária pública Mônica Stilben se impressiona com a capacidade da filha

Isabela, 15 anos, vivenciar experiências por SMS. "Ela briga com o namorado sem precisar falar com ele", surpreende-se. Há alguns meses, Isabela gastou mais do que o pai e a mãe juntos, sendo 90% do valor em mensagens. Hoje, tem um aparelho que não envia torpedos.

LUZ AMARELA

Os pais devem se preocupar com o envio de torpedos pelos jovens quando



O valor da conta do celular for mais alto do que o habitual

A ansiedade por novas mensagens atrapalhar o sono ou estudos ou o lazer

A conversa com os amigos se der quase unicamente por mensagens de texto

Levar o aparelho para o banheiro ou consultá-lo durante as refeições também pode significar excessiva dependência do celular

Para a psicóloga Andréa Jotta, do núcleo de pesquisas de psicologia em informática da PUC-SP, a orientação dos pais é fundamental. "Os adolescentes dão uma importância extrema à vida

social e testam limites o tempo todo", afirma. "Cabe aos adultos instaurar a ordem." Oferecer planos com minutos controlados, deixar que o jovem pague a conta com sua mesada e conversar de forma franca e não autoritária são alternativas.

Mesmo quando não evolui para problemas médicos, a dependência incomoda quem cerca o adolescente. Evanise Espindola Lemos, mãe de Tamara, 15 anos, conta que é quase impossível desviar a atenção da menina do aparelho. "Ela não se concentra, fica esperando notícias do namorado e das amigas." Mas a mãe se mantém vigilante. "Estou sempre alerta para não deixar que isso atrapalhe os estudos." Tamara assume o exagero. "Levo o celular na mão para não perder nenhuma mensagem", diz. A adolescente confessa que usa o telefone para colar em provas, gasta em dois dias o cartão pré-pago que a mãe compra para durar um mês e iniciou a paquera com o atual namorado graças às mensagens. Ninguém desconhece os benefícios dessa forma de comunicação. Ela é mais barata do que uma ligação e permite um contato instantâneo com um grupo de pessoas. Só não se deve tornar escravo dela. ■

Edição – 2009.2

Texto IV

Porto Alegre Comerciantes e moradores aguardam decisão do prefeito Fogaça sobre ampliação dos espaços ao ar livre

Mesa de bar na rua opõe boêmios e insones

Aprovado pela Câmara de Vereadores da Capital, o projeto de lei que amplia os horários para bares, restaurantes e lanchonetes manterem mesas nas calçadas da cidade virou motivo de controvérsia.

Enquanto comerciantes e usuários defendem a proposta, que estende a permissão da 0h para as 2h nas sextas, nos sábados e nas vésperas de feriados, moradores de regiões boêmias de Porto Alegre criticam a mudança na regra.

De autoria do vereador Alceu Brasinha (PTB), o projeto ainda precisa ser sancionado pelo prefeito José Fogaça para virar realidade. Apesar disso, muita gente já demonstra descontentamento em relação à possibilidade de enfrentar madrugadas insones pela frente. É o caso da empresária Jimena Acosta Korczyk, 31 anos. Ela mora perto da Rua Padre Chagas, um tradicional reduto de bares no bairro Moinhos de Vento, e diz sofrer com o barulho.

– Até a meia-noite dá para tolerar, mas até as 2h é demais, ainda mais porque é justamente no fim de semana que a gente pode descansar. Estou colocando



vidro duplo no meu apartamento para me incomodar menos – reclama Jimena.

Moradora da Rua Dinarte Ribeiro, também no Moinhos de Vento, a dona de casa Loane da Fonseca, 52 anos, é outra insatisfeita com a possível modificação:

– Minha preocupação é com as pessoas idosas e com vizinhos que precisam acordar cedo para trabalhar. Tem noites em que o barulho é penoso, só com remédio para dormir.

Para quem trabalha no ramo de bares e restaurantes, a opinião é bem diferente. Os comerciantes, segundo Eli Stürmer, da diretoria da Associação de Bares e Restaurantes da Cidade Baixa, estão satisfeitos.

– A gente lutou bastante por essa ampliação. Esperamos que o prefeito sancione o projeto o quanto antes – diz Stürmer.

Entrevista | **Alceu Brasinha**

AUTOR DO PROJETO DE LEI

“Recebi algumas reclamações, mas os apoios são maiores”

O vereador Alceu Brasinha (PTB), autor do projeto de lei que amplia o horário das mesas nas calçadas em alguns dias da semana, diz que a mudança beneficiará comerciantes e pessoas que saem à noite na Capital. Leia a seguir trechos da entrevista:



REPRODUÇÃO

Zero Hora – Por que o senhor fez o projeto ampliando o horário para os bares permanecerem com as mesas na rua?

Alceu Brasinha – Aos finais de semana, meia-noite é cedo para recolher as mesas. O hábito do porto-alegrense é sair mais tarde de casa, ainda mais para a juventude. Eu mesmo passei por uma situação constrangedora. Eu trabalho até meia-noite na minha loja e depois saio para jantar. Uma vez, estava na Cidade Baixa jantando e chegaram fiscais da Smic pedindo para retirar as mesas. Eu tive de pegar a comida e comer na mão.

ZH – O senhor recebeu reclamações dos moradores próximos aos bares?

Brasinha – Recebi algumas reclamações, mas os apoios são maiores. Na minha caixa de e-mail, havia seis reclamações contra o projeto. Em compensação, havia mais de cem mensagens me dando os parabéns.

Proprietária do Café do Porto, no bairro Moinhos de Vento, Ana Cláudia Bestetti acredita que o novo horário não trará maiores problemas, porque vale apenas para dois dias da semana: – Me parece que esse critério é razoável. Não sinto que vá interferir tanto na vida dos moradores da cidade. Eu acho que essa discussão agora, às portas de uma Copa do Mundo que Porto Alegre certamente sediará, é um retrocesso.

Edição – 2010.1

Texto III



À NOITE
Areia morna,
água límpida,
clima ameno.
E a orla torna-se
irresistível

BANHO DE LUA

Com um verão de 40 graus no Rio, a praia noturna vira o grande programa da temporada

Maíra Magro

Com o calor batendo recorde no Rio de Janeiro – a temperatura média de fevereiro beira os 40 graus, frequentar a praia à noite virou o grande programa deste verão para os cariocas. Quando o sol começa a se pôr, por volta das 19h45, e a areia já não queima os pés, a orla ganha um segundo turno de frequentadores: moradores e turistas ávidos por refrescar o corpo ao fim do dia, aproveitando o ar mais ameno e o espelho d'água iluminado pelos holofotes do calçadão. Não é preciso protetor solar, não há disputa feroz por vaga para estacionar o carro e a pouca luz deixa todo mundo mais à vontade. O banho noturno tem como points o Arpoador, na ponta de Ipanema, e o Leme, na outra ponta, só que de Copacabana, escolhidos por serem bem iluminados e, portanto, mais seguros. No clima de descontração, há famílias, grupos de amigos tocando violão, namorados trocando carícias e solitários caminhando à beira d'água. Para completar o cenário, a água está límpida e azul, por causa da falta de chuva. "Parece o mar do Caribe", descreve a psicóloga Andréa Sena, 42 anos, que frequenta as noites do Arpoador quatro vezes por semana.

A publicitária Mariana Campos, 27 anos, chega à praia às 20h com amigos e não sai antes da meia-noite. "Levamos biscoitos, bebidas... Fazemos uma farolada",

**40
graus**

é a temperatura
média da cidade do
Rio de Janeiro neste
mês de fevereiro

assume. Algumas vezes, mergulham até as duas da manhã. "Não faz frio", garante. Outro que gostou da proposta foi o ator Alexandre Borges, que, de seu apartamento em Ipanema, caminha até a praia para ver o pôr do sol com a esposa, a atriz Júlia Lemmertz, e o filho, Miguel, 9 anos, e depois aproveita para pular no mar. "É maravilhoso", diz. "Mergulhar à noite traz uma sensação de aventura e mistério, como na infância."

Mas o Corpo de Bombeiros não está gostando dessa moda. "Não recomendamos o banho de mar à noite porque não temos como garantir a segurança das pessoas", diz o tenente-coronel Alexandre Rocha. Segundo ele, nesse horário a visibilidade da água não é boa e, além disso, os salva-vidas deixam a praia às 20h. Porém, parece que sob a lua os banhistas são mais cautelosos. Enquanto a corporação já resgatou, neste ano, duas mil pessoas em risco de afogamento durante o dia, nunca recebeu um pedido de socorro à noite. "O mar tem estado calmo", pondera o coronel Ricardo Nunes. Só se for do ponto de vista dele. Porque, para os milhares de turistas e cariocas que vão à praia à noite, tem estado fervendo – de gente e badalação. ■

Edição – 2010.1

Texto IV

CARTA A UM JOVEM INTERNAUTA

Sei que você passa longas horas no computador navegando a bordo de todas as ferramentas disponíveis. Não lhe invejo a adolescência. Na sua idade, eu me iniciava na militância estudantil e injetava utopia na veia. Já tinha lido todo o Monteiro Lobato e me adentrava pelas obras de Jorge Amado guiado pelos "Capitães de areia".

A TV não me atraía e, após o jantar, eu me juntava à turma de rua, entregue às emoções de filmes juvenis ou sentar com meus amigos à mesa de uma lanchonete para falar de Cinema Novo, bossa nova, porque tudo era novo ou das obras de Jean Paul Sartre.

Sei que a internet é uma imensa janela para o mundo e a história, e costumo parafrasear que o Google é meu pastor, nada me há de faltar.

O que me preocupa em você é a falta de síntese cognitiva. Ao se postar diante do computador, você recebe uma avalanche de informações e imagens, como as lavas de um vulcão se precipitam sobre uma aldeia. Sem clareza do que realmente suscita o seu interesse, você não consegue transformar informação em conhecimento e entretenimento em cultura. Você borboleteia por inúmeros nichos, enquanto sua mente navega à deriva qual bote sem remos jogado ao sabor das ondas.

Quanto tempo você perde percorrendo nichos de conversa fiada? Sim, é bom trocar mensagens com os amigos. Mas, no mínimo, convém ter o que dizer e perguntar. É excitante enveredar-se pelos corredores virtuais de pessoas anônimas acostumadas ao jogo do esconde-esconde. Cuidado! Aquela garota que o fascina com tanto palavreado picante talvez não passe de um velho pedófilo que, acobertado pelo anonimato, se fantasia de beldade.

Desconfie de quem não tem o que fazer, exceto entrincheirar-se horas seguidas na digitação compulsiva à caça de incautos que se devam ludibriar por mensagens eróticas.

Faça bom uso da internet. Use-a como ferramenta de pesquisa para aprofundar seus estudos; visite os nichos que emitem cultura; conheça a biografia de pessoas que você admira; saiba a história de seu time preferido; veja as incríveis imagens do Universo captadas pelo telescópio Hubble; ouça sinfonias e música pop.

Mas fique alerta à saúde! O uso prolongado do computador pode causar-lhe, nas mãos, lesão por esforço repetitivo (ler) e torná-lo sedentário, obeso, sobretudo se, ao lado do teclado, você mantém uma garrafa de refrigerante e um pacote de batatas fritas.

Cuide sua vista, aumente o corpo das letras, deixe seus olhos se distraírem periodicamente em alguma paisagem que não seja a que o monitor exibe.

E preste atenção: não existe almoço grátis. Não se iluda com a ideia de que o computador lhe custa apenas a taxa de consumo de energia elétrica, as mensalidades do provedor e do acesso à internet. O que mantém em funcionamento esta máquina na qual redijo este artigo é a publicidade. Repare como há anúncios por todos os cantos! São eles que bancam o Google, as notícias, a wikipédia etc. É a poluição consumista mordiscando o nosso inconsciente.

Não se deixe escravizar pelo computador. Não permita que ele roube seu tempo de lazer, de ler um bom livro (de papel, e não virtual), de convivência com a família e os amigos. Submeta-o à sua qualidade de vida. Saiba fazê-lo funcionar apenas em determinadas horas do dia. Vença a compulsão que ele provoca em muitas pessoas.



E não se deixe iludir. Jamais a máquina será mais inteligente que o ser humano. Ela contém milhares de informações, mas nada sabe. Ela é capaz de vencê-lo no xadrez – porque alguém semelhante a você e a mim a programou para jogar. Ela exibe os melhores filmes e nos permite escutar as mais emocionantes músicas, mas nunca se deliciará com o amplo cardápio que nos oferece.

Se você prefere a máquina às pessoas e a usa como refúgio de sua aversão à sociabilidade, trate de procurar um médico. Porque sua auto-estima está lá embaixo e o computador não haverá de encará-lo como se fosse um verme. Ou sua auto-estima atingiu os píncaros e você acredita que não existem pessoas à sua altura, melhor ficar sozinho.

Nas duas hipóteses você está sendo canibalizado pelo computador. E, aos poucos, se transformará num ser meramente virtual. O que não é uma virtude. Antes, é a comprovação de que já sofre de uma doença grave: a síndrome do onanismo eletrônico.

Frei Betto é escritor, autor do livro de contos "Aquário Negro" (Agir), entre outras obras.

Edição – 2010.2

Texto III



Medicina & Bem-estar

MOVIMENTO CONTRA O BOTOX

Por causa dos efeitos colaterais, artistas e mulheres comuns levantam bandeira contra o produto que pode modificar as expressões faciais

Claudia Jordão

Há mais de dez anos, o botox promete felicidade instantânea a pessoas que sofrem só de imaginar o aparecimento das primeiras linhas de expressão. Fácil e rápida, com apenas uma agulhada a toxina botulínica apaga os tão indesejados sinais da idade. Em tempos onde ser jovem é passaporte para a aceitação social, não é unanimidade. Por razões que vão desde os riscos à saúde até a necessidade de se manter as expressões faciais, cada vez mais, artistas consagrados e gente comum tomam pública a sua aversão à substância. Agentes de atores, diretores de cinema e estúdios de Hollywood estão encampando um movimento contra a onda das estrelas retocadas. Sua principal crítica é que o uso desenfreado alterou a fisionomia e congelou a expressão dos atores. Na tela, no lugar de expressões de tristeza, raiva, felicidade e prazer, observam-se rostos esticados, lisos, estáticos e sem vida. "Não há atrizes com mais de 35 anos que consigam expressar raiva", disparou o diretor americano Martin Scorsese.

A última a se declarar contra o uso da toxina para fins estéticos foi a atriz americana Drew Barrymore, 35 anos. "Prefiro ter a pele de um cão basset hound", disse. Dias antes, a apresentadora Xuxa, 47 anos, disse que não recorria a ela porque temia

que seu rosto ficasse igual a um tamanco. A insatisfação também atinge os altos executivos da indústria de cinema americana. A Warner está privilegiando o recrutamento de artistas na Europa e no Canadá, onde a cultura do botox é menor. A Fox, por sua vez, está fazendo uma série de testes de vídeo. "Estamos atrás de autenticidade", declarou Márcia Shulman, vice-presidente de casting da Fox, ao jornal britânico "Daily Mail". "Se o papel é de uma mãe, precisamos de uma atriz que se pareça com uma". O excesso de botox pode prejudicar em definitivo os movimentos da face. "Uso exagerado ou aplicações frequentes ocasionam atrofia muscular", diz o cirurgião plástico Sebastião Guerra, presidente da Sociedade

Brasileira de Cirurgia Plástica. "Também há riscos de migração da substância para outras musculaturas, quando aplicada em

CARA LIMPA dose excessiva", afirma o cirurgião plástico Alexandre Senra (leia no quadro outras implicações).
Maira Jung, 47, quer preservar a sua história, contada pelas rugas.

Mas é difícil em nossa sociedade nadar contra a corrente e engrossar o movimento. "Se você tem dinheiro, é complicado resistir", diz Denise Santanna, historiadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). "A pressão pelo corpo jovem é absurda". Ainda assim, o levante encontra eco fora do meio artístico. Aos 47 anos, a perfumista carioca Maira Jung afirma que jamais recorrerá a práticas extremas em nome de uma pele lisa. "Levei tantos anos para construir minhas rugas, que acho um absurdo comprometer minha história com uma substância química." A bióloga paulista Regiane de Paula, 44 anos, tem pavor de pensar na possibilidade de perder sua identidade. "O envelhecimento é um processo natural, que quero viver com dignidade". A esperança de quem tem argumentos contra o uso da toxina é de que seu discurso influencie outras pessoas. "Para isso, só aprendendo a envelhecer sem medo e culpa", diz Denise.



OS RISCOS PARA A SAÚDE

Quando aplicado em excesso e/ou em local errado, pode causar:

Perda da expressão facial

Queda da sobrancelha ou pálpebra

Migração da substância para outra musculatura

Enfraquecimento de músculos

Reação alérgica em pessoas com sensibilidade à albumina, componente presente no botox

Edição – 2010.2

Texto IV

MARKETING

Rogério Tobias

Gratos pela preferência!

Muitas empresas já sabem que quando surgem problemas no relacionamento com os clientes elas devem ficar do lado deles, e não adotar uma postura do tipo você aí e eu aqui. "Esse problema é seu e vou ver se posso ajudar em alguma coisa". As organizações que sabem do valor do relacionamento evitam, nessa hora, palavras ou frases tais como: as regras não permitem; isto são normas da casa; impossível, não pode; isso é o máximo que podemos fazer; e outras que somente servem para destruir relacionamentos, que, em muitos casos, demoraram anos para ser construídos ou podem impedir processos de fidelização que deveriam durar longos anos.

Os clientes esperam que o vendedor, o atendente, o técnico, o instalador, os profissionais do *telemarketing* façam tudo para ajudá-lo, sinceramente, a resolver aquilo que o aflige. Quando esse processo é bem conduzido e há a percepção de que realmente está se trabalhando para isso, ele se torna mais flexível e cordato. E o processo de relacionamento continua e até se fortalece.

É comum os empresários apresentarem dúvidas sobre como podem conquistar novos clientes e manter os atuais. Continuamente, recomendo que a confiança do consumidor deva ser conquistada no primeiro momento. Creio fortemente que ainda seja possível chamar as pessoas pelo nome. É imprescindível mostrar boa-fé, oferecer produtos e serviços que realmente vão levar uma solução a eles. Confiança não se conquista com observações e detalhes colocados em letras miúdas, deixando para o novo comprador

o ônus das restrições e limitações do uso do produto ou serviço.

Isso dá muito trabalho e, em caso de empresas muito grande, não passa de pormenores aos quais elas nem pensam mais. Joga-se na mídia um oceano de ofertas imprecisas e colocam-se pessoas mal preparadas para ofertá-las. Impede-se, assim, um relacionamento de longo prazo, que poderia ser muito mais lucrativo do que o vender e correr. O *marketing* está cada vez precisando de profissionais competentes. Tem-se que ter muita habilidade lática e segurança para que se permita sugerir um concorrente quando não se tem aquilo que o cliente necessita. Quando o cliente sai de um ponto de venda levando um notebook, por exemplo, ele está na expectativa de ter tomado a decisão certa. Espera que aquela experiência de compra seja garantida pela loja e pelo fabricante. Quando um deles falha, ou ambos, vem o processo de frustração e, consequentemente, o abandono da loja e da marca do fabricante. O retorno que o cliente espera não é somente o funcionamento do produto, mas, de confiança e de proteção da sua decisão.

A consolidação de uma marca ou empresa depende diretamente do desenvolvimento de um elo emocional com o cliente. A qualidade física de um produto já não garante mais nada, é apenas um pré-requisito. Muitos têm qualidade técnica, mas não sabem criar uma abordagem emocional cada vez mais decisiva no processo de relacionamento. Árduo é conquistar a conexão emocional. É manter por longo tempo a credibilidade.

Empresas como as fabricantes de computadores ou aquelas ligadas à telefonia precisam urgentemente criar táticas para garantir o sentimento positivo dos clientes. A atração de compradores pelo uso massivo da mídia, sem a correspondente capacitação no atendimento ao cliente, sem a adequada distribuição e garantia e, pior, com a adoção da postura de que esse problema é seu, são falhas que podem ser fatais para a imagem da marca e, consequentemente, para o seu futuro, em mercados de consumidores mais exigentes.

Deva-se investir no cliente. Criar meios para aumentar o controle deles nas compras, para facilitar a sua vida com o produto ou o serviço adquirido. É importante fazê-lo ganhar tempo. Uma recomendação importante: "recompensar os clientes que dão preferência à sua empresa. Ele deve sentir-se premiado. Deve-se tornar real aquela antiga frase: gratos pela sua preferência!".

Edição – 2011.1

Texto III

● MONITOR ● LUIZ ALBERTO MARINHO*



Beleza é fundamental (para eles)

PESQUISA APONTA QUE 85% DOS BRASILEIROS SE PREOCUPAM COM ESTÉTICA

UMA PESQUISA feita em 2002 nos Estados Unidos pela agência de publicidade Euro RSCG comprovou que a vaidade dos homens no começo do século 21 estava em alta. A divulgação desse trabalho popularizou uma expressão que havia sido criada alguns anos antes pelo jornalista inglês Mark Simpson para definir o novo perfil masculino — começava a era dos metrosssexuais, habitantes das grandes cidades, sensíveis e ligados a temas antes exclusivamente femininos, como moda, gastronomia e decoração.

Durante muito tempo não se falou em outra coisa. Aos poucos, os machos tradicionais começaram a reagir à ideia de decadência da masculinidade. Um exemplo de tal mudança é a campanha de publicidade que ganhou o Grand Prix no Festival de Cannes deste ano: uma linha de produtos de cuidados pessoais que promete deixar homens “com cheiro de homem”. Todas essas teses sobre o comportamento dos machos modernos deixaram uma dúvida no ar: para onde caminhará, afinal, o mercado de produtos masculinos de beleza e cuidados pessoais?

Pelo menos no que diz respeito ao Brasil, a resposta pode estar nas páginas do relatório de uma pesquisa realizada este ano pela Kantar Worldpanel. Ela revelou que nosso país ainda está polarizado entre vaidosos e desleixados quando o assunto é o cuidado com a aparência. Nada menos do que 31% dos rapazes entrevistados usam o que encontram em casa.

E outros 19% delegam às suas companheiras não apenas a compra como também a escolha desses produtos. Por outro lado, já chega a 38% o percentual dos que escolhem e compram eles mesmos suas marcas. Há ainda um grupo de 13% que não vão às lojas mas deixam claro para as companheiras o que querem que elas comprem para eles.

A tendência é que os desleixados tornem-se minoria. Afinal, a preocupação com estética não é mais exclusivamente feminina — o estudo da Kantar mostrou que, se o assunto mobiliza

91% das mulheres, também afeta 85% dos homens. É natural. Existe hoje uma cultura da beleza que não obedece barreiras de sexo, idade ou nível socioeconômico. Para sermos bem-sucedidos, seja no plano social ou profissional, precisamos todos estar em forma e bem cuidados. Mas algumas diferenças persistem, é claro. Enquanto para os homens as maiores preocupações são com a aparência dos dentes, o mau hálito e a transpiração, o que tira o sono das mulheres são, pela ordem, a obesidade, os dentes, manchas na pele, rugas e flacidez.

A conclusão da Kantar é que existirá cada vez mais espaço para produtos masculinos, desde que adequados especificamente às necessidades dos homens. Isso porque, como já previra o poeta Vinícius de Moraes, beleza é fundamental.

*Luiz Alberto Marinho é consultor em marketing de varejo. Mande seus comentários para o e-mail: gal@rup.com.br

“Produtos para homens terão cada vez mais espaço, desde que adequados ao consumidor”

Edição – 2011.1

Texto IV

O Brasil não possui pedras semipreciosas

Pércio de Moraes Branco*

O título acima pode surpreender muita gente, uma vez que o nosso país é reconhecidamente um grande produtor de gemas e o Rio Grande do Sul destaca-se pela produção de ágata e ametista. A afirmativa, propositalmente provocadora, justifica-se, porém, pois não é mais admissível – se é que alguma vez o foi – separar as gemas em preciosas e semipreciosas.

Embora esteja correta a denominação *pedra preciosa*, o mesmo não se dá com *pedra semipreciosa*, e são várias as razões para isso. A principal delas é que nunca houve consenso sobre quais pedras seriam consideradas preciosas. Normalmente, eram assim classificados o rubi, a safira, a esmeralda e o diamante. Alguns autores, porém, incluíam também a opala preciosa e o crisoberilo, por exemplo. E outros, a pérola.

Outra razão para não se separar as gemas em semipreciosas e preciosas é a inutilidade dessa distinção. Para o Brasil, que produz boa quantidade de esmeralda e diamante mas quase nada de rubi e safira, a distinção, mais do que inútil, é muito prejudicial.

Mas não ficam aí os argumentos contra a classificação *semipreciosa*. Embora esmeralda, rubi, safira e diamante sejam usualmente gemas caras, uma esmeralda e mesmo um diamante podem valer menos que uma granada mais rara, por exemplo.

Por esses motivos, o termo *semipreciosa* caiu em desuso em quase todo o mundo, sobrevivendo apenas em alguns países, entre eles o Brasil.

Gemólogos de renome internacional condenam de modo enfático seu emprego. **Robert Webster** considera-o *insatisfatório*, lembrando que foi *abandonado por consenso geral*.

Walter Schumann afirma que a *designação ainda é usada no comércio mas não é uma expressão correta porque muitas pedras chamadas semipreciosas são mais valiosas que as preciosas*, não havendo *uma linha divisória real entre as pedras mais ou menos valiosas*.

Joel Arem lembra que, *no passado, os termos preciosa e semipreciosa foram amplamente usados*, mas que *hoje seu uso cria confusão*.

Mas não são apenas os gemólogos que condenam o termo. Também os joalheiros mais bem informados o fazem. Diz **Erich Merget** que a *denominação semipreciosa, atualmente muito utilizada, deveria ser totalmente abandonada. Até hoje, ninguém foi capaz de explicar a origem dessa expressão absurda, completa ele*.

O termo *gema tornou-se designação comumente aceita para todas as pedras ornamentais de valor, eliminando a anterior distinção artificial entre as chamadas pedras preciosas e semipreciosas*, afirma **Jules Sauer**. (...)

Coerente com esses posicionamentos, a **Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)** recomenda evitar sempre o uso da palavra *semipreciosa*, substituindo-a por *preciosa*, salvo nos casos de exigências comerciais ou legais (NBR 10630). A ressalva justifica-se porque a Itália dá um tratamento diferenciado às gemas importadas, com taxação menor para as que chegam ao país classificadas na origem como semipreciosas.

Portanto, não se constranja de chamar ágata, ametista, citrino, topázio, água-marinha, turmalina, etc. de pedras preciosas. E chame de joia, não de bijuteria, seu brinco, anel ou outra peça confeccionada com gemas que você considera baratas.

O setor joalheiro, como qualquer outro ramo de vendas, trabalha com produtos caros e baratos e o preço nunca foi motivo para uma gema deixar de ser preciosa.

Edição – 2011.2

Texto III



Na ativa, Arlete, 66 anos, na lanchonete onde trabalha: "Não quero parar enquanto tiver saúde".

Economia

A VEZ DOS IDOSOS

Trabalhadores com mais de 60 anos são beneficiados pela retomada do emprego e ampliam sua participação no mercado

Larissa Domingos

O maior desafio do envelhecimento da população é manter o trabalhador por maior tempo possível no mercado de trabalho. O número de idosos brasileiros alcançou 11,1% do total da população e deve se aproximar dos 14% – quando uma sociedade é considerada envelhecida – nos próximos 20 anos. Esse fenômeno impõe entraves econômicos, sobretudo na sustentação dos sistemas de saúde e previdência. Mas a boa notícia é que o Brasil está conseguindo ampliar o número de trabalhadores idosos. Na recuperação econômica verificada sobretudo no segundo semestre, com ampliação do emprego na indústria, setor mais atingido pela crise, o grupo que vem aproveitando melhor essa retomada é a chamada terceira idade. Na última década, a População Economicamente Ativa (PEA) de 60 anos ou mais avançou 56% e chegou a 779 mil pessoas em 2008 em cinco regiões metropolitanas e no Distrito

Federal, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Essa elevação coloca o crescimento do número de trabalhadores idosos 25% acima do total de

pessoas que ingressaram no mercado de trabalho no mesmo período. No ano passado, apenas quatro entre 100 idosos estavam desempregados, segundo levantamento do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), feito a pedido de ISTOÉ. O IBGE confirma os dados positivos.

A FORÇA DA TERCEIRA IDADE

Crescimento de 1998 a 2008

População Economicamente Ativa

25,3%
Total (todas as idades)

56,1%
60 anos ou mais

Ocupados

32,4%
Total (todas as idades)

61,3%
60 anos ou mais

FOTO: MURILLO CONSTANTINO

Edição – 2011.2

Texto IV

SAÚDE & BEM-ESTAR OBESIDADE

Mão Pesada

A Anvisa quer proibir a venda de inibidores de apetite. O que os obesos perdem com isso?

Cristiane Segatto

Quem vive em luta contra a balança tem mais um problema pela frente. A Anvisa anunciou na semana passada que pretende proibir a venda de inibidores de apetite, entre eles a sibutramina, por apresentarem riscos cardíacos. O medicamento, que atua no cérebro e aumenta a sensação de saciedade, é a principal escolha dos médicos que prescrevem drogas contra a obesidade. O tratamento é barato (R\$ 20 por mês), mas o sucesso é incerto. Alguns pacientes não emagrecem nada. Outros chegam a perder 20 quilos. Nesta quarta-feira, a possível proibição será debatida numa audiência pública em Brasília. Já, desde já, desperta uma questão: será que a agência regulatória brasileira está exagerando?

“Se a Anvisa seguir com essa ideia, vai causar um imenso prejuízo a milhões de brasileiros que não conseguem emagrecer de outra forma”, diz Ricardo Meirelles, presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia. A principal justificativa da agência a favor da proibição da sibutramina é um estudo de seis anos realizado pelo próprio fabricante (o laboratório Abbott) com 10 mil pacientes, a pedido da Agência Europeia de Medicamentos (Emea). Foram incluídos apenas obesos acima de 55 anos, com diabetes e histórico de problemas cardiovasculares. No grupo que recebeu placebo (comprimidos sem efeito), o índice de infarto, AVC ou outros problemas cardiovasculares foi de 10%. No grupo que tomou sibutramina, o índice foi de 11,6%. Ou seja: o risco aumentou 16%. Nenhuma morte foi registrada.

Embora o estudo tenha sido realizado com um grupo de alto risco, as autoridades europeias entenderam as conclusões para a população geral e proibiram a venda do remédio em janeiro de 2010.

“Esse caso é um exemplo grave de má interpretação da evidência científica pelas autoridades regulatórias. A agência europeia errou”, afirma Meirelles. A decisão provocou um efeito cascata. A Abbott foi pressionada pela agência americana FDA e decidiu retirar a droga dos Estados Unidos. O mesmo ocorreu no Brasil no final de 2010, mas a sibutramina continuou disponível na forma de produtos genéricos ou similares. Agora, além deles, a Anvisa pretende banir outros inibidores de apetite da classe dos anorexígenos anfetamínicos — anfepramona, femproporex e mazindol. Eles podem causar dependência e já não são vendidos na Europa e nos Estados Unidos. Restaria nas farmácias apenas o orlistat, conhecido pela marca Xenical. Ele não atua no cérebro e tem efeito emagrecedor menor.

“Esses remédios precisam ser banidos. Não vamos esperar alguém morrer para tomar uma atitude”, diz Maria Eugênia Cury, chefe do núcleo de investigação em vigilância sanitária da Anvisa. A sibutramina não pode ser usada por pessoas que têm ou tiveram arritmias ou insuficiência cardíaca, AVC, doença arterial periférica, hipertensão fora de controle, infarto, angina. “A decisão de retirada dos remédios é correta”, diz Raul Dias Santos Filho, do Instituto do Coração (InCor). “Não compensa tomar remédio para perder pouco peso e correr risco cardiovascular, ainda que pequeno”. A perda média de peso com a sibutramina é de 5%. Segundo os endocrinologistas, a proibição trará problemas mais graves. “Os pacientes vão engordar mais ou recorrer a fórmulas perigosas como os hormônios tireoidianos”, diz Waldir Coutinho, presidente eleito da Associação Internacional para o Estudo da Obesidade. “Isso, sim, pode matar”.



Não existe milagre

Outros métodos de emagrecimento também têm desvantagens. Os principais:

• DIETA E EXERCÍCIOS

Metade dos obesos não consegue emagrecer e manter o peso por muito tempo.

• ORLISTAT

Emagrece menos que a sibutramina, causa diarreia, flatulência e inchaço.

• CIRURGIA

É indicada apenas aos muito obesos (IMC acima de 35). Pode causar problemas neurológicos e perda óssea.

Edição – 2012.1

Texto III

Faxina no céu

O espaço está cheio de veículos descartados e fragmentos metálicos girando em alta velocidade. Como eliminar esses detritos?

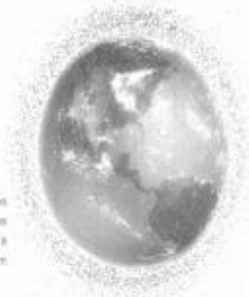
OUTROS CIENTISTAS DA NASA estão empenhados em levar astronautas ao espaço ou enviar sondas interplanetárias a Plutão, mas o que preocupa Nicholas Johnson é um cenário de pesadelo chamado "síndrome de Kessler", em homenagem a seu colega Donald Kessler, o cientista que a descreveu pela primeira vez, na década de 1970. O cenário básico é uma órbita atulhada de objetos. Duas peças de equipamentos enormes — como satélites ou foguetes de lançamento — colidem a uma velocidade superior a 32 mil quilômetros por hora, e ambas se transformam em centenas de fragmentos. Um desses fragmentos em seguida

choca-se com outro objeto volumoso, que por sua vez se desfaz em centenas de pedaços — e assim por diante, em uma reação em cadeia que culmina na formação de um anel de detritos espaciais densos demais para ser atravessado em segurança.

Até o ano passado, diz Johnson, o responsável pelo Departamento do Programa de Detritos Orbitais da Nasa, "tal pengo era apenas uma questão acadêmica". Mas, em 10 de fevereiro de 2009, foi registrado o primeiro choque direto entre objetos em hipervelocidade, acima de 10 mil quilômetros por hora. Um satélite da Índia colidiu com um satélite russo obsoleto à altitude de 800 quilômetros sobre a Sibéria. Esse único acidente acrescentou cerca de 2 mil grandes fragmentos à nuvem de detritos que gira em torno da Terra.



Cerca de 11,5 mil objetos maiores que 10 centímetros flutuam em órbitas próximas à Terra. Outros 10 mil estão em órbitas mais distantes.



Agências espaciais de todo o mundo monitoram os fragmentos maiores, evitando que haja colisões entre eles e os veículos espaciais, sobretudo os tripulados. E, em 2007, a ONU pediu a adoção de medidas preventivas, como o esgotamento do combustível dos foguetes utilizados para que não explodam, e a recomendação de que não se usem satélites desativados como alvos para testes de mísseis — o que a China havia feito no ano anterior.

Tais regras básicas, contudo, não vão impedir colisões acidentais. "Nos próximos 50 anos", diz Johnson, "é razoável que haja uma colisão de dois grandes objetos a cada cinco anos." É provável que isso não seja suficiente para desencadear o pesadelo de Kessler. Por outro lado, tampouco se vê no horizonte algum esquema de faxina viável. Estão sendo discutidas várias maneiras de lidar com o lixo espacial. Um cabo comprido e capaz de conduzir eletricidade poderia ser

fixado aos satélites obsoletos, colocando-os sob a influência do campo magnético do planeta, que acabaria por arrastá-los para a atmosfera, onde seriam consumidos. Outra solução: um satélite coletor, uma espécie de caminhão de lixo espacial, recolheria os detritos para jogá-los fora perto da atmosfera para que se desintegrassem ao cair.

No caso de fragmentos menores, um satélite dotado de um laser poderoso daria conta de destruí-los. Outra abordagem seria menos violenta: uma gigantesca bola de espuma imóvel no espaço. Os detritos não seriam capturados na espuma, que apenas absorveria deles quantidade de energia suficiente para que caíssem na atmosfera. Mas é evidente que, como reconhece Johnson, "talvez seja difícil lançar ao espaço uma bola com 1,6 mil metros de diâmetro". — Por Michael D. Lemonick.

ILUSTRAÇÃO DE SEAN MUNAUGHTON
FONTE: DEPARTAMENTO DO PROGRAMA DE DETRITOS ORBITAIS DA NASA

National Geographic, jul. 2010.

Edição – 2012.1

Texto IV

POLÊMICA**Anuncie no
samba-enredo
e salve o Carnaval**

Incluir publicidade no samba é o jeito que as escolas encontraram para fugir do financiamento ilegal. E de manter o espetáculo vivo por muitos Carnavais.

== TEXTO CARLOS PERRONE*

Disputar

o título de Campeã do Carnaval carioca exige um investimento e tanto. Em dinheiro, mais de R\$ 5 milhões. Em pessoas, mais de 3 mil. E, mal acaba um Carnaval, já começa a preparação para outro. Quem banca tudo? Para começar, a Rede Globo, que paga milhões para a liga das escolas de samba pelo direito de transmitir os desfiles ao vivo para mais de 150 países. Há também uma verba repassada às escolas pela prefeitura do Rio, pelo estado do Rio e pelo governo federal, além da bilheteria – nos 3 dias de desfile de 2010, as escolas de samba do Grupo Especial conseguiram arrecadar R\$ 42 milhões com os ingressos. Tudo isso é dividido entre as 12 escolas do grupo.

Mesmo assim falta dinheiro. É aí que entra o marketing. Ou, como chamam, o “Carnaval corporativo”. Em 2002, propôs à escola de samba Salgueiro o primeiro enredo patrocinado por uma marca privada. A ideia era falar da história da aviação, do sonho de voar, desde Icaro até hoje. Virou o enredo *Asas de um Sonho, Viajando com o Salgueiro, o Orgulho de Ser Brasileiro*. Não era esse o tema do marketing da TAM? Sim, era. O Carnaval da escola, patrocinado pela companhia aérea, teve um resultado sensacional: o Salgueiro ficou em 3º lugar. Em 2010, a Portela também aceitou a ideia. Levou à passarela um Carnaval que mostrava como a inclusão social passa pela inclusão digital. A Positivo Informática foi a empresa que investiu na escola.

Não se trata de vender o samba, é sim de visibilizá-lo. Comecei a trabalhar com marketing no Carnaval há mais de 20 anos. Naquela época, o espetáculo era quase 100% pago com recursos “não declarados”. Digo “quase” 100% porque as escolas de samba recebiam verba da prefeitura do Rio. Mas dependiam principalmente do “patrono”, uma espécie de mecenas que investia no Carnaval dinheiro de atividades não oficiais, como o jogo do bicho. De lá para cá, o Carnaval deixou de ser só Cartola, Noel e Candeia. Virou uma indústria, ficou profissional. E



precisa dos recursos vindos de patrocínio para que sua cultura não desapareça. Sem isso, corremos o risco de voltar ao financiamento duvidoso.

É um grande negócio para todos os envolvidos. As escolas de samba não precisam mais buscar dinheiro “frio”. O patrocinador associa sua marca à mais pura manifestação cultural brasileira, com direito a convidar contatos de empresas parceiras para assistir aos desfiles. Em geral, a expectativa é de que o retorno conseguido pelas companhias seja o dobro do valor investido no Carnaval.

A questão está em como aliar patrocínio e samba. Cantar “Salve o Bômbri! aí, gente!” seria ridículo. O que vale é bom senso: é preciso trabalhar com um contexto. Lata de leite, sabão em pó, o que não tiver uma história por trás não vira enredo. Com criatividade e pertinência, o Carnaval continuará um espetáculo saudável, sem perder a sua essência. ☺

“Há 20 anos o Carnaval era quase 100% pago com recursos ‘não declarados’. De lá para cá, o espetáculo se profissionalizou. Sem patrocínio, corremos o risco de voltar ao dinheiro de fonte duvidosa.”

Edição – 2012.2

Texto III

Chegou a hora das empreguetes

As trabalhadoras domésticas estão mais instruídas, bem remuneradas e seletivas quanto aos patrões. É o que dizem agências de empregos que atendem a categoria.

Bruno Peres/CB/D.A Press

O perfil dos trabalhadores domésticos no Brasil está mudando. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esses profissionais somam 6,9 milhões, entre 16 e 64 anos, dos quais cerca de 93% são mulheres. Mais instruídas — 24,5% têm pelo menos o Ensino Médio completo — e bem remuneradas, as atuais empregadas veem a ocupação com outros olhos.

As domésticas também estão mais seletivas quanto aos patrões. Hoje, na Casa&Café, agência de São Paulo dirigida por Daniele Kuipers, o mais frequente é o seguinte: a trabalhadora analisa se a residência fica muito longe de onde mora, se o perfil dos patrões se encaixa com o dela e se existem fatores complicadores na rotina da casa, como animais de estimação. Há 10 anos, quase ninguém acreditaria na cena acima. “Há uma escassez dessas profissionais nas grandes cidades, isso não é só uma impressão”, afirma Daniele. Quanto mais raras, mais bem pagas. “As pessoas procuram e não encontram. Por isso, a remuneração fica mais alta.” Segundo Daniele, na Casa&Café, os salários anunciados giram em torno de R\$ 800 a R\$ 1,8 mil.

Questão social

Quando o motivo da falta de trabalhadoras não é salarial, o que pesa é o lado social. Mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), Jefferson Belarmino conduziu um estudo com 10 empregadas domésticas na Grande São Paulo, além de duas empregadoras. Belarmino acredita em uma mudança de cenário. “Essa mulher, que sempre

contribuiu para a economia, mas era esquecida, sai do papel de figurante e caminha para ser considerada profissional.”

A presidente do Sindicato das Empregadas e Trabalhadores Domésticos da Grande São Paulo (Sindoméstica), Eliana Gomes, acredita que a valorização da profissional começou. “Quando entrei para o sindicato, era muito comum que as trabalhadoras não quisessem o nome ‘empregada doméstica’ escrito na Carteira de Trabalho. Hoje não é mais assim.” Eliana garante que a mudança no perfil é perceptível. “Elas estudam e têm conhecimentos de informática. Além disso, se mostram bem informadas e sabem que estão em falta no mercado.”

A administradora Marília Atti Verdejo sabe como o mercado do trabalho doméstico está aquecido. Após seis anos seguidos com a mesma funcionária em casa, ela se viu em uma verdadeira maratona para conseguir uma substituta. Foram sete mulheres em seis meses. “Como a oferta de profissionais diminuiu, o mercado está inflacionado. Quando encontro uma empregada muito boa, logo ela recebe uma proposta melhor”, diz Marília. Mãe de duas crianças, ela precisa contar com o apoio de duas funcionárias e não consegue bancar salários mais altos do que os R\$ 900 que paga atualmente. Contratou a atual empregada doméstica sob condição de flexibilizar o horário — ela trabalha de segunda a sexta, das 8h às 15h30.

CORREIO BRAZILIENSE. Disponível em: <http://noticias.admte-se.com.br>. Acesso em: 6 jul. 2012 (adaptado).

Edição – 2012.2

Texto IV

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

"Esse veículo tão maravilhoso quanto desastroso vai morrer no século 21!"

• COLUNA: Affonso Romano de Sant'Anna • TÍTULO: A morte do automóvel • QUADRO: Fernando Brand • QUADRO: FORT, Marcos Calazanti • TEXTO: FORT, Arnaldo Vilas • TABELA: Cyro Siqueira • TÍTULO: Affonso Romano de Sant'Anna

A morte do automóvel

Eu poderia começar narrando que outro dia peguei meu carro para ir a um evento e fui rodando, rodando, até que no meio do caminho me dei conta de que havia cometido um erro fatal: não deveria ter ido no meu carro, deveria ter pegado um táxi, pois não ia achar estacionamento.

Já que estava a caminho, continuei, cheguei ao lugar do compromisso, e, como previa, não havia jeito de estacionar. Fui olhando as ruas em torno, e nada. Acabei voltando para minha casa, botei o carro na garagem, peguei um táxi e fui ao compromisso.

Mas posso começar esta crônica de outro modo, dizendo: minhas amadas irmãs, meus amados irmãos! Tive uma visão! Como São João na Ilha de Patmos, vi o Apocalipse! Eu vi a morte do automóvel! Esse veículo tão maravilhoso quanto desastroso vai morrer no século 21!

Quando Henry Ford descobriu a linha de montagem e começou a produzir carros em série, foi uma revolução. O indivíduo se afirmava, cada um poderia ter a sua máquina. Isso foi (perversamente) estupendo.

O que veio depois é que se transformou num beco sem saída: qualquer cidade de tamanho médio conhece os desesperadores conges-

tionamentos. Ficamos duas, três, quatro horas presos dentro dos carros.

Aí a engenharia de trânsito entra em cena: mudam a mão das ruas, criam pistas só para ônibus e táxis, inventam metrô subterrâneos e de superfície.

Lamento informar que não adiantará. A quantidade de carros jogados nas ruas é maior do que nossa capacidade de abrir ruas, metrô, etc.

O que fazer, já que a indústria automobilística gera (e degenera) centenas de produtos e move a sociedade de consumo?

Na verdade, lhes digo: tudo é provisório. Nossas cidades ainda estão cheias de estátuas de generais a cavalo. Mas os generais não andam mais a cavalo como antigamente, não são eles que comandam o mundo, são os industriais que comandam e estão a cavaleiro dos generais.

Outro dia, vi o engenheiro italiano que inventou o carro que vira helicóptero: cria asas, mas precisa de uma pista de 50 metros para decolar. Portanto, no engarrafamento não funciona. E as ambulâncias continuam buzinando atrás da gente para poderem passar.

Pois lhe afianço: o automóvel

chegou ao fim da própria estrada. O desenvolvimento o liquidou. A solução será criada. Qual, não sei! Transporte coletivo? Qual? Redesenho das cidades? Não sei. Mas o automóvel está morto e não sabe. É um veículo individualista, poluidor e se prolifera como barata.

Poderia propor aqui, como naquele filme *Um dia de fúria*, que todos colocassem fogo nos seus carros ou os deixassem apodrecer nas garagens. Mas não devo fazer isso. Temo que um dia haverá engarrafamento tão amplo e total que todos os habitantes das cidades, encurralados, sem poder sair para frente ou para trás, sem poder se alimentar ou beber água, apodrecerão com seus veículos nas artérias enfartadas de nossas imensas e macabras cidades.

ESTADO DE MINAS, 17 jun. 2012 (adaptado).

Edição – 2013.1

Texto III

Bolinhos dos sonhos

Dona do botequim Chico & Alaíde prepara livro com suas receitas de quitutes



Alaíde, em seu botequim: "Uma voz conta como fazer os salgadinhos enquanto durmo"

Muitos escritores, publicitários e poetas costumam manter um bloquinho na mesa de cabeceira para anotar ideias que surgem em meio aos sonhos. Alaíde Carneiro não é nenhuma das três coisas, mas cultiva o mesmo hábito. Cozinheira e proprietária do botequim Chico & Alaíde, no Leblon, ela costuma rabiscar combinações de ingredientes que lhe vêm à cabeça enquanto dorme. Ela jura que foi assim que criou todos os quitutes servidos no seu bar, aberto em sociedade com o ex-garçom Francisco das Chagas Gomes Filho, o Chico, em 2009. "Vejo o salgado pronto e uma voz me fala como devo

fazer. Quando acordo, anoto de olho fechado. Se abrir, esqueço tudo", conta. Recentemente, Alaíde começou a revolver as cadernetas que manteve ao lado da cama. A ideia é lançar um livro de receitas, a ser publicado pela editora MonteCastelo Ideias, em que promete revelar os segredos de suas iguarias, digamos, psicografadas. "Penso nisso há tempos. Os clientes vivem me perguntando sobre meus salgados", explica.

À parte seus métodos pouco ortodoxos, Alaíde tornou-se uma celebridade entre os boêmios cariocas. Sua fama começou quando ainda trabalhava no Bracarense, tradicionalíssimo boteco do Leblon, frequentado por artistas e políticos. Por 24 anos, pilotou as frigideiras da casa, até decidir abrir seu próprio negócio, em parceria com Chico, que era garçom no mesmo bar. Hoje, comanda uma equipe de dez pessoas e supervisiona pessoalmente o preparo de mais de quarenta tipos de salgado servidos no botequim. Todos os dias é a primeira a chegar. Antes das 7 horas já está na cozinha, e só sai de lá quando o bar fecha, perto da meia-noite. Ela faz questão de preparar sozinha a massa e o recheio dos bolinhos. Só a irmã, Patrícia, está autorizada a substituí-la, e, mesmo assim, apenas em situações de emergência. "Sempre deixo tudo pronto. Afinal, só eu sei fazer meu tempero", diz, sem falsa modéstia.

Nascida em Minas Gerais, Alaíde chegou ao Rio aos 13 anos — hoje tem 49, mas não gosta de falar no assunto. Um de seus primeiros empregos foi como arrumadeira na casa de uma professora de gastronomia que, para incrementar o orçamento doméstico, vendia tortas para restaurantes. Um mês depois, passou a ajudar a patroa no preparo dos doces. Sua vida mudou quando começou a sonhar com comidas. O primeiro bolinho sonhado ganhou seu próprio nome e leva aipim, camarão e queijo catupiry. De lá para cá, não parou mais de cozinhar e sonhar, reunindo hoje mais de dez cadernos com anotações. Quem provou sabe: são mesmo receitas de outro mundo.

ALESSANDRA MEDINA
VEJA, 24 ago. 2011.

Edição – 2013.1

Texto IV



VIAGEM A DOIS

SITE PREMIADO AJUDA A ORGANIZAR CARONAS ENTRE COLEGAS NO TRAJETO CASA TRABALHO

EDIÇÃO | Priscilla Santos

Boa parte dos automóveis que circulam em grandes centros urbanos brasileiros carrega poucos passageiros. Em São Paulo, por exemplo, 64% dos carros só levam o próprio motorista. Além de congestionar o trânsito, ainda polui o ar. Foi diante disso que o engenheiro especialista em logística Márcio Nigro, de São Paulo, criou o site Caronetas, eleito em junho pela Universidade de Michigan e pela Rockefeller Foundation como a melhor solução mundial de mobilidade urbana. A plataforma, voltada para empresas, ajuda a organizar caronas entre funcionários. Lançada em 2011 e atualmente com 293 mil usuários, é responsável por mais de 5 mil caronas diárias em 19 estados brasileiros.

A grande sacada é solucionar a questão da segurança, um dos maiores temores das pessoas ao oferecer ou aceitar caronas. Como o círculo é restrito à empresa, essa insegurança diminui. Hoje já são quase 2 mil corporações usando o sistema, que é gratuito. Primeiro, a companhia se cadastra e, então, seus funcionários fazem suas contas individuais no site. Ao preencher seu trajeto diário, a plataforma indica pessoas que fazem caminhos parecidos e as coloca em contato.

Outro atrativo é financeiro. A carona é cobrada, levando em conta gasto de combustível, pedágios e estacionamento. “O ideal é que motorista e passageiro definam um valor por viagem”, afirma Márcio. O pagamento pode ser feito diretamente a quem

oferece a carona. Mas uma das novidades da plataforma é um sistema de créditos pré-pagos, que facilita a falta de troco, por exemplo. Quem pega carona pode transferir parte de seus créditos virtualmente para quem dirige. Ao compartilhar o custo dos trajetos, o motorista pode economizar entre R\$ 3.500 e R\$ 7 mil ao ano.

Além de se economizar dinheiro e a natureza, as caronas podem ser uma maneira de voltarmos a respirar aliviados, como já fizemos um dia. “Se os proprietários dos 5 milhões de carros de São Paulo transportarem mais uma pessoa, tiraríamos 2,5 milhões de veículos das ruas, um cenário parecido ao de 20 anos atrás”. ■ Vanessa Vieira

20 AGOSTO • 2012

Revista Galileu, ago. 2012.

Edição – 2013.2

Texto III

TURISMO DE INCLUSÃO

Agências investem em viagens para deficientes físicos que incluem rafting e rapel e até guias preparados para carregá-los no colo

Claudia Jordão

Ricardo Shimosakai sempre foi do tipo que adorava fazer as malas e se aventurar pelo mundo. Mas, aos 24 anos, ficou paraplégico. Preso numa cadeira de rodas, encontrou forças para superar as suas limitações físicas exatamente no prazer de viajar. Hoje, quase 20 anos depois do acidente, é o nome brasileiro à frente de um movimento internacional para inclusão de deficientes físicos no turismo. Cada vez mais, governos, organizações não governamentais e órgãos do setor se preocupam em tornar hotéis, restaurantes, meios de transportes, guias locais e cidades inteiras mais bem preparados para receber esse público. Shimosakai é o diretor da Turismo Adaptado, uma empresa que monta e vende pacotes de viagem para deficientes, que vão desde passeios convencionais até experiências de ecoturismo e esportes de aventura, além de oferecer consultoria e treinamento para profissionais da área. "Ao montar as minhas viagens, depois de ser recusado numa agência convencional por causa da minha deficiência, notei um interesse de pessoas nessa situação, e percebi que isso poderia ser uma oportunidade de trabalho", diz o empresário, que desde o acidente já visitou dez países e se aventurou em atividades como salto de paraquedas, rafting e rapel.



DESBRAVADORES
Shimosakai em canoa em Itacaré (BA), e Adriana, carregada de liteira, na Chapada Diamantina (BA)



Parte dos deficientes não quer apenas conhecer destinos convencionais com hospedagem, transporte e atrações preparados para recebê-los. Desejam também alcançar lugares de difícil acesso e pouca infraestrutura, até mesmo para quem possui plenos movimentos corporais. Isso quer dizer que, além de visitar cidades como Paris, Londres e Nova York – as mais adaptadas do mundo – a ideia é que este viajante possa conhecer lugares mais selvagens, como Fernando de Noronha, no Brasil, ou sítios arqueológicos, como Machu Picchu, no Peru. Entusiastas do movimento do turismo adaptado explicam que não sonham com rampas de acesso em trilhas selvagens ou patrimônios da humani-

dade, mas desejam melhores condições para alcançar esses locais. "Não podemos descharacterizar a região, ainda mais quando é um destino ecoturístico", diz Adriana Braun, 34 anos, cadeirante desde os 15, autora do guia virtual para deficientes físicos "O Viajante Especial", que agora começa a organizar viagens para o público.

Quando trabalhava numa agência de ecoturismo, Adriana treinou guias para lidar com os cadeirantes. "Muitas vezes o deficiente precisa ser carregado por que não há como a cadeira de rodas passar", diz ela, que já foi levada no colo, de cavalo e de liteira. "É importante que guias locais estejam treinados para transferi-lo de sua cadeira para barcos ou canoas, ou para transportá-lo num terreno cheio de obstáculos." Shimosakai e Adriana chegaram a locais como Machu Picchu e Chapada Diamantina (BA), respectivamente, com ajuda humana, por exemplo. "Pode-se dizer que, no ecoturismo, o homem tem de se adaptar ao meio, inclusive a pessoa com deficiência", diz o empresário. A adaptação também é necessária na prática de esportes radicais. Ao saltar de paraquedas, por exemplo, Shimosakai precisou que suas pernas fossem amarradas para evitar distensões musculares. São pequenos ajustes que tornam sonhos realidade.

Viagens Possíveis

Destinos acessíveis Quando a geografia e a arquitetura local facilitam a viagem de deficientes. Ex.: Borlito (MS), por causa de suas trilhas largas, e praia do forte (BA), onde a vila é toda plana.	Destinos adaptados São as grandes cidades, como Nova York e Paris, que têm arquitetura, hospedagem e transporte pensados para esse público. E destinos naturais ou tombados, que não podem ser descaracterizados, mas têm guias treinados para transportar o deficiente, como Machu Picchu, no Peru.
--	---

Edição – 2013.2

Texto IV

Morar Sozinho

Revista IstoÉ.com

Sozinho em um apartamento. Assim viverá grande parcela da população mundial nas próximas décadas, de acordo com os analistas de tendências. A largada foi dada pelos países mais ricos, em especial os localizados na península escandinava. Ali estão os três com mais moradores avulsos do mundo: Noruega, Finlândia e Dinamarca – em todos, mais de um terço das casas tem um só habitante. No Brasil, o fenômeno ainda desponta, mas com bastante vigor. Entre o censo de 2000 e o de 2010, o número total de moradias com um só habitante subiu 41%. Hoje são cerca de sete milhões de casas de sozinhos. A equação que explica o fenômeno, seja aqui, seja na Noruega, tem em sua base três fatores comuns. “São eles a estabilidade econômica, a independência feminina e a revolução da comunicação”, disse à ISTOÉ Eric Klinenberg, pesquisador da Universidade de Nova York e autor do livro “Vivendo Sozinho” (tradução livre, Editora Penguin, 2012). Nesse somatório, explica Klinenberg, cada elemento influencia a seu modo. O dinheiro é fundamental para pagar os custos, que são maiores. A independência feminina permitiu às mulheres bancar um estilo de vida independente, tornando-as parcela significativa dessa população. E os meios de comunicação facilitam a convivência, evitando que os sozinhos se tornem solitários.

Solidão, inclusive, não é boa palavra para definir essa nova geração de quem mora só. O que se vê nesses lares nem de

longe lembra a imagem estigmatizada da excêntrica tia solteirona sem amigos e cheia de gatos. “Moro só por opção e nem bicho de estimação tenho, pois passo quase o dia todo fora”, diz o engenheiro Frederico Lainer, 30 anos, que vive em um espaçoso quarto e sala na Cidade Baixa, bairro tradicional de Porto Alegre. Lainer resolveu assumir a casa por sua conta e risco após um período de vida em comum com uma namorada. Hoje engrossa a lista dos sozinhos de Porto Alegre, capital brasileira líder no ranking de gente que vive só. Por lá, 21,4% das residências abriga um único morador, índice bem acima da média do País, que é de 12,2%. Mas quem imagina que morar só é coisa de jovem, se engana. Os maiores de 60 anos representam 42% das casas de um único habitante no Brasil. “O fenômeno ocorre atrelado ao envelhecimento da população”, afirma a pesquisadora do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) Ana Lúcia Sabóia. Mais velhos, com boa saúde e estabilidade financeira, os idosos têm optado por seguir a vida em suas próprias casas, bancando as despesas.

Enquanto cada vez mais gente opta por um estilo de vida sozinho (apenas nos Estados Unidos, 36% de sua população estará morando só até 2020), teóricos começam a discutir outra faceta desse fenômeno: sua sustentabilidade. “A quantidade de alimento que se compra é grande, então se perde muito, sem contar os gastos fixos, como eletricidade, que não são divididos”, afirma o professor Samy Dana, da Escola de Economia da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo. Todo esse consumo concentrado

em uma só pessoa tem feito vários pesquisadores rotularem esse estilo de vida como insustentável em larga escala. O próprio Dana, porém, faz a defesa de quem mora só e diz que há necessidade de se estudar melhor o tema. “Se por um lado se gasta mais eletricidade, de outro se economiza combustível, porque a maior parte das residências dos sozinhos está nas regiões centrais, então se gasta menos com deslocamento.”

Disponível em: www.isto.com.br
Acesso em: 8 jul. 2013.

Jornal O Globo

Solidão pode causar mais males à saúde que obesidade e tabagismo

Roberta Jansen
Publicado: 26/03/11 - 0h00.

RIO – A solidão, aquela sensação ruim de ser incompreendido, de não poder contar com ninguém, de estar sozinho no mundo, pode causar mais males à saúde do que a obesidade e o tabagismo, tradicionalmente ligados a problemas cardíacos e cânceres, entre diversos outros problemas. Mas, enquanto os dois últimos são fatores de risco muito bem estabelecidos do ponto de vista médico e aceitos pela sociedade, o isolamento social raramente é analisado, num contexto mais amplo, como potencial detonador de doenças.

Disponível em: www.oglobo.globo.com
Acesso em: 8 jul. 2013.

Edição – 2014.1

Texto III



BAGAGEM VALIOSA
No sol e calor do
bairro de Porto Alegre,
Alves semina cultura

O morro e as malas

Se os leitores não visitam as bibliotecas,
que tal levar os livros até a casa deles?

BEATRIZ VICHESSI, de Porto Alegre, RS bvichessi@abril.com.br

Encontrar um morador do Morro da Cruz, em Porto Alegre, com destino ao aeroporto e à rodoviária não é, definitivamente, algo comum. A região é um dos pontos carentes da capital gaúcha, o que faz com que boa parte de seus habitantes nunca viaje – e conheça apenas as redondezas e, ainda por cima, a pé.

Apesar disso, ver pessoas puxando malas para cima e para baixo é corriqueiro. Em vez de roupas, calçados e outros objetos essenciais para viajantes, elas carregam livros, levados de casa em casa pelos funcionários da biblioteca comunitária Ilê Ará. “Visitar as residências foi o melhor tipo de comunicação para conquistar leitores e divulgar os eventos que realizamos, como os cafês literários. Dá muito mais resultado do que distribuir

panfletos”, explica Maurício Alves, 22 anos, funcionário da biblioteca.

A ideia faz todo sentido: além de os moradores não terem o hábito da leitura, a geografia da área não facilita. Para chegar à biblioteca Ilê Ará, expressão da língua africana *lorubá* que significa “casa do povo”, é preciso fôlego. Ela fica no ponto mais alto do Morro da Cruz – que tem 120 metros de altura – e a subida é bastante íngreme. Debaixo do sol escaldante do meio-dia, percorrer o caminho desconexo, cheio de becos e ruas estreitas, é um grande desafio, que os funcionários tiram de letra – afinal, nasceram e cresceram no local.

No início, eles iam até a casa de conhecidos para facilitar a abordagem. Com o passar do tempo, ampliaram a

visitação para outros moradores. “O segredo é fazer mais que uma apresentação do trabalho que realizamos. É conhecer as pessoas e não ter a vergonha de conversar sobre a vida, perguntar o que gostamos de fazer. Um bom papo sempre cativa e abre portas”, fala Paulo Centurion, 22 anos, companheiro de Alves nas andanças pelo morro. Ele conta que até quem diz que não é muito fã de leitura acaba ficando com alguns livros. “Por isso, é importante recheiar as malas com muita variedade e não se deixar vencer pelo primeiro ‘não’”, diz o rapaz. Com livros de receitas culinárias, ele já conquistou várias donas de casa, que agora também saboreiam as histórias escritas por autores consagrados, como Jorge Amado.

E quando a visita não rende empréstimo de jeito algum? Por que nada agrada? “A gente anota o pedido ou volta outro dia com novas ofertas”.

Hoje, muitos moradores sobem até o alto do morro para escolher o que querem ler, movimentando 1,2 mil empréstimos por mês. Cinco malas circulam na área, com parte dos 5 mil títulos de acervo. Às vezes, inclusive, saem da biblioteca carregadas por gente miúda como Gabriela Souza da Rosa, 11 anos.

Durante minha estada na cidade, lá estava ela, montando por conta própria uma das bagagens para sua família. “Já sei que meus pais e minha irmã gostam mais de romances, poesia, contos de fada e gibis. Então, venho aqui, monto uma mala e levo para casa”, diz.

A garota é filha de uma auxiliar de limpeza e de um varredor de rua. Por passarem o dia todo fora, os pais dela não conseguem ir à biblioteca. Olhando as estantes, Gabriela seleciona alguns volumes e vai organizando a mala. Enquanto alcanço uma das prateleiras mais altas para ajudá-la, tento – ainda que mentalmente – me livrar do clichê “ler é viajar sem sair do lugar”. Mas é inevitável. Na Ilê Ará, essa máxima é levada à risca.

QUER SABER MAIS?

Contato:
Biblioteca Comunitária Ilê Ará,
R. Santo Alfredo, 1249, 91520-550
Porto Alegre, RS. Tel. (51) 3318-3125

Edição – 2014.1

Texto IV

ZecaBaleiro

cantor e compositor

Última palavra

GPS

Entrei no taxi e falei o meu destino.

– Rua Araribóia, por favor.

– Araribóia? Espera um minuto!... – rebateu o homem.

Programou então o GPS e arrancou.

– Não precisa de GPS, amigo. Sei mais ou menos onde fica. Posso lhe orientar.

– Ah, não. Não saio mais de casa sem isto – declarou.

Resmunguei em silêncio. E lá se foi o taxista seguindo seu brinquedinho falante – “vire à esquerda”; “a 50 metros você vai virar à direita”; “daqui a 300 metros faça o retorno à esquerda”...

De repente, entre uma e outra prosa, vi ele se afastando da direção que eu julgava ser a correta.

– Amigo, acho que você está na direção contrária.

Tinha que ter entrado naquela rua à direita, melhor fazer o retorno na frente.

– Não, não, olha aqui – apontou pra geringonça, orgulhoso como ele só. É esse mesmo o caminho.

Cocetei a cabeça irritado. Embora eu não soubesse exatamente qual trajeto a seguir, sabia que aquele caminho que ele fazia era estupidamente mais longo e complexo.

Argumentei mais uma vez, já na iminência de explodir.

– Moço, desculpe, mas tenho quase certeza que você está fazendo um caminho muito mais longo do que devia.

– Não esquenta a cabeça não, companheiro. Tô aqui no GPS, ó. Não vou discutir com a tecnologia.

Sim, eu havia ouvido aquilo. E mais que uma frase de efeito de



Conheço pessoas que não se deslocam mais à esquina para comprar pão sem que façam uso de GPS, Google Maps e o escambau

um chofer de praça, aquilo era uma senha que explicava muita coisa, talvez explicasse até toda uma época. O sujeito deixava de lado sua inteligência (se é que a tinha), a experiência de anos perambulando a bordo do seu táxi pelas quebradas da cidade e o próprio poder de dedução para seguir uma engenhoca surda e cega – mas “tecnológica” – sem questioná-la, e sem que eu também pudesse fazê-lo.

Não quero parecer um dinossauro (embora por vezes eu inevitavelmente pareça), mas sempre defendi um uso inteligente, comedido e crítico dos apetrechos eletrônicos. Conheço pessoas que, por comodidade, condicionamento ou deslumbramento com o novo mundo cibernético, não se deslocam mais à esquina para comprar pão sem que façam uso de GPS, Google Maps e o escambau.

Tenho um sobrinho, um pensador irreverente de botequim, que gosta de dizer o seguinte:

– As rodas de bar ficaram muito chatas depois do iPhone. Ninguém mais pode ter dúvida alguma. Se alguém perguntar: “como é o nome daquele cantor que cantava aquela música?”; ou então: “quem era o centro-avante da seleção de 86?”, logo algum bobo alegre vai acessar a internet e buscar a resposta. E aí acabar com a graça, a mágica e o mistério... Não sobra assunto pro próximo encontro.

Outro amigo filósofo de padaria, tem uma tese/profecia tenebrosa sobre o uso sem critério dos tecnobreguetes: Diz ele:

– Num futuro próximo, as pessoas deixarão de ter memória. Para que lembrar, se tudo caberá num HD externo?

É. Faz bastante sentido a tese do meu amigo. Aliás, há tempos não o vejo, o... o... Como é mesmo o nome dele, gente? Anibal, não. Átila, não... É um nome assim meio histórico... Desculpem aí, vou ter que espiar na agenda do meu celular.

Disponível em: www.istoe.com.br. Acesso em: 24 fev. 2014.

Edição – 2014.2

Texto III

Conheça o mundo e ajude a mudá-lo

Para ser um "volunturista" e viajar pelo mundo prestando serviços sociais, é preciso coragem, adequação financeira e tempo disponível.

Texto e fotos por Carolina Bergler



Em 1980, o pesquisador, mergulhador e documentarista francês Jacques Cousteau precisava de ajudantes para expedições em alto-mar. Não dispunha de verba para contratações e abriu vagas para voluntários acompanharem suas viagens submarinas. Em troca, oferecia aventuras a bordo do *Calypso*. Trinta anos depois, a prática se profissionalizou e ganhou nome: "volunturismo".

Nessa forma especial de turismo, os princípios básicos são participação ativa do viajante, trabalho voluntário por causas sociais, humanitárias ou ambientais e ausência de motivação financeira. Quem decidir viajar nesses moldes, dependendo do esquema, paga não só pela passagem, mas também pela acomodação – que passa longe de mordomias de hotéis estrelados. O custo varia de acordo com o tempo de estadia,

o país visitado e o lugar de trabalho. Mas quem já se engajou na causa diz que cada centavo é válido.

"Quando você sente que está transformando não só a si mesmo, mas também impactando positivamente uma comunidade, esquece que houve troca monetária envolvida. No meu caso, quanto mais pobre o lugar, mais prazer eu tinha em pagar", diz a ex-empresária americana Della Meyers, de 56 anos, que, depois de trabalhar com animais como voluntária na Tailândia, África do Sul e Bali, vendeu uma livraria na França e se mudou para uma comunidade agrícola em Israel.

Para ser um "volunturista", além de coragem e adequação financeira, é necessário ter tempo suficiente para gastar na viagem. O período de permanência pode variar de duas semanas a um ano e meio, porém a esta-

dia mínima e a máxima dependem do acordo com a organização hospedeira. O perfil ideal de um volunturista requer proatividade, disposição, flexibilidade, responsabilidade e vontade de se envolver com atividades que não somam somente para o próprio prazer.

Em média, são cinco horas de trabalho por dia em cinco dias por semana. Antes de pegar o avião, é essencial saber exatamente a quantidade de tempo e a atividade para a qual o voluntário está se propondo. É importante também ler não só os guias de viagens do local de destino, mas se informar sobre a situação política e econômica e a cultura do lugar, para evitar gafes e não sofrer muito com o inevitável choque cultural.

Foi por meio da organização Help Exchange que Samantha Levy, arquiteta sul-africana radicada na Austrália, 27 anos, rodou o mundo. "O melhor e o pior de uma viagem como volunturista é a volta para casa. Percebi que há diversas maneiras de viver e expressar a existência e aquilo me mudou pra sempre. Não dava pra continuar vivendo do mesmo jeito", conta ela, que saiu de casa em março de 2011, para estudar design sustentável no deserto israelense, por cinco meses, e só voltou para Melbourne um ano depois, após passar por Portugal, Itália e França trabalhando como voluntária em comunidades agrícolas e ecovilas.

Já em casa, Samantha recusou a proposta de emprego no maior escritório de arquitetura da Austrália e voltou para a faculdade, dessa vez para estudar bioarquitetura, enquanto lança um site que "revela as verdades sobre nossos atuais sistemas urbanos e promove projetos que fornecem às pessoas novas alternativas para felicidade, saúde e riqueza social".

Edição – 2014.2

Texto IV



Philip Roth: "A cultura literária vai acabar em 20 anos"

O escritor americano afirma que a tecnologia deve acabar com o livro em papel e que a literatura tende a perder a influência na formação dos jovens

Por Luís Antônio Girão, de Nova York

O autor Philip Roth em Nova York, em 2010. Após 52 anos de carreira, ele continua um favorito na lista dos cotados para o Nobel de Literatura (Foto: Steve Pyle/Contrasto/Photos/Getty Images)

Aos 78 anos, 52 de carreira, ele é tido por críticos respeitados como o maior escritor vivo e figura há décadas na lista de possíveis ganhadores do Prêmio Nobel. É o único autor vivo a merecer a edição de suas obras na editora The Library of America, dedicada a escritores consagrados. Sob sua supervisão, o nono e último volume com os romances curtos deverá sair em 2013. Dele fará parte *Nêmesis*, seu 22º romance, recém-lançado no Brasil.

ÉPOCA – Não há nenhum computador nesta sala. O que o senhor pensa sobre os avanços tecnológicos como *tablets* e *e-readers*? Eles melhoram a compreensão do mundo?

Philip Roth – Não sou fanático por tecnologia. Tenho o mesmo telefone celular há anos e não pretendo trocá-lo. Escrevo em computador, como fiz antes com a máquina de escrever. É óbvio que as máquinas facilitam a finalização de um texto. Só que as coisas estão se transformando muito rapidamente para meu gosto. Não consigo achar graça em ler livros em formato eletrônico em *e-reader*. Outro dia passei em uma loja *Apple* com a forte disposição de comprar um *iPad*. Cheguei lá, vi tanta gente se acotovelando para ver como funcionava o aparelho e cheguei a testá-lo. Acabei desistindo. Não sei por que, mas o *iPad* não me convenceu, talvez porque pareça chato escrever nele, e ler nele é dispersivo. Quem vai conseguir ler um livro inteiro meu naquele *tablet*? É mais um totem do culto à tecnologia. Hoje, toda a cultura se encontra a nossa disposição. E isso me preocupa. A cultura literária como conhecemos vai acabar em 20 anos. Ela já está agonizando. Obras de ficção não despertam mais interesse dos jovens, e tenho a impressão de que não são mais lidas. Hoje, a atenção é voltada para o mais novo celular, o mais novo *tablet*. Daqui a poucas décadas, a relação do público e do escritor com a cultura será muito diferente. Não sei como será, mas os livros em papel vão acabar. Surgirá outro tipo de literatura, com recursos audiovisuais e o que mais inventarem.

Disponível em: <http://www.epoca.globo.com>. Acesso em: 30 set. 2011.



O Futuro do Livro: Robert Darnton

Por Daniel Kossmann Ferraz

"Mas as pessoas dizem que o futuro é digital. Claro que é digital. O presente também é digital."

Quando o assunto é a especulação a respeito do futuro do livro, é difícil não ouvir aquela já batida pergunta: "o livro digital vai matar o livro físico?". Mas por que um deve necessariamente aniquilar o outro? Não seria possível haver uma coexistência? Robert Darnton, historiador e diretor da biblioteca de Harvard, a maior biblioteca universitária do mundo, não só defende a ideia de que os dois podem coexistir, mas que são complementares, que um reforça o outro.

Darnton não é só conhecido como um grande historiador norte-americano, mas também como um dos pioneiros na área da história do livro. Um de seus livros, *A Questão dos Livros – passado, presente e futuro* (*The Case for Books*, 2010), traduzido por Daniel Pellizzari e lançado pela Companhia da Letras, aborda justamente este questionamento a respeito do futuro dos livros.

Mesmo com o barulho em torno dos livros digitais, sabemos que eles vão conviver um bom tempo com os livros em papel. Quais as principais questões que ainda não mereceram a devida atenção quando se fala nisso?

Darnton – Tenho sido convidado para tantas conferências sobre a morte do livro que acredito que o livro está muito mais vivo. Tenho algumas estatísticas sobre a produção de livros: a produção de livros impressos aumenta a cada ano e, em breve, teremos 1 milhão de títulos novos a cada ano. Sei que no Brasil o mercado editorial está florescendo. Portanto, a ideia de que o livro morreu me parece absurda. Contudo, levo a sério o fato de que livros eletrônicos são a onda do futuro. E como conduzir essa transição de um mundo onde o livro impresso é dominante para um futuro onde os livros digitais dominarão? Estamos passando por um tipo de fase de transição onde ambos vão conviver. E isso, para mim, é o momento mais excitante e interessante, porque podemos trabalhar em novos tipos de livros, depois de repensar a noção do que é um livro. Como escritor, acho que eles são complementares, e não contraditórios.

Se você analisar a História da Comunicação, descobrirá que uma mídia não toma o lugar de outra, elas vivem num tipo de co-habitação, que é mutuamente benéfica. Aprendemos que, no tempo de Gutenberg, apesar de sabermos que a impressão foi uma tremenda nova força, os livros manuscritos, que tinham uma tradição de 100, 200 cópias, permaneceram. Ambos reforçaram um ao outro, por serem incomparáveis. E agora temos isso novamente, com o livro impresso e eletrônico a se reforçarem.

Disponível em: <http://www.epoca.globo.com>. Acesso em: 7 jul. 2011.

Edição – 2015.1

Texto III

OS ELETROSSENSÍVEIS

Conheça os eletrossensíveis, pessoas que adoecem quando expostas à radiação eletromagnética.

30 de Agosto de 2014

Mônica Tarantino

As informações que você lerá a seguir tratam da condição de pessoas eletrossensíveis (EHS é a sigla em inglês para designá-los) aos efeitos das ondas eletromagnéticas emitidas por torres de transmissão elétrica, antenas de televisão, celulares e Wi-Fi. Há diversas organizações voltadas para o reconhecimento dessa condição como uma doença e para garantir a criação de locais limpos de ondas eletromagnéticas, as chamadas zonas brancas, para abrigar quem se descobre atingido pela EHS.

Em geral, as pessoas afetadas precisam deixar suas casas e recolher-se por algum tempo em áreas preservadas de ondas eletromagnéticas para se "desintoxicarem" dos efeitos da exposição. Você pode imaginar professores de tecnologia da informação, neurologistas, sociólogos e crianças deixando as cidades para viver em cavernas ou em vilas e abrigos projetados para bloquear ondas eletromagnéticas? Pois eles são cada vez mais numerosos. Quando expostos a campos de radiação eletromagnética, apresentam sintomas como dores de cabeça e no corpo, fadiga, estresse, distúrbios do sono. Seja qual for a sua causa, os sintomas de EHS são reais e, por vezes, incapacitantes.

No mundo, portadores de EHS se mobilizam para que a condição seja declarada uma doença. Na semana passada, muitos se reuniram em uma zona criada para eles na região de Saint-Julien-En-Beauchene, nos Alpes franceses. É uma área livre de antenas de telefonia e distante de linhas de transmissão de energia elétrica. Até aparelhos eletrodomésticos são evitados e as pessoas deixam o celular na entrada.

Na Suécia, a hipersensibilidade elétrica é reconhecida como um comprometimento funcional. "Exis-

tem cerca de 250 mil suecos com essa deficiência", disse à ISTOÉ o cientista Olle Johansson, do Instituto Karolinska, em Estocolmo. "Essas pessoas merecem respeito e tratamento. Jamais discriminação", diz. Lá, a associação para hipersensíveis recebe subsídio governamental. Na Espanha, Alemanha e EUA o problema é classificado como deficiência. No Brasil, pesquisas são feitas na Universidade Federal de Minas Gerais.

Na América Latina, um caso grave é o do psiquiatra e neurologista colombiano Carlos Sosa. "Fui diagnosticado em 2006 e precisei mudar radicalmente de vida", disse à ISTOÉ. Aos 47 anos, vive sozinho nos arredores de Medellín em uma casa na qual possui algo que chama de gaiola de Faraday, para se proteger das ondas eletromagnéticas. Sosa suporta cerca de 20 minutos de conversa pelo telefone ou computador até que apareçam sintomas como dores de cabeça e náusea. Em 2006, saiu de sua casa porque percebeu que a origem do mal-estar intenso que sentia havia três anos era a proximidade com uma antena de micro-ondas/Internet e Wi-Fi (sem fios). "Precisei me mudar quando a cidade em que vivia foi inundada por cerca de quatro mil antenas", contou. O agravamento dos sintomas o levou a parar de trabalhar, lançando-o em uma vida de dificuldades financeiras. Ele não tem ajuda alguma. "Mas os estudos provarão que essas ondas são tão perigosas para a saúde como o tabaco e o amianto", acredita. Para o cientista sueco Johansson, as ondas eletromagnéticas não são inócuas como muitos defendem. "Precisamos investigar em profundidade os efeitos desse novo fenômeno que se expande tão rapidamente pelo mundo por meio de dispositivos móveis."

Disponível em: www.istoé.com.br. Acesso em: 10 nov. 2014.

Edição – 2015.1

Texto IV

Pais do LAR

Aos poucos, os parques infantis, as reuniões escolares e os consultórios pediátricos conhecem um novo frequentador: o homem que fica em casa para criar os filhos

Todo dia ele faz tudo igual: prepara o café da manhã, leva e busca na escola a filha Alice, 3 anos, dá banho na menina e, enquanto a mulher, Lúcia Farias, 32 anos, está no trabalho, prepara o jantar. Pilotar fogão, trocar fralda, contar história para a filha dormir, nada disso parece estranho ou incômodo ao fotógrafo gaúcho Ricardo Toscani, 32 anos, que cumpre sem fazer cara feia todas essas atividades, que no passado eram delegadas à mãe. "Não existe barato melhor que buscar seu filho depois da aula", diz. Na casa dele e da mulher é assim: papai fica em casa enquanto mamãe vai trabalhar. "Quando ele falou: 'depois dos quatro meses de licença maternidade, eu assumo', eu fiquei mais tranquila e topei a gravidez", conta Lúcia, que não pensava em ser mãe.

Configurações como essa ainda são pouco comuns no Brasil e causam certo estranhamento. Expressões como "mas homem não sabe trocar fralda" ou questionamentos como "seu marido não vai trabalhar nunca mais?" não raro são ouvidos pelas famílias onde existe "dono" de casa. Mas não se engane: esses homens são apenas os primeiros de um novo modelo de pai que está em gestação, resultado direto da busca por igualdade entre os sexos. E se aqui ainda são raros, o mesmo não ocorre em outras partes do mundo. Na Suécia, por exemplo, ficar em casa é um direito adquirido pelo pai, que pode dividir, do modo como quiser, os 480 dias de licença dados ao casal – desde que no mínimo 60 dias sejam para o homem.



DEDICAÇÃO EXCLUSIVA
Ricardo Toscani cuida da filha, Alice, 3 anos, enquanto a mulher trabalha

"Para o meu avô, o mais importante era ganhar dinheiro para sustentar a família", disse à ISTOÉ o jornalista americano Jeremy Smith, que trocou o emprego pelo filho Liko quando ele tinha um ano de vida. "Dos pais do século XXI, é esperado que eles ajudem com as tarefas domésticas e no cuidado emocional e psicológico dos filhos, não ficando mais só por conta de sustentar financeiramente a casa", diz. Escolado na arte de cuidar do rebento, Smith garante que, embora não sejam muitos os homens como ele, nunca se sentiu solitário nos Estados Unidos. "É comum encontrar outros pais com seus filhos pelos parquinhos aqui na cidade de São Francisco. Somos uma minoria, mas estamos aí", declara.

Mesma constatação é feita nas clínicas pediátricas. "Cada vez mais vejo homens sozinhos com a criança no meu consultório", diz o pediatra Marcelo Reibscheld, do Hospital São Luiz, em São Paulo, que garante que os pais são tão bons cuidadores quanto as mães. Defensores dos pais do lar também têm se proliferado entre os cientistas. Um deles, o psiquiatra americano Kyle Pruett, da Universidade de Yale, defende que a tendência masculina de desenvolver brincadeiras físicas com as crianças ajuda em muito no desenvolvimento e a presença paterna na infância forma adolescentes mais seguros sobre sua sexualidade.

Basta, portanto, encarar o desafio de peito aberto para o papai descobrir que é um grande mito aquele papo de que homem não "leva jeito" com criança. "Claro que tem umas coisas que dão muito desespero", admite o jornalista paulista Ricardo Brandt, 36 anos, pai das bebês gêmeas Beatriz e Helena. Ele não se esquece das primeiras cólicas das filhas e das crises de choro noturnas sem nenhuma razão aparente. "Cansa a gente muito, mas não existe coisa mais gratificante que ver o sorriso delas", diz o pai, autor do blog O Papai, as Gêmeas e a Mamãe. Ter de inventar uma solução para ficar com os filhos, como fizeram Brandt e Toscani, é comum no Brasil, uma vez que a licença-paternidade prevista em lei é de apenas cinco dias. "Ainda estamos bem atrasados, vai demorar para a Constituição absorver essa mudança que já está acontecendo na sociedade", considera o assessor legislativo da Sociedade Brasileira de Pediatria, Dioclécio Campos Júnior. Mas, tudo indica, é uma questão de tempo.

Revista ISTOÉ, Ed. Três: São Paulo, 15 ago. 2012



Edição – 2015.2

Texto III



Cozinheira faz iguarias com o que ia pro lixo

Cascas, talos e folhas. Os alimentos podem e devem ser aproveitados de forma integral. É o que ensina a cozinheira Regina Tchelly, 32 anos, ex-empregada doméstica que criou o projeto Favela Orgânica nas comunidades da Babilônia e do Chapéu Mangueira, na zona sul do Rio.

Nascida na Paraíba, ela cresceu vendo a mãe aproveitar integralmente tudo o que ia para a cozinha. Já no Rio, a partir de 2001, revoltou-se ao se deparar com o desperdício nas feiras livres. Passou a encher a sacola com o que era considerado resto e soltou a imaginação para dar fins para toda aquela comida. Assim surgiram brigadeiros com casca de banana, pão de casca de abóbora, pastas de talo de agrião. Todos deliciosos, baratos e de alto valor nutricional.

Em 2011, Regina juntou 140 reais e criou o Favela Orgânica. Sua disposição, talento e carisma fizeram o projeto decolar. Ensinou as vizinhas, depois a comunidade inteira, outras favelas do Rio e, quando se deu conta, estava dando oficinas em outros estados e até em outros países. “No total, já dei oficinas para mais de duas mil pessoas”, conta, com alegria.

A paraibana criou mais de 450 pratos — todos sem nenhum tipo de carne. Hoje, a maior dificuldade que enfrenta é não ter um espaço mais adequado para tocar o projeto, que também oferece bufê de gastronomia alternativa para eventos e promove capacitação para profissionais da alimentação. Tudo é feito a partir de sua casa, na Babilônia.

Mesmo assim, Regina segue confiante, com sorriso fácil e disposição para trabalhar. “Tudo o que é feito com amor dá certo”, garante.

SAIBA MAIS Site do projeto: www.favelaorganica.com.

Almanaque Brasil de Cultura Popular, dez. 2013 (adaptado).

Edição – 2015.2

Texto IV

Azulejos valiosos

Quatro casarões do século XIX são alvo de roubos e depredações em Belém.

A capital paraense já foi considerada uma das cidades brasileiras com maior variedade de azulejos, que coloriam as fachadas e o interior de residências. Boa parte deles foi importada da Europa, principalmente na virada do século XIX para o XX, auge da produção de borracha. Da década de 1970 para cá, no entanto, mais de 50% dos azulejos se perderam. Este ano, a situação parece ter se agravado. Desde fevereiro, pelo menos quatro casarões foram alvo de vandalismo. O assunto vem se espalhando pela capital paraense, e há quem suspeite de encomenda de roubos.

Uma das construções depredadas é o Palacete Vitor Maria da Silva, batizado com o nome de seu antigo dono, inspetor de obras do estado do Pará no governo Augusto montenegro (1901-1909).

Os azulejos foram encontrados dias depois, em cacos, e estão no Laboratório de Conservação e Restauração da UFPA (Lacore): “Recebemos aqui no laboratório mais de 1.000 fragmentos de azulejos e estamos montando o quebra-cabeça para ver a que painéis pertencem. Vamos limpar e organizar o material até o fim de junho. Só depois será decidido o que pode ser restaurado ou refeito”, explica Thais Sanjad, coordenadora do Lacore.

Há cerca de um ano, o Departamento do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural (Dphac) iniciou o processo de tombamento do casarão. Segundo a diretora Thais Toscano, o procedimento é demorado, por ser necessário documentar detalhes arquitetônicos e históricos da

construção. “No caso deste imóvel, os detalhes se tornam mais elaborados, dado o nível artístico dos painéis de azulejo. Mas o local já foi interditado”.

A proteção do palacete parece encaminhada, mas a situação na cidade causa preocupação, já que outros três casarões tiveram azulejos do século XIX furtados. “Foram roubos pontuais muito estranhos. O Palacete Vitor Maria da Silva tem um dos interiores mais bonitos da cidade, mas por fora é muito simples, não chama atenção. As pessoas que invadiram devem ter sido encarregadas de roubar azulejos. Ou então foi uma tentativa de desqualificação da propriedade, para que se possa fazer o que quiser com o patrimônio”, suspeita a arquiteta e urbanista Cláudia Nascimento. A superintendente do Iphan no Pará, Maria Dorotéia Lima, concorda: “Tudo indica que há um mercado de azulejos na cidade, até porque os exemplares fora das áreas tombadas não têm qualquer proteção, o que pretendemos fazer em breve”, disse. Enquanto as investigações não forem concluídas, os poucos exemplares de azulejos que ainda restam aumentam cada vez mais de valor.



Journal Em Dia, jun. 2012 (adaptado).

Edição – 2016.1

Texto III

Meu escritório é em casa



Auditor federal de controle externo do Tribunal de Contas da União (TCU) desde 2008, Felipe Tavares, 32 anos, não precisa sair de casa para trabalhar todos os dias. Ele aderiu à possibilidade de realizar a análise de processos a partir de um computador pessoal na própria residência no ano passado. Para cada demanda atribuída ao servidor, um prazo de entrega é estipulado. Quando termina o serviço, recebe nova quantidade de processos. “É uma opção minha. Eu costumava trabalhar no prédio do TCU, mas tenho muita dificuldade de concentração. Em uma sala com outras pessoas e telefone tocando, eu começava a render somente no fim da tarde e estendia o horário para dar conta de todo o trabalho. Em casa, tenho disciplina para não ceder a nenhuma distração”, justifica Felipe.

O tempo de expediente a distância é de até oito horas diárias, com intervalo para o almoço. “Não estar no departamento não

significa que estou no bem-bom, na beira da piscina. Estou trabalhando do mesmo jeito. As principais vantagens são a flexibilidade de poder trabalhar de onde eu estiver e o tempo que economizo no deslocamento”, afirma. O TCU contabiliza que cerca de 480 funcionários realizaram serviços de casa durante pelo menos um dia em 2014. Prazos e tarefas são definidos pelo gestor de cada área em acordo com o servidor. Quem trabalha de casa também precisa apresentar aumento na produtividade.

“No departamento há uma série de outras atividades que demandam tempo, como atender o telefone, participar de reuniões... Por isso, quem trabalha de casa tem esse acréscimo na produtividade”, explica o secretário de Gestão de Pessoas do órgão, Adriano Cesar Amorim. “Os processos são eletrônicos, então o mesmo controle que a chefia teria presencialmente, tem remotamente. É um sucesso, e não temos discursos internos contrários.”

Segundo estimativa da Sociedade Brasileira de Teletreabalho e Teleatividades (Sobrat), o *home office* é mais comum do que se pensa: cerca de 12 milhões de brasileiros trabalham a distância. “As pessoas trabalham de vários lugares: enquanto esperam um voo, de um café. O *home office* é predominantemente feito em casa, mas não é caracterizado somente por isso. A tecnologia permite que serviços sejam realizados de quase qualquer lugar”, explica o presidente da Sobrat, Álvaro Mello. “Funciona para operações que não dependem de um lugar físico, como atendimento por telefone e atividades na Internet”, explica o consultor de carreira e sócio da Life Coaching, Silvio Celestino.

Segundo ele, o trabalho remoto é ainda uma alternativa para reduzir custos, já que a companhia economiza com a

manutenção de um espaço físico. “O empregador que passa por um momento de retração econômica pode começar a ver uma possibilidade nesse sistema. No entanto, antes de visar somente a redução de gastos, é preciso avaliar os recursos disponibilizados aos funcionários. Uma mesa ou uma cadeira que alguém utiliza para passar um tempo com os amigos na sala pode não ser adequada para executar um trabalho durante cinco horas consecutivas, o que pode gerar problemas de saúde e processos trabalhistas”, afirma.

Papel da firma

O funcionário que trabalha de casa não deixa de ser responsabilidade do empregador. “Quando uma pessoa é contratada no modelo *home office*, deve ter um contrato específico. Como ainda não temos legislação muito específica para isso, o documento não pode deixar brechas na área trabalhista”, explica a engenheira de segurança do trabalho Márcia Ramazzini.

“Todos os cuidados que a corporação tem com um funcionário comum, deve ter com um em *home office*. Por segurança, é necessário fiscalizar o local onde a pessoa vai trabalhar. O empregado deve ter um lugar exclusivo para isso, como um escritório. Se ele for fazer um trabalho administrativo, é preciso verificar o mobiliário para saber se há risco ergonômico. Além disso, o colaborador deve passar por exames admissionais periódicos”, atesta a engenheira.

A quantidade de horas na função também deve ser fiscalizada. “Há programas que controlam o número de digitações feitas por minuto e forçam que a pessoa faça uma pausa depois de determinado período”, exemplifica.

Disponível em: [Carreio Braziliense, 22.nrc.2015](http://carreio.braziliense.22.nrc.2015) (adaptado).

Edição – 2016.1

Texto IV

A ERA DA SOLIDÃO ACOMPANHADA

As inúmeras possibilidades de conexão digital representam uma estupenda conquista para a sociedade atual. Mas a ansia de estar on-line com tudo e, principalmente, com todos, o tempo inteiro, fez nascer um personagem: o cibersolitário.

Você já viu esta cena. Agora mesmo ela pode estar ocorrendo ao seu lado. Um casal, dois adolescentes, talvez uma criança dividem uma mesa num restaurante. É razoável supor que a ideia de comer fora tenha surgido como um programa — com o perdão da redundância — familiar. E, no entanto, o que se vê é cada um entretido com o seu smartphone, alheio aos vizinhos de cadeira — os dedos dos mais novos movimentando-se com destreza de pianista, os dos mais velhos sem tanta agilidade, é fato, e nem por isso menos ansiosos. Na tela do celular, um desfile infundável de fotos, vídeos, WhatsApp, Facebook, Twitter e Instagram. Ainda que os personagens e o ambiente sejam outros — namorados na fila da bilheteria do cinema, um grupo de amigos em um show, pais à espera dos filhos na saída da escola —, tal tipo de comportamento é cada vez mais frequente. Eles estão juntos, mas separados. Estão próximos, porém distantes. Estão acompanhados — mas sozinhos. São os cibersolitários.

Seria absolutamente descabido demonizar os avanços tecnológicos, sobretudo com o advento da Internet, e a revolução trazida por eles, em especial no quesito comunicação. Ao mesmo tempo, parece inegável haver um ponto a partir do qual as relações virtuais passam a andar na mão oposta à de suas principais conquistas — mimando os relacionamentos pessoais “reais”.

Até pouco tempo atrás, a psicóloga e socióloga Sherry Turkle era uma incontestada entusiasta do mundo digital. Durante seus estudos sobre o tema, porém, passou a identificar alguns incômodos exageros no mergulho no universo virtual. Isso a levou a rever sua posição, sem deixar de reconhecer os benefícios de viver na Idade da Web. De acordo com a especialista, o argumento mais usado por aqueles que preferem se comunicar quase que exclusivamente por meio de ferramentas digitais é a



possibilidade de controlar cada palavra da conversa e, dessa forma, eliminar qualquer perspectiva de ser surpreendido — para o bem e para o mal.

“É inegável que as pessoas estão deixando as relações reais de lado”, diz Christian Gebara, vice-presidente executivo de marketing e vendas da Telefônica Vivo. Em discussões dentro da própria empresa, Gebara e sua equipe comentavam sobre o desconforto ao ver alguém dirigindo e teclando ao

mesmo tempo ou andando pela rua sem desgrudar o olhar da tela. Para o sociólogo e advogado Stefan Larsson, diretor do Instituto da Internet da Universidade de Lund, na Suécia, é normal que a sociedade leve tempo para se adaptar e definir bem as regras que vão orientar o novo comportamento tecnológico-conectivo. “A maneira como nos socializamos e nos comunicamos muda; no entanto, o que ocorre agora é mais uma alteração de formato, da voz para o texto”, diz Larsson. “Tendemos a acreditar que a voz seja algo mais natural porque estamos acostumados a esse tipo de comunicação. Nosso desafio é encontrar um balanço entre a conexão das telas e o ambiente externo”, complementa.

Se não há sujeito sem o outro, solidarizar-se com o próximo deveria ser algo incontornável para o homem. Para o psicólogo americano Stanley Milgram, a população urbana está constantemente sendo exposta a uma quantidade enorme de estímulos. E eles são tantos que é impossível ao ser humano processá-los de uma vez. Com isso, experimentamos a sobrecarga, e nos adaptamos a ela escolhendo a qual estímulo atender. Passamos a ignorar as pessoas ao redor simplesmente pela impossibilidade de dar atenção a todas elas. Exatamente como agimos no mundo conectado.

Disponível em: Revista Veja, 8 out. 2015 (adaptado).

Edição – 2016.2

Texto III

À procura de hortas em plena São Paulo



Até esta manhã, eram 25 hortas cadastradas, sendo 20 de caráter “educativo” – ou seja, comunitárias e escolares – e 5 “comerciais” – quer dizer, voltadas à produção e venda de alimentos. O que elas têm em comum? Estão todas dentro do município de São Paulo. Várias – olhem só! – em densas áreas urbanas, como nos bairros de Vila Madalena, Vila Mariana, Pompeia, Mooca, Cambuci, Casa Verde, Sapopemba, Vila Nova Esperança, Jardim Ângela...

Já as “comerciais” inserem-se sobretudo na zona rural paulistana. Desde 2014 a cidade de São Paulo “ganhou” uma área rural, ou melhor, porções do território paulistano situadas principalmente nos extremos sul e leste da capital passaram a ser reconhecidas como “rurais”.

Esses dados vêm de uma pesquisa colaborativa em pleno andamento. Quem souber da existência de alguma horta urbana e orgânica sendo cultivada em algum “rincão”

da metrópole pode entrar na plataforma Wikiversidade e inserir os dados ali. Tem de preencher o nome da horta; se ela é educativa ou comercial; a região em que está; o bairro; o endereço e, por fim, o *link* para contato.

O cadastramento dessas hortas urbanas foi iniciado pela dupla Regiane Nigro, que trabalha no Instituto Kairós, em São Paulo, e a jornalista e uma das fundadoras do grupo Hortelões Urbanos, Claudia Visoni. Ambas têm forte atuação em duas dessas hortas comunitárias, a da Praça das Corujas, na Vila Madalena, e também a Horta do Ciclista, na Praça do Ciclista, região da Avenida Paulista. Regiane atua também, pelo Kairós, com os produtores da Associação de Agricultores da Zona Leste, que contempla bairros do extremo leste paulistano, como São Mateus, Guaianas, Cidade Tiradentes e São Miguel Paulista.

A ideia de cadastrar todas as hortas paulistanas – embora a plataforma também

permita a inclusão de cultivos urbanos em todo o país – já era antiga, conta ao blog Regiane Nigro. E foi finalmente posta em prática há cerca de 15 dias, para servir como base de uma reunião que Claudia Visoni teria com pessoas de outros países interessadas no tema hortas urbanas. “Foi este o motivador para o projeto começar a andar”, conta Regiane.

Se inicialmente, há cerca de cinco anos, quando a “onda” do resgate urbano da natureza começou aqui em São Paulo, as hortas cultivadas em plena metrópole eram raras, agora pode-se dizer que elas já têm animado bastante gente disposta a inserir mais verde na selva de pedra. Na maioria dessas hortas, dá-se preferência ao cultivo orgânico.

Regiane conta que a plataforma é importante também para estimular os produtores comerciais orgânicos a incluírem suas hortas ali e se tomarem mais conhecidos – afinal, muitos deles fornecem, em sistema de compra coletiva, alimentos para a metrópole, entre outras formas de comercialização.

Atualmente, nos “rincões” paulistanos, um dos grupos mais organizados de agricultores – e que já estão lá no cadastro – é o da Cooperapas, no extremo sul da capital, região de Parelheiros. Outra grande utilidade deste cadastro é atrair mais pessoas interessadas em se tomarem voluntárias no cultivo orgânico em plena cidade. Claudia Visoni, ao chamar, num grupo do Facebook, as pessoas a colaborarem com o cadastramento das hortas, comenta que o registro é “importante para estudos acadêmicos, para os voluntários acharem uma horta perto de casa, para possíveis apoiadores (dos agricultores profissionais) e também para quem não está no Facebook”. E continua: “Quem puder, ajude a incluir as hortas que ainda não estão na tabela. Quem quiser criar tabelas para outras cidades, é só fazer. A plataforma Wiki é totalmente colaborativa e fácil de editar”.

Disponível em: <http://viva-estilo.estadao.com.br/blogs/alimento-organico/a-procura-de-hortas-em-plena-sao-paulo/>. Acesso em: 5 ago. 2016 (adaptado).

Edição – 2016.2

Texto IV

Shopping em casa

— Que bonita esta saia!
 — Pois é, estava perdida — ela me respondeu.
 — Você perdeu uma saia?
 — Sim, dentro do meu armário.
 Arrumando as coisas pra mudança, eu achei.

Esta conversinha banal com minha amiga aumentou a minha angústia. Será que preciso de uma mudança pra conseguir achar o que anda perdido diante dos meus olhos? Muitas vezes, tenho a sensação de não ter o que vestir diante do meu guarda-roupa lotado e fico doida cobiçando um novo vestido na vitrine do shopping. No outro dia, comprei uma blusa que tinha amado e, quando fui pendurá-la no armário, vi que sua vizinha de cabide era sua prima. O curioso é que, se fosse a blusa antiga que estivesse na loja, eu a compraria de novo. Mais curioso: ela estava lá, eu sabia que tinha e pouco a usava. A blusa nova me devolvera a velha, que passei a usar com prazer. Mas por que comprei uma nova se havia uma quase igual pendurada? Que fenômeno é esse de precisar do que já se tem? Que cegueira é esta para o que está ao seu lado? Será a galinha do vizinho sempre mais gorda? Adquirir é melhor do que ter?

Não sou exatamente consumista, mas olho a minha casa e, apesar de morrer de amores por meus objetos, sinto que há uma infinidade de coisas que eu realmente poderia viver sem. O curioso é que, se descuidar, se me forem oferecidas, estou arriscada a comprá-las de novo.

É realmente muito violento o impulso consumista a que fomos doutrinados. Nem precisamos ir ao shopping. Vivemos em uma feira constante. Meu *e-mall* está lotado de propostas de vendas que nem desconfio como chegaram ali. A internet virou, como previsto, um mar de publicidade que, a um clique, desfalca nossa conta bancária. Tudo pela estrela maior: o dinheiro, o circular da moeda. Cada vez mais produtos, cada vez mais necessidades desnecessárias. Não entendo nada de economia, mas gostaria de viver num mundo com menos coisas.

Gostaria de morar numa casa com menos coisas, ter um armário com menos roupas.

Resolvi fazer um exercício: promover as vitrines a uma exposição de arte. A arte de um artista poderoso e midiático que se chama Mercado e de quem estou longe de poder adquirir uma obra. Mesmo sem ter que mudar de apartamento, vou tirar as coisas de meu armário, colocar sobre a cama para comprar com meu novo olhar os meus velhos vestidos. Liberdade é viver com pouco.



Ilustração: Zé Vitorino

Edição – 2017.1

Texto III

ONG Areia pede ajuda para continuar trabalho voluntário em Araraquara



Zinho faz trabalho voluntário há quase 30 anos e ajuda a encontrar desaparecidos. (Amanda Rocha/Tribuna)

A ONG Areia (Agrupamento de Rádio Emissão Independente Araraquara) é reconhecida não só no Brasil, como também no exterior, principalmente por sua eficiência para encontrar pessoas desaparecidas. De 1988 para cá, quando tudo começou, estima-se que oito mil famílias já reencontraram seus entes queridos.

Isso só é possível graças ao vigilante José Aparecido Pessetti, de 55 anos, mais conhecido como Zinho Urupuru, apelido que ganhou entre os amigos do rádio amador por "falar demais". E foi assim, falando demais, que ele dedicou grande parte da sua vida para ajudar os outros.

Tudo começou em 1988, quando virou febre na cidade usarem o rádio amador para brincar de encontrar alguém. Com informações transmitidas das residências ou veículos, as pessoas disputavam para ver quem achava o "tesouro" primeiro para ganhar o troféu. Zinho, porém, viu que a ferramenta poderia ser mais útil. Desde então, Zinho se dedica dia e noite para ajudar famílias não só de Araraquara, mas de todo o Brasil. Ele nunca deixou de trabalhar e nem recebe por prestar esse serviço de utilidade pública, muito pelo contrário, usa o que tem e o que não tem para ajudar o próximo. Para continuar, porém, ele precisa de ajuda.

Hoje, o trabalho de Zinho consiste em ajudar a encontrar pessoas desaparecidas. Como ele faz isso? Divulgando no máximo de locais possíveis. Além de postar vídeos e fotos na internet, com depoimentos da família, ele também imprime centenas de fotos e cola em postes, espaços públicos e estabelecimentos. O problema é que Zinho não recebe nenhum tipo de verba municipal, estadual ou federal para realizar esse serviço, então tira dinheiro do bolso para bancar tudo, com exceção de doações que recebe esporadicamente de cidadãos.

Com a demanda crescendo e as contas também, no mês passado ele precisou vender seu rádio, aquele mesmo, comprado em 1988 e que já ajudou a encontrar 8 mil pessoas. "Uso muito o telefone para ligar para outros estados, buscar pistas, procurar. Foram 800 reais de conta, cortaram minha linha, não tinha mais jeito", conta. Agora, sem computador, impressora, câmera e rádio amador, fica cada vez mais difícil continuar sozinho.

Se quiser ajudar a ONG Areia, entre em contato pelo telefone 3010-1067. Qualquer ajuda será bem-vinda para apoiar o trabalho voluntário.

Disponível em: www.araraquara.com/noticias/cidades/cidades_internaNOT.asp?idnoticia=1175687. Acesso em: 6 ago. 2016 (adaptado).

Edição – 2017.1

Texto IV

Bibliotecas: metamorfose ou morte?

Quando buscávamos um livro, a solução era óbvia: bastava ir à biblioteca. Mas rondam tempestades ameaçando essa respeitável instituição. Em poucos anos, caberão em um *notebook* todos os livros produzidos na história da humanidade (as estimativas flutuam entre 42 milhões e 130 milhões). Um pouco adiante, e enfia-se tudo em um celular.

Para que biblioteca? Periódicos científicos e muitas outras publicações migram para a sua versão digital, o mesmo acontecendo com os jornais. Diante do *www*, é risível o tamanho das bibliotecas em papel. A Wikipedia esmaga a mais ambiciosa enciclopédia tradicional. E para quê bibliotecário se o "Santo Google" acha tudo rapidinho?

Por 10 dólares ou pouco mais, a versão digital de praticamente todos os livros em inglês pode ser comprada na Amazon. Um minuto depois de um só clique, o livro está em nosso poder. É inevitável que o Brasil vá pelo mesmo caminho – apesar do atraso presente. E não há como impedir a digitalização pirata de livros populares.

Diante disso tudo, o que será das bibliotecas? São caras, e seu acervo no Brasil é inferior ao de muitos países. Pior, falta-nos o hábito de frequentá-las. Portanto, se definharem, sua falta não será notada.

As notícias sobre a morte das bibliotecas podem ser exageradas. De fato, seu lugar no futuro pode estar assegurado, desde que elas se transformem. Biblioteca careta e

chata não sobreviverá. Como depósito de livros, está condenada.

É sintomático que algumas bibliotecas americanas tenham levado seus livros para depósitos, pois havia muitos usos mais nobres para o espaço. Eis a pista para a salvação: a biblioteca do futuro será um canivete suíço, fará tudo.

Se bem concebida, ela será um lugar aonde vamos sem pensar muito no que faremos lá. Vamos porque nos atrai, porque é bom estar nela. Para início de conversa, precisa ser supremamente formosa, confortável e atraente. A arquitetura externa tem de dar vontade de entrar. A interna, de ficar.

Seu ambiente será agradável como as Starbucks e os restaurantes chineses do Vale do Silício. Haverá abundância de jornais, revistas e livros de interesse geral. E, cada vez mais, vídeos. Livros desinteressantes, porém, doados por alguma viúva (três quartos dos nossos acervos são dessa origem), não trazem ninguém às bibliotecas.

De depósitos de livros, passam a oferecer quase tudo. Alguns espaços são silenciosos, para ler. Em outros, conversamos ou nos reunimos (com projetor de PowerPoint). Algumas poucas estão voltadas para a pesquisa, uma função essencial e cara. Mas, se a Amazon consegue entregar no dia seguinte os livros comprados, as bibliotecas também poderão. Títulos pouco procurados não precisam de mais de um exemplar, talvez no país inteiro. Basta um sistema para tomar emprestado,

rapidamente, do acervo de outras bibliotecas.

Na nova biblioteca, salas e auditórios promovem conferências, concertos e exposições. Por que não jardins lindos, para os criativos filósofos? Ou espaços para meditar? No fundo, a biblioteca deve tornar-se um lugar de leitura, troca de ideias e interação criativa entre os frequentadores. Enfim, uma usina intelectual, contribuindo para o avanço do país. Naturalmente, quando bate a fome, lá comemos. E, afinal, um lugar onde se leem e se tomam livros emprestados por que não os vende também? Assunto e clientela são os mesmos das livrarias.

A fórmula salvadora já existe e é resumida pela celebrada arquiteta Maya Lin. Para ela, bibliotecas são os templos de hoje, espaços para reflexão, exploração intelectual e discussão de ideias. Mas engana-se quem pensa ser revolucionária tal visão. De fato, a primeira grande biblioteca que o mundo conheceu, a de Alexandria, tinha como ponto de partida uma arquitetura memorável, e sua concepção antecipa essa linha. Além dos livros, tinha jardins, exposições de arte, concertos e outras atividades culturais. No dizer de um contemporâneo, "era um lugar para curar a alma".

Ou seja, eis a receita para salvar nossas bibliotecas. Não é preciso inventar nada.

CASTRO, Cláudio de M. *Bibliotecas: metamorfose ou morte?* In: Revista *Veja*, 26 ago. 2015, p. 24 (adaptado).

Edição – 2017.2

Texto III

NIÈDE GUIDON: A SAGA DA SERRA DA CAPIVARA



Serra da Capivara. Piauí, nordeste brasileiro. Capital da pré-história do Brasil. Uma das zonas arqueológicas mais importantes do mundo. Em 1979, foi criado o Parque Nacional da Serra da Capivara, que possui mais de 1 000 sítios arqueológicos com pinturas rupestres de até 35 mil anos, dos quais 170 são abertos à visitação pública. Único parque americano incluído na lista da UNESCO como patrimônio histórico mundial, desde 1991.

O Parque Nacional da Serra da Capivara está prestes a fechar.

Mas vamos à narração histórica. Por que “Saga da Serra da Capivara”?

Tudo começou em 1970, quando o primeiro sítio arqueológico do Piauí foi descoberto pela paulista Niède Guidon (1933), formada em História Natural pela USP e com doutoramento em Arqueologia Pré-Histórica na Sorbonne, em Paris. Tendo morado na França de 1964 a 1992, o governo francês patrocinou suas primeiras excursões para pesquisas no local denominado São Raimundo Nonato, a região piauiense por onde ela começou a desbravar a origem do homem americano. Nesta região, Niède Guidon descobriu o esqueleto mais antigo do Brasil pertencente a uma mulher morta há 9 800 anos. Os achados arqueológicos no Parque Nacional da Serra da Capivara mudam a história do homem no continente americano. Isso porque

a teoria conhecida até então apontava que os primeiros humanos chegaram ao continente por volta de 15 mil anos, vindos do Estreito de Bering. As pesquisas de Niède identificam a presença humana no local há 100 mil anos, o que muda a perspectiva da pré-história americana. Pela técnica do carbono 14, a pesquisa chegou à data de 58 mil anos. Abaixo desse período, os vestígios encontrados foram datados pela técnica da termoluminescência, quando se chegou à idade de 100 mil anos. A partir de 1991, as pesquisas da Dra. Niède na Serra da Capivara apresentam evidências irrefutáveis de que os vestígios encontrados estavam ligados ao *Homo sapiens*.

Desde 1973, a professora Niède coordena pesquisas na Serra da Capivara. Em 1979, o governo brasileiro criou o Parque Nacional da Serra da Capivara, sem prever sua manutenção. Não havia funcionários, nenhuma estrutura para viabilizar o seu funcionamento. Para tomar conta do Parque, foi criada então a Fundação Museu do Homem Americano (Fundham), inaugurada em 1986. Como não era especialidade de nenhum dos pesquisadores tomar conta de um parque, Niède entrou em contato com o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) que mandou técnicos fazerem um estudo para organizar o local e torná-lo autossuficiente. A ideia era que fosse um exemplo de como

a proteção da natureza e a cultura poderiam desenvolver uma região, que era miserável.

Um imenso trabalho foi feito, com o financiamento do BID, da França e de instituições brasileiras, através da Lei Rouanet, como a Vale e a Petrobrás. Atualmente, o número de visitantes anual gira em torno de 25 mil, que poderia estar em 5 ou 6 milhões, caso já existisse o aeroporto de São Raimundo Nonato, planejado desde 1987.

Com a criação do Fundo de Compensação Ambiental em 2006, os recursos para a manutenção do Parque começaram a diminuir, até chegar à situação crítica atual: de 270 funcionários, o parque dispõe hoje de 40. Os 400km de estradas para a visitação do Parque estão totalmente esburacados, sem manutenção.

O Parque Nacional da Serra da Capivara não pode fechar. O Brasil não pode perder esse patrimônio histórico mundial. Não houve terremoto por aqui. Nem tsunamis. Ou será que está havendo alguma coisa mais devastadora do que terremotos e tsunamis? Por que nossas imensas riquezas estão sendo desvalorizadas? Para quê?

Alguma coisa precisa ser feita. Pelo Brasil. Por nós, brasileiros. Os verdadeiros.

Disponível em: <http://artemioedede.com.br>. Acesso em: 12. jul. 2017 (adaptado).

Edição – 2017.2

Texto IV

ALUNOS MAIS RICOS DEVERIAM PAGAR PELA UNIVERSIDADE PÚBLICA?

Cobrar dos alunos de famílias mais ricas ajudaria a criar
mais vagas para os estudantes de famílias mais pobres?



Na educação brasileira, é bem conhecida uma acrobacia no meio da vida dos estudantes: quem começou em escola particular vai para a faculdade pública e quem cresceu em escola pública vai para a faculdade privada. A razão para essas duas trajetórias é bem conhecida. Com uma educação básica deficitária, os estudantes da rede pública dificilmente conseguem passar pelo funil apertado do vestibular de universidades estatais. Essa dinâmica perpetua uma distorção histórica na trajetória do ensino superior no país: em geral, quem tem maior acesso à oferta gratuita é quem pode pagar. Quem precisaria do subsídio integral do Estado não chega lá e tem de pagar a mensalidade de uma instituição privada. A diferença no nível de qualidade entre as universidades públicas e privadas faz com que a maioria dos alunos das famílias mais pobres ingresse num círculo vicioso — eles são sempre relegados ao ensino de pior qualidade e começam a vida adulta com mais dívidas e pior preparo.

Uma discussão que se arrasta na política pública de ensino superior no Brasil trata da criação de um mecanismo de cobrança dos alunos de famílias mais ricas das universidades públicas. A gratuidade seria mantida para os mais pobres. Dois pressupostos principais embasam a cobrança. O primeiro é que o aluno que termina o ensino superior tende a obter ganho pessoal, na forma de maior renda, por ter concluído essa etapa dos estudos. Dado o tamanho do benefício, seria justo ele arcar com parte do custo de sua formação. A segunda razão é a possibilidade de ampliação de vagas para os mais vulneráveis. A universidade pública enfrenta problemas financeiros crônicos, principalmente por causa da folha de pagamentos de professores e servidores. “Novas fontes de receita seriam bem-vindas, principalmente num

cenário de crise como o atual”, diz o economista Paulo Meyer Nascimento, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Tirar a gratuidade da universidade pública, no entanto, pode acarretar riscos. Um deles é econômico. A cobrança dos alunos deixaria de ser uma fonte de receita extra se o governo simplesmente usasse esses pagamentos para cobrir gastos já existentes e diminuísse seus investimentos. “Num cenário de briga por recursos, esse é um risco real”, diz Fábio Waltenberg, economista da Universidade Federal Fluminense. Do ponto de vista pedagógico, discute-se se a relação mercantil da universidade com o aluno não traria prejuízos pedagógicos para a relação do professor e do aluno, para a pedagogia e para a qualidade da pesquisa. A gratuidade mantém a vantagem de conservar uma certa autoridade que independe de quanto a pessoa pagou. Para o economista, “Contrariamente ao que se acredita, o ensino público gratuito não beneficia somente pessoas mais favorecidas”, afirma Fábio. “Além disso, o sistema atual já é custeado em grande parte por aqueles que dele se beneficiam — alunos das classes mais altas, que pagam o maior volume de impostos. Concluindo, ainda acredito que o melhor é manter a gratuidade do ensino público, como temos hoje, com uma mudança: cobramos mais impostos de quem tem mais dinheiro. A gente paga muito imposto no Brasil sobre consumo e sobre a renda, mas nas faixas mais elevadas o imposto ainda é muito baixo. A alíquota efetiva para quem está lá entre os 5% dos maiores rendimentos não chega aos 7%. É muito pouco. Aumentar os impostos dos mais ricos beneficiaria diversos setores sociais, a começar pela educação.

Disponível em: <http://epoca.globo.com>.
Acesso em: 13 Jan. 2017.

Edição – 2018

Texto III

APLICATIVO *GUIADERODAS* FUNCIONA COMO MAPA DA ACESSIBILIDADE



Foto: divulgação

"Não há nada pior do que você ir a um compromisso e ter que voltar para casa porque o local, seja um restaurante, um cinema, ou qualquer outro, não está apto a te receber", comenta Bruno Mahfuz, cofundador do *guiaderodas*, um aplicativo para avaliar o nível de acessibilidade de diferentes estabelecimentos.

O serviço, que é gratuito, está disponível para Android e iOS. Ele funciona como uma espécie de Foursquare para acessibilidade. Basta fazer o login, escolher um estabelecimento próximo de onde você estiver e contar para os outros usuários se a acessibilidade lá é boa, ruim ou mediana.

Bruno conta que 70% dos usuários do aplicativo não são deficientes físicos. A ideia, segundo ele, é que qualquer um possa e queira colaborar para avisar aos outros o quão acessível é aquele lugar. Ele diz:

— Queremos desconstruir essa ideia de que acessibilidade é só questão de alguns. É de todos. Ela não diz respeito só a quem usa cadeira de rodas. Qualquer pessoa, em algum momento da vida, pode se beneficiar de instalações acessíveis — poderá ser quando ela ficar idosa, grávida, com uma criança de colo ou mesmo quando quebrar o pé.

A participação de usuários que não são portadores de necessidades especiais se deve à simplicidade da interface. O questionário para avaliar a acessibilidade do lugar é simples e intuitivo. Os responsáveis pelo aplicativo afirmam que responder as perguntas não dura mais do que 30 segundos. "Não perguntamos coisas muito específicas, como a inclinação da rampa ou a dimensão da porta. Apenas gerais. Além disso, não tratamos a questão da acessibilidade com dó, mas sim como qualquer outro desafio da vida", diz Bruno.

A necessidade de criar um serviço de acessibilidade

Bruno é administrador, com pós-graduação em *branding*, e também cadeirante. Há 15 anos, quando tinha 17, sofreu um acidente de carro e, desde então, não consegue mover suas pernas. Os desafios que enfrentava todos os dias

que saía de casa alimentavam nele a vontade de fazer algo para melhorar as coisas. Foi em 2015 que resolveu se juntar a mais dois sócios e lançar o *guiaderodas*.

"Sempre quis trabalhar com alguma coisa vinculada a acessibilidade porque padeco muito pela falta dela", conta. "Apesar de ver os vários avanços que aconteceram nesses 15 anos, ainda falta muito. É, tão grande quanto a falta de acesso é a falta de informação. As pessoas saem de casa e não sabem o que vão encontrar pela frente", diz.

Ele lembra que, na época do vestibular, por exemplo, deixou de fazer várias provas porque chegava na faculdade e ela não tinha estrutura para ele entrar.

Bruno conta que muitas vezes o lugar até tem estrutura como rampas e elevadores para receber o cadeirante, mas peca em detalhes essenciais, como os corredores entre as mesas de um restaurante. "As vezes até tem um banheiro especial, mas não há como chegar até lá", diz.

A acessibilidade como negócio

O *guiaderodas* foi lançado em fevereiro. Segundo Bruno, já tem mais de 7 mil downloads e 6 mil estabelecimentos avaliados. Como eles trabalham com

a base de dados do Foursquare, funcionam em qualquer lugar. Pensando na internacionalização, o serviço já está disponível em inglês e espanhol.

O serviço é gratuito. A monetização vem com o "Selo *guiaderodas*", um serviço oferecido pela empresa e feito por arquitetos especializados para melhorar a especialidade de um determinado ambiente. Eles avaliam o local, sugerem melhorias e divulgam e premiam as edificações mais acessíveis. No momento, estão focando em grandes estabelecimentos como teatros, hotéis e condomínios.



Bruno, fundador do guia de rodas. Foto: divulgação

Disponível em: <<https://www.fivebites.com.br/br/>>
Acesso em: 07 jun. 2017.

Edição – 2018

Texto IV

GÊNERO E COMIDA

Vivemos em uma era em que dieta é quase uma obrigação.
E as mulheres são as mais prejudicadas. Confira
na estreia da coluna "Alimentar".

Antes de tudo, quero me apresentar: já era colaboradora de A Escotilha e sou jornalista cultural há cinco anos. Escrevo sobre artes visuais e cinema, mas a alimentação e nutrição é um tema de interesse e pesquisa. Que fique claro: sou jornalista, não nutricionista! Sou apenas uma entusiasta e, neste espaço, vamos refletir sobre o assunto. Também vou trazer textos de livros e filmes que tratam do tema. Sejam bem-vindos! =)

Quero convidar o leitor homem a se colocar no lugar de uma mulher nas situações que vou descrever abaixo. Ou, caso você, leitora, não tenha tido essa percepção, me acompanhe (e também discorde se quiser). Nós passamos por essas situações diariamente, o que explica, e muito, o fato de sofrermos mais com transtornos alimentares do que os homens (segundo a Organização Mundial da Saúde). Vamos lá:

Uma mulher faz um trajeto em que cruza com várias bancas de jornais e revistas. Montes são sobre Dietas. Montes mesmo, uma boa parte das revistas da banca, aliás. Estampando a capa, sempre uma outra mulher, geralmente pessoa pública, com um corpo dentro do padrão estético vigente, servindo como um exemplo a ser seguido. Dia desses, comprei uma delas – na capa, a cantora Anitta, que perdeu peso com um cardápio equilibrado e exercício. Só um detalhe: uma cozinheira viaja com ela. Mas você, pobre mortal, pode atingir o mesmo seguindo o regime, e tendo a tal da “força de vontade” (só deixando claro: gosto da Anitta. Minha intenção foi reforçar que este é um privilégio que poucas de nós temos).

Entre em uma livraria: a mesma coisa. Fileiras de livros sobre as últimas promessas de emagrecimento – na televisão e, o pior de todos, nas redes sociais: é só abrir o feed do Instagram para ver blogueiras e suas refeições “exemplares” te convidando a fazer o mesmo, sempre seguidas por fotos despretensiosas de biquínis num corpo perfeito. Te acasando, sempre: “quem quer, faz”, parece o mantra. E você morta de culpa porque no dia não deu mesmo pra ir à academia.

Algumas organizações de saúde falam que estamos em um ambiente obesogênico (abordarei o tema mais adiante aqui neste espaço),

que contribui para o problema considerado, hoje, de saúde pública. Há publicidade de produtos alimentícios em todos os cantos. Em paralelo, nós, mulheres, vivemos também em um ambiente “dietogênico” (inventei o termo agora e, muito provavelmente, ele não existe). O fato é que parece que somos, o tempo todo, obrigadas a fazer dietas e restrições. Claro que os homens também sofrem pressões com padrões de beleza e com distúrbios alimentares. Mas tenho impressão que o diet talk é bem mais comum nas rodinhas femininas.

O prato – e o peso – feminino também é objeto de vigilância de maneira mais constante: fulana come pouco/fulana come muito/ fulana come muito açúcar/minha tia me acha gorda/minha vó disse que eu engordei/não pode comer muito em festa/não pode comer muito na frente do boy/seja delicada coma pouco/primeiro encontro pede só uma salada/nossa, sua irmã engordou/vou parar de dar exemplo porque são infinitos.

Como diz a nutricionista Sophie Deram em seu excelente livro *O Peso das Dietas*, o cumprimento não é mais: “bom dia, tudo bem?” e sim, “bom dia, você engordou/emagreceu?”. Precisamos, urgentemente, parar de fiscalizar a aparência e os pratos alheios, principalmente, o das mulheres.

O problema é que estamos inseridas nesse ambiente “dietogênico” onde não fazer alguma restrição alimentar e estar em paz com a sua alimentação parece motivo de vergonha. Por isso, quando li em *Mulheres Francesas Não Engordam*, da executiva Mireille Giuliano, que, por lá, a lógica é inversa, fiquei surpresa. Isso não significa que elas comem sem limites o dia todo, é claro. A questão é que precisamos, urgentemente, pensar em um ambiente mais propício para que possamos ir a um almoço ou café sem se punir publicamente. Celebrar o ato de comer, e não entendê-lo como uma vergonha ou culpa.

Até quinta-feira que vem e bom apetite pra todo mundo!

Disponível em: <http://www.escotilha.com.br>. Acesso em: 14/06/2017.

Edição – 2019.1

Texto III

Parklets ganham espaço e caem no gosto de Belo Horizonte



FOTO: Jair Amaral/EM/D.A. Press.

Em meio ao movimento acelerado de carros e ao vaivém de pedestres em áreas agitadas da capital, o belo-horizontino passou a ter novos espaços para relaxar, bater papo, ouvir música, ler, encontrar amigos, se divertir ou apreciar a paisagem. As varandas urbanas, como vêm sendo chamadas as minipraças do projeto BH Parklets – espaços de convivência rentes à calçada, em vagas de estacionamento –, já estão montadas em três pontos da capital, com previsão de novo endereço já na semana que vem.

Um dos responsáveis pela implantação da unidade é o empresário Alexandre Horta, sócio-proprietário do Deck Bar, em frente à varanda com estrutura de madeira, jardim, wi-fi e ponto de energia. A aposta no projeto, segundo ele, está atrelada à ideia de aumentar o uso público dos espaços urbanos.

"Nos interessamos já na época do lançamento do edital, porque vimos que poderíamos ajudar a arejar esta região", afirma. Segundo ele, o investimento para instalação da estrutura foi de R\$ 20 mil. "Nosso objetivo não é ter retorno financeiro, mas contribuir para o bem comum da cidade", disse.

Na prática, o projeto BH Parklets funciona assim: a prefeitura licencia a estrutura a pedido de representantes da iniciativa privada, que são responsáveis pelo custeio da instalação. De acordo com o idealizador do projeto, Luamã Lacerda, mesmo com o financiamento e a divulgação da marca, não há vínculo comercial, ou seja, as pessoas que usam o espaço não têm obrigatoriedade de consumir no estabelecimento. "Não há restrição de atendimento a quem estiver sentado e queira consumir. Mas qualquer pessoa pode usufruir

do espaço, a qualquer hora, porque o local é público", explica Luamã. Segundo ele, as varandas urbanas já existem em São Paulo, Fortaleza e Porto Alegre.

No centro da cidade, onde a varanda foi montada em uma rua de grande circulação de veículos e pessoas, o projeto já ganhou adeptos fiéis. Moradores da via há 15 anos, o casal de aposentados Lúcia Sartori Sena e José Sena Reis comemora a implantação do espaço em um ponto tão movimentado da cidade. "Em todo esse tempo, vimos algumas mudanças positivas, como a retirada dos camelôs e a redução dos assaltos. Mas esse projeto é uma das melhores iniciativas, pois oferece entretenimento para quem mora na região", afirma José.

Dono da loja Ortobom, que banca a instalação, o empresário e vice-presidente de Educação da Câmara de Dirigentes Lojistas de Belo Horizonte (CDL-BH), Marcos Ineco, fala do sucesso do projeto. "As pessoas entram na loja para elogiar e agradecer. O resultado tem sido muito positivo", disse.

Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/07/26/interna_gerais.672268/parklets-ganham-espaço-e-caem-no-gosto-de-belo-horizonte.shtml>.
Acesso em: 7 jul. 2016 (adaptado).

Edição – 2019.1

Texto IV

Sofrimentos inevitáveis

Rosely Sayão

Costumo ouvir que os pais da atualidade querem poupar seus filhos de sofrimento. Por isso, sentem uma enorme dificuldade para dizer “não” a eles, para permitir que enfrentem as suas frustrações e para deixar que atravessem as situações difíceis que a vida lhes apresenta.

À primeira vista, esse discurso soa como uma verdade, não é mesmo? Afinal, temos visto crianças e adolescentes agirem sem se importar com as normas sociais porque eles se sentem protegidos pelos pais em todas as circunstâncias. Entretanto, podemos pensar um pouco além dessa linha para tentar compreender melhor o relacionamento atual entre pais e filhos no que diz respeito à chamada “felicidade” das crianças.

Na realidade, pode ser que os pais façam mesmo de tudo para que os filhos não sofram. Mas é preciso considerar que, em geral, eles desejam proteger seus filhos apenas de determinadas experiências dolorosas – não de qualquer uma.

Os pais não querem, por exemplo, que os filhos se sintam excluídos de qualquer situação, de qualquer grupo e de qualquer atividade. É em nome do desejo adulto de eliminar esse tipo de sofrimento que as crianças fazem as mesmas atividades que os colegas em seus dias de lazer, ganham os mesmos jogos e todo tipo de parafernália tecnológica, frequentam os mesmos lugares, usam roupas e calçados parecidos (quando não são iguais) e vão a mil festas de aniversários, muitas vezes de crianças que nem são as amigas próximas.

Os pais também não querem, de maneira alguma, que seus filhos sofram por causa da escola. É por isso que vira e mexe eles vão falar com coordenadores, professores e diretores, reclamam de alguns profissionais, colocam os seus filhos em aulas particulares, fazem a lição de casa com eles – ou no lugar deles – e estão sempre prontos para defender suas crianças e seus adolescentes de qualquer sanção que tenha sido aplicada pela escola.

E é assim, entre tentativas de evitar um e outro tipo de sofrimento, que os pais vivem a ilusão de construir para seus filhos um mundo que só pode existir em outra dimensão: um mundo onde ninguém os rejeitará, onde não serão excluídos de nada e onde participarão de todos os grupos pelo simples fato de consumirem as mesmas coisas que a maioria.

Doce e amarga ilusão...

Porém, há alguns sofrimentos que os pais da atualidade não evitam que seus filhos experimentem. Ao esconder de crianças e jovens verdades da vida que os envolvem, esses pais fazem com que os filhos sofram se debatendo entre mentiras ou silêncios. Quando o tema é doença ou morte na família, por exemplo, isso acontece bastante.

O que os pais talvez não saibam é que, ao tentarem evitar que os filhos sofram a dor da perda, eles acabam provocando nos mais novos um sofrimento ainda maior que é a dor de não saber, de não entender, de não conseguir simbolizar a angústia que sentem.

Outra dor que os pais provocam e à qual não dão muita importância é a dor do abandono. Buscar o filho na escola bem depois do término da aula; deixar o filho sem parâmetros; permitir que a criança atue como se já fosse responsável por sua vida e colocar em suas mãos escolhas que deveriam ser de adultos são alguns exemplos de atitudes que fazem crianças e adolescentes se sentirem abandonados pelos pais.

E isso dói neles.

Uma garota de nove anos disse uma frase reveladora sobre essa sensação de abandono à sua amiga, que estava triste e constrangida por ter sido impedida pelos pais de acompanhá-la em um passeio: “Não chore por causa disso, não. Eu adoraria que os meus pais se importassem assim comigo”.

Os filhos são supostamente protegidos de sofrimentos muitas vezes inevitáveis e, ao mesmo tempo, são colocados em situações nas quais experimentam sofrimentos inúteis. Qual será o resultado desse tipo de equação?

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/roselysayao/2013/04/1262869-sofrimentos-inevitaveis.shtml>. Acesso em: 15 abr. 2019 (adaptado).

Edição – 2019.2

Texto III

UM PROJETO PARA SALVAR O MAIOR PEIXE DA AMAZÔNIA

Com um projeto de manejo sustentável que protege o pirarucu, João Campos-Silva ganhou o prêmio de empreendedorismo da Rolex.

O pirarucu é um dos maiores peixes de água doce do mundo e o maior do Brasil. Ele pode chegar a mais de dois metros de comprimento e pesar cerca de 200 quilos. Na Amazônia, é fonte de orgulho e de renda para comunidades ribeirinhas. Mas a pesca ilegal coloca a espécie e o sustento dessas pessoas em risco.

Foi para ajudar a resolver esse problema que o biólogo João Campos-Silva, 36 anos, desenvolveu um projeto que leva o manejo sustentável do peixe a regiões que ainda não são protegidas. Em junho, Campos-Silva foi um dos cinco laureados com o prêmio de empreendedorismo da Rolex.

Os ganhadores recebem cerca de R\$ 780 mil para financiar seus projetos, além de ter acesso a uma rede formada por 140 premiados de edições anteriores e participar de uma campanha publicitária internacional.

Paulista, Campos-Silva se mudou para o Amazonas há 11 anos. A princípio, trabalhava na área de conservação ambiental do governo do estado. Mas, aos poucos, decidiu que queria lidar com o problema de outra forma, levando em conta também as questões sociais.

Por isso, acabou deixando o governo para se dedicar ao novo projeto. "Percebi que o manejo do pirarucu era uma oportunidade de pensar um modelo conjunto de conservação e desenvolvimento local", afirma.

Para colocar suas ideias em prática, entrou em contato com associações regionais e comunidades rurais. Uma de suas principais ações foi a construção de casas nos lagos que se conectam aos rios: ali, os moradores podiam se revezar semanalmente para vigiar as águas.

A ideia é que essa vigilância diminua a presença de pescadores clandestinos. Depois de atuar no projeto durante três anos, os moradores podem pedir autorização para pescar o pirarucu

durante um certo período do ano, quando a prática não atrapalha a reprodução. Cada comunidade tem uma cota determinada, para não afetar o ecossistema. Com os resultados da pesca, eles podem se alimentar e garantir o sustento financeiro.

Hoje, na região do rio Juruá, 40 comunidades participam do projeto, de maneira direta ou indireta. Segundo Campos-Silva, a população de pirarucu na região cresceu 425% na última década. "Além disso, o manejo protege outras espécies ameaçadas de extinção, como peixe-boi, tartaruga-da-amazônia e jacaré-açu", diz.

No ano passado, o biólogo fundou uma ONG para tocar o projeto, o Instituto Juruá. Agora, quer popularizar o consumo do pirarucu em outros estados, reforçando sua importância cultural. Dessa maneira, Campos-Silva espera aumentar a renda da população local, ao mesmo tempo que ajuda a preservar a espécie. Em agosto, o "Gosto da Amazônia", um dos projetos da ONG, levará o pirarucu para um evento no Rio.

Quando se fala em projetos de impacto social, a visibilidade é um ativo importante. "Mais que um apoio financeiro, a premiação da Rolex funciona como uma chancela e uma forma de divulgar o trabalho no exterior", diz Campos-Silva. "É importante que esses projetos sejam conhecidos em escala global. Só assim podemos recuperar o otimismo coletivo e acreditar que é possível melhorar a realidade das pessoas."



Disponível em: <https://revistapegn-globo.com/Banco-de-ideias/Agronegocios/amazonia.html>.
Imagem disponível em: <https://www.giovanipapa.com/pescaria-de-pirarucu>

Edição – 2019.2

Texto IV

Caixinhas de som: *hit* e polêmica do verão



Como é tradição na minha vida, na última semana do ano estava na praia. Na companhia de gente querida encarei por vários dias as areias de Ipanema, do Leme e de Grumari, no Rio de Janeiro. Esperava ouvir as ondas, as gaivotas e os já famosos gritos de "alô mate, alô Biscoito Globo!". Mas acabei escutando algo um pouco diferente e, digamos, pouco natural e pouco condizente com aqueles ambientes. Música, muita música.

As caixinhas de som *bluetooth* invadiram de vez as praias e trouxeram mais animação para grupos de amigos e famílias. A tecnologia não é nenhuma novidade. Mas o que essa evolução trouxe nos últimos anos – e chegou a volumes exponenciais neste verão – é a liberdade de cada pessoa produzir uma pequena festa

particular ao seu redor. Cabos, iPods e imensas caixas de som são coisa do passado e hoje basta um celular e um pequeno artefato que cabe na palma da mão para espalhar o prazer (ou o terror) auditivo ao redor.

O problema é que cada guarda-sol ostenta seu ritmo, suas batidas e acaba tentando impor seu volume. Acho que a discussão sobre estilos pouco importa, gosto é gosto, faz parte da liberdade de cada um. Mas se, por um lado, a praia é pública – e, portanto, cada um tem o direito de se divertir como lhe der na telha –, por outro lado, até que ponto a liberdade de quem quer ouvir música fere a liberdade de quem não quer?

Há cerca de 20 anos o município do Guarujá, no litoral sul de São Paulo, proibiu o uso de caixas de som na

praia. Embora pouca gente saiba da lei, várias caixas foram apreendidas já neste verão. Em Balneário Camboriú (SC), as caixinhas têm causado queixas e reclamações na polícia, e vereadores da cidade estão se mobilizando para criar uma legislação própria.

Conflito de gerações

Existe algo geracional no uso das caixinhas. É o que acredita Marcelo Gonçalves, gerente de *marketing* e comunicação da Sony Brasil, um dos principais fabricantes do produto. "Em geral, os *millennials* são o principal público desta categoria. Nossas pesquisas apontam que, a cada 100 pessoas que utilizam uma caixa de som portátil para ouvir música, 31 possuem até vinte anos e, 39, até trinta", revela.

André do Val conta que é importante manter uma distância razoável das outras pessoas e que som muito alto pode até machucar os tímpanos. Mas o que fazer quando se está numa situação incômoda? "É essencial começar com uma conversa amigável e, na pior das hipóteses, se afastar um pouco", sugere do Val. Esse é o principal mandamento. "Oi, será que poderia baixar o som?" Diga que está com criança. Peça sempre 'por favor', 'com licença'. Não peça para desligar, mas para abaixar. Tudo é negociável", conclui do Val.

Disponível em: <https://viagem.estadao.com.br/blogs/viagem/caixinhas-de-som-hit-e-polêmica-do-verão/>.

ANEXO II –Ocorrências das relações lexicais destacadas nos textos de apoio

Disponível para visualização e manipulação dos dados em:

<https://public.tableau.com/app/profile/yuri4717/viz/RelaesLexicais/Histria1>

ANO	PERÍODO	TAREFA	CATEGORIA DA RELAÇÃO	TEXTO
1998	1	3	Ambiguidade	Viu também com a mente
1998	1	3	Ambiguidade	e se perguntou se uva é natureza ou cultura
1998	1	3	Ambiguidade	Assim como o próprio ser humano foi semeado pela própria natureza em anos de evolução do cosmo
1998	1	3	Ambiguidade	colher a uva, esmagá-la e transformá-la em vinho é cultura, assinalou Paulo Freire.
1998	1	3	Ambiguidade	Trabalho que instaura o nó de relações, a vida social
1998	1	3	Ambiguidade	Pedro viu também que a uva é colhida por bóias-frias , que ganham pouco, e comercializada por atravessadores , que ganham melhor
1998	1	3	Antonímia	Pedro viu também que a uva é colhida por bólas-frias , que ganham pouco , e comercializada por atravessadores , que ganham melhor
1998	1	3	Sinonímia	Pedro aprendeu com Paulo que, mesmo ainda sem saber ler , ele não é uma pessoa ignorante
1998	1	3	Ambiguidade	Antes de aprender as letras , Pedro sabia erguer uma casa, tijolo a tijolo.
1998	1	3	Ambiguidade	O médico, o advogado ou o dentista, com todo o seu estudo, não eram capaz de construir como Pedro.
1998	1	3	Ambiguidade	Pedro viu a uva e Paulo Freire mostrou-lhe os cachos, a parreira, a plantação inteira .
1998	1	3	Ambiguidade	A leitura do mundo
1998	1	4	Ambiguidade	A partir de uma palavra ligada à realidade, são formadas outras; cartilha de massa é descartada
1998	1	4	Ambiguidade	Tinha a intenção de adequar o processo educativo às características do meio
1998	1	4	Ambiguidade	Mas cuja importância reside na descoberta do modo de realizar essa associação

1998	1	4	Ambiguidade	Mas cuja importância reside na descoberta do modo de realizar essa associação
1998	1	4	Ambiguidade	Paulo Freire adota como fundamento a relação entre o processo educativo e o meio social de quem aprende a ler e escrever
1998	1	4	Ambiguidade	Como considera o contexto da aprendizagem, dispensa, na prática, as cartilhas de massa .
1998	1	4	Sinonímia	Relação, diálogo e associação
1998	1	4	Sinonímia	Tinha a intenção de adequar o processo educativo às características do meio / Como considera o contexto de aprendizagem/ A relação entre o processo educativo e o meio social
1998	1	4	Ambiguidade	A questão básica, que incorpora a primeira, é o fato de Freire tratar o adulto como adulto e respeitar seu pensamento e sua forma de vida
1998	1	4	Ambiguidade	A questão básica, que incorpora a primeira, é o fato de Freire tratar o adulto como adulto e respeitar seu pensamento e sua forma de vida
1998	1	4	Ambiguidade	A grande sacada do método Paulo Freire é partir do fator que impediu o sujeito de ser alfabetizado e não mais somente do nível técnico de conhecimento dele
1998	1	4	Ambiguidade	A grande sacada do método Paulo Freire é partir do fator que impediu o sujeito de ser alfabetizado e não mais somente do nível técnico de conhecimento dele
1998	1	4	Ambiguidade	Especificamente, método parte de uma pesquisa do universo vocabular do grupo de alfabetizandos para selecionar situações-problema que servem de instrumento de discussão da realidade
1998	1	4	Ambiguidade	Especificamente, método parte de uma pesquisa do universo vocabular do grupo de alfabetizandos para selecionar situações-problema que servem de instrumento de discussão da realidade
1999	1	3	Ambiguidade	Veja os principais problemas em casas de estudantes e saiba evitá- los
1999	1	3	Ambiguidade	Fica então combinado que a véspera vira dia de silêncio
1999	1	4	Ambiguidade	Jogos de Azar
1999	1	4	Ambiguidade	Alguns pais de família poderiam gastar, numa única noite, os vencimentos de todo um mês de trabalho

1999	1	4	Antonímia	Os riscos , parecem, assim, maiores que os ganhos
1999	2	3	Sinonímia	A rapaziada da justiça
1999	2	3	Ambiguidade	Tirou o primeiro lugar nas provas
1999	2	3	Ambiguidade	Será que um concurso tão rígido não é capaz de avaliar se estamos preparados?
1999	2	3	Sinonímia	Mas há dúvidas sobre a capacidade de um jovem sobre arcar com essa responsabilidade
1999	2	3	Ambiguidade	Quanto maiores os horizontes , maior a consciência do relativo, imprescindível para julgar
1999	2	3	Ambiguidade	Quanto maiores os horizontes, maior a consciência do relativo, imprescindível para julgar
1999	2	3	Ambiguidade	O tempo [...] é um grande escultor da maturidade
1999	2	3	Ambiguidade	Sua função é proteger o patrimônio público da cidade e o meio ambiente, ser o curador da infância e da juventude
1999	2	3	Ambiguidade	Sua função é proteger o patrimônio público da cidade e o meio ambiente, ser o curador da infância e da juventude, denunciar e produzir provas contra crimes
1999	2	4	Ambiguidade	É fidelíssimo à sua desconfiança com a onda tecnológica
1999	2	4	Sinonímia	Ele redigiu todas as suas obras com caneta
1999	2	4	Ambiguidade	Homem das perguntas
1999	2	4	Ambiguidade	No Brasil nós perguntaríamos por que os americanos têm tanta fixação no comportamento sexual de seus políticos
2000	1	3	Ambiguidade	a semente do distanciamento entre brancos e índios está na estrutura das sociedades: uma cultua o ter e a outra o ser
2000	1	3	Antonímia	a semente do distanciamento entre brancos e índios está na estrutura das sociedades: uma cultua o ter e a outra o ser
2000	1	3	Ambiguidade	Escrever a história vista pela ótica dos que habitavam o Novo Mundo há milhares de anos
2000	1	3	Ambiguidade	É preciso que a civilização olhe para os índios com menos prepotência
2000	1	4	Ambiguidade	E as ofertas ? Nem o Liquida Porto Alegre, no verão, coloca tantos balaios ou caixas de saldos

2000	1	4	Ambiguidade	E as ofertas? Nem o Liquida Porto Alegre, no verão, coloca tantos balaios ou caixas de saldos
2000	1	4	Ambiguidade	E as ofertas? Nem o Liquida Porto Alegre, no verão, coloca tantos balaios ou caixas de saldos
2000	1	4	Ambiguidade	Um mundo de atrações
2000	1	4	Ambiguidade	Você deixaria de frequentar a feira e de adquirir os títulos de sua preferência
2000	1	4	Ambiguidade	As condições atuais de comercialização não permitem aos livreiros proporcionar o tradicional desconto de 20%
2000	1	4	Ambiguidade	Os frutos da feira seria saboreados por mais tempo
2000	1	4	Ambiguidade	Mesmo assim, o livreiro precisa comparecer à Feira, buscando diminuir o prejuízo decorrente da retração das vendas no período de setembro até o final do ano
2000	1	4	Antonímia	No empreendimento tão meritório quando estafante que é a Feira do livro
2000	1	4	Ambiguidade	Argumentos a favor e contra a manutenção do índice de 20%
2000	2	4	Ambiguidade	A encrenca mora ao lado
2000	2	4	Ambiguidade	A convivência entre vizinhos rende histórias
2000	2	4	Ambiguidade	Basta lançar o assunto em uma mesa de bar ou durante uma reunião com amigos para os casos pipocarem
2000	2	4	Ambiguidade	anúncios de empresas especializadas em demolir vizinhos, desorganizar churrascos pagodeiros
2000	2	4	Ambiguidade	o primeiro vizinho da história foi uma cobra que infernizou a vida de Adão e Eva
2000	2	4	Ambiguidade	que obriga o vizinho a fazer o consert, sob pena de multa diária
2001	1	4	Ambiguidade	Sater dedilha viola e alma na região
2001	1	4	Ambiguidade	Meus amigos que tocavam aqui também, e eu senti que o som ia melhor
2001	1	4	Ambiguidade	Dar um celular para o filho a fim de facilitar o contato dele com a casa e, de quebra , garantir a tranquilidade do adulto.
2001	1	4	Ambiguidade	Procurar a direção da escola para resolver desentendimentos do filho com os professores,
2001	2	3	Ambiguidade	Vai na contramão da realidade
2001	2	3	Ambiguidade	Uma alternativa que pode oferecer atraentes possibilidades econômicas e a

				oportunidade de colocar a área na rota do desenvolvimento sustentável.
2001	2	3	Ambiguidade	Parlamentares terão agora a oportunidade de rever o relatório
2001	2	4	Ambiguidade	A solidão mata
2001	2	4	Sinonímia	Os clarões aumentam o ressecamento do solo e, num efeito dominó , novas árvores vão morrendo e expandindo o estrago
2002	1	3	Antonímia	Aprenda a dizer não , saiba como dizer sim
2002	1	3	Ambiguidade	banqueiro amador
2002	1	3	Sinonímia	Acreditam que estão correndo risco de calote
2002	1	3	Ambiguidade	Ela não está sozinha nessa selva
2002	1	3	Sinonímia	eu concordei em dar meu nome / Pessoas haviam " emprestado " o nome para amigos
2002	1	3	Ambiguidade	As compras para terceiros foram o principal motivo para os atrasos no pagamento
2002	1	3	Ambiguidade	Recomenda que as pessoas mais suscetíveis a pedidos de socorro financeiro, façam uma blindagem do próprio bolso
2002	1	3	Ambiguidade	O pretendente levou-lhe a filha e deixou-a com 15 prestações de R\$ 93, que nunca honrou
2002	1	3	Ambiguidade	Esse traço cultural permearia o comportamento tanto de quem tem dinheiro quanto de quem vive da mão para a boca
2002	1	3	Ambiguidade	Eu concordei em dar meu nome para ajudar, pois ela não tinha como comprovar renda
2002	1	4	Ambiguidade	Roubado do berço para morrer de fome e de frio [...] Ou, se sobreviver, para sacrificar a infância ou ser mutilado no campo. Para ser morto por bala perdida na mocidade ou para desperdiçar a juventude, sem estudo e sem futuro, no banditismo, no alcoolismo ou nas drogas. [...] Não é necessário procurar quem o roubou fomos nós quem o fizemos, com nossa convivência com governos indignos e com nossa inércia egoísta. E só nós podemos fazê-lo voltar ao berço.
2002	2	4	Ambiguidade	O casamento seguia um tédio, mas o clima estava mais ameno , sabiam que dali

				a pouco estariam separados para sempre. Então calhava uma harmonização
2002	2	4	Ambiguidade	O casamento seguia um tédio, mas o clima estava mais ameno , sabiam que dali a pouco estariam separados para sempre. Então calhava uma amornização
2002	2	4	Ambiguidade	O casamento seguia um tédio, mas o clima estava mais ameno, sabiam que dali a pouco estariam separados para sempre. Então calhava uma harmonização
2002	2	4	Sinonímia	Depois de algumas cobranças inevitáveis, muito papo e lágrimas à beça
2002	2	4	Ambiguidade	A gente viaja com as crianças e depois você sai de casa
2002	2	4	Ambiguidade	Voltaram da viagem mais duros do que nunca foram, o saldo completamente no vermelho
2002	2	4	Ambiguidade	Voltaram da viagem mais duros do que nunca foram, o saldo completamente no vermelho
2002	2	4	Ambiguidade	Quando então ele poderia procurar um apartamentozinho
2002	2	4	Ambiguidade	E olhando assim, de longe , qualquer um diria que aqueles dois se entendiam bem
2002	2	4	Ambiguidade	Depois de mais uma entre tantas discussões bestas , resolveram agendar de vez a separação
2002	2	4	Ambiguidade	Estão casados até hoje. Mas do mês que vem não passa
2003	1	3	Ambiguidade	A casa é sacudida por abalos domésticos
2003	1	3	Ambiguidade	A casa é sacudida por abalos domésticos
2003	1	3	Sinonímia	O vizinho de baixo esbraveja que a infiltração no teto dele é provocada por um cano do seu apartamento
2003	1	3	Ambiguidade	E a cadela dá cria a seis filhotinhos
2003	1	3	Ambiguidade	Essas empresas também são uma mão na roda para quem não gosta de algumas tarefas domésticas
2003	1	4	Ambiguidade	Homem de boa fé
2003	1	4	Ambiguidade	Decidiu retocar o painel histórico
2003	1	4	Ambiguidade	Para retocar os desenhos sem destoar do original, usou extratos de árvores.
2003	1	4	Ambiguidade	E garante que fez isso porque é tão malandro quanto os próprios
2003	1	4	Ambiguidade	No alto da sua ingenuidade, primo revela uma faceta do país
2003	1	4	Ambiguidade	Muitos brasileiros ainda vivem na pré-história

2003	2	3	Ambiguidade	Mas tem tudo para cair no gosto dos cariocas
2003	2	3	Ambiguidade	Uma agência de entregas que dispensa os motociclistas tresloucados
2003	2	3	Antonímia	O Brasil que come ajudando o Brasil que tem fome
2004	1	3	Ambiguidade	De bem com a vida
2004	1	3	Ambiguidade	No rastro dessa tendência, vai se consolidando por aqui a indústria do bem-estar
2004	1	4	Ambiguidade	A sociedade de cosumo tem no automóvel o seu ícone
2004	1	4	Ambiguidade	Se não é para correr desvairado através de uma rede de estradas geralmente em precário estado de conservação , qual seria a serventia de tanta potência
2004	1	4	Ambiguidade	Associando-se o sentimento de poder que o automóvel e a velocidade conferem ao motorista em sua máquina com a debilidade da natureza humana [...] Não há polícia que controle o que ele, comandante, chamou de fenômeno
2004	1	4	Ambiguidade	Sempre foi minúscula a influência das palavras como vetores de idéias que tentem influenciar as ações humanas, ordinariamente determinadas pelas incontroláveis paixões
2004	2	3	Ambiguidade	Médico " receita " meio-litro de café por dia
2004	2	3	Ambiguidade	De lá pra cá , Lima se tornou um dos maiores especialistas no assunto.
2004	2	3	Sinonímia	Quando o café é torrado, formam-se substâncias chamadas quinídeos, que têm a mesma ação dos remédios usados para tratar o alcoolismo: fazem com que a pessoa perca a vontade de beber . [..]Estudos epidemiológicos mostram também que quem toma café tem menor incidência de depressão, suicídio, alcoolismo e cirrose.
2004	2	3	Ambiguidade	Criança toma quase 1l de refrigerante, mas não pode nem chegar perto de café
2004	2	4	Ambiguidade	Portal indígena critica ação de " brancos "
2004	2	4	Ambiguidade	Mas, pagando gorjeta , um branco poderia fazer quase tudo em nossas terras
2004	2	4	Ambiguidade	Queremos ver as fotos produzidas pelos índios dentro das aldeias na internet. Não queremos nada produzido , queremos realidade

2004	2	4	Ambiguidade	Um comunidade peculiar chamou a atenção da documentarista
2004	2	4	Ambiguidade	" A árvore pequena você vira para onde quiser; depois, só com o machado ", ensina ele, emendando que " serviço não mata ninguém "
2005	1	3	Ambiguidade	Assim, eles podiam se distrair enquanto esperavam. O jogo pegou . Do grupo de jovens, já saíram dois campeões municipais e medalhistas em disputas regionais entre escolas e clubes
<u>2005</u>	1	3	Ambiguidade	Já pensei em ser mestre, mas isso não dá futuro
<u>2005</u>	1	4	Ambiguidade	Verdes contra as árvores
<u>2005</u>	1	4	Ambiguidade	Pínus é ótimo em reflorestamento. Fora dele, machado!
<u>2005</u>	1	4	Ambiguidade	É uma informação útil num país que tem 20% da biodiversidade mundial, mas aprecia os exóticos
<u>2005</u>	2	3	Ambiguidade	Essa mistura de interesses se transformou em um grande refogado de mitos
<u>2005</u>	2	3	Ambiguidade	Elas ficam de olho em cada movimento do funcionário
<u>2006</u>	2	3	Ambiguidade	<u>Belezas de Noronha</u> seduzem os turistas
<u>2006</u>	2	3	Ambiguidade	A melhor época para cair na água vai de novembro a Abril
<u>2006</u>	2	3	Ambiguidade	Nas águas mais rasas, os peixes como o sargentinho, as donzelas de rocas e ainda as moréias fazem a festa .
<u>2006</u>	2	3	Ambiguidade	Antes de se jogar na água , assista a uma das palestras do Ibama
2006	2	4	Ambiguidade	O SAL DO MAL
<u>2007</u>	1	3	Ambiguidade	Acende em mim essa ideia de perda
<u>2007</u>	1	3	Ambiguidade	A caneta sobre o papel em branco não revela mais os sentimentos profundos de amizade e amor
<u>2007</u>	1	3	Ambiguidade	O amigo não analisa e aconselha o destinatário sobre a melhor forma de lapidar um verso
<u>2007</u>	1	3	Ambiguidade	Contam-se nos dedos os que escrevem à mão e os que ainda existem
<u>2007</u>	1	3	Ambiguidade	Desaparecerão na poeira do tempo as cartas dos amantes?
<u>2007</u>	1	3	Ambiguidade	A tinta no papel branco era o sangue do confidente, do amante, do amigo, exposto de forma espontânea e verdadeira
<u>2007</u>	1	3	Ambiguidade	Aquele desnudar-se nos papéis foi trocado pelo falar eletrônico, pelos teclados do computador

<u>2007</u>	1	3	Ambiguidade	Sinto falta dos amigos que se mudavam [...] e nos deixavam lacuna e tristeza, saudade que nos incentivava a escrever semanalmente, mesmo que não houvesse novidade nem assunto
<u>2007</u>	1	3	Ambiguidade	Só pra deixar claro que estávamos vivos, que a amizade e a lembrança eram firmes
<u>2007</u>	1	3	Ambiguidade	Devoto da preguiça e da calma, reconheço a qualidade da tecnologia e vou tocando meus dois dedos no teclado
<u>2007</u>	1	3	Ambiguidade	Ainda leremos essas cartas saídas dos e endereçadas aos corações?
<u>2007</u>	1	4	Ambiguidade	Nunca pensei em passar por uma plástica
<u>2007</u>	1	4	Ambiguidade	Quem convive bem com a própria imagem, como ele, não precisa de bisturi
<u>2007</u>	1	4	Ambiguidade	Se untou aos imortais da Academia Brasileira de Letras
<u>2007</u>	1	4	Ambiguidade	Nada mais natural para alguém que há tantos anos promove, com seu bisturi , o resgate da beleza de anônimos e famosos, incluindo estrelas como as atrizes Sophia Loren, Gina Lollobrigida e Candice Bergen e a princesa iraniana Farah Diba
<u>2007</u>	1	4	Antonímia	Não há diferença entre as dondocas e as mulheres de baixa renda
<u>2007</u>	1	4	Ambiguidade	Em certos locais do Brasil, da Califórnia ou do sul da França, em que as pessoas se expõem, há mais vaidade, porque todos vêm mais o próprio corpo. Quando estão mais abrigadas e escondidas, elas são mais protegidas da imagem, o que é uma pena
<u>2007</u>	1	4	Antonímia	Um pouco de equilíbrio ajuda, assim como um pouco de loucura
<u>2007</u>	2	3	Ambiguidade	Há males que vêm para o bem
<u>2007</u>	2	3	Antonímia	Não me importei em deixar a cidade grande e voltar para a pequena
<u>2007</u>	2	3	Ambiguidade	Um puxão de tapete o fez sair de um emprego burocrático e descobrir na condução de uma pousada seu verdadeiro talento
<u>2007</u>	2	3	Ambiguidade	Tive um baque quando, no mesmo dia em que ia assumir o posto, sentar na cadeira dele e tudo o mais, ele reapareceu
<u>2007</u>	2	3	Ambiguidade	Esse gesto simples só tem cimentado a certeza de que fiz a coisa certa
<u>2007</u>	2	3	Ambiguidade	O dia em que tive mais coragem na vida foi quando saí do banco . E o de maior

				sorte foi aquele em que resolvi voltar pra casa
<u>2007</u>	2	4	Ambiguidade	Quando as pessoas dizem que os vira-latas são mais saudáveis, estão falando a mais pura verdade
<u>2008</u>	1	4	Ambiguidade	Os trangênicos rondam a sua cozinha
<u>2008</u>	2	3	Ambiguidade	OUÇA O LIVRO
<u>2008</u>	2	4	Sinonímia	Eles odeiam celular
<u>2008</u>	2	4	Sinonímia	Há quem resista à telefonía móvel
<u>2008</u>	2	4	Sinonímia	Essa é uma chateação comum de quem não tem o aparelho
<u>2008</u>	2	4	Sinonímia	Ser encontrado em qualquer lugar e a qualquer momento
<u>2008</u>	2	4	Sinonímia	Uma das melhores coisas que existem é andar pelas ruas sem ser achado
<u>2008</u>	2	4	Ambiguidade	Agora as pessoas carregam esse grilo falante
<u>2008</u>	2	4	Ambiguidade	Mais um ilustredo time dos que odeiam celular
<u>2009</u>	1	3	Ambiguidade	Alimentação saudável está na moda
<u>2009</u>	1	3	Ambiguidade	Enquanto colegas rasgam pacotes ultracoloridos
<u>2009</u>	1	3	Ambiguidade	Tornar esporádico o consumo de besteiras
<u>2009</u>	1	3	Ambiguidade	Como costumam dizer, o maior " mico "
<u>2009</u>	1	4	Ambiguidade	O carnaval só rola em fevereiro. Mas agora é a hora de escolher (e planejar)
<u>2010</u>	1	3	Ambiguidade	BANHO DE LUA
<u>2010</u>	1	3	Ambiguidade	Levamos biscoitos, bebidas... Fazemos uma farofada
<u>2010</u>	1	3	Ambiguidade	Porque para os milhares de turistas que vão à praia à noite, tem estado fervendo - de gente e badalação
<u>2010</u>	1	3	Ambiguidade	Com o calor batendo recorde no Rio de Janeiro a temperatura média de fevereiro beira os 40 graus
<u>2010</u>	1	3	Ambiguidade	Quando o sol começa a se pôr, por volta das 19h45, e a areia já não queima mais os pés
<u>2010</u>	1	3	Sinonímia	Frequentar a praia à noite virou o grande programa deste verão
<u>2010</u>	1	3	Sinonímia	O espelho d'água iluminado pelos holofotes do calçadão
<u>2010</u>	1	3	Sinonímia	A visibilidade da água não é boa
<u>2010</u>	1	3	Sinonímia	Para completar o cenário, a água está límpida e azul
<u>2010</u>	1	3	Sinonímia	[...] e depois aproveitar para pular no mar
<u>2010</u>	1	3	Sinonímia	Mergulhar à noite traz uma sensação de aventura e mistério, como na infância

<u>2010</u>	1	3	Sinonímia	Banho noturno / Banho de mar à noite / praia à noite
<u>2010</u>	1	3	Sinonímia	Para os milhares de turistas e cariocas que vão à praia à noite
<u>2010</u>	1	3	Sinonímia	O mar tem estado calmo
<u>2010</u>	1	4	Ambiguidade	Na sua idade, eu iniciava na militância infantil e injetava utopia na veia
<u>2010</u>	1	4	Ambiguidade	Você borboleteia por inúmeros nichos, enquanto sua mente navega à deriva qual bote sem remos jogado ao sabor das ondas
<u>2010</u>	1	4	Ambiguidade	Nas duas hipóteses você está sendo canibalizado pelo computador
<u>2010</u>	2	3	Ambiguidade	Por causa dos efeitos colaterais, artistas e mulheres comuns levantam a bandeira contra o produto que pode modificar as expressões faciais
<u>2010</u>	2	3	Ambiguidade	Em tempos onde ser jovem é passaporte para a aceitação social
<u>2010</u>	2	3	Ambiguidade	Sua principal crítica é que o uso desenfreado alterou a fisionomia e congelou a expressão dos atores
<u>2010</u>	2	3	Ambiguidade	Maira quer preservar sua história, contada pelas rugas
<u>2010</u>	2	3	Ambiguidade	Ainda assim, o levante encontra eco fora do meio artístico
<u>2010</u>	2	4	Ambiguidade	Elas devem ficar do lado deles, e não adotar uma postura do tipo você aí e eu aqui
<u>2010</u>	2	4	Antonímia	Elas devem ficar do lado deles, e não adotar uma postura do tipo você aí e eu aqui
<u>2011</u>	2	4	Ambiguidade	MÃO PESADA
<u>2012</u>	1	4	Ambiguidade	As escolas de samba não precisam mais buscar dinheiro " frio "
<u>2012</u>	2	3	Ambiguidade	as atuais empregadas vêm a ocupação com outros olhos
<u>2012</u>	2	3	Ambiguidade	Ela se viu em uma verdadeira maratona para conseguir uma substituta
<u>2012</u>	2	4	Ambiguidade	A morte do automóvel
<u>2012</u>	2	4	Ambiguidade	Outro dia peguei meu carro para ir a um evento e fui rodando, rodando , até que no meio do caminho me dei conta de que havia cometido um erro fatal
<u>2012</u>	2	4	Sinonímia	Quando Henry Ford descobriu a linha de montagem e começou a produzir carros em série, foi a revolução. O indivíduo se afirmava, cada um poderia ter a sua máquina

<u>2012</u>	2	4	Ambiguidade	O que veio depois é se transformou num beco sem saída
<u>2012</u>	2	4	Ambiguidade	Ficamos duas, três, quatro horas presos dentro dos carros
<u>2012</u>	2	4	Ambiguidade	Aí a engenharia de trânsito entra em cena: Mudam a mão das ruas...
<u>2012</u>	2	4	Ambiguidade	A quantidade de carros jogados nas ruas é maior do que a nossa capacidade de abrir ruas, metrô, etc
<u>2012</u>	2	4	Ambiguidade	Apodrecerão com seus veículos nas árterias enfartadas de nossas imensas e macabras cidades
<u>2013</u>	1	3	Ambiguidade	Por 24 anos, pilotou as geladeiras da casa, até decidir abrir seu próprio negócio
<u>2013</u>	1	3	Ambiguidade	O primeiro bolinho sonhado ganhou seu próprio nome e leva aipim, camarão e queijo catupiry. De lá pra cá , não parou mais de cozinhar e sonhar , reunindo hoje mais de dez cadernos com anotações. Quem provou sabe: são mesmo receitas de outro mundo
<u>2013</u>	1	3	Ambiguidade	O primeiro bolinho sonhado ganhou seu próprio nome e leva aipim, camarão e queijo catupiry. De lá pra cá , não parou mais de cozinhar e sonhar , reunindo hoje mais de dez cadernos com anotações. Quem provou sabe: são mesmo receitas de outro mundo
<u>2013</u>	1	3	Ambiguidade	O primeiro bolinho sonhado ganhou seu próprio nome e leva aipim, camarão e queijo catupiry. De lá pra cá, não parou mais de cozinhar e sonhar, reunindo hoje mais de dez cadernos com anotações. Quem provou sabe: são mesmo receitas de outro mundo
<u>2013</u>	1	3	Ambiguidade	BOLINHOS DOS SONHOS
<u>2013</u>	2	4	Ambiguidade	A grande sacada é solucionar a questão da segurança
<u>2013</u>	2	4	Ambiguidade	Além de se economizar dinheiro e a natureza, as caronas podem ser uma maneira de voltarmos a respirar mais aliviados, como já fizemos um dia
<u>2013</u>	2	4	Sinonímia	Morar sozinho - Os sozinhos - estar sozinho no mundo
<u>2014</u>	1	3	Ambiguidade	Bagagem valiosa
<u>2014</u>	1	3	Antonímia	No sobe e desce de Porto Alegre
<u>2014</u>	1	3	Ambiguidade	No sobe e desce de Porto Alegre, Alves semeia cultura

<u>2014</u>	1	3	hiperonímia	Em vez de roupas, calçados e outros objetos essenciais para viajantes , elas carregam livros
<u>2014</u>	1	3	Antonímia	ver pessoas carregando malas para cima e para baixo é corriqueiro
<u>2014</u>	1	3	Ambiguidade	Debaixo do sol escaldante do meio-dia, percorrer o caminho desconexo, cheio de becos e ruas estreitas, é um grande desafio, que os funcionários tiram de letra
<u>2014</u>	1	3	Ambiguidade	Debaixo do sol escaldante do meio-dia, percorrer o caminho desconexo , cheio de becos e ruas estreitas, é um grande desafio, que os funcionários tiram de letra
<u>2014</u>	1	3	Ambiguidade	Debaixo do sol escaldante do meio-dia, percorrer o caminho desconexo, cheio de becos e ruas estreitas, é um grande desafio, que os funcionários tiram de letra
<u>2014</u>	1	3	Ambiguidade	Debaixo do sol escaldante do meio-dia, percorrer o caminho desconexo, cheio de becos e ruas estreitas, é um grande desafio, que os funcionários tiram de letra
<u>2014</u>	1	3	Ambiguidade	Montando por conta própria uma das bagagens para sua família
<u>2014</u>	1	3	Ambiguidade	Um bom papo sempre cativa e abre portas
<u>2014</u>	1	3	Ambiguidade	E quando a visita não rende empréstimo de jeito nenhum?
<u>2014</u>	1	3	Ambiguidade	Às vezes, inclusive, saem da biblioteca carregadas por gente muída
<u>2014</u>	1	3	Ambiguidade	Então, venho aqui, monto uma mala e levo pra casa.
<u>2014</u>	1	3	Ambiguidade	Olhando as estantes, Gabriela seleciona alguns volumes e vai organizando a mala
<u>2014</u>	1	3	Ambiguidade	Com livros de receitas culinárias, ele já conquistou várias donas de casa, que agora também saboreiam as histórias escritas por autores consagrados
<u>2014</u>	1	3	Antonímia	Ler é viajar sem sair do lugar
<u>2014</u>	1	3	Ambiguidade	Ler é viajar sem sair do lugar
<u>2014</u>	1	3	Ambiguidade	Essa máxima é levada à risca
<u>2015</u>	1	3	Ambiguidade	Precisei me mudar quando a cidade onde eu vivia foi inundada com cerca de quatro mil antenas
<u>2015</u>	1	3	Antonímia	Essas pessoas merecem respeito . Jamais discriminação
<u>2015</u>	1	4	Ambiguidade	Não existe barato melhor que buscar seu filho depois da aula

<u>2015</u>	2	3	Ambiguidade	Sua disposição, talento e carisma fizeram o projeto decolar
<u>2016</u>	1	3	Ambiguidade	PAPEL DA FIRMA
<u>2016</u>	2	3	Ambiguidade	Brasília é o berço da arquitetura do concreto
<u>2016</u>	2	4	Ambiguidade	O MOVIMENTO DOS SEM-CALÇA
<u>2017</u>	1	4	Sinonímia	Biblioteca careta e chata não sobreviverá
<u>2017</u>	1	3	Ambiguidade	E foi assim, " falando demais " que ele dedicou grande parte da sua vida para ajudar os outros
<u>2017</u>	1	3	Ambiguidade	Tudo começou quando virou febre na cidade usarem o rádio amador para encontrar gente
<u>2017</u>	1	3	Antonímia	Usa o que tem e o que não tem para ajudar o próximo
<u>2017</u>	1	3	Sinonímia	Buscar pistas , procurar
<u>2017</u>	1	4	Ambiguidade	E não há como impedir a digitalização pirata
<u>2017</u>	1	4	Sinonímia	Eis a receita para salvar nossa biblioteca. Não é preciso inventar nada
<u>2017</u>	1	4	Ambiguidade	A notícia sobre a morte das bibliotecas podem ser exageradas
<u>2017</u>	1	4	Sinonímia	Biblioteca careta e chata não sobreviverá
<u>2017</u>	1	4	Sinonímia	Eis a pista para a salvação: a biblioteca do futuro será um canivete suíço. Fará tudo
<u>2017</u>	1	4	Sinonímia	Na nova biblioteca , salas e auditórios promovem conferências
<u>2017</u>	1	4	Antonímia	A arquitetura interna deve dar vontade de entrar . A interna de ficar
<u>2017</u>	2	3	Ambiguidade	a saga da terra da capivara
<u>2017</u>	2	4	Ambiguidade	Com uma educação básica deficitária, os estudantes da rede pública dificilmente conseguem passar pelo funil apertado do vestibular de universidades estatais
<u>2017</u>	2	4	Sinonímia	A gratuidade seria mantida para os mais pobres
<u>2017</u>	2	4	Sinonímia	A segunda razão é a possibilidade de ampliação de vagas para os mais vulneráveis
<u>2017</u>	2	4	Sinonímia	Cobrar dos alunos de famílias mais ricas
<u>2017</u>	2	4	Sinonímia	O ensino público gratuito não beneficia apenas pessoas mais favorecidas
<u>2017</u>	2	4	Sinonímia	Alunos das classes mais altas , que pagam o maior volume de impostos
<u>2017</u>	2	4	Sinonímia	Nas faixas mais elevadas , o imposto ainda é muito baixo

<u>2017</u>	2	4	Sinonímia	Aumentar os impostos dos mais ricos beneficiaria diversos setores sociais, a começar pela educação
<u>2017</u>	2	4	Antonímia	A gratuidade seria mantida para os mais pobres
<u>2017</u>	2	4	Antonímia	A segunda razão é a possibilidade de ampliação de vagas para os mais vulneráveis
<u>2017</u>	2	4	Antonímia	Cobrar dos alunos de famílias mais ricas
<u>2017</u>	2	4	Antonímia	O ensino público gratuito não beneficia apenas pessoas mais favorecidas
<u>2017</u>	2	4	Antonímia	Alunos das classes mais altas , que pagam o maior volume de impostos
<u>2017</u>	2	4	Antonímia	Nas faixas mais elevadas , o imposto ainda é muito baixo
<u>2017</u>	2	4	Antonímia	Aumentar os impostos dos mais ricos beneficiaria diversos setores sociais, a começar pela educação
<u>2018</u>	1	3	Ambiguidade	Peca em detalhes, como os corredores entre as mesas de um restaurante
<u>2018</u>	2	4	Antonímia	Fulana come pouco /fulana come muito
<u>2018</u>	2	4	Antonímia	Você engorodou/emagreceu
<u>2018</u>	2	4	Ambiguidade	O diet talk é bem mais comum nas rodinhas femininas
<u>2018</u>	2	4	Ambiguidade	blogueiras e suas refeições exemplares
<u>2018</u>	2	4	Sinonímia	blogueiras e suas refeições exemplares te convidando a fazer o mesmo
<u>2018</u>	2	4	Ambiguidade	Precisamos urgentemente parar de fiscalizar os pratos alheios
<u>2018</u>	2	4	Sinonímia	Seja delicada coma pouco
<u>2019</u>	1	3	Ambiguidade	Parklets ganham espaço e caem no gosto de de Belo Horizonte
2019	1	3	Ambiguidade	A aposta no projeto, segundo ele, está atrelada à ideia de aumentar o uso público dos espaços urbanos
2019	1	3	Ambiguidade	Dono da loja Ortobom, que banca a instalação, o empresário e vice-presidente de Educação da Câmara de Dirigentes lojistas de Belo Horizonte, Marcos Ineco, fala do sucesso do projeto.
2019	2	4	Ambiguidade	Cada um tem o direito de se divertir como lhe der na telha
2019	2	4	Ambiguidade	Encarei por vários dias as areias de Ipanema
2019	2	4	Antonímia	Mas acabei escutando algo um pouco diferente
2019	2	4	Antonímia	pouco natural e pouco condizente com aqueles ambientes

2019	2	4	Antonímia	Embora pouca gente saiba da lei, várias caixas foram apreendidas já neste verão
2019	2	4	Sinonímia	As caixinhas de som bluetooth / Caixas de som/ caixinhas
2019	2	4	Sinonímia	A tecnologia não é nenhuma novidade
2019	2	4	Sinonímia	Mas o que essa evolução trouxe nos últimos anos [...]
2019	2	4	Ambiguidade	hoje basta um celular e um pequeno artefato que cabe na palma da mão para espalhar o prazer (ou o terror) auditivo ao redor
2019	2	4	Antonímia	hoje basta um celular e um pequeno artefato que cabe na palma da mão para espalhar o prazer (ou o terror) auditivo ao redor
2019	2	4	Ambiguidade	O problema é que cada guarda-sol ostenta seu ritmo, suas batidas e acaba tentando impor seu volume
2019	2	4	Antonímia	Não peça para desligar , mas para abaixar
2019	1	4	Ambiguidade	Entretanto, podemos pensar um pouco além dessa linha para tentar compreender melhor o relacionamento atual entre pais e filhos no que diz respeito à chamada " felicidade " das crianças
2019	1	4	Antonímia	Doce e amarga ilusão
2019	1	4	Ambiguidade	Qual será o resultado desse tipo de equação